UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

A cartilha “Ler a Jato” e o “Método Audiofonográfico” de alfabetização da professora Gilda de Freitas Tomatis (1967 - 1986)

MARA DENISE NEITZKE DIETRICH

Pelotas, março de 2012

Mara Denise Neitzke Dietrich

A cartilha "Ler a Jato" e o "Método Audiofonográfico" de alfabetização da professora Gilda de Freitas Tomatis (1967 – 1986)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Eliane Peres

Pelotas/RS, março de 2012.

Dados de Catalogação na Publicação:
Bibliotecária Kênia Moreira Bernini – CRB-10/920

D566e Dietrich, Mara Denise Neitzke.
A cartilha “Ler a Jato” e o “método audiofonográfico” de alfabetização da professora Gilda de Freitas Tomatis / Mara Denise Neitzke Dietrich; Orientador: Eliane Teresinha Peres. – Pelotas, 2012.
230 f.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Pelotas.

1. História da alfabetização. 2. Livros escolares. 3. Cartilha “Ler a jato”. 4. “Método audiofonográfico” de alfabetização em 15 horas I. Peres, Eliane Teresinha, orient. II. Título.

CDD 371.3

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Eliane Teresinha Peres – Orientadora PPGE/FaE/UFPel

Profa. Dra. Renata Braz Gonçalves – ICHI/FURG

Prof. Dr. Eduardo Arriada – FaE/UFPel

AGRADECIMENTOS

A conclusão deste estudo suscitou em mim muitos sentimentos que me fizeram rememorar inúmeras lembranças, fatos e acontecimentos que marcaram a minha trajetória acadêmica em meio aos desafios e as conquistas.

Uma experiência marcante que me proporcionou um crescimento indescritível e que sozinha não teria conseguido alcançar. Nesse sentido, para algumas pessoas importantes que estiveram ao meu lado nesta caminhada, contribuindo para a realização deste estudo, a estas pessoas, deixo registrado os meus mais sinceros agradecimentos.

Primeiramente, agradeço a Deus e a minha família, principalmente aos meus pais, Armindo Dietrich e Lia Neitzke Dietrich, que sempre respeitaram e apoiaram as minhas decisões para que os meus sonhos se tornassem possíveis.

À professora e Dra. Eliane Peres, uma pessoa essencial nessa trajetória acadêmica por sua fundamental orientação nos últimos seis anos e pelo incentivo permanente. Cabe ressaltar o quanto tenho aprendido com sua generosidade e competência profissional.

À Maria Lúcia de Freitas Tomatis que enriqueceu esta produção, ao abrir as portas de sua casa e ter contribuído, de forma ímpar, com a doação de informações e documentos importantes para a realização deste estudo. Obrigada Maria Lúcia, sem você muito pouco poderia ter sido dito.

Às professoras, Cancionila Janzkovski Cardoso, Renata Braz Gonçalves e ao professor Eduardo Arriada, pela leitura minuciosa e por suas importantes contribuições a este estudo.

À todas/o do grupo HISALES, obrigada pelo agradável convívio, pelos diálogos e pelas trocas que enriqueceram ainda mais este trabalho.

Ao professor Jarbas Vieira pelas dicas e pelos mapas que me ajudar a me localizar em Porto Alegre.

À Mariana Fonseca Vieira, uma amiga muito especial, que gentil e generosamente me hospedou em sua casa em Porto Alegre e facilitou a minha estada na capital, auxiliou-me na localização das instituições em busca das fontes.

Às demais pessoas das instituições que sem restrições me receberam muito bem e que não mediram esforços para contribuírem com este estudo, facilitando o meu acesso a todos os materiais que foram solicitados.

À Chris Ramil, responsável pela designer gráfico da capa deste trabalho.

À todas/os os professores do Programa de Pós-graduação em Educação, que me proporcionaram novos horizontes do saber.

Aos funcionários com quem tive contato no PPGE/FaE/UFPel, por me atenderem com tanta atenção e interesse sempre que precisei.

À Capes, pela concessão da bolsa, viabilizando minha dedicação total a este estudo.

E aos amigos de muito tempo e aos recentes agradeço pelo carinho e pela torcida constante.

A todos, Danke Schön!

Mara Denise Neitzke Dietrich

"É preciso criar pessoas que se atrevam
a sair das trilhas aprendidas,
com coragem de explorar novos caminhos.
Pois a ciência construiu-se pela ousadia dos que sonham
e o conhecimento é a aventura pelo desconhecido
em busca da terra sonhada[1]."

Rubem Alves

[1] Fragmento extraído do livro "*A alegria de ensinar*" de Rubens Alves, 1994.

RESUMO

O trabalho apresenta a análise da produção da cartilha “Ler a Jato” e do “Método Audiofonográfico” de alfabetização em 15 horas, produzido pela professora Gilda de Freitas Tomatis, na década de 1960, no Rio Grande do Sul. A periodização deste estudo considerou o ano de 1967, ocasião em que foi editado o primeiro exemplar da cartilha “Ler a Jato” até o ano de 1986, data da última edição encontrada durante a realização da pesquisa. Para a análise dos dados, fez-se o cruzamento dos documentos com as fontes orais. Em relação às fontes orais, considerou-se a entrevista semiestruturada realizada com a filha da professora Gilda de Freitas Tomatis em Porto Alegre/RS em outubro de 2010. Em relação aos documentos foram considerados: fotos, livros, cartilhas, discos de vinil, certificados, medalhas, um parecer emitido pelo Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais da Secretaria de Educação e Cultura de 1968, contendo uma avaliação detalhada sobre a cartilha “Ler a Jato”. Alguns desses documentos foram doados pela filha da professora Gilda Tomatis, aliados a outros documentos que adquiri junto a sebos e *sites* virtuais. O presente estudo, no que concerne à opção teórico-metodológica, baseou-se no modelo epistemológico do paradigma indiciário proposto por Ginzburg (2007), utilizado como dispositivo de pesquisa para perceber e analisar os “elementos relevantes” contidos nos documentos. Assim, os resultados deste estudo pretendem contribuir com as demais pesquisas na área da História da Alfabetização e dos Livros Escolares, revelando aspectos importantes da produção e a circulação dos materiais didáticos que foram produzidos pela professora Gilda de Freitas Tomatis, através de sua Editora Tomatis - Livros Didáticos, com base no circuito das comunicações proposto por Darnton (1995). Além disso, este trabalho ainda apresenta um estudo comparativo entre a cartilha “Ler a Jato” e o “Primeiro Guia de Leitura LER” do MEC, material de circulação no Brasil desde o final da década de 1940. A análise destas duas cartilhas evidenciaram semelhanças entre ambas, especialmente no que se refere aos aspectos gráficos, como, por exemplo, disposição e a semelhança entre algumas imagens, organização das páginas, das lições e o uso de algumas palavras-chave, dentre outros aspectos.

Palavras-chave: História da Alfabetização. Livros Escolares. Cartilha “Ler a Jato”. “Método Audiofonográfico” de alfabetização em 15 horas. Gilda de Freitas Tomatis. Primeiro Guia de Leitura LER.

ABSTRACT

This study presents the analysis from the production of “Ler a Jato” primer and the Literacy audio-phonographic method in 15 hours, written by the teacher Gilda de Freitas Tomatis, at 1960 decade, in Rio Grande do Sul. The period of this study considered the 1967 year, when it was edited the first primer sample of “Ler a Jato” until 1986, was the last date found during this research. For the data analysis it was done a crossing of the documents with the oral sources. Related to the oral sources, it was considered the semi structured interview with the teacher Gilda de Freitas Tomatis’ daughter in Porto Alegre city, in October of 2010. Related to the documents were considered: photos, books, primers, vinyl discos, certificates, medals, a view from Researches Center and Educational Advising from Education and Culture Bureau of 1968, all them including a detailed evaluation about the “Ler a Jato” primer. Some of these documents were donated by the teacher Gilda Tomatis’ daughter, along with other documents acquired at tallow and websites. About the theoretical-methodological option, this study was based on the epistemological model of evidentiary paradigm proposed by Ginzburg (2007), used as a research device to notice and to analyze the “relevant elements” in the documents. This way, these study results intend to contribute with the other searches in the Literacy History and Textbooks areas, showing important aspect regarding the production and the textbooks circulation which were done by the teacher Gilda de Freitas Tomatis through her Tomatis-Textbooks Publisher, based on the communications circuit proposed by Darnton (1995). Furthermore, this study still presents a comparative analysis between the “Ler a Jato” primer and the “Primeiro Guia de Leitura LER” from MEC, material used in Brazil since the late 1940s. The analysis from these primers displayed similarities between both of them, specially related to graphic aspects, for example, distribution and similarities between some images, page organization, lessons and the use of some key-words, among other things.

Key-words: Literacy History, textbooks, “Ler a Jato” primer, literacy audio-phonographic method in 15 hours. Gilda de Freitas Tomatis, First Reading Guide - LER.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Circuito das Comunicações de Robert Darnton 1995 33

Figura 2 Foto de Gilda Carvalho de Freitas aos 15 anos em Uruguaiana/RS 67

Figura 3 Ficha profissional da professora Gilda de Freitas Tomatis (1965 – 1976) 72

Figura 4 Certificado "Medalha do Monumento Nacional ao Imigrante" – Mar. 1968 77

Figura 5 Medalha do Monumento Nacional ao Imigrante – Mar. 1968 77

Figura 6 Certificado VI Congresso da Federação das APAEs em Porto Alegre/RS – Jul./1973 79

Figura 7 Foto da professora Gilda de Freitas Tomatis aos 70 anos em Porto Alegre/RS 81

Figura 8 Capa da Cartilha "Ler a Jato" – 15ª ed., 1986 85

Figura 9 Contracapa da Cartilha "Ler a Jato" – 15ª ed., 1986 90

Figura 10 1ª Lição da Cartilha "Ler a Jato" – 15ª ed., 1986........................ 93

Figura 11 3ª Lição da Cartilha "Ler a Jato" – 15ª ed., 1986 96

Figura 12 12ª Lição da Cartilha "Ler a Jato" – 15ª ed., 1986 97

Figura 13 Carta enviada pela professora Gilda de Freitas Tomatis aos prefeitos municipais – Nov./1968 108

Figura 14 Ficha de dados informativos destinada aos professores –

Nov./1968 109

Figura 15 Capa do Primeiro Guia de Leitura LER – 1ª ed., 1947 117

Figura 16 1ª Lição do Primeiro Guia de Leitura LER – 1ª ed., 1947 119

Figura 17 Lição do Pato do Primeiro Guia de Leitura LER - 1ª ed., 1947... 121

Figura 18 Lição do Pato da Cartilha Ler a Jato, 15ª ed., 1986 121

Figura 19 Grafia das Letras - Cartilha "Ler a Jato" – 15ª ed., 1986 126

Figura 20 Caixa "Método Audiofonográfico – Alfabetização em 15 Horas". 134

Figura 21 Informações sobre a Editora Tomatis e a Artec Som 134

Figura 22 Capa dos discos de vinil "Método Audiofonográfico - Aprenda a ler em 15 horas" s/d 135

Figura 23 Contracapa dos discos de vinil "Método Audiofonográfico - Aprenda a ler em 15 horas" s/d 136

Figura 24 Capa do Caderno Série Jato 1ª ed., s/d 158

Figura 25 Páginas internas do Caderno Série Jato –1ª ed., s/d 160

Figura 26 Escrevendo a Jato 1º e 2º anos – 1ª ed., 1968 166

Figura 27 Página 6 do livro Escrevendo a Jato 1º e 2º anos – 1ª ed., 1968 168

Figura 28 Índíce do livro Escrevendo a Jato 1º e 2º anos – 1ª ed., 1968 .. 170

Figura 29 Livro de Matemática 1º ano – 1970 172

Figura 30 Página 23 do livro de Matemática 1º ano – 1970 173

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 Lista de Documentos 48

Quadro 2 Cartilha, Livros Didáticos e LPs produzidos por Gilda de Freitas Tomatis 51

Quadro 3 Recortes de Jornais 53

Quadro 4 Método Sintéticos 58

Quadro 5 Método Analíticos 62

Quadro 6 Listagem das escolas e dos locais de circulação da Cartilha "Ler a Jato" através dos pareceres divulgados nos LPs 139

SUMÁRIO

RESUMO

ABSTRACT

LISTA DE FIGURAS

LISTA DE QUADROS

INTRODUÇÃO 12

1. ESTADO DA ARTE: UM BREVE PANORAMA DA PRODUÇÃO ACADEMICA SOBRE A HISTÓRIA DA ALFABETIZAÇÃO E LIVROS ESCOLARES 17

1.1. A expansão dos estudos na História da Alfabetização e dos Livros Escolares 17

1.2. Algumas publicações em livros que tratam da História da Alfabetização e dos Livros Escolares 20

1.3. Algumas produções publicadas em revistas e periódicos acadêmicos 24

1.4. Alguns estudos sobre a história da alfabetização e dos livros escolares publicados em congressos e eventos científicos 27

1.5. A Pesquisa com Livros Escolares 30

2. ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DA PESQUISA 40

INTRODUÇÃO

Este estudo foi desenvolvido no Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas e no âmbito do grupo de pesquisa HISALES - História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares. O referido grupo de pesquisa, cadastrado no CNPq desde junho de 2006, é coordenado pela professora Dra. Eliane Peres e vinculado ao PPGE da mesma universidade.

Neste grupo, três eixos de investigações são privilegiados: i) estudos sobre história da alfabetização; ii) pesquisas sobre práticas sociais de leitura e de escrita; iii) análise da produção, circulação e utilização de livros escolares produzidos no Rio Grande do Sul, especialmente entre os anos de 1960 e 1990 (período da influência do Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais – CPOE – da Secretaria de Educação e Cultura – SEC/RS – na produção didática gaúcha).

Assim, relacionada ao primeiro e terceiro eixo de investigação, acima apresentados, esta pesquisa teve como objetivo geral: apresentar e analisar o material de alfabetização produzido pela professora Gilda de Freitas Tomatis, enfatizando a Cartilha “Ler a Jato” e o “Método Audiofonográfico” de alfabetização em 15 horas.

E em termos de objetivos específicos, o trabalho pretendeu:

- contextualizar o material produzido pela professora e autora Gilda de Freitas Tomatis com o momento político e social do país;

- comparar a cartilha “Ler a Jato” com o Primeiro Guia de Leitura LER produzido pelo Ministério da Educação e Saúde em 1947;

- identificar os aspectos gráficos editoriais dos materiais de alfabetização produzidos pela professora Gilda de Freitas Tomatis.

O período de investigação determinado para este estudo contempla o ano de 1967, data em que foi editado o primeiro exemplar da Cartilha “Ler a Jato” até o ano de 1986, data da última edição encontrada.

Ao ressaltar que esta pesquisa se inscreve no campo da História da Alfabetização e dos Livros Escolares, é importante destacar que este estudo vincula-se ainda a um projeto interinstitucional (UFMG, UFPel, UFMT) mais amplo que teve início em 2001, denominado: Cartilhas escolares: ideários, práticas pedagógicas e editoriais – construção de repertórios analíticos e de conhecimento sobre a história da alfabetização e das cartilhas (MG/RS/MT/, 1870 – 1996)[2], que tem por objetivo geral compreender a História da Alfabetização nos três estados, com base na produção didática direcionada para o ensino da leitura e da escrita no nível primário. Em 2007, o projeto passou à segunda fase de suas pesquisas sendo ampliado com a participação dos estados do Rio de Janeiro, Espírito Santo e Amazonas através das suas respectivas instituições UFF, UFES, UFAM.

Inserida neste projeto das Cartilhas escolares, o meu interesse pela temática surgiu ainda durante o curso de graduação em Pedagogia, quando, em 2006, ao final de uma das reuniões do grupo de pesquisa, a professora Eliane Peres apresentou alguns materiais relacionados à Cartilha “Ler a Jato”, um material de alfabetização diferente e inusitado, que havia sido produzido por esta professora gaúcha na década de 1960 no estado do Rio Grande do Sul. Esse material era composto por uma fotocópia da 13ª edição da Cartilha “Ler a Jato”, dois CDs que reproduziam parte do Método Audiofonográfico, também desenvolvido pela professora Gilda Tomatis, intitulado “Audiofonográfico - Aprenda a ler em 15 horas” e uma folha fotocopiada com os dados de uma pesquisa realizada em 1968, provavelmente pela autora, nas classes que haviam adotado a cartilha e o método de alfabetização.

A partir da análise inicial desses materiais, foram realizados alguns estudos significativos[3] que me permitiram, enquanto bolsista de iniciação cientifica

---

[2] A pesquisa interinstitucional tem como coordenadora geral a professora Isabel Cristina Alves da Silva Frade (UFMG) e tem como coordenadoras estaduais, a saber: Minas Gerais Francisca Izabel Pereira Maciel (UFMG); Rio Grande do Sul - Eliane Peres (UFPel); Mato Grosso - Cancionila Janzkovski Cardoso e Lázara Nanci de Barros Amâncio (UFMT/Rondonópolis); Rio de Janeiro - Cecília Maria Aldigueri Goulart (UFF), Espírito Santo - Cláudia Maria Gontijo e Cleonara Maria Schwartz (UFES) e Amazonas **-** Carlos Humberto Alves Corrêa (UFAM).
Disponível no site: http://www.ceale.fae.ufmg.br/pesquisa.php?catId=113&txtId=100. Acessado em março/2011.

[3] Em 2006, fui agraciada com o “Prêmio Jovem Pesquisador” no XV Congresso de Iniciação Cientifica da UFPel. Com o trabalho intitulado: “A Cartilha Ler a Jato e o Método Audiofonográfico de Alfabetização em 15 horas: uma proposta da professora Gilda de

(PIBIC/CNPq)[4], participar de eventos, publicar trabalhos e um capítulo no livro: "Alfabetização, Letramento e Leitura: territórios formativos[5]", este publicado em conjunto com a orientadora.

Participei do grupo de pesquisa, até o final da graduação, e posteriormente realizei o curso de Especialização em Educação no núcleo de Alfabetização e Letramento na mesma instituição, sempre sob a orientação da professora Eliane Peres. Nesse período, realizei outros estudos relacionados ao projeto de "Implantação do Ensino Fundamental de nove anos em municípios da Região Sul do Rio Grande do Sul", cujo objetivo era desenvolver uma ampla investigação sobre a implantação do ensino fundamental de nove anos com a inserção das crianças de seis anos de idade na escola, comparando a política adotada em oito municípios da Região Sul do Rio Grande do Sul (Capão do Leão, São Lourenço do Sul, Bagé, Piratini, Rio Grande, Jaguarão, Santa Vitória do Palmar e Pelotas).

Com o ingresso no Curso de Mestrado em Educação, na linha de pesquisa "Cultura Escrita, Linguagens e Aprendizagens (CELA)", vislumbrei a possibilidade de retomar o estudo sobre a Cartilha "Ler a Jato" e o "Método Audiofonográfico" de alfabetização em 15 horas da professora Gilda de Freitas Tomatis, porém numa nova perspectiva e com base em novas fontes.

A escolha deste estudo se justifica por se acreditar que os livros didáticos, dentre outros materiais utilizados na escola, são valiosas fontes de pesquisa que revelam aspectos significativos da cultura escolar. Nessa perspectiva, este estudo acerca da história da alfabetização buscou subsídios em autores como: Braslavsky (1971), Bellenger (1979), Rizzo (1986), Soares M. (1989, 2003, 2006); Chartier, A.M. & Hébrard (2001), Chartier A.M. (2007), Hébrard (2001, 2007), Peres (1999, 2000, 2002, 2003, 2004, 2006, 2008, 2009, 2010a, 2010b), Bastos (2006), Fávero (2003), Ferraro (2004), Mortatti (2000, 2006), Maciel (2001, 2002, 2003, 2010), Frade (2003, 2006, 2007, 2010a, 2010b, 2010c, 2011a, 2011b), Frade & Maciel (2006a, 2006b),

---

Freitas Tomatis". Na época o estudo não teve continuidade em razão da falta de acesso a novas fontes sobre a temática.

[4] Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica do CNPq.

[5] O trabalho "A Cartilha Ler a Jato e o Método Audiofonográfico: uma proposta de alfabetização de uma professora gaúcha para o fim do analfabetismo no país (Décadas de 1960-70)" encontra-se no livro organizado por Valdo Barcelos e Helenise Sangoi Antunes. Editora EDUNISC: Santa Cruz do Sul, publicado em 2010.

Tambara (2003), Cardoso & Amâncio (2006), Cardoso (2011), Amâncio (2002), dentre outros.

Em relação aos estudos realizados com os livros escolares, busquei referências em autores como Chartier R. (1990, 1991, 1993, 1996, 1998, 2001, 2002), Hallewell (1985), Darnton (1995), Batista (1999, 2009), Escolano (2001), Belo (2002), Choppin (2002, 2004, 2008b), De Certeau (2002), Magalhães (2006), Bittencourt (2008), dentre outros. Esses autores permitiram compreender que os livros escolares, entre eles a cartilha, constituem um dos principais instrumentos para a escolarização dos saberes, um material, um objeto que está a serviço da aprendizagem da leitura e da escrita.

Este estudo está organizado em cinco capítulos, precedidos de uma introdução geral e encerrados com as considerações gerais. No primeiro capítulo, dividido em cinco seções, apresento um mapeamento das produções acadêmicas entre teses, dissertações e estudos pertinentes à temática realizados na área da história da alfabetização e dos livros escolares que foram inclusive publicados em livros e nas revistas e periódicos mais conceituados na área. Este capítulo tem o objetivo de contextualizar a produção e o campo no qual este estudo se insere.

No segundo capítulo, explicito os fundamentos teórico-metodológicos que foram empregados na construção desta pesquisa, descrevendo ainda, os caminhos que percorri para a busca e localização das fontes em que embasei este estudo, bem como apresenta três quadros com a listagem dos documentos que compõem o corpus desta pesquisa.

No terceiro capítulo, apresento algumas considerações sobre os métodos de alfabetização, compondo um breve panorama histórico da temática deste estudo. O objetivo é compreender e situar o trabalho realizado pela professora Gilda de Freitas Tomatis, com a "criação" da Cartilha "Ler a Jato" e do seu método fonético de alfabetização em 15 horas.

No quarto capítulo, apresento alguns aspectos biográficos sobre a professora e autora Gilda de Freitas Tomatis.

E no quinto capítulo, apresento a Cartilha "Ler a Jato" e o "Método Audiofonográfico" de alfabetização em 15 horas e os materiais complementares de alfabetização que foram produzidos e publicados pela professora Gilda de Freitas Tomatis através Editora Tomatis - Livros Didáticos. Nesse capítulo, procuro ainda estabelecer uma comparação, em razão da similaridade do material, entre a Cartilha

“Ler a Jato” e o “Primeiro Guia de Leitura LER”, produzido pelo Ministério da Educação e Saúde em 1947.

Por fim, nas considerações finais, trato dos aspectos que envolveram a produção, circulação e divulgação da Cartilha “Ler a Jato” e do “Método Audiofonográfico” de alfabetização em 15 horas que abrange o período de 1967 até a 1986, data da última edição encontrada da Cartilha “Ler a Jato”.

1. ESTADO DA ARTE: UM BREVE PANORAMA DA PRODUÇÃO ACADÊMICA SOBRE HISTÓRIA DA ALFABETIZAÇÃO E LIVROS ESCOLARES

1.1. A expansão dos estudos na História da Alfabetização e dos Livros Escolares

A História da Alfabetização no Brasil é um campo em franca expansão. Desde as últimas décadas, estudos pontuais direcionados ao ensino da leitura e da escrita com enfoque nos diferentes materiais de alfabetização, como cartilhas escolares, métodos de alfabetização, cadernos de alunos, diários de planejamento de professoras, histórias e trajetórias de vida de educadoras, entre outros, vêm ganhando um significativo espaço nos estudos científicos apresentados em diferentes eventos acadêmicos. Estes estudos refletem, segundo Frade (2011a), as influências diretas oriundas da formação de quem as pesquisa, como os pedagogos, historiadores e linguistas, fato que amplia e contribui para a diversidade dos estudos apresentados no campo da História da Educação.

Para Soares M. (2006), os atuais problemas enfrentados pelos educadores em relação à alfabetização só serão compreendidos à medida que olharmos para o passado, para a forma com que o processo de alfabetização foi se constituindo com o passar dos anos. Desse modo, tornar-se-á possível entender o presente buscando delinear soluções para projetar o futuro nesta área.

Soares M. (1989) demonstrou, inclusive, que, entre os anos de 1954 a 1986, a temática envolvendo estudos sobre métodos de alfabetização estiveram em grande evidência. A autora ressaltou que a questão do "método é objeto de estudos e pesquisas em todas as décadas", mas que sua presença de forma mais significativa ocorreu na década de 50 e 60 (SOARES M., 2003, p. 86). Na década de 50, o tema "método" abarcou um terço do que vinha sendo produzido no país,

enquanto que, na década de 60, a produção desses estudos chegou a abarcar um quarto da produção (SOARES M., 2003, p. 86).

Nas décadas posteriores de 70 e 80, Soares M. (2003) revela que houve um declínio em relação a essa produção, o que permitiu que outras temáticas ganhassem ênfase, como as voltadas para o estudo das “propostas didáticas”. No que tange aos estudos referentes à História da Alfabetização, Soares & Maciel (2001) identificaram, através do seu estudo intitulado “*Alfabetização no Brasil: o estado do conhecimento”*, que entre o período de 1961 a 2001 havia um número muito reduzido de pesquisas históricas sobre esse tema. Soares & Maciel (2001) demonstraram que dentre um total de setecentos e noventa e nove teses e dissertações produzidas nesse período, apenas seis trabalhos focavam diretamente a perspectiva histórica da alfabetização, a saber: Dietzsch (1979); Magnani (1997); Carvalho (1998); Amâncio (2000); Maciel (2001) e Trindade (2001).

Moreira (2011, p. 3) também realizou um levantamento, porém com o foco especificamente direcionado para livro didático, que abrangeu o período de 1950 ao ano de 2010 no Brasil, cujos dados evidenciaram que “dentre um total de sessenta e cinco trabalhos localizados no banco de dados da Capes, cinquenta e seis correspondiam a dissertações de mestrado e nove a teses de doutorado”. Segundo a autora, nove dos trabalhos apresentados relacionavam-se a década de 1980 e vinte e três trabalhos a década de 1990 e trinta e três referem-se à primeira década do século XXI. (MOREIRA, 2011, p. 3).

Moreira (2011) destacou ainda, dentre as teses e dissertações sobre livros didáticos, dezoito autores que se destacaram com estudos de cunho histórico. Entretanto, Moreira (2011, p.3) apresenta apenas dezessete autores, quais sejam: Luis Resnik (1992), Circe Bittencourt (1993), Décio Gatti Jr. (1998), Maria das Graças Bandeira (1996), Ciro Flávio de Castro Bandeira Melo (1997), Kazumi Munakata (1997), Maria Auxiliadora Gadelha da Cruz (2000), Mauricio Demori (2000), Stella Maris Scatena Franco Vilardaga (2001), Arlete Gasparellho (2002), Eduardo Antonio Bonzatto (2004), Renilson Rosa Ribeiro (2004), Dagmar Maria Gomes da Silva (2004), Carina Caldas (2005), Julio Maria Neres (2005), Rosimeri da Silva Pereira (2005) e Maria Aparecida Leopoldino Tursi Toledo (2005).

Outro aspecto relevante abordado pela autora foi a dificuldade em obter dados precisos sobre o levantamento das pesquisadas realizadas sobre o livro didático, visto que algumas investigações, embora utilizassem “o livro didático como

fonte”, estas fontes muitas vezes não são evidenciadas nos títulos destas obras (MOREIRA, 2011, p. 3).

No entanto, ao iniciar este estudo, procurei conhecer o campo da História da Alfabetização e dos Livros Escolares, fazendo um levantamento dos estudos publicados nessa área especialmente entre o período de 2000 a 2011 em livros, revistas, periódicos e eventos importantes na área disponíveis inclusive em seus respectivos sites online. O mapeamento das pesquisas permitiu identificar que houve um considerável crescimento na área nos últimos anos, após a divulgação dos estudos de Soares & Maciel (2001). Nesse sentido, o estudo aqui realizado pretende contribuir com esse campo em franca expansão e está inserido na área de confluência dos estudos de História da Alfabetização e dos Livros Escolares.

Para o caso do Rio Grande do Sul, Porto (2005) investigou a divulgação e utilização do Método Global de Contos no Instituto de Educação Assis Brasil em Pelotas/RS. O estudo visava a compreender como havia sido divulgado e utilizado o método global de contos pelas professoras alfabetizadoras no Instituto de Educação Assis Brasil entre os anos de 1940 e 1970.

Facin (2008) direcionou seu estudo para a produção didática, pesquisando a trajetória da professora Nelly Cunha, autora gaúcha de livros destinados ao ensino da leitura e da escrita. A autora cuja obra é objeto de estudo de Facin (2008) teve destaque entre o final dos anos 60 e início dos anos 80 pela sua produção referente a sete coleções didáticas publicadas pelas Editoras do Brasil e Globo.

Lapuente (2008) investigou a utilização do “Método da Abelhinha” pelas professoras alfabetizadoras pelotenses, entre os anos de 1965 a 2007. O objetivo da autora era compreender o processo de divulgação, permanência e utilização do “Método da Abelhinha” em Pelotas/RS no referido período pelas professoras que alfabetizaram com o referido método.

O crescimento destes dois campos no Brasil é percebido ainda nas produções encontradas, de acordo com Peres (2008a, p. 114), no Grupo de Trabalho (GT) de Alfabetização, Leitura e Escrita da ANPEd. Em 2005, nesse GT, Peres (2008a, p. 114) identificou dois trabalhos de cunho histórico que foram apresentados neste evento, a saber: Amâncio (2005) intitulado: “*Ensino de leitura e escrita no Mato Grosso: aspectos de uma trajetória (séculos XVIII e XIX)”* e Schwartz e Falcão (2005), “*Métodos para ensinar a ler e escrever no Espírito Santo no processo inicial da institucionalização da educação primária pública”* (PERES,

2008a, p. 114).

Ao dar continuidade ao mapeamento dos trabalhos publicados no GT10 de Alfabetização, Leitura e Escrita e ao incluir o GT02 de História da Educação da ANPEd, entre os anos de 2005 e 2011, foi possível identificar a publicação de mais dez trabalhos de cunho histórico nesses dois GTs, como os de Silva (2006) intitulado "*Saberes em viagem nos manuais pedagógicos: construções da escola em Portugal e no Brasil (1870 – 1970);* Frade & Maciel (2006a), "*História da Alfabetização; contribuições para o estudo das fontes"*; Neves (2007), "*O Método Lancasteriano e o ensino da ordem e da disciplina para os soldados do império brasileiro*"; Ferreira, Cabral, Tavares e Albuquerque (2007), "*Livros de alfabetização: como as mudanças aparecem"*; Frade (2008), "*Cultura escrita no final do século XIX e início do século XX em Minas Gerais: suportes, instrumentos e textos de alunos e professores"*; Belmiro (2008), "*Um estudo das relações entre imagens e textos verbais em cartilhas de alfabetização"*; Campos (2009), "*As práticas de alfabetização no Espírito Santo na década de 1950*"; Porto e Peres (2009), "*Concepções e práticas de alfabetização: o que revelam cadernos escolares de crianças?";* Cardoso (2010), "*Cartilha Ada e Edu: de produção regional à circulação nacional (1977-1985)";* Santos & Nicareta (2011), "*O livro didático na escola primária (1915-1969): uma perspectiva histórica quanto ao gênero".*

Assim, ao propor um trabalho que apresenta e analisa o material de alfabetização – especialmente a cartilha e o método audiofonográfico produzidos por Gilda Tomatis – o objetivo é agregar conhecimento sobre a história do ensino da leitura e da escrita, especialmente no Rio Grande do Sul e contribuir com a produção na área da História da Alfabetização e dos Livros Escolares.

Na próxima seção, serão apresentados ainda alguns estudos publicados em livros e que estão inseridos nas áreas em questão mencionadas anteriormente.

1.2. Algumas publicações em livros que tratam da História da Alfabetização e dos Livros Escolares

No caso das publicações em livros, selecionei alguns estudos em razão de sua relevância para o campo História da Alfabetização e dos Livros Escolares e pela

sua importância para esse estudo. Como descritores de busca para esses trabalhos, foram considerados os seguintes termos: cartilha, métodos de ensino, alfabetização, leitura, escrita, manual, livro didático. A seguir, apresento as seguintes obras publicadas entre os anos de 2000 a 2011:

O livro "***Os Sentidos da Alfabetização***", de Maria do Rosário Longo Mortatti, publicado pela UNESP em 2000, apresenta os resultados de estudos realizados a partir de sua livre docência no ano de 1997 nos quais a autora buscou compreender como a alfabetização se constitui, a partir de um modelo específico de escolarização das práticas culturais da leitura e da escrita. A análise das fontes consultadas permitiu que a autora fosse desvendando, de 1876 a 1994, os sentidos da alfabetização em São Paulo, na tensão das disputas entre modernos e antigos e suas versões sobre a 'melhor forma de alfabetizar'. A discussão dos métodos de alfabetização, como nos mostra a autora, é um indicador significativo dos projetos e processos de intervenção institucional na formação das novas gerações e no 'esclarecimento das massas'.

Na obra "***Cartilhas, para quê?***", de Lázara Nanci de Barros Amâncio, publicada pela EDUFMT em 2002, a autora tenta recuperar historicamente o papel da escola como instituição responsável pela alfabetização, no intuito de descobrir a quê frequentemente se atribuem as causas do fracasso escolar. Partindo do pressuposto de que a cartilha se constitui em fator decisivo nesse processo inicial de instrução, a autora discute a função desse material didático como elemento mediador das relações de ensino-aprendizagem. Ao investigar esse instrumento de alfabetização, oferece ao leitor uma gama de abordagens que perpassam sua escolha, sua utilização pelos professores, sua importância e sua apropriação no processo de escolarização e estímulo à linguagem verbal e escrita, entre outros aspectos.

No livro organizado por Peres e Tambara intitulado "***Livros Escolares e ensino da leitura e da escrita no Brasil (séculos XIX e XX)***", publicado em 2003 pela Seiva Editora e FAPERGS, os autores apresentam um conjunto de capítulos que abordam questões referentes aos livros didáticos, especialmente sobre as cartilhas de alfabetização e às práticas escolares de leitura e escrita e alguns estudos pontuais sobre "Cartilhas de alfabetização e nacionalismo", "Modelos caligráficos concorrentes: as prescrições para a escrita na escola primária paulista", "o ensino da linguagem na escola pública primária gaúcha no período da renovação

pedagógica", "Ler, escrever e contar... a história da alfabetização em Minas Gerais", "Cartilhas de ensino de leitura e escola primária em mato Grosso no início do século XX", "Textos de leitura nas escolas de ensino elementar no século XIX no Brasil". Enfim, os resultados iniciais do projeto interinstitucional[6] encontram-se seis textos de autoria de Francisca Izabel Pereira Maciel; Francisca Izabel Pereira Maciel & Isabel Cristina Alves da Silva Frade; Lázara Nanci de Barros Amâncio; Eliane Peres; Elomar Tambara; Diana Gonçalves Vidal e Isabel de Lourdes Esteves.

Na obra "***Lourenço Filho e a Alfabetização. Um estudo de Cartilha do Povo e Upa, cavalinho!***", produzida em 2006 e publicada pela UNESP, Estela Bertolletti, a partir de estudos realizados na sua dissertação de mestrado, propõe um debate acerca dos problemas atuais das escolas públicas com base nos altos índices de evasão e repetências de alunos da primeira série do Ensino Fundamental. Para isso, a autora se utiliza da Cartilha do Povo, publicada pela primeira vez em 1928 e utilizada por mais de seis décadas como instrumento de alfabetização nas escolas brasileiras, e a Cartilha Upa, cavalinho!, publicada entre o período de 1957 e 1970, ambas idealizadas pelo educador Manuel Bergström Lourenço Filho (1897-1970), como objetos de seu estudo. Assim, para a autora, as cartilhas de alfabetização continuam a exercer um papel "mediador" e "concretizador" de teorias e métodos da alfabetização nas salas de aula das escolas brasileiras, o que estaria em dissonância com as teorias atuais de alfabetização, como o construtivismo, que combatem e pretendem superar esse instrumento.

O livro "***História da Alfabetização: produção, difusão e circulação de livros (MG/RS/MT, séculos XIX e XX)***", organizado em 2006, pelas professoras Isabel Cristina Alves da Silva Frade & Francisca Izabel Pereira Maciel, reflete o trabalho de um grupo que participa e é vinculado ao projeto interinstitucional "Cartilhas Escolares". Editado com o apoio do CNPQ, FAPEMIG e do CEALE, e organizado em quatro partes, o livro apresenta nas primeiras três partes diferentes pesquisas sobre a história da alfabetização, com foco direcionado especificamente para as cartilhas escolares, produzidas nos três estados: MG/RS/MT. Na quarta parte, o livro traz um repertório geral de cartilhas, disponíveis em diferentes acervos regionais. Com apresentação de Magda Soares, o livro apresenta nove estudos de

---

[6] Cartilhas Escolares: ideários, práticas pedagógicas e editoriais - construção de repertórios analíticos e de conhecimento sobre a história da alfabetização e das cartilhas (MG/RS/MT, 1870-1996)".

autoria de Isabel Cristina Alves da Silva Frade, Francisca Izabel Pereira Maciel, Eliane Peres, Lázara Nanci de Barros Amâncio e Cancionila Janzkovski Cardoso.

Na obra “***Ensino de Leitura e Grupos Escolares. Mato Grosso**, (1910-1930)”*, Lázara Nanci de Barros Amâncio apresenta os resultados de estudos da sua tese de doutorado, realizado pela UNESP de Marília em 2000 e publicado em 2008 também pela EDUFMT. Neste livro, Amâncio faz uma análise rigorosa sobre o ensino de leitura nas escolas primárias na Primeira República, recuperando a trajetória da escolarização e da alfabetização da infância mato-grossense, com reforço nas práticas discursivas institucionais, nos métodos de ensino de leitura, na circulação e uso de inúmeras cartilhas e com os tortuosos caminhos que marcaram a implantação da escola primária modelar no estado do Mato Grosso nos grupos escolares.

O livro *“**Estudos de História da Alfabetização e da Leitura na Escola***”, organizado por Cleonara Schwartz, Eliane Peres e Isabel Cristina Alves da Silva Frade e editado em 2010 pela EDUFES, apresenta novos estudos e pesquisas com o intuito de colaborar com a produção de conhecimento na área e a constituição do campo da História da Alfabetização no Brasil, através dos estudos produzidos e vinculados ao projeto interinstitucional das "Cartilhas Escolares”, que foi ampliado a partir da adesão de pesquisadores de mais três estados brasileiros (ES, RJ e AM). Foram reunidos nessa obra textos que indicam resultados de estudos de pesquisadores dos seis estados sobre a história da alfabetização, diferentes métodos de ensino, leitura na escola através de textos, circulação de concepções de linguagem, estudos sobre autores e editoras, cartilhas de alfabetização, bem como a produção e a circulação de livros didáticos que compreendem o período que abrange o século XIX e XX. Ao todo são dez artigos de autoria de Cancionila Janzkovski Cardoso, Carlos Humberto Alves Corrêa, Cecília M. A. Goulart, Cláudia Maria Mendes Gontijo, Cleonara Maria Schwartz, Eleonora Cretton Abílio, Eliane Peres, Fernanda Cristina Campos da Rocha, Francisca Izabel Pereira Maciel, Helenara Facin, Isabel Cristina Alves da Silva Frade, Janaína Soares Martins Lapuente, Lázara Nanci de Barros Amâncio, Lilian Lopes Martin da Silva, Luciana Domingos de Oliveira e Sílvia Cunha Gomes que abordam temas relacionados a autores de livros e métodos de alfabetização, produção e circulação de cartilhas que circularam no Brasil e que se tornaram significativos para cada estado.

A obra ***"Cartilha Ada e Edu: a produção, difusão e circulação (1977-1985)"***, produzida por Cancionila Janzkovski Cardoso e publicada em 2011 pela EdUFMT, apresenta os resultados da pesquisa realizada pela autora em seu pós-doutorado, com o intuito de contribuir para a constituição, sistematização e socialização de uma história do livro mato-grossense, mediante a localização de diferentes fontes documentais revelando as complexas e difíceis relações e os múltiplos agentes envolvidos na produção e difusão desta obra didática, percorrendo assim o trajeto do "circuito da comunicação" de Darnton (1990). Nessa obra, a autora ainda demonstra que a produção da cartilha Ada e Edu esteve ancorada em uma política pública mais ampla, evidenciando os estreitos vínculos existentes entre a produção didática e os projetos políticos num dado contexto e momento histórico.

O ***"Livro Didático e Saber Escolar (1810 – 1910)",*** publicada por Circe Bittencourt em 2008 pela editora Autêntica, apresenta os resultados de sua tese de doutorado. Nesse trabalho, a autora aborda questões importantes referentes à história do livro didático mediante o processo de constituição do ensino escolar brasileiro no decorrer do século XIX e primeiros anos do século XX. O livro abrange três importantes temáticas: o papel do Estado na constituição de uma literatura escolar nacional, a emergência da história como disciplina escolar constitutiva da nação e as utilizações do livro escolar. Uma obra considerada por Choppin (2008a, p. 12), "fundadora em pesquisas realizadas sobre o manual escolar no Brasil".

Na seção, seguinte apresento os estudos sobre História da Alfabetização e Livros Escolares publicadas nas principais revistas e periódicos do país.

1.3. Algumas produções publicadas em revistas e periódicos acadêmicos

Peres (2008a, p. 113) analisou "cento e trinta e cinco artigos que haviam sido publicados nos dezesseis números editados pela Revista História da Educação entre o período de 1997 a 2004". A autora identificou na ocasião dez textos dos cento e trinta e cinco artigos que se inseriam no campo da História da Alfabetização (PERES, 2008a, p. 113). Além disso, os "dez artigos identificados abordavam questões referentes a métodos de ensino da leitura e da escrita e materiais

pedagógicos”, bem como a “produção e à circulação de cartilhas escolares” (PERES, 2008a, p. 113). Estes artigos identificados por Peres (PERES, 2008a) encontram-se listados no apêndice deste estudo. No sentido de complementar e atualizar esse mapeamento realizado inicialmente por Peres (2008a), nos artigos publicados pela Revista História da Educação, ampliei a busca por artigos relacionados não só com o foco na História da Alfabetização, mas também nos Livros Escolares.

Dessa forma, fez-se necessário revisitar os números já analisados pela autora no sentido de verificar artigos relacionados a livros escolares também. Ampliando o mapeamento dos artigos publicados na Revista História da Educação em seus trinta e cinco volumes que abarca o período de 1997 a 2011, verifiquei que entre o período de 2005 a 2011 houve um significativo aumento de publicações em relação a artigos sobre história da alfabetização, tendo sido publicados quatorze artigos[7] a mais nesse periódico.

O levantamento inicial realizado por Peres (2008a) na Revista de História da Educação me suscitou o interesse em continuar realizando esse mapeamento junto às principais revistas e periódicos *online* de circulação no país. Cabe ressaltar que essa escolha também se efetivou em razão da importância dessas publicações junto aos pesquisadores da área por trazerem à tona discussões atualizadas sobre a temática, com aprofundamento e rigor cientifico, por integrar pesquisadores nacionais e estrangeiros nesses debates e por contribuírem para notável crescimento de pesquisas no campo da História da Educação.

Em virtude disso, optei por ampliar o período de mapeamento destes trabalhos que foram publicados em relação à História da Alfabetização e dos Livros Escolares, considerando o período da fundação das revistas até os dias atuais. Além disso, os descritores de busca para esses trabalhos foram os mesmos termos utilizados na busca dos estudos publicações em livros, como: cartilha, métodos de ensino, alfabetização, leitura, escrita, manual, livro didático. Esse mapeamento foi realizado a partir exemplares que se encontram disponíveis nos sites das respectivas revistas e periódicos que serão citados neste estudo. Dentre as revistas e periódicos pesquisados, destaco os seguintes:

A ***Revista Educação & Sociedade,*** editada desde 1978, tem uma

---

[7] Disponíveis no Apêndice deste estudo.

publicação quadrimestral e um número especial temático tem sido organizado a cada ano, desde 1995, transformando a Revista em uma publicação trimestral. A Revista, agora indexada internacionalmente, recebe contribuições de autores de diversos países. Nesse intercâmbio, encontramos uma diversidade de temas discutidos por especialistas e que também vêm apresentando renovado interesse para as várias linhas de pesquisa acadêmica. Num contexto de cento e dezesseis exemplares analisados, publicados entre o período de 1978 a 2011, foram identificados ao total vinte e seis textos. Destes vinte e um artigos com foco na alfabetização, e em relação aos livros didáticos, apenas cinco artigos foram encontrados, que se encontram listados no apêndice deste estudo.

Já no ***Caderno CEDES,*** uma revista de caráter temático editada desde a década de 1980 e dirigida aos profissionais e pesquisadores da área educacional com o propósito de abordar questões atuais e significativas, vem mantendo média de três a seis novos títulos por ano. Foram analisados os oitenta e três exemplares do Caderno Cedes entre 1980 a 2011 para realizar este levantamento. No caderno em relação à História da Alfabetização, localizei apenas um texto referente à "Cartilha de alfabetização e cultura escolar: um pacto secular" (2000, n.52) de Maria do Rosário Longo Mortatti, enquanto que, sobre livros escolares, localizei uma edição, com cinco artigos, dedicada a edição intitulada: "Cotidiano do livro escolar" (1987, n.18), coordenada pela Nilda Alves. Além disso, ao longo das demais edições foram encontradas mais três publicações isoladamente sobre livros didáticos. Os títulos destas publicações estão disponíveis no Apêndice deste trabalho.

A Revista ***Em Aberto*** é um periódico monotemático, vinculado ao INEP. Foi criada em 1981 e tem por objetivo estimular e promover a discussão de questões atuais e relevantes da educação brasileira, trazendo opiniões divergentes ou confrontos de pontos de vista. Publica artigos e bibliografias seletivas. É largamente utilizada como material didático nos cursos de graduação e de pós-graduação. Compreende um total de quarenta e nove exemplares entre o período de 1981 a 2011, nos quais identifiquei vinte e três textos; dentre eles, sete artigos são direcionados para a alfabetização e dezesseis sobre livros didáticos, que se encontram listados no apêndice deste estudo.

Na ***Revista Brasileira de Educação,*** vinculada à ANPED[8], com publicação

[8] Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação.

quadrimestral, dentre um conjunto de quarenta e seis volumes publicados entre o período de 1995 a 2011, trinta e cinco artigos foram identificados sobre a temática. Destes, vinte e oito artigos eram relacionados à alfabetização e sete relacionados a livros didáticos, também disponíveis no apêndice deste estudo.

A ***Revista Brasileira de História da Educação*** tem sido um canal de divulgação da produção nacional e internacional na área de história da educação. A Revista, até o ano de 2006, realizava publicações semestrais, a partir de 2007 passou a ter uma produção quadrimestral. Foram analisados vinte e três volumes desta revista publicados entre o período de 2001 e 2010 e identificados dezenove artigos sobre a temática, sete artigos relacionados à alfabetização e doze artigos sobre livros didáticos, disponíveis no apêndice deste estudo.

Ao inventariar as seis revistas citadas, no intuito de verificar o que já havia sido publicado sobre a História da Alfabetização e Livros Escolares, evidenciou-se que, de um total de trezentos e cinqüenta e dois volumes analisados, setenta e oito artigos tratavam de questões direcionados à História da Alfabetização e cinqüenta e oito sobre os Livros Escolares.

A Revista Brasileira de Educação, a Revista Educação & Sociedade e a Revista de História da Educação destacaram-se por apresentarem um número maior de publicações sobre a História da Alfabetização e menos publicações sobre Livros Escolares, enquanto a Revista Brasileira de História da Educação, a Revista Em Aberto e o Caderno CEDES apresentaram o oposto, um número maior de publicações sobre Livros Escolares e um número reduzido de publicações com o foco na História da Alfabetização.

1.4. Alguns estudos sobre a História da Alfabetização e dos Livros Escolares publicados em congressos e eventos científicos

Quanto aos congressos, detive-me apenas ao Congresso Brasileiro de História da Educação - CBHE[9], em razão da sua importância junto à Sociedade Brasileira de História da Educação, criada em 28 de setembro de 1999, durante a

[9] Informações disponíveis no site: http://www.sbhe.org.br/ Acessado em Agosto/2011.

22ª Reunião Anual da ANPEd. Um evento que visa a integrar diversos profissionais e pesquisadores da área e estimular estudos interdisciplinares, promovendo intercâmbios com congêneres nacionais e internacionais e especialistas de áreas afins. O mapeamento foi realizando junto aos seis congressos promovidos entre o período de 2000 e 2011; e dentre eles, destaco:

O I CBHE foi realizado em 2000 no Rio de Janeiro pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), sob o tema: "Educação no Brasil, História e Historiografia". Neste evento foram publicados duzentos e trinta e um trabalhos, dos quais apenas quatro relacionam-se a história da alfabetização e oito trabalhos aos estudos sobre livros didáticos. Assim como no levantamento feito junto às revistas e periódicos no item anterior todos os artigos catalogados nos seis encontros do CBHE encontram-se disponíveis no apêndice deste estudo.

O II CBHE foi realizado em 2002 em Natal/RN com o tema "História e Memória da Educação Brasileira". O evento recebeu a inscrição de quatrocentos e vinte e oito trabalhos, sendo que destes quatro relacionavam-se à alfabetização, enquanto que e treze trabalhos vinculavam-se a livros escolares.

Já o III CBHE foi realizado em 2004 na Pontifícia Universidade Católica (PUC) em Curitiba no Paraná, tendo como tema central "A Educação Escolar em Perspectiva Histórica". Este ano o evento contou com a participação de quatrocentos e dezoito trabalhos, dez a menos que no na edição anterior. Em relação à alfabetização quatro trabalhos foram encontrados e dezesseis sobre livros escolares.

O IV CBHE foi realizado em 2006 na Universidade Católica de Goiás, intitulando-se "A Educação e seus sujeitos na História". Neste evento, quatrocentos e cinquenta e sete trabalhos foram inscritos, cinco trabalhos foram encontrados sobre alfabetização e em relação a livros escolares vinte trabalhos foram catalogados.

O V CBHE aconteceu em Aracaju, em Sergipe, em 2008, tendo com tema central "O Ensino e a Pesquisa em História da Educação". O evento teve um considerável aumento na publicação de trabalhos diante dos três últimos congressos. Foram publicados setecentos e oitenta e três trabalhos, sendo que destes dezenove trabalhos vinculavam-se à área da alfabetização e trinta eram vinculados aos livros escolares.

O VI CBHE ocorreu em Vitória no Espírito Santo na Universidade Federal do Espírito Santo, UFES, em 2011, tendo como tema a "Invenção, Tradição e Escritas

da História da Educação no Brasil". O congresso contou a participação de oitocentos e setenta e seis trabalhos inscritos. Destes, vinte e cinco estudos eram voltados para a temática da alfabetização e cinquenta e um eram voltados para os livros escolares.

Cabe salientar que, embora não tenha sido possível inventariar, toda a produção sobre a História da Alfabetização e os Livros Escolares, acredito que se faz necessário citar alguns eventos considerados importantes na área e que a cada edição também trazem novas abordagens e estudos atualizados sobre a temática em questão, como é o caso do Congresso de História da Leitura e do Livro no Brasil realizado em Campinas/SP. Este evento tem oportunizado a ampliação da temática no que tange aos aspectos voltados para o ensino da leitura, da escrita, e dos livros escolares ao incluir um grupo de trabalho específico sobre os livros didáticos, a saber: "O livro didático na história brasileira".

O Congresso de Leitura do Brasil – COLE[10] – também é um espaço de troca e discussões entre os pesquisadores e que desde sua 12ª edição passou a publicar suas produções em cd-rom e no site.

O Congresso Luso-Brasileiro em História da Educação que tem sido organizado em parceria com entre o grupo de trabalho da ANPEd[11], História da Educação do Brasil com a seção de História da Educação da Sociedade de Ciências da Educação de Portugal com encontros bianuais e que vêm sendo realizados nos seguintes países e estados: Lisboa (1996), São Paulo (1998), Coimbra (2000), Porto Alegre (2002), Évora (2004), Uberlândia (2006), Porto/Portugal (2008) e Maranhão (2010). E o Congresso Iberoamericano de História da Educação Latinoamericano[12], um evento de renomada organização nacional no que tange aos aspectos sobre a História da Educação, com encontros realizados desde 1992 em países como: Colômbia (1992), Brasil (1994), Venezuela (1996), Chile (1998), Costa Rica (2001), México (2003), Equador (2005), Argentina (2006) e Brasil (2009).

A partir desse mapeamento foi possível perceber que os estudos sobre livros escolares têm, nos últimos trinta anos, despertado o interesse de muitos historiadores do campo da educação, possibilitando assim o acesso as mais diferentes concepções e discussões promovidas na área e que muitas vezes, encontram-se dispersas em inúmeras publicações.

---

[10] Informações disponíveis no site: http://alb.com.br/home. Acessado em Agosto/2011.
[11] Informações disponíveis no site: http://www.sbhe.org.br. Acessado em Agosto/2011.
[12] Informações disponíveis no site: http://www.sbhe.org.br. Acessado em Agosto/2011.

A partir desse contexto, Choppin (2004, p.1) afirma que

> após ter sido negligenciado, tanto pelos historiadores quanto pelos bibliógrafos, os livros didáticos vêm suscitando um vivo interesse entre os pesquisadores de uns trinta anos para cá. Desde então, a história dos livros e das edições didáticas passou a constituir um domínio de pesquisa em pleno desenvolvimento, em um número cada vez maior de países.

O autor complementa mencionando que

> os manuais representam para os historiadores uma fonte privilegiada, seja qual for o interesse por questões relativas à educação, à cultura ou às mentalidades, à linguagem às ciências... ou ainda à economia do livro, às técnicas de impressão ou a semiologia da imagem. O manual é realmente um objeto complexo dotado de múltiplas funções, a maioria, aliás, totalmente desapercebidas aos olhos dos contemporâneos (CHOPPIN, 2002, p. 13).

A partir deste, mapeamento feito junto ao campo da "História da Alfabetização" e dos "Livros "Escolares", constatei que até o momento não havia nenhuma investigação que fizesse referência a pesquisas ou a estudos sobre a cartilha "Ler a Jato" e do "Método Audiofonográfico" de alfabetização em 15 horas da professora Gilda de Freitas Tomatis, o que torna este trabalho em questão uma referência para novas investigações.

Na seção seguinte, trato de forma mais específica de questões que envolvem a discussão sobre a pesquisa com livros escolares. Considerei importante essa discussão no contexto desta pesquisa uma vez que a Cartilha "Ler a Jato" tem centralidade na análise proposta.

1.5. A Pesquisa com Livros Escolares

No cenário internacional, autores renomados como Escolano (2001), Choppin (2002, 2004, 2008b) e Magalhães (2006) reconhecem que houve um significativo crescimento no volume de pesquisas acadêmicas que apresentam, sob diferentes enfoques, os livros escolares como principal tema de estudo.

Acerca da história do livro em geral, Belo (2002, p.17) reconhece que

> A história do livro é um dos campos da pesquisa histórica que mais se desenvolveu nas duas últimas décadas. Sobretudo nas universidades européias e norte-americanas e, mais recentemente, também na América Latina aumentou a investigação, lançaram-se grandes empreendimentos de histórias nacionais do livro, construíram bibliografias e bases de dados, desenvolveram-se projetos interdisciplinares, organizaram-se colóquios, nasceram revistas e páginas na Internet, criaram-se centro de pesquisas em história do livro.

O livro escolar também ganhou destaque nessa produção mais geral. O livro escolar pode, segundo Choppin (2004), ser analisado sob duas perspectivas: a de *“documento histórico*”, no qual o pesquisador pode analisar aspectos relacionados ao conteúdo e a de “*objeto físico*”, pautado na análise de aspectos vinculados à fabricação, produção, distribuição e uso do livro escolar. Sobre a primeira perspectiva o autor destaca que

> [...] a história que o pesquisador escreve não é, na verdade, a dos livros didáticos: é a história de um tema, de uma noção, de um personagem, de uma disciplina, ou de como a literatura escolar foi apresentada por meio de uma mídia particular; além disso, é freqüente que os livros didáticos constituam apenas uma das fontes às quais o historiador recorre. (CHOPPIN, 2004, p.554).

Em relação à segunda perspectiva Choppin (2004, p.554) ressalta que

> [...] o historiador dirige sua atenção diretamente para os livros didáticos, recolocando-os no ambiente em que foram concebidos, produzidos, distribuídos, utilizados e “recebidos”, independentemente, arriscaríamos a dizer, dos conteúdos dos quais eles são portadores.

Tendo como base estas duas perspectivas de análise do livro escolar descritas por Choppin (2004), este estudo buscou direcionar a análise da “Cartilha Ler a Jato”, do “Método Audiofonográfico de Alfabetização em 15 horas e os demais materiais complementares de alfabetização produzidos pela professora Gilda de Freitas Tomatis nestes dois enfoques. Analisando os documentos e os materiais que foram produzidos pela professora Gilda, enquanto documento histórico e enquanto objeto físico, visto que os materiais que foram produzidos pela autora, direcionados para a aprendizagem da leitura e da escrita me possibilitaram identificar e analisar alguns aspectos referentes à produção, comercialização e à distribuição desses materiais.

Como define Batista (1999, p. 564), o livro didático é “aquele livro ou impresso empregado pela escola, para desenvolvimento de um processo de ensino ou de formação” e é considerado pelo autor “um objeto variável e instável”.

Belo (2002) ressalta ainda que os livros didáticos tiveram um grande impacto social na sociedade brasileira, mais do que qualquer outra obra impressa no século XX. Esse fato ocorreu, entre outros motivos em razão da população que passou a acreditar que os livros didáticos eram o principal objeto em torno do qual as práticas de leitura se organizavam (BELO, 2002, p. 94).

Com base nesse contexto, Darnton (1995, p.112) propõe que o historiador, ao realizar o estudo sobre os livros, busque “enxergar o objeto como um todo”, pois assim se torna possível perceber e “analisar como os livros surgem e se difundem entre a sociedade". Assim, o autor destaca que

> [...] os livros impressos passam aproximadamente pelo mesmo ciclo de vida. Este pode ser descrito como um circuito de comunicação que vai do autor ao editor (se não é o livreiro que assume esse papel), ao impressor, ao distribuidor, ao vendedor, e chega ao leitor. O leitor encerra o circuito porque ele influencia o autor tanto antes quanto depois do ato de composição (DARNTON, 1995, p.112).

A história deve se ocupar por cada fase desse processo, em todas as suas variações no tempo e no espaço, e nas suas relações com outros sistemas (econômico, social, político e cultural) no meio circundante (DARNTON, 1995, p. 112). O autor constituiu um modelo representativo do ciclo de vida dos livros impressos, possiblitando assim a análise de diferentes segmentos que compõe o chamado "circuito das comunicações", reproduzido abaixo.

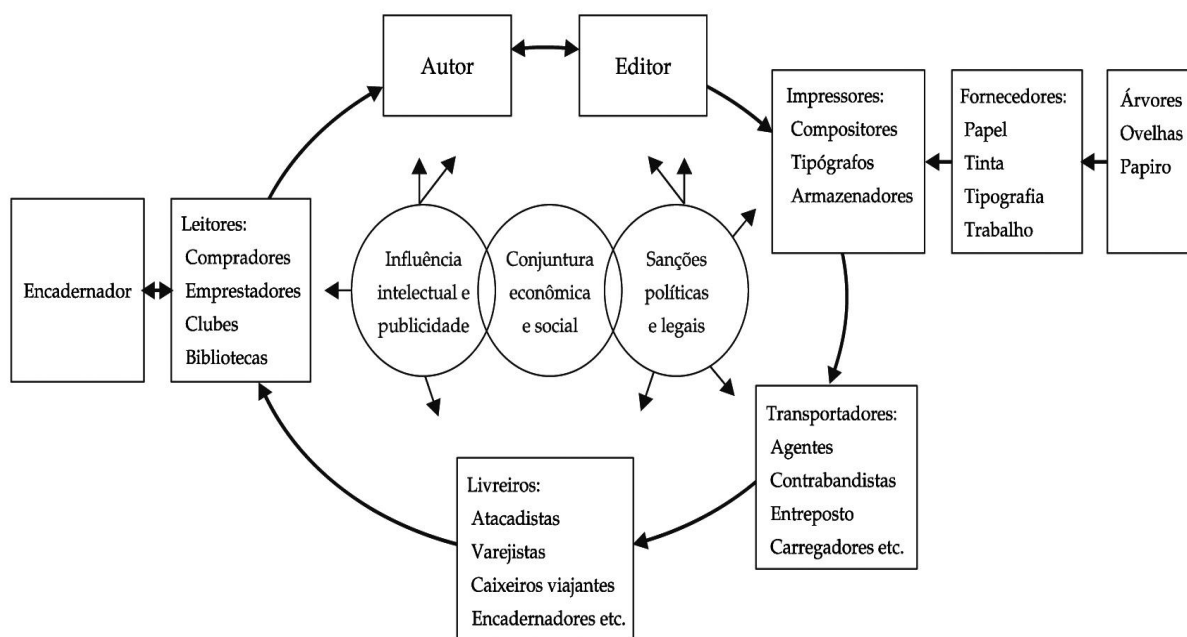



Figura 1 - Circuito das Comunicações de Robert Darnton (1995, p. 113)

Levando em consideração as indicações feitas por Darnton (1995, p. 114), “pode-se estudar o circuito de sua transmissão em qualquer ponto”, ou seja, ele permite que adaptações possam ser instauradas neste modelo de acordo com a temática que se objetiva aprofundar.

Assim este estudo pretende contribuir com a História da Alfabetização e dos Livros Didáticos apresentando e analisando aspectos da produção e da circulação da Cartilha “Ler a Jato” e do “Método Audiofonográfico” de Alfabetização em 15 horas, bem como dos demais materiais complementares de alfabetização produzidos pela professora Gilda de Freitas Tomatis entre as décadas de 1967 e 1986 no Rio Grande do Sul, publicados pela rubrica da Editora Tomatis – Livros Didáticos.

Faço ainda a contextualização do material produzido pela professora e autora Gilda de Freitas Tomatis com o momento político e social que o país vivenciava entre o período de 1967 a 1986. Além disso, realizo a comparação da Cartilha “Ler a Jato” com o Primeiro Guia de Leitura LER produzido pelo Ministério da Educação e Saúde de 1947; e, por fim, na identificação dos aspectos gráficos editoriais dos materiais de alfabetização produzidos pela professora Gilda Tomatis. Os documentos coletados para este estudo revelam que ao criar a Editora Tomatis - Livros Didáticos na década de 1960 para produzir a cartilha “Ler a Jato”, a

professora Gilda não só acumulou uma, mas, várias funções dentro deste circuito, como de autora, editora, agente, livreiro e divulgadora (DARNTON, 1995).

Também se faz necessário considerar os limites que a pesquisa muitas vezes impõe ao pesquisador em razão da escassez de fontes ou da dificuldade de acessá-las e localizá-las, por inúmeros fatores, como, por exemplo, por serem muito antigos e por isso serem facilmente descartados pelos familiares, falta de espaço para guardar e preservar este material, por desconhecimento diante dos estudos que são produzidos a partir destas fontes dentre outras questões.

Sobre essa questão Belo (2002, p. 94/95) menciona:

> Desprestigiados socialmente, os livros e os textos usados na escola são frágeis e rapidamente estragam ou desatualizam. Eles são muitas vezes manuseados por vários utilizadores e vivem ao ritmo dos semestres escolares. Eles podem ser alvos das mais diversificadas apropriações nem sempre intelectuais: para além de lidos e consultados, esses textos são recortados, sublinhados, pintados ou completados de diversas maneiras pelos seus utilizadores.

Para Batista (1999, p. 529), o livro didático é “um livro efêmero, que se desatualiza com muita velocidade”. O autor afirma que o livro didático “raramente é relido; pouco se retorna a ele para buscar dados ou informações e, por isso, poucas vezes são conservados nas prateleiras de bibliotecas pessoais ou de instituições [...]” (BATISTA, 1999, p. 529).

Choppin (2002, p. 22) também se refere aos livros didáticos como instrumentos descartáveis, afirmando que “um manual não é um livro que lemos, mas um instrumento que usamos”. Assim, o autor evidencia a complexidade que envolve a análise dos livros escolares principalmente no que diz respeito às

> [...] funções múltiplas (e, com o passar do tempo, são mais e mais numerosas) junto aos diversos destinatários (alunos, professores, famílias) cujas expectativas variam segundo os momentos (professor preparando sozinho o seu curso, professor lecionando, etc). (CHOPPIN, 2002, p. 22).

O autor indica ainda que o “manual é o produto de uma época” e que a sua produção “[...] não é “puro ato pedagógico”; constitui um compromisso entre preocupações e imperativos de natureza diversa, didática e pedagógica, certamente, mas também técnica, financeira, estética, comercial” (CHOPPIN, 2002, p. 21).

Escolano (2001, p. 13) percebe os manuais escolares como fontes para uma nova historiografia ao destacar que

> Los manuales escolares, más allá de su dimensión instrumental como fuentes de La nueva historiografia, son asimismo uma construccíon cultural y pedagógica codificada conforme a determinadas reglas textuales y didáticas, y asociada a prácticas educativas específicas, así como a los contextos de uso em que se generan y aplican.

Munakata (1999, p. 578) defende a ideia de que o livro didático possui certas especificidades, inclusive em relação à prática da leitura. O livro escolar pode ser aberto e lido, relido em casa, ser transportado diariamente para qualquer lugar podendo ainda receber anotações e rabiscos. Isso o torna consumível e utilizado por dois sujeitos, leitores e usuários permanentes: o professor e aluno.

Nesse sentido, Magalhães (2006, p. 6), acredita que

> fazer a história do manual escolar é indagar da génese, natureza, simbolização e significação mais profundas do saber e do conhecimento; é indagar da materialidade e da significação do(s) livros (s) como texto, enquanto ordem (suporte e unidade) do saber e do conhecimento; é indagar, ainda, do livro como discurso (configuração, forma/estrutura, especialização, autoria); é, por fim, indagar do saber como conhecimento e do conhecimento como (in)formação" (MAGALHÂES, 2006, p. 6).

Assim o autor evidencia que o "livro escolar é o principal ordenador da cultura, da memória e da acção escolares; por inscrição na cultura escrita". (MAGALHÃES, 2006, p. 5). Para Choppin (2008b, p. 13), "os livros escolares não são como os demais livros". Para esse autor,

> o manual escolar constitui, assim, um precioso indicador das relações de força que estabeleçam, em um dado momento e em uma determinada sociedade, os diversos atores do sistema educativo, pois o grau de liberdade que gozam seus redatores e quem os utiliza pode variar consideravelmente. (CHOPPIN, 2008b, p. 13).

Lajolo e Zilberman (1999, p. 121) complementam a ideia dos autores ao afirmarem que o livro didático, embora considerado o "primo-pobre" de "ascendência nobre", é uma "poderosa fonte de conhecimento da história de uma nação que, por intermédio de sua trajetória de publicações e leituras, leva-nos a compreender determinados rumos que seus governantes escolheram para a educação".

Hallewell (1985, p. XXIX) salienta que

> procurar conhecer uma nação por meio de sua produção editorial é, mais ou menos, o mesmo que julgar uma pessoa por sua caligrafia. Ambas constituem partes muito pequenas da atividade total de um país ou de uma pessoa, mas as duas podem ser muito reveladoras, pois nós somos como nos expressamos. Na verdade, é difícil imaginar uma atividade que envolva tanto os aspectos da vida nacional quanto a publicação de livros.

Nesse contexto, o autor revela que algumas das mudanças significativas que ocorreram em relação à indústria editorial brasileira se efetivaram ainda no período referente à ditadura militar, quando no intuito de modernizar o país foram criadas várias medidas para que a produção editorial fosse menos dispendiosa (HALLEWELL, 1985).

Para Batista (2009, p. 58), esse conjunto de fatores de "ordem econômica e tecnológica" também contribuiu para que o livro didático passasse a ser visto como "mercadoria" em razão dos seguintes aspectos:

> [...] sua produção, circulação, e utilização são regidas por uma infra-estrutura organizada em torno das possibilidades materiais, técnicas, institucionais, e comerciais de uma determinada sociedade, num determinado momento de sua história (BATISTA, 2009, p. 58).

O livro didático é uma mercadoria que precisa ser vendável e ao mesmo tempo lucrativa para as editoras que as disponibilizam (BATISTA, 2009). Ainda segundo Batista (2009, p. 60), a partir de 1967 a produção e venda dos livros foi isenta de impostos; houve um grande investimento na produção de celulose e na fabricação de papel; órgãos de estudo foram criados para se pensar no desenvolvimento de um setor gráfico editorial; investimentos foram empreendidos na modernização dos equipamentos gráficos, mas com a "ausência de um mercado consumidor moderno compatível com essa produção editorial em modernização, a indústria livreira acabou estabelecendo vínculos históricos de dependência com a escola e o setor didático" (BATISTA, 2009, p. 60).

Esses vínculos acabaram se estreitando ainda mais com a criação da "Comissão Nacional do Livro Técnico e Didático, a COLTED, um órgão encarregado de executar o Programa Nacional do Livro Didático", financiado conjuntamente pelo Ministério da Educação e pela USAID – *United States Agency for International Development* – e extinto em 1971 (HALLEWELL, 1985, p. 467).

Nessa perspectiva, o estudo realizado por Mortatti (2000) destaca que na medida em que a cartilha foi se consolidando como um livro didático, tornando-se um valioso instrumento para o ensino da leitura e da escrita, os órgãos oficiais passaram a controlar e avaliar estas obras antes delas serem distribuídas aos alunos. A autora ressaltou inclusive que

> com indústria e mercado livreiro em franca expansão e o livro didático consolidado como instrumento privilegiado de ensino, mediador entre tematizações, normatizações e concretizações pedagógicas, intensifica-se, de um lado, a necessidade de controle por parte dos órgãos oficiais que aprovam, autorizam e compram livros didáticos para distribuição entre alunos pobres das escolas públicas e, de outro, a preocupação com os critérios de seleção, por parte dos professores, decorrentes da garantia de “autonomia didática”, assim como criticas a importância excessiva atribuída a esses instrumentos de ensino (MORTATTI, 2000, p. 199).

No caso do estudo aqui realizado identifiquei que a Cartilha “Ler a Jato” foi submetida, em 1968, a uma avaliação detalhada, feita pelo setor técnico do Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais do setor técnico da SEC/RS que, dentre vários aspectos, avaliou não só as questões referentes ao conteúdo, como também os recursos gráficos e a materialidade da obra. Esse aspecto será apresentado e aprofundado no decorrer deste estudo.

Frade (2010a; 2010b; 2010c), em seus estudos sobre as cartilhas escolares e os materiais impressos, tem investido na realização de estudos articulados, buscando relacionar, além dos aspectos da produção, circulação e difusão destes materiais pedagógicos, os aspectos gráficos editoriais dispostos nas obras. A autora, por exemplo, na análise gráfica do livro, atenta para as questões referentes à estrutura organizacional das páginas, das lições, do conteúdo e dos exercícios, das unidades linguísticas, da tipologia das letras, dentre outros aspectos. Ela faz, ainda, um alerta importante com relação ao cuidado que se deve ter com as possibilidades e os limites desse tipo de análise, pois segundo a autora “não podemos estabelecer significado para tudo que vemos nos livros e fazer suposições apenas por alguns indícios” (FRADE 2010c, p. 171).

Maciel (2003, p. 242) também afirma que as cartilhas possibilitam uma variedade de estudos a partir da sua materialidade (formato, volume, ilustrações, disposições e exercícios, tipo de letra, entre outros), além de fornecer concepções

de métodos de leitura e escrita que possibilitam relacionar o contexto de quem ensina e de quem aprende.

Os estudos de Roger Chartier (1990, 1991, 1996, 1998) sobre o livro e a leitura têm trazido significativas contribuições para as pesquisas nesta área, principalmente no que se referem às questões vinculadas ao sentido do texto e o suporte, quando o autor evidencia que a forma ordena os sentidos, permitindo entender "[...] os procedimentos de produção de textos de um lado, e os de produção de livros do outro" (CHARTIER, R., 1996, p.95).

O autor ainda destaca que

> manuscritos ou impressos, os livros são objetos cujas formas comandam, se não a imposição de um sentido ao texto que carregam, ao menos os usos de que podem ser investidos e as apropriações às quais são suscetíveis. As obras, os discursos, só existem quando se tornam realidades físicas, inscritas sobre as páginas de um livro, transmitidas por uma voz que lê ou narra, declamadas num palco de teatro (CHARTIER, R., 1999, p. 8).

Para o autor, é importante analisar não só a disposição como também a forma com que o texto se divide, como se organiza em termos de tipografia, ilustrações dentre outros aspectos que seriam na verdade os "[...] efeitos maiores sobre as próprias significações atribuídas às obras" (CHARTIER, R., 2001, p. 97). A materialidade do texto dispõe formas que "dão a ler, a ouvir ou a ver" e que compõem a construção de sua significação, como "dispositivos de sua inscrição ou de sua comunicação" (CHARTIER, R., 2002, p.256).

Roger Chartier (1999, p. 33) define a história do livro como sendo "uma história sem leitor, e sem autor", já que acredita que o processo reside na fabricação do livro e nas marcas editoriais deixadas nos próprios objetos. Por isso, o autor considera importante "compreender as razões e os efeitos dessa materialidade", principalmente no que diz respeito ao livro impresso, o formato, as disposições da paginação, o modo de dividir o texto, as convenções que regem a sua apresentação tipográfica (CHARTIER, R., 1999, p. 33). Assim o autor parte da questão de que os "autores não escrevem livros, [...] escrevem textos que se tornam objetos escritos, manuscritos, gravados impressos e, hoje, informatizados" (CHARTIER, R., 1999, p. 17).

Nesse contexto, o conceito de "representação" também difundido por Chartier, R. (2009, p. 49), é denominado por ele como algo que "veio designar,

praticamente por si mesmo, a nova história cultural". A "representação" como "[...] esquemas intelectuais incorporados que criam as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado" (CHARTIER, R., 1990, p. 17). Dessa forma, pode-se compreender ainda "a representação é um instrumento de um conhecimento mediado que faz ver um objeto ausente através da sua substituição por uma "imagem" capaz de o reconstituir em memória e de o figurar tal como ele é" (CHARTIER, R., 1990, p. 20). Essa discussão é importante à medida que tento entender as representações acerca da alfabetização, em especial dos métodos de ensino da leitura e da escrita, no momento em que a professora Gilda produziu e divulgou seu material.

Finalizo este capítulo destacando que estes estudos sobre os livros em geral e especificamente sobre livro didático foram fundamentais para perceber, examinar e delinear a investigação realizada e entender o percurso utilizado pela professora Gilda de Freitas Tomatis para disseminar sua obra pelo estado gaúcho e também fora dele.

No capítulo a seguir, apresento os aspectos teórico-metodológicos da pesquisa em questão.

2. ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DA PESQUISA

> Em história tudo começa com o gesto de separar, de reunir, de transformar em "documentos" certos objetos distribuídos de outra maneira. [...] Na realidade, ela consiste em produzir tais documentos, pelo simples fato de recopiar, transcrever ou fotografar estes objetos mudando ao mesmo tempo o seu lugar e o seu estatuto (DE CERTEAU, 2002, p.81).

Neste capítulo, apresento os procedimentos metodológicos utilizados para a realização deste estudo cujo foco principal é apresentar e analisar o material de alfabetização produzido pela professora Gilda de Freitas Tomatis na década de 60. A base do estudo é análise documental baseada fundamentalmente em documentos que por muito tempo permaneceram sob os cuidados da família. Desse modo, tento revelar a importância da constituição e da abordagem dos arquivos pessoais como fonte de pesquisa. Esse tipo de acervo é entendido por Ginzburg (1989, p. 170) como "jazidas preciosas de matérias-primas não exploradas" que nos levam a refletir sobre a as razões que mobilizam as pessoas a guardar determinados documentos e objetos e não outros e quais os critérios utilizados no momento desta escolha, compreendida por Artières (1998) como o ato de "arquivar a própria vida".

A localização das fontes teve início em 2006 com os materiais que a professora Eliane Peres me disponibilizou na época, como mencionado anteriormente. Aliadas a estas fontes adquiri outros livros da professora Gilda em *sebos* virtuais. Entretanto, em outubro de 2010, a partir de uma indicação também da professora Eliane de que Gilda de Freitas Tomatis poderia ter tido uma filha, que estaria residindo na capital do estado, trabalhando no fórum de Porto Alegre, localizei Maria Lúcia de Freitas Tomatis que então disponibilizou os materiais deixados pela sua mãe.

Contudo, até localizar a filha da professora Gilda Tomatis, muitos contatos foram feitos, buscas em *sites* na internet, catálogos telefônicos e algumas instituições, como o fórum de Porto Alegre e a Associação dos Oficiais de Justiça do Rio Grande do Sul - ABOJERIS, visto que o nome de Maria Lúcia Tomatis aparecia sempre vinculado às atividades desenvolvidas tanto no fórum quanto na ABOJERIS.

Assim, contatei vários funcionários do fórum de Porto Alegre e da própria ABOJERIS na tentativa de encontrar Maria Lúcia Tomatis, até que em uma das ligações feitas à ABOJERIS, uma das atendentes me informou não só conhecer, como também ter um vínculo de parentesco com a filha da professora Gilda Tomatis. Então, após muita insistência e explicações sobre as razões que mobilizavam a tentar encontrar a filha da professora Gilda Tomatis, tive acesso a um número telefônico. Liguei várias vezes para o número em questão sem obter sucesso, até que, em uma das últimas tentativas, a ligação foi atendida e eu consegui fazer contato com Maria Lúcia de Freitas Tomatis.

A filha, na ocasião, ao saber do meu interesse acadêmico em realizar um estudo sobre os materiais pedagógicos produzidos por sua mãe na década de 1960, gentilmente recebeu-me em sua casa, concedendo-me uma entrevista e doando-me boa parte do acervo da mãe, como, por exemplo, fotos, livros, cartilhas, discos de vinil, certificados, medalhas, um parecer emitido pelo Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais (CPOE) da Secretaria de Educação e Cultura em 1968, contendo uma avaliação detalhada sobre a Cartilha "Ler a Jato". Para Thompson (1992, p. 25) a entrevista é "um meio de descobrir documentos escritos e fotografias que, de outro modo, não teriam sido localizados".

No conjunto da documentação havia, também vários recortes de jornais de diferentes estados brasileiros com informações e dados relevantes sobre a formação, a trajetória docente da professora Gilda Tomatis, bem como informações importantes sobre o processo elaboração, divulgação e distribuição do material de alfabetização produzido por ela na época.

No processo da pesquisa, ainda em Porto Alegre, visitei outras instituições em busca de dados, como, por exemplo, o Colégio Estadual Júlio de Castilhos no qual obtive a fotocópia de sua ficha profissional, referente ao ano em que lecionou na instituição. Também fui à biblioteca da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, onde encontrei além da Cartilha "Ler a Jato", os demais livros que a autora havia publicado pela Editora Tomatis, bem como dois textos publicados por ela na Revista do Ensino, sobre "Ciências Naturais", na década de 1950, quando atuou como Técnica em Educação.

Assim sendo, considerei que havia reunido um bom material para dar início à investigação proposta. Para Castillo Gómez (2000),

> No dudo de la importância que tienen los depósitos de la memória institucional o del poder, habituales viveros del historiador; pero tampoco de la utilidad que ofrecen las escrituras de la gente común. Com estas cabe la posibilidad de plantearmos otras maneras de vivir y narrar lo vivido. Com ellas, em fin, devolvemos uma cierta visibilidad a los muchos protagonistas anônimos del acontecer colectivo (CASTILLO GÓMEZ, 2000, p. 11).

Sabemos que, ao longo da vida, as pessoas marcam o percurso de sua existência guardando diferentes tipos de papéis, documentos e objetos, uma prática de arquivamento que ao se transformar em álbuns, arquivos e coleções, além de preservarem a memória também denotam as escolhas feitas, os caminhos e os desvios percorridos ao longo de uma trajetória.

Assim, ao guardar determinados documentos pessoais e profissionais, a professora Gilda Tomatis se propôs, segundo Artières (1998), a “arquivar a própria vida”, para que através de sua trajetória docente, viesse a ter a sua memória preservada, sua experiência em relação à alfabetização “imortalizada”, através dos materiais didáticos produzidos por ela na década de 1960. Nesse sentido, Gomes (1998) destaca que

> a descoberta dos arquivos privados pelos historiadores em geral, está, por conseguinte, associada a uma significativa transformação do campo historiográfico, onde emergem novos objetos e fontes para a pesquisa, a qual, por sua vez, tem que renovar sua prática incorporando novas metodologias, o que não se faz sem uma profunda renovação teórica, marcada pelo abandono de ortodoxias e pela aceitação da pluralidade de escolhas. Isto é, por uma situação de marcante e clara diversidade de abordagens no “fazer história” (GOMES, 1998, p. 122).

Ao ocupar esse lugar de destaque na historiografia brasileira e estrangeira, os arquivos pessoais representam um conjunto de documentos que vão sendo acumulados por “pessoas comuns” e que estão relacionados com as atividades pessoais e profissionais Sendo assim, comungo com a ideia de Bellotto (1991, p.14) de que “o documento é qualquer elemento gráfico, iconográfico, plástico ou fônico pelo qual o homem se expressa”.

Já em relação à conceituação de arquivos privados, a autora ressalta que

> a conceituação de arquivos pessoais está embutida na própria definição geral de arquivos privados, quando se afirma trata-se de papéis produzidos recebidos por entidades ou pessoas físicas de direito privado [...]. São papéis ligados à vida familiar, civil, profissional

> e à produção política e/ou intelectual, científica, artística, de estadistas, políticos, artistas, literários, cineastas, etc. Enfim, os papéis de qualquer cidadão que apresentem interesse para a pesquisa histórica, trazendo dados sobre a vida cotidiana social, religiosa, econômica, cultural do tempo em que viveu ou sobre sua própria personalidade e comportamento (BELLOTTO, 2007, p. 207).

Dessa forma, chamo atenção para os documentos que foram guardados pela professora e por sua filha para realçar as possibilidades de estudo destes materiais, que por muito tempo foram considerados pela historiografia como "documentos banais". Esses documentos localizados com a filha da professora Gilda, contribuem para a história da alfabetização e dos livros escolares na medida em que revelam fatos e acontecimentos relevantes sobre a história e a trajetória de uma educadora gaúcha e dos livros didáticos produzidos por ela.

Para Mignot (2006, p. 47), esses documentos

> preservados como objeto-relíquia, expressam a tentativa de legar uma dada imagem que tinha de si mesma, do trabalho que desenvolvia, da importância que desempenhou em movimentos de renovação educacional e democratização do país.

Nessa perspectiva, Artières (1998, p. 7) registra que a prática do "arquivamento do eu" não ocorre de forma ocasional, mas através da necessidade que o ser humano tem de ser visto e percebido pelos outros e ao mesmo tempo ter o controle sob a própria vida, com a possibilidade de recordar o passado ao ter nas mãos algum fragmento palpável, que lhe permita tirar lições, preparar-se para o futuro, preservando a memória, evitando o esquecimento, mas, sobretudo para existir no cotidiano.

Dessa forma, para existir, estar inserido e fazer parte de uma sociedade faz-se necessário ter documentos como carteira de identidade, carteira de trabalho, comprovante de renda e de pagamento, dentre outros, para que se possa não só usufruir dos direitos sociais como também existir perante ela, respondendo assim a uma "injunção social" (ARTIÈRES, 1998).

Artières (1998) também destaca que sempre há uma intencionalidade por parte de quem guarda e do que se guarda ao longo da vida nos arquivos pessoais, e que pode ser definida como uma "intenção autobiográfica" que sobrevive ao tempo e a morte. Ribeiro (1998, p. 35) compartilha dessa concepção ao definir que a guarda desses documentos ou objetos sobre si mesmo pode ser compreendido como a

“coleção de si”, ou seja, “aquele que busca guardar a melhor recordação de si próprio*”.* Os arquivos pessoais podem indicar o desejo da pessoa de ser reconhecido pela posteridade por uma “identidade gloriosa, digna de nota” (RIBEIRO, 1998, p. 35).

Em razão disso, os estudos realizados a partir dos arquivos privados exigem um distanciamento por parte do pesquisador para perceber os sentidos que são atribuídos pelos indivíduos que compõem seus arquivos, buscando compreender aspectos, nuances de uma trajetória ou um determinado objeto de estudo e a partir de qual foram constituídos. Sobre essa questão, Heymann (1997, p. 45) menciona que

> [...] o trabalho com arquivos pessoais tem que levar em conta o caráter arbitrário da configuração de cada um desses conjuntos, dado a independência e variedade das situações em que são gerados e acumulados os diversos documentos que os compõem, além das múltiplas interferências a que estão sujeitos.

Os arquivos pessoais costumam ser redefinidos constantemente à medida que são submetidos a processos de triagem, organização, ordenação, classificação e descarte nos diferentes momentos da vida em função de novos critérios e intenções estabelecidas pelo indivíduo e que se alteram conforme suas necessidades e interesses em razão de mudanças, intempéries, novos projetos e posições sociais que passam a ser ocupados no tempo presente (HEYMANN, 1997). Esse parece ser um processo dinâmico e legítimo pelo qual a memória se organiza gerando sentido e significado ao indivíduo que esta construindo a sua identidade.

E essa prática arbitrária de arquivamento tanto pode ser feita pelo próprio indivíduo ao longo de sua vida, à medida que adiciona e subtrai elementos a esse arquivo ou quando essa função passa a ser delegada a alguém, um familiar, um amigo ou a um auxiliar, por exemplo. (HEYMANN, 1997).

Heymann (1997, p. 46), em relação à questão, destaca que

> determinadas indagações, um tanto raras, poderiam revelar as arbitrariedades e vicissitudes a que estão submetidos os conjuntos documentais quando de sua constituição. Entre elas poderíamos destacar: a questão de saber quem efetivamente construiu determinado arquivo e que peso relativo tiveram o titular e seus auxiliares no estabelecimento de critérios norteadores do processo de acumulação; quais os "acidentes de percurso" que podem ter atuado na delimitação do arquivo na sua forma final (intempéries, perdas ocasionadas em mudanças, relativa ênfase ou distração no ato de

> acumular em diferentes momentos); e por que tipo de triagem os documentos passaram antes de sair das mãos de seus titulares ou herdeiros e passar para a esfera pública.

As interferências nos materiais, quando submetidos à responsabilidade de terceiros, inevitavelmente acabam por contribuir para redução do universo de documentos acumulados. Os arquivos passam a ser organizados sobre uma nova perspectiva de avaliação e interesses.

Essa realidade foi vivida pela filha da professora Gilda Tomatis que se viu diante de um dilema sobre o que fazer com todos os “guardados” de sua mãe. A filha inclusive declarou em sua entrevista *“[...] eu, não podia guardar tudo, só se dispusesse de um apartamento só para isso*. *Ninguém pode conservar tudo”* (TOMATIS, Maria Lúcia, Entrevista, 15/10/2010).

Dessa forma, esses “guardados” acabaram passando por uma nova triagem e classificação condizente com a prática do arquivamento. Contudo, documentos foram guardados e mantidos pela filha da professora até serem disponibilizados para a realização deste estudo, e atualmente se encontram sob a minha guarda e responsabilidade.

No processo da pesquisa, com a localização da filha da professora Gilda realizei uma entrevista para saber mais sobre a professora e autora Gilda de Freitas Tomatis. Partindo disso, ela relembrou e compartilhou comigo alguns momentos importantes da formação e trajetória docente da mãe.

A opção pela entrevista semiestruturada ocorreu justamente em função da possibilidade de elaborar um roteiro flexível com questões abertas que me permitissem explorar outras informações e elementos importantes revelados pela entrevistada ao acessar memórias sobre a mãe. Nesse sentido, é pertinente ressaltar que ao trabalhar com o relato oral é importante ter o cuidado – conforme nos alerta Bosi (1994, p. 55) – de que “na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado [...]. Dessa forma, Bosi (1994) compara a função do pesquisador a de um “arqueólogo” que pretende

> reconstituir, a partir de fragmentos pequenos, um vaso antigo. É preciso mais que cuidado e atenção com esses cacos; é preciso compreender o sentido que o vaso tinha para o povo a quem pertenceu. A que função servia na vida daquelas pessoas? Temos que penetrar nas noções que as orientavam, fazer um reconhecimento de

> suas necessidades, ouvir o que já não é audível. Então recomporemos o vaso e conheceremos se foi doméstico, ritual, floral [...] (BOSI, 1994, p.414).

De acordo com Queiroz (1988, p.18), "a narrativa oral, uma vez transcrita, se transforma num documento semelhante a qualquer outro texto escrito [...]". Alcázar i Garrido (1992, 1993, p.34) também afirmam que se "trata de incorporar as fontes orais como uma fonte documental a mais"*.* Assim*,* as fontes orais e escritas se complementaram nesta pesquisa. Então, a partir dessa concepção, transcrevi cuidadosamente a entrevista e a reencaminhei para a entrevistada, para que pudesse ser lida, revisada e autorizada para só depois ser utilizada e incorporada a esta pesquisa, como mais uma fonte de estudo.

A utilização do termo "fonte" utilizada neste trabalho se faz pertinente por ser um termo de denominação mais amplo e por ser aceito entre os historiadores para se referir a qualquer tipo de documento, seja ele oral, escrito ou iconográfico.

Cardoso & Amâncio (2006, p. 227) também fazem menção à importância de se pensar e construir a história da alfabetização no Brasil a partir do cruzamento de "diferentes fontes, dentre elas considerando a fonte oral". Para as autoras, "este recuso proporcionaria a possibilidade de tecer um grande e multifacetado tecido composto de imagens, palavras e significados" (CARDOSO & AMÂNCIO, 2006, p. 227).

A perspectiva de documento aqui adotada é a de que "documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou, segundo as relações de forças que aí detinham o poder" (LE GOFF, 1990, p.545). Nesse sentido, Le Goff faz uma observação importante sobre a preservação de determinados documentos, destacando o comprometimento necessário por parte do historiador na medida em que se utilizará deles para recompor uma dada história. No entanto, é preciso estar comprometido com a "crítica ao documento", pois de acordo com o autor, "só a análise do documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, isto, é, com pleno conhecimento de causa (LE GOFF, 1990, p. 545).

Marrou (1975, p. 61) destaca que "não podemos alcançar o passado diretamente, mas através dos traços, inteligíveis para nós, na medida em que estes traços subsistiram, em que nós os encontramos e em que somos capazes de os interpretar". Nessa perspectiva, o documento para o autor é

> toda a fonte de informação de que o espírito do historiador sabe tirar qualquer coisa para o conhecimento do passado humano, encarado sob o ângulo da pergunta que lhe foi feita. È evidente que se torna impossível dizer onde começa e onde acaba o documento; pouco a pouco, a noção dilata-se e acaba por abarcar textos, monumentos, observações de toda a ordem (MARROU, 1975, p. 69).

A partir das problematizações feitas em torno dos documentos, Marrou (1975, p. 114) destaca, ainda, a relação que o historiador deve ter para com os documentos, afirmando que “nenhum documento, por si mesmo, prova de maneira indiscutível a existência de um facto. A análise crítica só leva a determinar a credibilidade que parece merecer o seu testemunho”. Por isso, o entendimento nesta pesquisa é de que nenhum documento é mais importante do que outro, não há uma hierarquia nas fontes utilizadas. Todos eles revelam algum aspecto do fenômeno em estudo.

Alia-se a essa discussão o modelo epistemológico do paradigma indiciário proposto por Ginzburg (2007), utilizado como dispositivo de pesquisa para perceber e analisar os “elementos relevantes” contidos nos documentos para responder as questões dessa pesquisa a partir dos “vestígios”, “pistas”, “indícios” deixados pelos documentos arquivados pela professora Gilda de Freitas Tomatis. Nesse sentido, Ginzburg (2007, p. 47) afirma que

> o paradigma indiciário consiste em realizar um trabalho de investigação minuciosa, buscando pistas, indícios, detalhes quase imperceptíveis, mas que podem contribuir de maneira fundamental para a compreensão de eventos e fenômenos investigativos. Assim como o caçador busca rastros, pegadas, pulsações, o historiador precisa estar atento aos detalhes, às lacunas, às minúcias das fontes históricas pesquisadas.

Partindo dessa lógica do paradigma indiciário, se reconhece que o “[...] conhecimento histórico é indireto, indiciário, conjetural” (GINZBURG, 2007, p. 157), o que possibilita adotar uma postura teórico-metodológica que permita olhar para minúcias e as fragmentadas práticas cotidianas e, no caso desta pesquisa, com o intuito de compreender como foram elaborados e divulgados os materiais de alfabetização publicados pela professora Gilda Tomatis. Este estudo passa então a se pautar numa “[...] proposta de um método interpretativo centrado sobre os resíduos, sobre dados marginais, considerados reveladores”, assim definido por GINZBURG (2007, p. 149).

Essa perspectiva alia-se à proposição do “circuito da comunicação” de Darnton (1995) que permitiu compreender alguns elementos que compõem a complexa rede de relações estabelecida em torno da produção, divulgação, circulação e uso do livro didático e, nesse caso, de um conjunto de materiais didáticos. A caracterização deste saber é, segundo Ginzburg (2007, p. 152), “a capacidade de, a partir de dados aparentemente negligenciados, remontar a uma realidade complexa não experimentável diretamente”.

Após recolher os mais variados tipos documentos como: fotos, certificados, medalhas, cartas, ficha profissional da professora Gilda, parecer datado de 1968, discos de vinil, revistas, jornais, realizei a catalogação dos mesmos e os organizei em três quadros em razão de algumas especificidades.

Quadro 1 – Lista de Documentos

Documentos	**Datas**	**Nº. Págs**	**Localização**
Revista Infantil Cacique – contém uma história infantil, escrita pela professora Gilda na sua edição de Nº 56, Ano III. Sob o título: “Uma visita à baleia gigante”. (Documento Original).	1957	03	Arquivo privado da pesquisadora
Programa de Ciências Naturais para o curso primário, em caráter experimental intitulado “Ciências Naturais”. Texto publicado pela autora na **Revista de Ensino,** Ano VIII. Nº 60 (Documento Original).	Maio 1959	08	Acervo do Grupo de pesquisa HISALES FaE/UFPel
Texto sobre Estudos Naturais (Classificação Geral dos Vegetais) publicado pela autora na **Revista de Ensino,** Ano VIII. Nº 62 (Documento Original).	Agosto 1959	01	Acervo do Grupo de pesquisa HISALES FaE/UFPel
Programa Experimental de Ciências Naturais para o curso primário intitulado “Ciências Naturais”. Texto publicado pela autora na **Revista de Ensino,** Ano IX. Nº 69. Vol. 9 (Documento Original).	Junho 1960	10	Acervo do Grupo de pesquisa HISALES FaE/UFPel
Texto sobre Ciências Naturais publicado pela autora na **Revista de Ensino,** Ano X. Nº 74 - Boletim Informativo Nº 1 Comunicados do CPOE (Documento Original).	Março 1961	04	Acervo do Grupo de pesquisa HISALES FaE/UFPel

Programa de Ciências Naturais - publicado pela autora na **Revista de Ensino,** Ano XI. Nº 86. Vol. 11 (Documento Original).	Agosto 1962	04	Acervo do Grupo de pesquisa HISALES FaE/UFPel
Ficha Profissional da professora Gilda de Freitas Tomatis. Documento a que tive acesso no setor de recursos humanos do Colégio Estadual Júlio de Castilhos em Porto Alegre/RS quando estive na instituição em meados outubro de 2010 (Documento Fotocopiado).	27.04.1965 a 14.04.1976	02	Arquivo privado da pesquisadora
"Medalha Monumento Nacional ao Imigrante", uma condecoração concedida pelo Prefeito Hermes J. Webber à professora por ter, a partir de seu método de alfabetização, contribuído com a campanha de erradicação do analfabetismo na região (Medalha Original)	29.03.1968		Arquivo privado da pesquisadora
Certificado referente ao Prêmio "Medalha Monumento Nacional ao Imigrante", concedida pelo Prefeito Hermes J. Webber - por ter a partir de seu método de alfabetização contribuído com a campanha de erradicação do analfabetismo na região (Documento Original).	29.03.1968	01	Arquivo privado da pesquisadora
Parecer Nº 392/68 do Centro de Pesquisas e Orientação Educacional e de Execução Especializada da Secretaria de Educação e Cultura do Estado SEC/RS, referente à apreciação da obra didática "Cartilha Ler a Jato" solicitada pela professora Gilda Tomatis à instituição (Documento Original).	05.09.1968	11	Arquivo privado da pesquisadora
Carta datilografada e enviada pela professora Gilda Tomatis ao prefeito municipal de POA/RS, solicitando a colaboração da instituição junto ao Departamento de Educação para auxiliá-la na realização de um estudo estatístico mais amplo para comprovar a eficácia do método de alfabetização criado por ela com base numa ficha também criada por ela (Documento Fotocopiado).	19.09.1968	01	Arquivo privado da pesquisadora
Folha fotocopiada com os dados de uma pesquisa realizada em 1968 no RGS nas classes que, segundo a professora Gilda, haviam adotado a cartilha "Ler a Jato" e o "Método de Alfabetização em 15 horas". Informações idênticas a estas que se encontram na folha também foram encontradas reproduzidas e propagadas pela autora nas contracapas dos quatro discos de vinil que compõem o Método Audiofonográfico de Alfabetização em 15 horas.	1968	01	Arquivo privado da pesquisadora

Certificado da APAE: pela colaboração da professora no VI Congresso da Federação Nacional das APAEs (Documento Original)	22 a 27 julho 1973	01	Arquivo privado da pesquisadora
Carta datilografada e enviada pela professora Gilda Tomatis ao Ministro da Educação, Carlos Alberto Chiarelli. Neste documento, a professora Gilda inicialmente parabeniza o Ministro pelo cargo e o apresenta a Cartilha "Ler a Jato" e o seu Método de Alfabetização em 15 horas. A professora também lista neste documento inúmeros argumentos com a pretensão de convencê-lo a adotar o seu material de alfabetização e distribuí-lo por todo o país para tentar acabar com os altos índices de analfabetismo. A carta contém dois anexos. No Anexo 1, a professora apresenta alguns estudos comparativos realizados entre o parecer da Secretaria de Educação e Cultura com os relatos dos professores que utilizaram a Cartilha "Ler a Jato", ressaltando itens como: informações favoráveis por meio dos professores (três páginas e meia), informações favoráveis referentes a relatos dos pais (uma folha) e informações desfavoráveis (cinco itens). O Anexo 2 traz dados relativos a reportagens que foram divulgadas pela imprensa sobre a alfabetização intituladas: "Alfabetização na Imprensa", listando 21 itens referentes aos projetos, planos, verbas disponibilizadas pelo governo na tentativa de acabar com o analfabetismo (Documento Fotocopiado).	27.04.1990	14	Arquivo privado da pesquisadora
Ficha Informativa para coleta de dados elaborada pela professora Gilda para que as professoras pudessem emitir seus pareceres por escrito sobre a eficácia da Cartilha "Ler a Jato" e do "Método de Alfabetização em 15 horas" (Documento Original).	s/d	01	Arquivo privado da pesquisadora
Três fotos da professora Gilda de Freitas Tomatis (com idades diferentes, uma aos 15 anos quando ainda residia em Uruguaiana e duas aos 70 anos de idade, segundo informações fornecidas pela filha Maria Lúcia Tomatis).	s/d		Arquivo privado da pesquisadora
Entrevista Transcrição - realizada com a filha da professora Gilda, **Maria Lúcia de Freitas Tomatis**.	15.10.2010	27	Arquivo privado da pesquisadora

Destaco que, dentre os documentos localizados, as publicações da autora na Revista Infantil Cacique, na edição de novembro de 1957, e as cinco publicações encontradas nas edições correspondentes ao período de 1959 e 1962 na Revista de

Ensino com o foco na área de Ciências Naturais, serão consideradas neste estudo apenas a título de demonstrar o que a autora produziu antes da publicação da Cartilha "Ler a Jato", enquanto atuava como Técnica em Educação junto ao Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais[13] – CPOE – até o período de 1966. Isso justifica-se pelo fato de que este estudo pretende se deter com mais ênfase nos materiais produzidos por ela relacionados à alfabetização.

Assim, listo no Quadro 2, os materiais didáticos para alfabetização produzidos pela professora Gilda Tomatis, quais sejam: cartilhas, livros didáticos e o material fonográfico. Nessa lista, encontra-se ainda uma cartilha publicada pelo Ministério da Educação e Saúde – MES –, em 1947, denominada "Primeiro Guia de Leitura LER" que, embora não tenha sido produzido por ela, de alguma forma auxiliou-a na composição da Cartilha "Ler a Jato" como a própria autora menciona na carta que escreveu ao então Ministro de Educação, Carlos Alberto Chiarelli, em 27 de abril de 1990, e que em razão disso será considerada e incorporada e analisada neste estudo.

Quadro 2 – Cartilhas, Livros Didáticos e LPs produzidos por Gilda de Freitas Tomatis

Documentos	Data	Localização
Primeiro Guia de Leitura LER do MES 1ª edição (documento original)	1947	Arquivo privado da pesquisadora
Primeiro Guia de Leitura LER do MES 7ª edição (fotocópia)	1956	Arquivo privado da pesquisadora
Cartilha Ler a Jato 13ª edição (fotocópia)	1975	Arquivo privado da pesquisadora
Cartilha Ler a Jato 15ª edição (documento original)	1986	Arquivo privado da pesquisadora

[13] De acordo com Peres (2003, p.75), o final dos anos 30 e início dos anos 40 marcou, no Rio Grande do Sul, a emergência de um "novo discurso" na educação pública: o da renovação pedagógica. Esse discurso foi produzido e divulgado principalmente pelo Centro de Pesquisa e Orientações Educacionais (CPOE), órgão vinculado à Secretaria de Educação do Estado e criado em 1943 e responsável pela introdução de práticas científico-experimentais no ensino gaúcho que estavam ancoradas na chamada ciência renovada. Este estudo inclusive faz referência à tese de doutorado desenvolvida por Peres (2000) sobre a temática.

Caderno Série Jato 1º ano 1ª edição (documento original)	s/d	Arquivo privado da pesquisadora
Escrevendo a Jato 1º e 2º ano - Exercícios de Linguagem - 1ª edição (documento original)	1968	Arquivo privado da pesquisadora
Escrevendo a Jato 1º e 2º ano - Exercícios de Linguagem - 2ª edição (documento original)	1975	Arquivo privado da pesquisadora
Matemática 1º ano 1ª edição (documento original)	1970	Arquivo privado da pesquisadora
Método Audiofonográfico – Aprenda a Ler em 15 horas - um conjunto composto por quatro discos de vinil**,** referente ao Método Audiofonográfico produzido pela professora Gilda Tomatis contendo todo o conteúdo referente à Cartilha "Ler a Jato" e às atividades encontradas no Caderno Série a Jato, gravado nos Estúdios Artec Som em Porto Alegre/RS.	s/d	Arquivo privado da pesquisadora

Alguns desses materiais citados no quadro acima foram adquiridos em *sites* virtuais como, por exemplo, a primeira edição do Caderno Série Jato (s/d), juntamente com a primeira edição do livro de exercícios de linguagem 1º e 2º ano "Escrevendo a Jato", datado de 1968 no site do Mercado Livre[14]. O material foi adquirido em setembro de 2010 e ambos os livros vieram da cidade de Olímpia, em São Paulo.

Em maio de 2011, adquiri, novamente pelo mesmo *site*, Mercado Livre, a Revista Infantil Cacique, na qual consta um texto da autora direcionado ao público infantil no ano de 1957; desta vez, o material foi remetido de Porto Alegre/RS. A primeira edição do "Primeiro Guia de Leitura LER", produzido pela MES no ano de 1947, por sua vez, foi localizado e veio da cidade de Salvador, na Bahia, embora o livro contenha tanto na capa quanto na sua parte interna, vários carimbos datados de 19 de maio de 1947, fazendo referência à Prefeitura Municipal de Ubuiata/BA.

Os demais materiais, como já mencionei, foram doados pela filha da professora Gilda Tomatis especialmente para realização dessa pesquisa. Em relação aos recortes de jornais, também optei em organizá-los em um quadro, para facilitar a identificação de cada documento.

---

[14] Considerado o maior comércio eletrônico da América Latina, por este site é possível anunciar, pesquisar preços e efetuar a compra e venda de qualquer produto. Tanto a compra, quanto a venda destes produtos são realizadas entre pessoas físicas. Compradores e vendedores podem se localizar em qualquer parte do planeta. Razão pela qual esta plataforma online de negociação e comércio vem obtendo grande sucesso. Informações disponíveis no site www.mercadolivre.com .br.

Quadro 3 – Recortes de Jornais

Reportagem	Data	Origem	Localização
“Professores criam Método - Alfabetização de crianças e adultos em apenas doze horas”. Nesta reportagem, a professora Gilda Tomatis divulga fatos sobre sua formação, trajetória profissional, a Cartilha “Ler a Jato” e o método que criou, descrevendo inclusive como o mesmo deveria ser utilizado (Documento original).	27.12.1966	Jornal Folha da Tarde. Publicação da Companhia Jornalística de Caldas Junior em Porto Alegre/RS no período de 1936 a 1983 e foi dirigido, em seu auge, pelo novelista e jornalista Sérgio Jockymann.	Arquivo privado da pesquisadora
“Caxias vai alfabetizar em 15 horas”. A reportagem informa que em razão da preocupação com o alto índice de analfabetismo no município de Caxias do Sul, a Comissão Municipal de Amparo à Infância havia decidido desenvolver um curso de alfabetização e a professora Gilda Tomatis teria sido convidada para fazer uma explanação sobre seu método de alfabetização, divulgando a hora e o local em que a palestra aconteceria (Documento original).	02.04.1968		
“Com a palavra o Leitor – Alfabetização”. Nesta reportagem, a professora Gilda Tomatis escreve ao jornal para responder às interrogações do Sr. Elio Lermen sobre o aumento progressivo do número de reprovações nas classes de alfabetização. A professora apresenta dados parciais da pesquisa que estava realizando sobre o uso da Cartilha “Ler a Jato”. A professora menciona os problemas na educação, especificamente, da alfabetização, alegando que as orientações do CPOE seriam as causas das reprovações em massa nas escolas públicas, principalmente em razão da aplicação do método global de contos, considerado por ela uma “sabotagem ao progresso brasileiro” (Documento original).	27.12.1968		
“Alfabetização será feita em poucas	22.02.1968	Correio	Arquivo privado

horas”. A reportagem divulga a presença da professora Gilda Tomatis em Brasília para apresentar aos professores da rede estadual de ensino o método fonético articular criado por ela para alfabetizar crianças e adultos (Documento original).		Brasiliense. Jornal fundado em abril de 1960 por Assis Chateaubriand com sede em Brasilia/DF	da pesquisadora
“Jato”. A reportagem trata sobre a demonstração prática que a professora realizou no dia anterior na Escola Parque em Brasília sobre a “Cartilha Ler a Jato”. O jornal informa ainda que a professora esteve em Brasília a convite do Secretário da Educação, Senhor Ivã Luiz, para divulgação da sua cartilha, que preconizava a alfabetização em 15 horas, e que alcançou grande êxito não só no Rio Grande do Sul como em diversos Estados brasileiros (Documento original).	23.02.1968a		
“10 Horas para aprender a ler”. A reportagem dedicou um espaço maior a autora no Caderno 2 do jornal, trazendo uma foto da professora Gilda com a Cartilha “Ler a Jato” A professora propaga o método fonético, a alfabetização com os adultos e divulga os altos índices de aprovação atingidos à época com o material em vários estados brasileiros, dentre eles: Rio Grande do Sul, Guanabara e o Ceará (Documento original).	23.02.1968b		
“Alfabetização de Adultos”. A reportagem informa que a professora Adélia Ida Trentini, diretora-executiva da Comissão Municipal de Amparo à Infância, tomou a iniciativa de criar um Curso de Alfabetização de Crianças e Adultos e convidou a professora Gilda de Freitas Tomatis para fazer uma explanação sobre o Método de Alfabetização em 15 horas na Faculdade Católica Domus (Documento original).	06.04.1968	Correio do Povo. Jornal pertencente à Rede Record, com circulação no estado do RS, fundado em outubro de 1895 por Caldas Júnior. Foi o jornal de mais longa publicação em Porto Alegre circulando por 89 anos ininterruptam	Arquivo privado da pesquisadora
“Prédios Escolares e Alfabetização”. Texto escrito pela professora ao jornalista Alberto André em no qual ela aborda os problemas educacionais de Porto Alegre, referindo-se à reportagem sobre o “*Déficit Escolar Primário*” divulgada	12.01.1969		

pelo jornal dias antes (Documento original).		ente, até 1984. O jornal reiniciou sua publicação no ano de 1986.	
"Alfabetização em 15 horas não é segredo de D. Gilda". A reportagem de traz a entrevista da professora Gilda Tomatis sobre a cartilha e o método, sua trajetória profissional, o sucesso editorial da Cartilha "Ler a Jato", ressaltando dados importantes sobre o número de cartilhas que editou e que pretendia editar. Comentou sobre os estados que adotaram seu material, do interesse do Ministério da Educação com relação à cartilha. (Documento original).	10.05.1968	Jornal do Brasil. Foi fundado em 1891 por Rodolfo Epifânio de Sousa Dantas. O jornal era publicado diariamente na cidade do Rio de Janeiro deixou de ser e impresso em setembro de 2010, para tornar-se digital.	Arquivo privado da pesquisadora
"Escola de Alfabetização em novo método". A reportagem de divulga um curso de alfabetização que seria realizado a partir do "Método Audiofonográfico", disponível em quatro LPs. O curso teria sido, realizado e orientado pelas professoras Suely Zanluchi e Maria Adélia Contrucci naquele respectivo ano no Instituto de Educação "Sedes Sapentiae" (Documento original).	24.04.1976	O Avaré. Jornal de circulação no estado de São Paulo e com sede em Avaré.	Arquivo privado da pesquisadora

As informações referentes aos jornais foram extraídas dos seus respectivos *sites*, exceto o jornal "O Avaré" que, embora tivesse várias páginas *online,* não dispunha de um tópico específico acerca da sua criação. As reportagens de jornais impressos, datados do ano de 1966 até 1976, serão tratadas e utilizadas como fonte de pesquisa com o intuito de contextualizar um momento importante da trajetória da professora Gilda Tomatis que revelam o processo de concepção, criação, produção, distribuição e circulação da cartilha e do método audiofonográfico de alfabetização. Nesse sentido, Peres (2002, p. 29) destaca que

> é preciso considerar que o documento – seja escrito ou oral – não é uma produção natural. Ao abrir um jornal ou outro material qualquer, é necessário perceber alguns elementos que auxiliam na compreensão

> do discurso ali veiculado. Primeiro, o contexto social em que ele foi produzido; depois observar quem escreveu, de onde (lugar social), e para quem escreveu (seus/suas interlocutores/as ou leitor/a pretendido/a); e igualmente que idéias, opiniões e discursos são proferidos e rechaçados.

Nessa perspectiva, Frade & Maciel (2006b) consideram importante estabelecer o cruzamento entre as diferentes fontes encontradas para qualificar a investigação, visando contextualizar o momento histórico no qual esse material está inserido culturalmente. Condizente com a proposta de Frade & Maciel (2006b), os três quadros anteriormente apresentados demonstram a diversidade de fontes encontradas para a realização deste estudo, dentre eles as fontes audiofonográficas que também vêm ganhando um significativo espaço na pesquisa histórica ao serem vistas pelos historiadores como fontes desafiadoras de estudo que compõem um *corpus* documental privilegiado de pesquisa, porém ainda muito negligenciado (NAPOLITANO, 2010).

Neste caso, os LPs de autoria da professora Gilda Tomatis contêm “uma linguagem como outra qualquer, que precisa ser decodificada, interpretada e analisada” (NAPOLITANO, 2010, p. 266).

Assim sendo, com esse conjunto diversificado de documentos, procurei realizar a pesquisa e abordar o principal aspecto proposto, qual seja, apresentar e analisar os materiais produzidos pela professora Gilda, procurando entender as razões que motivaram professora a escrever a Cartilha “Ler a Jato” e a “criar” o Método Audiofonográfico de Alfabetização em 15 horas.

Para realizar tal intento, precisei compreender melhor os métodos de alfabetização e fiz um breve panorama histórico sobre esta temática, com o intuito de compreender e situar o trabalho que a professora Gilda de Freitas Tomatis desenvolveu a partir da “criação” do seu método fonético articular de alfabetização, assim denominado por ela e analisado neste estudo. Assim, no capítulo a seguir, apresento o resultado dos estudos que realizei acerca dos métodos de alfabetização. Foi o primeiro passo para compreender melhor a proposta da professora Gilda.

3. MÉTODOS DE ALFABETIZAÇÃO: UM BREVE PANORAMA HISTÓRICO

Ao apresentar esse breve panorama histórico sobre alguns métodos de alfabetização, tomo como referência autores de destaque na área, como, por exemplo, Braslavsky (1971), Bellenger (1979), Rizzo (1986), Chartier & Hébrard (2001), Soares M. (2003), Frade (2003, 2007), Maciel (2001, 2010), Frade & Maciel (2006b), Mortatti (2006) e Peres (2006b).

Quando pensamos em método de alfabetização lembramos também dos materiais para o ensino da leitura e da escrita, em especial das cartilhas escolares. Para Anne-Marie Chartier & Jean Hébrard (2001, p.142):

> A palavra método designa, freqüentemente, tanto um pequeno livro fabricado por um editor e destinado às crianças, como um conjunto de princípios pedagógicos, psicológicos ou lingüísticos, que definem objetivos e meios adequados para atingi-los.

Já para Maciel (2010, p. 48), “método é um caminho a ser seguido, embora não se reduza a um livro didático, muitas vezes é entendido e usado como único caminho possível” para alfabetizar. Maciel (2010) destaca ainda que historicamente a palavra método recebeu diferentes conotações, em alguns momentos até mesmo contraditórias, e durante muito tempo aqui no Brasil o termo esteve vinculado diretamente à produção de livros didáticos (cartilhas, pré-livros).

Em termos históricos, Braslavsky (1971), Bellenger (1979) e Rizzo (1986) destacam que os métodos de alfabetização se dividem em dois grupos: métodos sintéticos e métodos analíticos.

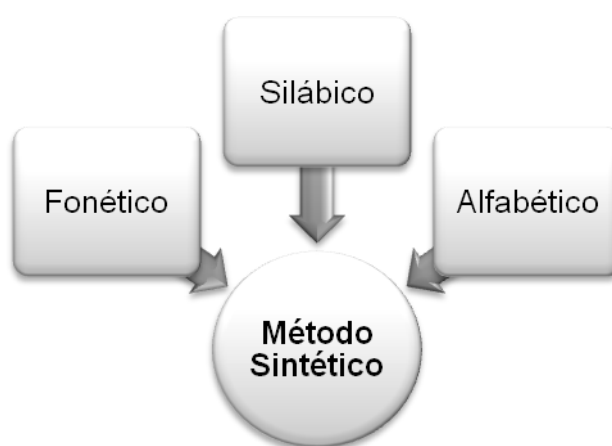
O método sintético leva o aluno a combinar elementos isolados da língua, sons, letras, sílabas, em todos maiores, tendo como base o processo de síntese, enquanto que os métodos analíticos são aqueles que levam o aluno a destacar as unidades linguísticas maiores, palavras ou frases, os elementos menores e têm como base o processo mental de análise (RIZZO, 1986, p. 1).

Os métodos sintéticos seguem uma tendência que parte de um fragmento para o todo. Com esse propósito, a criança aprende inicialmente a ler cada letra com o objetivo de condensar as diferentes letras que resultarão numa leitura única.

Segundo Braslavski (1971) e Bellenger (1979) os métodos sintéticos de alfabetização existem há mais de dois mil anos e os primeiros sinais do aparecimento desse método podem ser identificados já na Grécia antiga, pois “a utilidade das letras e seu conhecimento precoce atendiam a uma necessidade durante a Antiguidade: as letras serviam para marcar as notas músicas” (BELLENGER, 1979, p. 53).

De acordo com Frade & Maciel (2006b), os métodos sintéticos estabelecem uma correspondência fonográfica entre a letra, o fonema e a sílaba. As autoras destacam ainda que “os métodos denominados sintéticos propõem um distanciamento da situação de uso e significado, para a promoção de estratégias de análise do sistema de escrita” (FRADE & MACIEL, 2006b, p. 49)

Braslavsky (1971), Bellenger (1979), Rizzo (1986) e Maciel (2010) relembram ainda que dentre os métodos sintéticos destacam-se os processos alfabético, fônico e silábico.

Quadro 4 - Métodos Sintéticos

Ressalto que, posteriormente, enfocarei o método fonético, visto que a dissertação busca analisar a Cartilha “Ler a Jato” e o método audiofonográfico – assim definido pela professora Gilda Tomatis –, cuja base é o processo fonético. Contudo, antes é preciso considerar aspectos da história dos métodos de

alfabetização. O método alfabético ou de soletração é considerado o método mais antigo, empregado desde os tempos da Grécia e Roma antigas até o fim da Idade Média contribuiu para que seu uso persistisse também em alguns países, durante o século XIX, com maior ou menor duração (RIZZO, 1986, p. 5).

Maciel (2010) ressalta que na utilização do método de soletração era comum alunos e professores cantarolarem juntos be-a-bá, eme-a-má, memorizando assim todo ao alfabeto, e antes de chegar ao texto se fazia necessário formar sílabas e sentenças. As sílabas inclusive eram apresentadas separadas por hífen o que resultava numa leitura artificial.

Segundo os estudos de Rizzo (1986, p. 6), o ensino da escrita ocorria em paralelo e com muita ênfase ao ensino da caligrafia das letras; a aprendizagem tinha como base a repetição e o reconhecimento dos sons da palavra, mais do que a apreensão do seu significado. Apesar da simplicidade e da facilidade de sua aplicação, o método alfabético foi, gradativamente, abolido e suplantado por outros mais efetivos (RIZZO, 1986, p. 7).

No intuito de superar as dificuldades entre o nome e o som das letras, em reação às criticas ao método de soletração, surge o método fônico. Frade (2007, p. 23) ressalta que o referido método teria sido mencionado pela primeira vez por Vallange, em 1719, na França através da técnica de figuras simbólicas e na Alemanha através de revista pedagógica, em 1803, por Henrique Stefani e é trabalhado por Montessori em 1907.

Além disso, Braslavsky afirma que o método fônico também atingiu os Estados Unidos, a Colômbia, o México e o Chile, por volta de 1884. A França, por volta de 1890, e ainda na Áustria e Suíça, onde também obteve um considerável êxito.

De acordo com Maciel (2010, p. 52), "no Brasil, na década de 1980, foi produzido e utilizado em vários os estados brasileiros uma cartilha representativa do método fônico: Casinha Feliz, de Iracema Meireles e Eloisa Meireles".

Já Frade (2007, p. 24) afirma que:

> No Brasil, embora estabeleça para seu livro a organização por silabação, o autor Felisberto de Carvalho faz menção ao "phonico", em 1880, relacionando-o ao que se denominava moderna soletração ou fônico. Denominava-se de moderna soletração, nos manuais dos livros de alfabetização e nos discursos pedagógicos, o progresso que se fez em nomear as letras do alfabeto mais próximas o possível da emissão

> sonora: um exemplo, seria o progresso da nomeação de “efe” para “fê”. Esta mudança de nomeação mostra uma aproximação com as relações entre o que é enunciado e a representação gráfica.

De acordo com Rizzo (1986, p. 7), o método fônico passou a ser adotado no lugar do alfabético na tentativa de superar a grande dificuldade existente naquela perspectiva de ensino por causa da diferença entre o nome e o som da letra. Quer dizer, primeiramente, são ensinados os sons das vogais, fazendo-se de forma simultânea, o ensino da forma da letra e a maneira correta de pronunciá-la (RIZZO, 1986, p. 8). A autora evidencia que existe um processo intenso de repetição, treino e memorização por parte da aplicação do método até que o aluno consiga estabelecer combinações entre as vogais, consoantes, sílabas, palavras, o aluno as pronuncie de forma automática (RIZZO, 1986).

Frade (2007, p. 23) complementa afirmando que

> Depois ensinam-se as consoantes, estabelecendo entre elas relações cada vez mais complexas. Cada letra (grafema) é aprendida como um fonema (som) que junto a outro fonema, pode formar sílabas e palavras. Para o ensino dos sons, há uma seqüência que deve ser respeitada, segundo a escolha de sons mais fáceis para os mais complexos. Na organização do ensino, a ênfase na relação som/letra é o principal objetivo.

Rizzo (1986, p. 8) destaca que, em termos de vantagens, esse método foi amplamente difundido em vários países por ser considerado “um método econômico”, em termos de materiais didáticos, “e de fácil aplicação”. Essa última usada como argumento pela professora Gilda Tomatis na divulgação da Cartilha “Ler a Jato” e do método fonético articular, identificada nos materiais produzidos pela autora como a Cartilha “Ler a Jato” e os discos intitulados: “Método Audiofonográfico - Aprenda a Ler em 15 horas”, nos relatos da filha da autora obtidos na entrevista (15/10/2010) e na carta enviada pela professora ao Ministro da Educação, Carlos Alberto Chiarelli na década de 90, com o propósito de convencer a todos (pais, professores, secretários de educação do estado e o próprio Ministro) sobre a qualidade, rapidez e eficácia inerente à sua proposta de alfabetização, baseada no método fônico e por ser aplicável por qualquer pessoa, mesmo que leiga na área.

Em termos de dificuldade da aplicação do método fônico, algumas autoras destacam a interferência na formação da habilidade em apreender a idéia contida nas palavras e na decifração som por som, a atenção da criança ficaria inteiramente

voltada para esse processo dispensando pouca ou nenhuma atenção para a leitura (RIZZO, 1986, 10).

Além disso, é pertinente ressaltar que, de acordo com as considerações de Rizzo (1986), o método fônico passou por significativas transformações no que se refere aos avanços obtidos no campo da Psicologia e da Linguística. As mudanças visavam a dar "mais prazer ao aluno na memorização dos sons das letras", através da apresentação das letras com apoio de gravuras e desenhos que deveriam estar relacionadas à letra e ao som inicial da palavra a ser pronunciada e o som era aprendido a partir do nome dos objetos ou das pessoas que se apresentavam sob a forma de desenho (RIZZO, 1986, p.11).

Os métodos fônicos também passaram a apresentar pequenas frases a partir da segunda ou terceira página das cartilhas (RIZZO, 1986). Essa configuração se encontra no material no método apresentado pela professora Gilda Tomatis na Cartilha "Ler a Jato".

O método silábico difere-se dos anteriores (alfabético e fônico) por ser a sílaba a unidade fonética estabelecida para ponto de partida do ensino da leitura, conforme nos esclarece Rizzo (1986, p. 14).

A vantagem, apresentada, por exemplo, por Rizzo (1986) e Maciel (2010), na aplicação do método silábico, é a utilização de uma sequência gradual das "famílias silábicas" e o fato de o método não exigir orientações para o professor e por revelar ótimos resultados na alfabetização de adultos. Contudo, as mesmas autoras apontam como desvantagem o excesso de memorização e treinamento de palavras, escrita reduzida de palavras, que às vezes apresentam-se sem sentido, alheias ao vocabulário infantil, o que não estimularia a leitura, mas apenas a decifração. Frade (2007, p. 24) afirma que

> No desenvolvimento do método, geralmente é escolhida uma ordem de apresentação, feita segundo princípios calcados na idéia "do mais fácil para o mais difícil", ou seja, das sílabas "simples" para as "complexas". Em várias cartilhas dos métodos silábicos geralmente são apresentadas palavras-chave, utilizadas apenas para apresentar as sílabas, que são destacadas das palavras e estudadas sistematicamente em famílias silábicas.

No final dos anos de 1920, surge no Brasil uma discussão acerca de novas propostas para uma renovação educacional, especialmente no campo da

alfabetização, pois os métodos que vinham sendo utilizados até então começaram a ser considerados ultrapassados.

Maciel (2010, p. 54) demonstra que “neste momento há uma mudança no paradigma da aprendizagem da leitura e da escrita” e os métodos analíticos passaram a ser considerados “inovações pedagógicas”. Os métodos analíticos são os que partem do todo para as partes e procuram romper radicalmente com o princípio da decifração, e os mais conhecidos são palavração, sentenciação, de historietas ou global de contos.

Quadro 5 - Métodos Analíticos

Para Frade & Maciel (2006b, p. 49), os métodos analíticos operam com

> a ideia de que primeiro a palavra (método de palavração), a frase (método da sentenciação) ou o texto (método global de contos ou de historietas) tem que ser compreendida, reconhecida globalmente, para depois ser analisada em componentes como letras e sílabas.

Na palavração, Rizzo (1986, p. 24) aponta que as palavras são apresentadas em agrupamentos e os alunos aprendem a reconhecê-las pela visualização e pela configuração gráfica. O método apresenta algumas desvantagens, como, por exemplo, dificultar a aprendizagem de palavras novas aos alunos. Na tentativa de superar a forma monótona e cansativa de apresentação e memorização de palavras, alguns procedimentos foram criados com o passar do tempo, segundo a autora, para superar tais pontos como, por exemplo: “a confecção de cartões para fixar, palavras de um lado e gravura do outro; exercícios

cinestésicos para o ensino do movimento da escrita, dos olhos e memorização da palavra completa" (RIZZO, 1986, p. 25).

Já o método de sentenciação, enfatiza a formação da habilidade da leitura mediante a compreensão. A sentença é a unidade da língua que precisa expressar uma idéia de forma completa, segundo Rizzo (1986). No entanto, para Braslavsky (1985) as atividades precisam partir do interesse natural das crianças, e essa expressão oral pode ser explorada em sala de aula, transformada em frases simples, para que as crianças possam analisá-las e ilustrá-las. Essas frases e expressões podem voltar a ser exploradas pelas crianças para que, a partir delas, possam encontrar novas palavras e estabelecer novas combinações.

Rizzo (1986, p. 31) destaca que, quando a sentenciação é realmente bem empregada, ela desenvolve praticamente todos os hábitos e atitudes necessárias a uma leitura inteligente e completa, além de desenvolver a atitude de interesse e prazer na leitura.

Mortatti (2006) comenta que, em razão da "autonomia didática" proposta pela "Reforma de Sampaio Dória", em São Paulo, em meados da década de 1920 e de questões políticas, os professores começaram a apresentar resistência quanto à utilização do método analítico. Passaram a buscar por novas propostas e soluções que viesse a dar um fim aos problemas relacionados ao ensino da leitura e da escrita. A autora lembra que os defensores do método analítico continuavam a ressaltar sua eficácia, porém passaram a conciliar os dois tipos de método (sintético e analítico simultaneamente), e nas décadas seguintes começaram a utilizar os métodos mistos ou ecléticos, ou seja, começaram a fazer uma junção entre os métodos: analítico-sintético ou vice-versa. (MORTATTI, 2006).

Mortatti (2006, p. 9) demonstra que as cartilhas passavam a se basear predominantemente nos métodos mistos ou ecléticos e os "manuais do professor" começaram a ser feitos, disseminando a idéia da prática do "período preparatório" que consistia na realização de exercícios de discriminação e coordenação viso-motora e auditivo-motora, posições de corpo e membros dentre outros. Utilizados dessa forma eram considerados mais rápidos e eficientes, mas mesmo com estes argumentos as disputas ainda eram muito acirradas nesse campo até que outro método passou a despertar o interesse os educadores e ser defendido como o mais eficiente no ensino da leitura e da escrita, o método global de contos (MORTATTI, 2006).

O método historiado, também conhecido e mais aceito pelos seus defensores como “método global de contos” ou de historietas, surgiu no Brasil, de acordo com Frade (2007), no final da década de 1930 e representou uma extensão (e não uma adaptação) do método de sentenças. Rizzo (1986) destaca que o método em questão foi organizado com a intenção de ampliar as vantagens sobre o primeiro método no que tange aos aspectos referentes às praticas de leitura, sem deixar de priorizar o interesse e a curiosidade dos alunos.

Mortatti (2006, p. 7) definiu a “historieta” como um conjunto de frases relacionadas entre si por meio de nexos lógicos, com núcleo de sentido e ponto de partida para o ensino da leitura. Maciel (2001), em sua tese de doutorado, realizou um estudo sobre Lúcia Casasanta e o método global de contos em Minas Gerais; para a autora, o Método Global de Contos tem como principal característica o seguinte:

> iniciar o processo de alfabetização por textos com sentido completo, por um todo, isto é, por frases ligadas pelo sentido, formando um enredo, constituindo uma unidade de leitura. Para atender a essa característica, a historieta ou conto deveria ser sobre um tema estimulador e de acordo com interesses infantis: vida familiar, brinquedos, aventuras reais e maravilhosas com outras crianças (MACIEL, 2001, p. 121).

Há a memorização por parte dos alunos das lições, mediante um contexto global da história, para que, num segundo momento, possam ser decompostas por eles em sentenças, palavras e sílabas (MACIEL, 2010).

Peres (2006b, p. 156) destaca que “o método global tornou-se hegemônico no discurso educacional gaúcho, principalmente no período entre os anos de 1950 e final de 1970”, quando passou a ser muito difundido pelo Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais (CPOE) que detinha autonomia para recomendar e indicar determinadas cartilhas e métodos para serem utilizadas nas escolas primárias gaúchas. Assim, é preciso considerar que o material produzido pela professora Gilda Tomatis de Freitas, cuja base teórica e metodológica era o método fônico foi produzido em um momento histórico em que havia uma hegemonia do método global no Rio Grande do Sul.

Ainda em relação aos métodos de alfabetização em geral, Chartier & Hébrard (2001, p.143) destacam que

> Todos estes métodos foram criados entre 1880 e 1930; e muitos outros, elaborados depois, levaram à outra parte as discussões entre os especialistas; mas a “guerra dos métodos”, da década de 1960, sem dúvida, assegurou por longo tempo a popularidade das suas designações.

Esse breve panorama histórico nos mostra o quanto o campo da História da Alfabetização, em especial dos métodos do ensino da leitura e da escrita, sempre esteve mediado por conflitos, disputas e discussões em torno dessa problemática que há anos visa a definir quais os melhores e mais eficientes métodos de alfabetização. Perceber e compreender algumas dessas disputas e conflitos colabora no entendimento de que a produção da professora Gilda não esteve à parte dessa querela que historicamente envolveu os métodos e as propostas de alfabetização.

Na continuidade do trabalho e antes de apresentar e analisar especificamente os materiais de alfabetização, com ênfase na Cartilha “Ler a Jato” e no método audiofonográfico, apresento alguns aspectos biográficos de Gilda de Freitas Tomatis, a fim de revelar quem foi e qual foi a trajetória pessoal e profissional dessa professora e autora didática.

4. ASPECTOS BIOGRÁFICOS DA PROFESSORA E AUTORA GILDA DE FREITAS TOMATIS

"*Guardou para se guardar, para nos guardar do esquecimento*". (MIGNOT, 2000, p. 139)

Neste capítulo, apresento alguns fragmentos que compõem a vida, a formação e a trajetória, especialmente a docente, da professora Gilda de Freitas Tomatis, autora do material em análise neste estudo.

Compor essa história foi possível porque, para além dos materiais que eu já havia localizado em acervos e sebos, a filha da professora disponibilizou-me importantes documentos guardados e conservados por ela durante um bom tempo. Esses documentos "testemunharam" tanto os momentos importantes e significativos da vida pessoal e familiar quanto a vida profissional da professora Gilda. Ao olhar para eles, organizados e guardados a partir de uma lógica, é importante analisá-los e decifrá-los com cuidado, pois "a guarda do papel é a guarda da vida contida no papel" (MIGNOT, 2010, p. 21). Cabe destacar que fatos e acontecimentos neles registrados inscrevem marcas, segundo Felgueiras (2005, p. 89), no espaço físico, social, cultural, bem como na corporeidade e nas consciências individuais.

Para Artières (1998), a guarda dos documentos também significa o "arquivamento da própria vida", como anteriormente referido. O autor destaca que "arquivar a própria vida é se pôr no espelho, é contrapor à imagem social a imagem íntima de si próprio, e nesse sentido o arquivamento do eu é uma prática de construção de si mesmo e de resistência" (ARTIÉRES, 1998, p. 3).

Portanto, arquivar, guardar, é também construir uma imagem de si. Para Mignot e Cunha (2006, p. 41), "guardar consiste em proteger um bem da corrosão temporal para melhor partilhar; é preservar e tornar vivo o que, pela passagem do tempo, deveria ser consumido, esquecido, destruído, tornado como lixo."

E, ainda, de acordo com Souza E. (2006, p. 2), as histórias de vida podem ser narradas a partir de uma diversidade de fontes e procedimentos de coleta de

dados, que podem incluir tanto os “documentos pessoais” quanto as “entrevistas biográficas orais ou escritas”.

Assim, a partir destes documentos cuidadosamente guardados, aliados às lembranças e recordações da filha da professora, uma história pôde ser contatada.

Gilda Carvalho de Freitas nasceu em Uruguaiana em 05 de agosto de 1917, filha dos estancieiros Galileu de Freitas e Dorila Carvalho de Freitas, tinha mais três irmãs e três irmãos.

Figura 2 - Foto de Gilda Carvalho de Freitas aos 15 anos em Uruguaiana/RS – s/d
Fonte: Acervo particular da pesquisadora

Gilda Carvalho de Freitas foi alfabetizada pela mãe, D. Dorila Carvalho de Freitas na infância por volta dos nove anos de idade no ambiente doméstico, uma vez que na região onde residiam à época não havia escolas por perto (TOMATIS, Maria Lúcia, Entrevista 15/10/2010).

Maria Lúcia destacou ainda o seguinte:

> O que acontece, é que o vovô Galileu tinha fazenda, estância e era entre Uruguai e Brasil, porque naquele tempo não tinha a fronteira assim tão certa e não tinha escola. Ela começou a estudar com nove anos e com dezessete ela se formou no normal. A vovó ensinava e

> ela já sabia ler, mas era no meio do campo, não tinha escola. Ela não tinha idade para lecionar, mas já estava pronta (TOMATIS, Maria Lúcia, Entrevista, 15/10/2010).

Segundo Aragão e Santos (2009), o ensino doméstico era uma prática comum de ensino e instrução das pessoas abastadas no Brasil do século XIX. Essa forma de ensino acabou perdurando por mais tempo no país, mesmo com a instituição de escolas públicas e privadas, já que em alguns locais a instalação de escolas era considerada cara e inviável. As autoras esclarecem, ainda, que a educação doméstica

> ocorria na casa do aprendiz, na esfera privada, onde os conteúdos, as habilidades e o tempo eram determinados pela Casa. Essa modalidade de educação tinha como agentes [...] os professores particulares, os preceptores, os parentes ou agregados e, ainda, padres que ministravam aulas-domésticas (ARAGÃO E SANTOS, 2009, p. 374)

Faria Filho (2000) afirma que essa prática de ensino foi utilizada durante muito tempo no Brasil mesmo com a instituição da escola formal. O autor descreve que o ensino era individualizado e que

> [...] era o método por excelência da instrução doméstica, aquela que ocorria em casa, onde a mãe ensinava aos filhos e às filhas, ou os irmãos que sabiam alguma coisa ensinavam àqueles que nada sabiam. O método individual caracterizava-se, pois, pelo fato de os alunos ficarem muito tempo sem o contato direto com o professor. (FARIA FILHO, 2000, p. 140).

Assim, o ensino ministrado à Gilda Carvalho de Freitas foi por uma pessoa da família, no caso pela sua mãe, e pode caracterizar-se como um ensino doméstico e individual.

A reportagem do Jornal Folha da Tarde de 27 de dezembro de 1966, aliada às declarações feitas pela filha da professora em sua entrevista (15/10/2010) evidenciaram que Gilda Carvalho de Freitas iniciou sua carreira em Uruguaiana, mas em razão das dificuldades do local e da falta de opções para seguir seus estudos, acabou mudando-se para a capital do Estado com sua irmã Nice por volta dos seus dezoito anos de idade. Ambas residiram inicialmente em um pensionato de freiras, perto do Colégio Bom Jesus Sévigné até se estabeleceram e começarem a trabalhar. Em Porto Alegre/RS, Gilda pôde dar continuidade aos seus estudos.

Dentre os documentos analisados, a ficha profissional da professora Gilda Tomatis localizada no Colégio Estadual Júlio de Castilhos em Porto Alegre/RS (1965 a 1976) permitiu constatar que, em 1935, Gilda estudou no Instituto de Educação de Porto Alegre/RS, local onde concluiu a primeira etapa dos seus estudos, denominada nos documentos de 1º Ciclo. Mais tarde, em 1951, concluiu o 2º Ciclo na escola em que posteriormente iria lecionar: o Colégio Estadual Júlio de Castilhos.

Tornou-se Gilda de Freitas Tomatis em 28 de setembro de 1954, ao se casar com Ricardo Tomatis, em Porto Alegre/RS. Com ele, a professora Gilda Tomatis teve uma filha, Maria Lúcia de Freitas Tomatis que nasceu em 28 de agosto de 1959. Alguns anos depois, em 25 de maio de 1965, ficou viúva.

A professora Gilda Tomatis realizou o ensino superior na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), concluindo, em 1956, o curso de Licenciatura em História Natural. Essa licenciatura permitiu que ela pudesse lecionar nas disciplinas de História Natural, referente ao 2º Ciclo, Ciências Naturais e Matemática do 1º Ciclo.

As demais fontes documentais revelam que ela foi professora primária e após ter se licenciado em História Natural passou a exerceu o cargo de Técnica em Educação no Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais – CPOE –, lecionando, concomitantemente no Colégio Dom Diogo de Souza[15] na capital, hoje atual Instituto Estadual de Educação (JORNAL FOLHA DA TARDE, 27/12/1966). Aposentou-se como Técnica em Educação em 10 de maio de 1966.

Peres (2000, p. 17) destaca que o Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais – CPOE – era um órgão vinculado à Secretaria de Educação do Estado criado em 1943 e que se manteve até a década de 70 praticamente como um órgão autônomo de direção, de orientação e de normatização didático-pedagógica. O discurso das *técnicas educacionais* do CPOE adquiriu legitimidade nesta época (PERES, 2000, p.140). A pesquisadora argumenta ainda que o CPOE

> teve uma atuação central na difusão do discurso de renovação pedagógica no Rio Grande do Sul e na instauração de novas práticas pedagógicas na escola primária gaúcha. Essas mudanças caracterizaram-se por um esforço em pautar a administração educacional em princípios técnico-científicos. A figura do técnico educacional surgiu, nesse período, com força total. A idéia corrente

---

[15] Apesar de ter feitos inúmeros contatos com funcionários desta respectiva instituição não foi possível obter a confirmação deste dados junto a está escola.

> era a de que a prática educacional deveria estar fortemente ancorada nos princípios da Psicologia Infantil, da Biologia, da Estatística, da Pedagogia Experimental e da Sociologia, principalmente. E a função dos técnicos, profundos conhecedores das ciências auxiliares da Educação, era a de produzir, a partir desses saberes científicos, os quadros de referência para as práticas docentes. O resultado disso seria, nessa visão, a eficiência do/no processo ensino-aprendizagem (PERES, 2000, p. 124).

Durante o período em que trabalhou no CPOE como Técnica de Educação, a professora Gilda produziu alguns textos publicados na Revista Infantil Cacique e na Revista do Ensino. Segundo Bastos (2006, p. 1), a Revista Cacique foi publicada no Estado do Rio Grande do Sul sob a responsabilidade do CPOE/RS no período de 1954 a 1963. Segundo a autora,

> na década de 1950, a Secretaria de Educação e Cultura do Rio Grande do Sul através do CPOE, utilizou amplamente a imprensa especializada – a Revista do Ensino e a Cacique, para expressar e concretizar a sua ação político-pedagógica, buscando atingir públicos distintos - o aluno (infanto-juvenil) e o magistério primário da rede escolar rio-grandense, mas com a mesma intenção - divulgar o pensamento educacional oficial (BASTOS, 2006, p. 1).

O texto publicado na Revista Cacique, de autoria de Gilda de Freitas Tomatis, era voltado para o público infantil sob o titulo “Uma visita à baleia gigante”, e foi o único texto literário encontrado durante a realização da pesquisa. Os textos e programas de ensino publicados pela professora Gilda na Revista do Ensino eram específicos da disciplina de Ciências Naturais e voltados estritamente para os professores do ensino primário. Os textos localizados foram os seguintes:

- Ciências Naturais - Programa de Ciências Naturais para o curso primário, em caráter experimental (REVISTA DE ENSINO, Mai/1959, n. 60);

- Estudos Naturais - Ciências Naturais: classificação geral dos vegetais (REVISTA DE ENSINO, Ago./1959, n. 62);

- Programa Experimental de Ciências Naturais para o curso primário Ciências Naturais (REVISTA DE ENSINO, Jun./1960, n.69, v.9);

- Ciências Naturais Boletim Informativo Nº 1 Comunicados do CPOE (REVISTA DE ENSINO, Mar./1961, n.74);

- Programa de Ciências Naturais (REVISTA DE ENSINO, Ago./1962, n. 86, v.11).

Esses textos, por ela produzidos, revelam que atuou especificamente na sua área de formação, ou seja, na área das Ciências Naturais.

Em sua ficha profissional, fornecida pelo Colégio Estadual Júlio de Castilhos, datado de 27 de abril de 1965, constam ainda, os registros de que foi aprovada em concurso público estadual, tomando posse e passando a lecionar em caráter de estágio probatório na referida escola. Nessa instituição, foi professora de Ensino Médio da disciplina de Ciências Físicas e Biológicas, tendo sido efetivada no cargo 24 de dezembro de 1965. No documento, composto por duas folhas encontram-se registrados, além de dados profissionais, algumas informações de caráter mais pessoal, como filiação, endereço, RG, CPF, estado civil, cursos, solicitações de licenças, faltas, aposentadorias, uma foto (em preto e branco), além de dados sobre outros cursos realizados, sem especificação do ano de conclusão.

Esses cursos constantes na ficha são os seguintes: Curso de Normalista, de Administração e Orientação Escolar, além de diversos outros cursos de extensão relativos à disciplina que lecionava. Numa inscrição a lápis consta que, além de Técnica em Educação, Gilda Tomatis também era professora de “excepcionais” e os atendia em seus domicílios através de aulas particulares.

No Colégio Estadual Júlio de Castilhos, considerado um importante estabelecimento de ensino público da capital gaúcha, lecionou por aproximadamente onze anos e só se afastou, requerendo sua segunda aposentadoria, em 14 de abril de 1976 por motivos de saúde que, segundo a filha revelou na entrevista, (TOMATIS, Maria Lúcia, 15/10/2010), tratava-se de problemas cardíacos congênitos.

ÉGIO ESTADUAL JÚLIO DE CASTILHOS

E / ALTERAÇÃO

NOME: TOMATIS Gilda de F. Tomatis

END. Jeronimo Coelho, 44 apto 804

GILDA DE FREITAS TOMATIS

Ricardo Tomatis (falecido)

Galileu de Freitas

Dorila Carvalho de Freitas

CARGO / PADRÃO OU FUNÇÃO	NOMEAÇÃO OU CONTRATO	ATO Nº	DATA	BOLETIM Nº	D. OFICIAL
Prof.Ens.MédioII -	Nomeada em Est.Probatório	03305	270465	722/64	231264

LOTAÇÃO: C. E. J. de Castilhos

FONE: 249818

NASC.: 050817

CIDADE: Uruguaiana

ESTADO: RGS

NATURALIZADO: -

EST. CIVIL: Viúva

G. SANG. / R.H.

MATRÍCULA: 4006.1215

PASEP

CPF: 012885040

CART. IDENTIDADE: IPC-186679

TIT. ELEITOR

CERT. RESERVISTA: -

DISCIPLINA: C.Fís.e Bio

REG. SEC.: F-7583

REG. SEC.: 6121

REG. DIRETOR: -

REG. SECRET.: -

CARGO - FUNÇÃO: Prof.Ens.MI

PADRÃO: M-4- 4

SIT. FUNC.: Efet

INGRESSO NO C.: 020562

Est. 010361

NOMEAÇÃO — CARGOS EM COMISSÃO — EXONERAÇÃO

DESIGNAÇÃO — FUNÇÕES GRATIFICADAS — DISPENSA

CONCESSÃO DE AVANÇOS

Nº	A PARTIR DE	BOLETIM Nº	D. OFICIAL
1	100364	566	301265
2	130367	407	290867
3	120370	489	280372
4	171074	1399	200675

PROVIMENTO E VACÂNCIA

ESPECIFICAÇÃO	ATO Nº	DATA	BOLETIM Nº	DATA	D. OFICIAL
POSSE	03306	270465			
EXERCÍCIO		020562			
EFETIVAÇÃO	22160	311265	552/65	201265	241265
ESTABILIDADE					
EXONERAÇÃO					
APOSENTADORIA			684/76		140476
READMISSÃO					
REVERSÃO					
REINTEGRAÇÃO					
TRANSFERÊNCIA					
DEMISSÃO					

CONCESSÃO DE LICENÇA - PRÊMIO — CONTAGEM EM DOBRO

GOZO DE LICENÇA - PRÊMIO — GRATIFICAÇÕES ADICIONAIS (15% / 25%)

CONVOCAÇÃO - REGIME ESPECIAL DE TRABALHO

DISPENSA

Figura 3 - Ficha profissional da professora Gilda de Freitas Tomatis (1965 - 1976)
Fonte: Colégio Estadual Júlio de Castilhos em Porto Alegre/RS

Em relação ao material de alfabetização que produziu, os dados revelam que em março de 1967 foi lançada a primeira edição da Cartilha “Ler a Jato”, segundo as informações contidas no Jornal Correio Brasiliense de 22 de fevereiro de 1968.

Nesse mesmo ano, em 1967, também foi criada a Editora Tomatis - Livros Didáticos, segundo Martins (1978, p.587). Essas obras eram impressas por gráficas terceirizadas contratadas pela autora na época, segundo as informações disponibilizadas pela filha, Maria Lúcia (Entrevista, 15/10/2010).

Ari Martins (1978), em sua obra “Escritores do Rio Grande do Sul”, cita a professora Gilda de Freitas Tomatis, a cidade onde nasceu, a profissão na capital e a denomina de “Autora Didática”, logo abaixo na bibliografia o autor descreve o material como “*Cartilha de Ler a Jato, novo método de alfabetizar, P. Alegre, Ed. Tomatis, 1967; Escrevendo a Jato, ibid, 1968”.* (MARTINS, 1978, p. 587).

Segundo os relatos de Maria Lúcia (Entrevista, 15/10/2010), a criação do método fonético articular de alfabetização, assim denominado pela própria autora, teria surgido de forma espontânea, primeiro, pela vontade que a mãe tinha em alfabetizá-la – ela, a própria filha –, e, segundo, por “necessidade”, pois precisou alfabetizar o filho de uma amiga de Uruguaiana que esteve hospedado em sua casa em Porto Alegre/RS.

As aulas de ensino da leitura e da escrita ministradas em casa pela professora para alfabetizar a sua filha e o filho de sua amiga teriam ocorrido por volta do ano de 1964, quando sua filha tinha cinco anos de idade. Ao ser questionada sobre como foi a experiência de ter sido alfabetizada pela mãe, Maria Lúcia Tomatis mencionou: *“Não me lembro em quantas horas aprendi a ler. Foi muito bom e tranqüilo. Eu queria muito ler por mim mesma os gibis que ganhava”* (TOMATIS, Maria Lúcia, Entrevista, 15/10/2010).

As lembranças e as recordações da filha evidenciam o quanto a narrativa é um componente essencial para o historiador à medida que, a partir das memórias, pode-se (re)construir aspectos do passado. Para Thompson (1992, p. 44), não há dúvida de que “a história oral é uma história construída em torno de pessoas”. Stephanou e Bastos (2005, p.420) também salientam que

> a memória é uma espécie de caleidoscópio composto por vivências, espaços e lugares, tempos, pessoas, sentimentos, percepções/sensações, objetos, sons e silêncios, aromas e sabores,

> texturas, formas. Movemos tudo isso incessantemente e a cada movimento do caleidoscópio a imagem é diversa, não se repete, há infinitas combinações, assim como, a cada presente, ressignificamos nossa vida. Esse ressignificar consiste em nossos atos de lembrar e esquecer, pois é isso a Memória, os atos de lembrar e esquecer a partir das evocações do presente. A memória pode ser histórica, mas não é histórica por si só. É vestígio. Apesar de indomável, esforça-se em assegurar permanências, manifestações sobreviventes de um passado, a capacidade de viver o já inexistente. A memória é, então, também o lugar das permanências.

Cardoso & Amâncio (2006, p. 224) ressaltando que umas das principais vantagens que envolvem os estudos a partir da história oral, complementam o seguinte:

> É a possibilidade de ouvir a versão de pessoas comuns, mas que participaram e vivenciaram a história. Sendo assim, estas são capazes de revelar acontecimentos mais sistematizados não contemplados em outros registros, possibilitando novas versões da história, ganhando voz, assim, múltiplos e diferentes narradores.

No entanto, Pollak (1992, p. 4) alerta que

> A memória é seletiva. Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado. A memória é, em parte, herdada, não se refere apenas à vida física da pessoa. A memória também sofre flutuações que são função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa. As preocupações do momento constituem um elemento de estruturação da memória.

A memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade (POLLAK, 1992) e, segundo Nora (1993), é um fenômeno sempre atual, experiências articuladas no presente como uma representação do passado. Em sua narrativa, a entrevistada, Maria Lúcia Tomatis, foi compondo e recompondo suas memórias, ressignificando a própria experiência vivida por ela com sua mãe, tanto na vida pessoal como profissional. Assim, alguns momentos da vida da professora Gilda Tomatis vieram à tona através das memórias da filha, como, por exemplo, as primeiras experiências com o ensino da leitura e da escrita da professora, que aconteceram, como foi exposto acima, em âmbito doméstico. Essa experiência teria sido, no entendimento da filha, essencial para que se despertasse na mãe o desejo de produzir um material de alfabetização.

Algumas fontes de investigação, especialmente as reportagens dos jornais disponibilizadas pela filha da autora, retratam que o método de alfabetização da

professora Gilda Tomatis foi ganhando visibilidade nacionalmente, após o lançamento da cartilha, nos anos 60, quando a autora passou a receber inúmeros convites de pessoas públicas, como deputados, secretários de educação e a Comissão Nacional de Educação de Brasília, diretoras de programas da Comissão Municipal de Amparo a Infância de Caxias do Sul no RS, diretores de escolas e professores, dentre outros. Além disso, a professora foi convidada para explanar sua proposta em associações, escolas, universidades e instituições pelo Estado do Rio Grande do Sul e em outras regiões brasileiras, como Santa Catarina, Paraná, Guanabara (atual estado do Rio de Janeiro), Ceará, Minas Gerais, São Paulo, Brasília, entre outros (JORNAL CORREIO BRASILIENSE, 22/02/1968 e 23/02/1968b; FOLHA DA TARDE, 02/04/1968; CORREIO DO POVO, 06/04/1968; O AVARÉ, 24/04/1976).

Maria Lúcia Tomatis (Entrevista, 15/10/2010) confirma o que dizem as reportagens dos jornais mencionadas no parágrafo anterior e destaca que ela inclusive viajou com a mãe por praticamente todas as cidades do Estado gaúcho de carro com porta-malas repleto de cartilhas, livros e LPs. Além disso, ela ainda destacou que a mãe participava de programas de rádio e TV e jornais das localidades que a convidavam para apresentar, divulgar seu método de alfabetização e comercializar a Cartilha “Ler a Jato” e os demais materiais de alfabetização (TOMATIS, Maria Lúcia, Entrevista, 15/10/2010).

Alguns cursos de alfabetização foram promovidos por municípios, como o de Caxias do Sul, no Rio Grande do Sul. Nesse município, segundo reportagens da época (JORNAL FOLHA DA TARDE, 02/04/1968 e CORREIO DO POVO, 06/04/1968), a professora foi convidada a fazer uma explanação sobre sua proposta de ensino que defendia ser possível alfabetizar em quinze horas. Os jornais destacam que “um grande número de professores, pessoas graduadas e um elevado número de normalistas” participavam desses cursos. O município de Caxias do Sul, em 1968, preocupado com os altos índices de analfabetismo entre mães e crianças da população de poucos recursos financeiros, resolveu, através do trabalho da professora Adélia Ida Trentini, diretora-executiva da Comissão Municipal de Amparo à Infância, criar e oferecer um “*Curso de Alfabetização de Crianças e Adultos em 15 Horas”*. Neste curso, o método de alfabetização adotado foi o da professora Gilda de Freitas Tomatis com o objetivo de alfabetizar as pessoas em

pouco tempo, de forma rápida e com um material acessível (CORREIO DO POVO, 06/04/1968).

Em Avaré, na grande São Paulo, o Instituto de Educação "Sedes Sapientiae"[16] também ofereceu um "*Curso Especial de Alfabetização pelo Método Audiofonográfico para a Infância de Avaré*", através das professoras Suely Zanluchi e Maria Adélia Contrucci. O curso estava previsto para ter início em maio de 1976. O curso foi realizado a partir dos quatro discos de vinil produzidos pela professora Gilda Tomatis (JORNAL O AVARÉ, 24/04/1976). Não há menção da presença da professora Gilda Tomatis neste curso.

Maria Lúcia Tomatis (Entrevista, 15/10/2010) revelou, ainda, que a mãe teria sido convidada a participar do programa de televisão da apresentadora Hebe Camargo, na TV Record, no final da década de 1960, para falar justamente sobre a repercussão que o seu método de alfabetização e a Cartilha "Ler a Jato" estavam obtendo. E, também, por ter sido agraciada com a "*Medalha do Monumento Nacional ao Imigrante*", recebida em março de 1968, das mãos do então prefeito municipal de Caxias do Sul, Hermes João Webber, em reconhecimento ao seu trabalho e sua contribuição com sua proposta de alfabetização considerada rápida e eficiente. Não há, contudo, outros dados que indiquem a participação da professora Gilda neste programa de televisão. Segundo Napolitano (2010, p. 263),

> os programas televisivos transmitidos até o início dos anos 1960 eram "ao vivo", perdendo-se no ato da transmissão" [...] a introdução do videoteipe começou a ocorrer em 1962, mas nos primeiros anos dessa nova tecnologia pouco material gravado foi preservado, pois as fitas eram constantemente reutilizadas para gravar outros programas. Na virada da década de 1960 para 1970, sucessivos incêndios em televisões (Record, Bandeirantes) destruíram boa parte do acervo em vídeos das emissoras.

Além da Medalha do Monumento Nacional ao Imigrante, a professora também recebeu um certificado, os quais reproduzo as imagens a seguir:

---

[16] Inúmeros contatos foram feitos com esta instituição através de e-mails e telefonemas (como constam nos registros que foram arquivados no Diário de Campo) na tentativa de estabelecer contato para obter mais informações a respeito deste curso de alfabetização realizado pelo Instituto de Educação a na década de 70, porém em nenhum momento obtive qualquer tipo de retorno por parte da instituição contactada.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAXIAS DO SUL
"MEDALHA MONUMENTO NACIONAL AO IMIGRANTE"

Tendo em vista o disposto na Resolução n. 1/66, o Prefeito Municipal de Caxias do Sul confere a

Gilda de Freitas Tomatis

a "Medalha do Monumento Nacional ao Imigrante", contando-o entre os dedicados e prestimosos amigos da "Pérola das Colônias".

Caxias do Sul, 29 de Março de 1968

Hermes J. Webber
Prefeito Municipal

Figura 4 - Certificado "Medalha do Movimento Nacional ao Imigrante" – Mar./1968
Fonte: Acervo privado da pesquisadora

Figura 5 - Medalha do Monumento Nacional ao Imigrante – Mar./1968.
Fonte: Acervo privado da pesquisadora

Maria Lúcia Tomatis (Entrevista, 15/10/2010) ressaltou que o recebimento da medalha havia sido uma experiência marcante para a mãe que à época ficou muito

feliz com a homenagem e com o reconhecimento do seu trabalho em prol da educação. A filha da autora recordou, ainda, um fato curioso: que em torno de duas semanas depois da mãe ter recebido a condecoração, o Presidente da República, Emílio Garrastazu Médici, também foi agraciado com a mesma honra, porém, obviamente, com uma repercussão muito maior do que a da sua mãe. O que a fez lembrar-se da mãe dizendo: "*Eu não precisei de nada disso*".

Embora a repercussão do recebimento desta condecoração tenha sido diferente para cada um deles, tanto a do Presidente da República Emílio Garrastazu Médici, quanto a da professora Gilda de Freitas Tomatis, ambos foram agraciados com a mesma medalha, a "Medalha do Monumento Nacional ao Imigrante", e tiveram seu trabalho "reconhecido" pelo poder público de Caxias do Sul.

Esse fato pode ser compreendido a partir daquilo que Bittencourt (2008, p.30) destaca em seu estudo sobre livros didáticos, a saber: "a confecção de uma obra didática seria uma tarefa patriótica, um gesto honroso, digno das altas personalidades da nação".

Outro dado relevante encontrado em praticamente toda a documentação acessada é a menção que a própria professora Gilda de Freitas Tomatis fez em relação ao trabalho com os portadores de necessidades especiais, à medida que fazia questão de deixar claro para todos que os "excepcionais", termo empregado por ela nos documentos, poderiam e eram capazes de se alfabetizar.

Utilizando os termos da época, como "deficientes, retardados ou excepcionais", a autora alegava que qualquer pessoa, mesmo as com algum tipo de limitação, também poderiam ser alfabetizadas, mesmo que para isso necessitassem de um pouco mais de tempo, como trinta horas em vez de quinze, conforme ela defendia para os ditos "alunos normais".

Em razão disso, a professora Gilda foi homenageada pela Federação Nacional das APAEs[17] – Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais - em Porto

---

[17]A Federação Nacional das Apaes é uma organização social sem fins lucrativos, reconhecida como de utilidade pública federal e certificada como beneficente de assistência social, de caráter cultural, assistencial e educacional, que congrega como filiadas, atualmente, mais de duas mil Apaes e outras entidades congêneres, que compõem a Rede Apae, tendo como missão institucional promover e articular ações de defesa dos direitos das pessoas com deficiência e representar o Movimento perante os organismos nacionais e internacionais, para a melhoria da qualidade dos serviços prestados pelas Apaes, na perspectiva da inclusão social de seus usuários. Disponível em: http://www.apaebrasil.org.br/artigo.phtml?a=2 – Acessado em Novembro/2010.

Alegre/RS, por colaborar com o “VI Congresso da Federação Nacional das APAE”, realizado na capital gaúcha em meados de 1973, no qual foi incluída a discussão de proposta de alfabetização para os “excepcionais”.

VI CONGRESSO DA FEDERAÇÃO NACIONAL DAS APAEs

FEDERAÇÃO NACIONAL DAS APAEs

Agradecimento

Conferido ao(à) ILUSTRÍSSIMA SENHORA GILDA DE FREITAS TOMATIS
pela sua colaboração ao VI CONGRESSO DA FEDERAÇÃO NACIONAL DAS APAEs, realizado de 22 a 27 de julho de 1973, na Assembléia Legislativa do Estado.

Porto Alegre, 27 de julho de 1973.

PRESIDENTE DA APAE/PA

PRESIDENTE DO VI CONGRESSO

Figura 6 - Certificado VI Congresso da Federação das APAEs - POA/RS – jul./1973
Fonte: Acervo privado da pesquisadora

Em relação a este aspecto, a filha da professora (Entrevista, 15/10/2010) destacou que a Secretaria de Educação e Cultura do Estado SEC/RS, entre as décadas de 1950 e 1960 emitia às pessoas que apresentavam algum tipo de dificuldade relacionado à aprendizagem da leitura e da escrita um atestado. Assim, após se submeterem a uma avaliação e de acordo com os resultados obtidos, recebiam ou não tal atestado.

Maria Lúcia Tomatis (Entrevista, 15/10/2010) mencionou que os alunos cujos resultados não eram satisfatórios, além de receberem o atestado da SEC/RS eram encaminhados para as APAEs, não podendo mais frequentar as escolas regulares. Ela mencionou inclusive que esta teria sido uma das principais razões pela qual a mãe teria alfabetizado o filho de sua amiga, em 1964, visto que a família do menino

não queria que ele fosse submetido aos testes da SEC/RS para não correr o risco de receber o atestado e de ser rotulado como "incapaz de aprender a ler" (TOMATIS, Maria Lúcia, Entrevista, 15/10/2010).

Mais uma vez me defrontei com os limites da pesquisa na medida em que não consegui outras evidências que comprovassem ou contradissessem essas declarações feitas pela filha da professora Gilda Tomatis sobre os atestados que eram emitidos pela Secretaria de Educação e Cultura do Rio Grande do Sul entre as décadas de 50 e 60.

Identifiquei apenas no estudo realizado por Peres (2004, p. 304) que o CPOE realizava pesquisas e testagens nas escolas com crianças e jovens entre as décadas de 40 e 70 "com o intuito de promover, criar e incentivar ensino de bases científico-experimentais", visto que este centro defendia as práticas e os discursos que estavam articulados à pedagogia experimental, ancorados nos princípios da Escola Renovada e da psicologia. Assim, o CPOE que era uma instituição vinculada a SEC/RS realizava "testes de inteligência não-verbal para crianças e jovens dos cursos pré-primários, primários, ginasiais e normais e pesquisas sobre o nível mental dos escolares rio-grandenses", entre outros (PERES, 2004, p. 304). Possivelmente, essa testagem a qual se referia Maria Lúcia existia nessa época, embora nesse momento não possa precisar qual era exatamente a prática.

Nas palavras da filha, a professora Gilda Tomatis contestava a emissão destes atestados por acreditar que nem todos aqueles que haviam recebido tal atestado realmente eram "incapazes de aprender a ler a e escrever", visto que ela já havia conseguido alfabetizar alguns destes alunos ditos "incapazes" (TOMATIS, Maria Lúcia, Entrevista, 15/10/2010).

No período entre os anos de 1968 e 1976, a professora Gilda Tomatis trabalhou intensamente na produção e divulgação da Cartilha "Ler a Jato", do Método Audiofonográfico de Alfabetização em 15 horas e dos demais materiais de alfabetização que foram produzidos por ela através da Editora Tomatis – Livros Didáticos. Após este período, a professora Gilda Tomatis devido a problemas de saúde e idade diminuiu seu ritmo de trabalho, deixando de viajar pelas cidades e estados brasileiros fazendo palestras e concentrando seu trabalho na administração da editora que se localizava em sua residência.

Figura 7 - Foto da professora Gilda de Freitas Tomatis aos 70 anos em POA/RS – s/d
Fonte: Acervo privado da pesquisadora

Gilda de Freitas Tomatis faleceu em 21 de novembro de 1996, aos 79 anos, em Porto Alegre/RS, cidade em que viveu durante grande parte da sua vida e onde construiu sua trajetória pessoal e profissional.

Para Denzin (1984, p. 32), "as pessoas comuns universalizam, através de suas vidas e de suas ações, a época histórica em que vivem". Porém, Ferrarotti (1988) complementa alegando que

> não se trata somente de valorizar o individual por compreender nele o social, mas demonstrar as dimensões das perspectivas individuais, nas quais as condicionantes sociais do grupo social próximo (restrito ou primário) formam espaços sociais concretos e ativos de mediação entre social e o individual (FERRAROTTI, 1988, p. 31).

O autor afirma ainda que é possível "ler uma sociedade através de uma biografia" (FERRAROTTI, 1988, p. 27). Embora aqui não se trate exatamente de uma biografia, apresentar aspectos biográficos da vida da professora Gilda Tomatis colabora para entender a sua proposta de alfabetização: de normalista à professora de Ciências Naturais, com alguma experiência de âmbito mais "doméstico" voltada

ao ensino dos chamados à época de excepcionais, à autora de uma proposta diferenciada de alfabetização nos anos 1960. A trajetória docente da professora e autora Gilda Tomatis evidencia alguns princípios de sua formação e suas concepções em relação à alfabetização e aos métodos de ensino.

No capítulo a seguir, apresento a Cartilha “Ler a Jato” e o “Método Audiofonográfico” de alfabetização em 15 horas e os demais materiais complementares de alfabetização também produzidos e publicados pela professora Gilda de Freitas Tomatis através da Editora Tomatis – Livros Didáticos. Este capítulo traz ainda um estudo comparativo entre a Cartilha “Ler a Jato” e o “Primeiro Guia de Leitura LER” produzido pelo Ministério da Educação e Saúde em 1947. Nele, estão as principais contribuições que esta investigação pretende dar ao campo da História da Alfabetização e dos Livros Escolares.

5. A CARTILHA LER A JATO E O MÉTODO AUDIOFONOGRÁFICO DE ALFABETIZAÇÃO

5.1. Cartilha Ler a Jato

Ler a Jato. Cartilha para crianças e adultos – Alfabetização em 15 horas. Assim é apresentada a cartilha criada pela professora Gilda de Freitas Tomatis, editada pela primeira vez em março de 1967.

Em relação à denominação "cartilha", Peres e Facin (2010, p. 154) retomam alguns termos usados para denominar esse tipo de livro escolar, como, por exemplo: *"carta*, *cartinha, cartilha, silabário, abecedário, livro para o ensino da leitura, livro de leitura, pré-livro, livro de alfabetização, livro didático*..." Esse suporte de ensino-aprendizagem da leitura e da escrita teve, ao longo do tempo, sempre o mesmo objetivo, qual seja, inserir crianças, jovens e adultos no universo da cultura escrita mesmo tendo sofrido alterações ao longo desse processo. Já para Cagliari (1999, p. 22), o nome "cartinha" ou "cartilha" tem a ver com "carta", no sentido de esquema, mapa de orientação.

A Cartilha "Ler a Jato" era considerada pela professora Gilda um material de orientação para o ensino e a aprendizagem da leitura e da escrita de professores e alunos. Para que a professora Gilda pudesse publicar a Cartilha "Ler a Jato", precisou criar a Editora Tomatis – Livros Didáticos, mecanismo necessário para a publicação do material. A professora decidiu, então, providenciar a documentação para criar sua própria editora e assim publicar seu material didático. Assim, a Editora Tomatis – Livros Didáticos foi criada no mesmo ano em que a Cartilha "Ler a Jato" foi lançada, em 1967[18].

A Editora Tomatis localizava-se na própria residência da professora Gilda em Porto Alegre/RS e como ela não dispunha dos equipamentos apropriados para fazer as impressões de suas obras, as impressões tanto da cartilha quanto dos

---

[18] Não disponho de registros que indiquem quanto tempo a editora permaneceu em funcionamento e em que ano a mesma foi extinta.

demais livros didáticos foram impressos por gráficas independentes que ofereciam as melhores condições e preços de mercado. Segundo a filha da autora, havia uma diferença de valores com relação ao tipo de papel utilizado em cada impressão (TOMATIS, Maria Lúcia, Entrevista, 15/10/2010).

Portanto, a primeira edição da Cartilha "Ler a Jato" foi impressa pela Gráfica Editora "A Nação S.A." em Porto Alegre/RS. Esta foi a primeira de várias outras obras didáticas produzidas e publicadas pela autora e sua editora.

Pelo fato de não ter sido localizado nenhum exemplar da primeira edição da Cartilha "Ler a Jato", e por ter uma fotocópia da 13ª edição que não se encontra em bom estado, optei por analisar neste estudo a cartilha que corresponde a 15ª edição, ou seja, a edição datada de 1986, que obtive por meio de doação da filha da autora. Essa edição da Cartilha "Ler a Jato" foi impressa pela Gráfica e Editora Santa Cecília. Em relação ao tamanho, ela mede 23,4cm x 15,7cm e possui trinta e cinco páginas; dessas, vinte e cinco referem-se às lições propriamente ditas e nas dez páginas restantes encontram-se as orientações referentes à sua utilização, dirigidas especificamente aos professores sob a nomenclatura de *Guia do Professor*.

Na carta enviada pela autora ao então Ministro da Educação, na década de 90, a professora menciona que a escolha do nome da cartilha foi em decorrência do seu trabalho com o método fonético articular, criado e assim denominado por ela, aliada ao reconhecimento dos pais que, ao verem seus filhos alfabetizados, teriam comentado com ela: "*Ele aprendeu a Jato*". Os comentários dos pais teriam influenciado a autora no momento da escolha do nome da Cartilha "Ler a Jato".

Nesse sentido, pode-se afirmar que a escolha do nome da cartilha também traz a representação (CHARTIER, R., 1990) de que através dela o indivíduo poderia aprender a ler e a escrever de forma muito rápida e fácil. De acordo com os critérios de avaliação do Parecer nº 392/68, emitido pelo Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais CPOE da SEC/RS, a escolha do título da obra "Ler a Jato", associado à ideia da alfabetização em 15 horas, teria sido apressada visto que, segundo o parecer emitido pelo CPOE, "não se tinha a preocupação de estipular um prazo mínimo para alfabetizar e mesmo que se pretenda, única e exclusivamente, o domínio da mecânica da leitura, o tempo é limitado" (RIO GRANDE DO SUL, SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA DO ESTADO. PARECER Nº 392 05/09/1968, p. 7).

Na capa da cartilha sobre um fundo azul escuro com uma pequena faixa verde na parte inferior, há uma ilustração em dois tons de amarelo, rosa, branco, preto, de três crianças (duas meninas e um menino no meio) caminhando enfileirados com seus livros na mão numa escala de ordem crescente. E à frente delas há um cachorrinho.

As primeiras duas crianças da fileira estão caminhando uma atrás da outra com os livros rosa e verde, abertos e lendo, enquanto que a última criança aparece erguendo o livro amarelo com o braço esquerdo. Acima das crianças há um avião, um pequeno jato em tom rosa com o contorno em preto, liberando uma fumaça em forma de esfera sobre as crianças. Ao lado do jato há um retângulo branco com a escrita da palavra “**Cartilha**” escrita em letra de imprensa em tom amarelo com o contorno em preto. Acima dessa ilustração encontra-se escrito em letras grandes de 2,5cm o nome da cartilha, “**Ler a Jato**”, também em tom amarelo e com o contorno preto. As cores presentes na capa da cartilha possivelmente remetam às cores da bandeira brasileira, exceto o tom rosa.

Figura 8 – Reprodução da capa da Cartilha “Ler a Jato”, 15ª ed., 1986
Fonte: Acervo privado da pesquisadora

Batista (2009, p. 58) reconhece que, ao longo dos anos de 1960 e 1970, ocorreram acentuadas modificações na produção dos manuais escolares nacionais. Alguns sinais mais visíveis das transformações foram as mudanças ocorridas em relação ao formato físico de seus suportes que, de “21 x 14cm, passou a 27 x 21cm”, e o aspecto visual das capas que, de austeras e rígidas, passaram a oferecer um visual mais direcionado ao público escolar, com encadernações feitas a partir de processos mecânicos, a qualidade do papel se elevou, assim como a qualidade das impressões que acabaram incorporando novos padrões de cores, ilustrações e imagens (BATISTA, 2009, p. 58).

O crédito da ilustração da cartilha é concedido no verso da folha de rosto à Lourdes Terezinha Comparsi, embora a filha da professora, Maria Lúcia Tomatis, tenha afirmado de forma contundente em sua entrevista que os desenhos da capa teriam sido feitos na verdade por sua mãe, Gilda de Freitas Tomatis.

> A capa foi ela [professora Gilda] quem desenhou. Bem carinha de Mobral. Algo a ver com o Brasil. Ela gostava de todos os detalhes perfeitos. Mas ela é que desenhou os três bonequinhos com o livro na mão e um cachorrinho e esse jato com o nome Ler a Jato [...] tinha idéia de que ele ficasse dando voltas. Tudo isso ela desenhou. O que a Lourdes Comparsi, fez foi dar um jeito para que o desenho fosse aproveitado. Para que a gráfica pudesse utilizar na impressão [...] (TOMATIS, Maria Lúcia, Entrevista, 15/10/2010).

Percebe-se aqui uma clara contradição entre o que revelam os documentos e o que a filha da autora da cartilha “Ler a Jato”, destaca em seu relato oral. De acordo com Catani e Vicentini (2004, p. 271)

> Quando os sujeitos se voltam para o passado, eles não só sofrem à influencia do distanciamento temporal que em todo o processo memorialístico, apagando determinadas experiências e intensificando outras, mas também operam uma seleção, ao escolher os fatos considerados dignos de serem divulgados e ao privilegiar determinados aspectos em detrimento de outros, em busca de dar um sentido ao relato da própria vivencia.

Nesse sentido, a filha da professora Gilda busca demonstrar em seu relato o quanto a mãe se empenhava para que tudo transcorresse da forma com que ela desejava para o obter êxitos na produção da sua cartilha “Ler a Jato”.

Fica evidente ainda que, por meio de alguns aspectos gráficos, a professora Gilda Tomatis buscava vincular o seu material de alfabetização às propostas e às campanhas educacionais da época, como no caso o Movimento Brasileiro de Alfabetização – Mobral –, criado pela Lei n° 5.379, de 15 de dezembro de 1967.

Romanelli (1991) destaca que, no período da ditadura militar, as campanhas instauradas pelo governo se utilizavam de algumas frases patrióticas e de forte impacto para convencer a população da importância das campanhas de alfabetização para o país, estimulando-os a aderirem a elas, já que o crescimento econômico do país estava atrelado ao fim do analfabetismo e a um povo instruído.

> Dentro do espírito dos "slogans" propostos pelo governo, como "Brasil grande", "ame-o ou deixe-o", "milagre econômico", etc., planejava-se fazer com que a educação contribuísse, de forma decisiva, para o aumento da produção brasileira. (ROMANELLI 1991, p.64).

Para Benito (1997, p. 28 apud FRADE, 2010c, p. 175), a forma com que os livros didáticos são organizados em termos de “página, composição, edição, encadernação, tipográfica e ilustrações”, muitas vezes tão peculiar, refletem a identidade do livro. Segundo o autor, desde o século XIX, havia uma acentuada preocupação com os aspectos físicos e gráficos dos livros escolares e um movimento importante que influenciou vários aspectos relativos à educação, incluindo os livros didáticos foi o movimento higienista (BENITO, 1997, p. 28 apud FRADE, 2010c, p. 175). Sobre este assunto, Frade (2010c, p. 175) declara que, em relação aos livros escolares, “esse movimento estabeleceu algumas regras sobre a gramatura do papel, a cor da folha, a qualidade e o tamanho dos tipos, a impressão e o tamanho das margens e mesmo o “gosto artístico” das imagens”.

Nesse sentido, em relação aos aspectos citados acima, o Parecer Nº 392/68 emitido pelo CPOE da SEC/RS com a avaliação sobre a Cartilha “Ler a Jato”, destacou que o material produzido tinha uma

> [...] boa apresentação; <u>encadernação</u>: capa cartonada, com ilustrações sugestivas e dorso pouco resistente; <u>higiene:</u> bom tamanho do livro, cor aceitável de papel, espaçamento adequado de linha e entrelinhas; t<u>ipo</u>: impressão nítida, diversidade na apresentação do tipo de letra; <u>estética</u>: caracteres bem distribuídos, marginação adequada, inobservância de uma distribuição harmoniosa da matéria nas páginas; <u>ilustrações</u>: de tamanho muito reduzido, bem situadas, sem atratividade, sem colorido, pouco nítidas (RIO GRANDE DO SUL, SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA DO ESTADO. PARECER CPOE Nº 392 05/09/1968, p. 1/2).

Na folha de rosto, além do nome da Cartilha “Ler a Jato”, encontram-se em caixa alta e em letras pretas: “*CARTILHA PARA CRIANÇAS E ADULTOS – ALFABETIZAÇÃO EM 15 HORAS”.* Logo abaixo, centralizado na página, consta o nome completo da autora do livro, também escrita em caixa alta e em negrito, seguido de informações acerca da formação profissional e acadêmica da professora, bem como do número, de edição e o ano de publicação da cartilha em questão (15ª/1986) e dados da Editora Tomatis, endereço e telefones para contato.

As folhas internas que compõem o livro são de papel sulfite, há uma página de agradecimentos, na qual a autora passa a listar o nome das colegas, Técnicas em Educação, como Ada Vaz Cabeda, Carolina Carvalho, Dalva da Rosa Dupuy, Lourdes Terezinha Comparsi, Maria Josefa Pisacco Motta e Nancy Palmeiro Mariante pela colaboração em seu projeto que contava “com algumas voluntárias que também tinham o desejo de contribuir e participar de alguma forma da Campanha Nacional de Alfabetização do Governo”. Alguns dos nomes citados acima atuaram no CPOE entre os anos 40 até os anos 70 (PERES, 2000).

A autora também registrou na cartilha os agradecimentos a algumas instituições e órgãos da imprensa como o jornal Folha da Tarde, a Rádio Guaíba e a TV Piratini que teriam divulgado os resultados positivos deste processo de alfabetização, e assim teriam influenciado para que a publicação do material fosse antecipada, bem como os dirigentes da Gráfica e Editora A Nação S.A. que também contribuíram, segundo ela, para que a cartilha fosse impressa a tempo do início do ano letivo.

Verifica-se que a própria cartilha traz “indícios” (GINZBURG, 2007) de como teriam sido os primeiros passos da divulgação do material envolvendo assim o “circuito das comunicações” de Darnton (1995), uma vez que o material revela quais os meios e mídias utilizadas pela professora Gilda no processo de divulgação de seu material para o ensino da leitura e da escrita. Em relação a este aspecto, a filha da autora mencionou que *“[...] cada vez que ela [professora Gilda] aparecia na TV, no rádio ou nos jornais aumentavam os pedidos para a editora, o que era muito bom e servia para divulgar*” (TOMATIS, Maria Lúcia, Entrevistada, 15/10/2010).

Outro aspecto importante que se destaca no final do verso da folha de rosto da Cartilha “Ler a Jato” é a inscrição da frase na qual a professora Gilda Tomatis informa os direitos autorais da cartilha eram de exclusividade da autora. Para

Chartier, R. (1998, p. 32), autor é “aquele cujo nome próprio dá identidade e autoridade ao texto”. Neste caso, a professora Gilda fez questão de deixar este registro no material para dar “identidade e autoridade” à sua obra, como destaca Chartier, R. (1998, p. 32), sendo assim reconhecida e relacionada a ela; e provavelmente por ter disponibilizado recursos financeiros próprios para além de ter criado a Editora Tomatis - Livros Didáticos.

A reportagem do Jornal de Folha da Tarde de 27 de dezembro de 1966 divulgou que a professora Gilda Tomatis utilizou uma cartilha do Ministério de Educação e Cultura, com algumas modificações (provavelmente o Primeiro Guia de Leitura LER), na elaboração de sua cartilha cujo título era “Ler a Jato”. A mesma reportagem ainda destacou que a professora Gilda pretendia editar a cartilha criada por ela, mas que, em razão de dois problemas, um de ordem financeira e o outro de ordem técnica, ela estava tendo dificuldades de publicá-la, já que a cartilha não se adaptava a todas as normas preconizadas pelos setores educacionais do Estado. (JORNAL DE FOLHA DA TARDE, 27/12/1968).

Na contracapa da Cartilha “Ler a Jato”, sob um fundo branco, novamente aparece o nome da editora e logo abaixo o nome completo da autora, em caixa alta e em letras pretas. No centro da contracapa, em letras menores, há ainda uma listagem com os nomes todos os materiais que foram produzidos pela autora. E mais abaixo, há informações relativas ao endereço da editora e dois números telefônicos para contato que se repetem como que se encontram na folha de rosto do livro.

EDITÔRA TOMATIS
GILDA DE FREITAS TOMATIS

LIVROS DIDÁTICOS

PUBLICAÇÕES

— Cartilha Ler a Jato - alfabetização em 15 horas
— Caderno - 1.º ano - Complemento da Cartilha
— Escrevendo a Jato - Exercícios de Linguagem, 1.º e 2.º ano
— Matemática - 1.º ano

Rua Jerônimo Coelho, 44 - conj. 801 - Fone: 24-9828
Pôrto Alegre - RS - Brasil

LITO. FABRIL R. GOMES JARDIM, 165 - P. ALEGRE

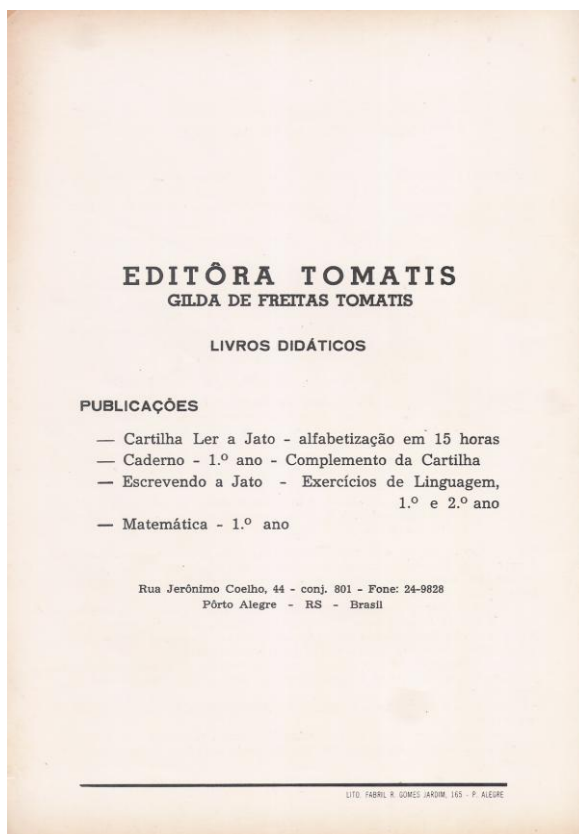



Figura 9 – Reprodução da contracapa da Cartilha “Ler a Jato”, 15ª ed., 1986
Fonte: Acervo privado da pesquisadora

Dados referentes à trajetória editorial da Cartilha “Ler a Jato” e sua respectiva tiragem foram encontrados na reportagem do Jornal do Brasil datado de 10 de maio de 1968. Essa fonte evidenciou que em razão do sucesso, que a professora Gilda Tomatis vinha obtendo na aplicação deste método junto aos seus alunos, a autora havia decidido popularizar seu método, editando a Cartilha “Ler a Jato” (JORNAL DO BRASIL, 10/041968).

Em termos de tiragem da cartilha, a reportagem revelou que no lançamento da Cartilha “Ler a Jato”, em março de 1967, haviam sido postos à venda os primeiros cinco mil volumes da cartilha e após o término daquele mês, outros cinco mil exemplares foram reeditados e repostos (JORNAL DO BRASIL, 10/041968).

Sobre isso, a reportagem destacou o seguinte:

> Com menos de trinta dias, a cartilha “**Ler a Jato”** é um sucesso editorial, pois se encontram no prelo mais de 20 mil volumes, que se somarão aos outros 20 mil já esgotados. Com medo de empatar dinheiro em sua cartilha, a professora Gilda mandou primeiramente imprimir cinco mil exemplares, que se esgotaram em um mês (JORNAL DO BRASIL, 10/05/1968).

As informações divulgadas sobre a tiragem da Cartilha “Ler a Jato” no Jornal do Brasil, em 10 de maio de 1968, evidenciam que, em vez de quarenta mil exemplares que a professora Gilda Tomatis pretendia editar, ela pode ter publicado e comercializado um número muito maior de exemplares da cartilha se levarmos em conta que a “Ler a Jato” foi reeditada pelo menos quinze vezes entre o período de 1967 e 1986. Obviamente há aqui um limite das fontes, uma vez que esse dado não aparece em outra documentação da pesquisa, sequer nos próprios exemplares da cartilha. Assim, o único dado possível que revela uma provável tiragem da primeira edição é o da reportagem do jornal.

Ainda de acordo com a reportagem do Jornal do Brasil, acima mencionada, a cartilha, nessa época, já circulava fora do estado gaúcho, sendo distribuída por todo o país como, por exemplo, nos estados da Guanabara, de São Paulo e do Ceará. Nessa mesma reportagem do Jornal do Brasil, há um destaque à frase da professora Gilda Tomatis na qual ela revela algumas “pistas” (GINZBRUG, 2007) sobre quem revendda as cartilhas fora do estado do RS, bem como de que forma eram vendidas, especialmente para algumas escolas particulares. Tendo assim dito ao Jornal do Brasil:

> Tenho revendedores fora do Estado, de modo que não sei quem compra as cartilhas. As vendidas são avulsas, às vezes em grupos de 20 ou 30, por isso acho que algumas escolas particulares devem estar adotando a Ler a Jato (TOMATIS Gilda - JORNAL DO BRASIL, 10/05/1968).

Para Batista (1999, p. 529/530), o livro didático geralmente “[...] é produzido em grandes tiragens e em encadernações, na maior parte das vezes, de pouca qualidade, deteriora-se rapidamente e boa parte de sua circulação se realiza fora do espaço das grandes livrarias e bibliotecas”.

Maria Lúcia afirmou ainda que mãe recebia muitos pedidos de encomenda e de compra por cartas e por telefone da Cartilha “Ler a Jato” e dos demais livros sobre alfabetização produzidos por ela. Muitas vezes essas encomendas, segundo a filha, eram despachadas e encaminhadas a seus destinatários pelo correio (TOMATIS, Maria Lúcia, Entrevista, 15/10/2010). O envio de exemplares não parece ter sido apenas uma estratégia da professora Gilda na distribuição de seus livros.

Hallewell (1985, p. 504) destaca que “o uso do correio em larga escala veio a tornar-se uma possibilidade prática com a introdução, pela empresa postal

brasileira, do sistema de reembolso postal em 1º de janeiro de 1933". Porém, foi só no ano de 1976, após uma "reformulação em relação ao despacho de objetos que em menos de seis meses, os livros respondiam por 40% do serviço, em volume de transações, e por 30% em valor" (HALLEWELL, 1985, p. 505).

Em relação aos desenhos internos da Cartilha "Ler a Jato", o livro apresenta vinte e sete imagens em preto e branco. Porém, o número total de imagens que aparecem nas páginas da cartilha sempre ao lado superior esquerdo de cada página totaliza cinquenta e uma imagens, pois algumas se repetem à medida que as lições são retomadas e revisadas pela autora. Como é o caso das imagens que fazem referência ao ensino das palavras trabalhadas com as vogais, como **a**sa, **e**ma, **i**lha, **o**vo e **u**va que aparecem duas vezes, bem como a imagem do **d**edo que trabalha com a consoante "**d**". Já as imagens referentes ao ensino das consoantes que envolvem as palavras **l**ua, **b**ola, **t**atu, **v**ela, **n**abo e **p**ato aparecem quatro vezes ao longo de toda a cartilha. E as imagens referentes às palavras **m**apa, **r**ato, **V**ivi, **L**alá, **s**apo, **g**alo, **j**arra, cabe**ç**a, **qu**ero-**qu**ero, **f**avo, **z**ebu, **ch**aleira, **x**ícara, li**nh**a e o**lh**o aparecem apenas uma vez. Para Bittencourt (2008, p. 203), "ao reforçar o uso das imagens nos livros escolares, pretendia-se desenvolver a inteligência da criança e sua 'capacidade de memorização'". "A memorização era a tônica do processo de aprendizado e era esta a principal capacidade exigida dos alunos para o sucesso escolar" (BITTENCOURT, 2008, p.203).

Na entrevista, a filha da professora destacou ainda que em relação às ilustrações a mãe havia optado por inserir as imagens em preto e branco pensando que crianças fossem gostar de colorir a cartilha; no entanto, nem todos gostaram do material justamente por não ser colorido, bonito e atraente, referindo-se provavelmente ao setor técnico do CPOE (TOMATIS, Maria Lúcia, Entrevista, 15/10/2010).

A professora Gilda explorava na cartilha imagens que envolvem diversas figuras relacionadas às palavras-chave ou "palavras tema", como definiu o Parecer nº 392/68 do CPOE, utilizadas nas lições, como, por exemplo: dez figuras de animais ou parte deles, (asa, ema, tatu, pato, rato, sapo, galo, quero-quero, zebu - este último para denominar a imagem semelhante ao um boi ou touro); um produto produzido por animais (favo); cinco objetos de uso cotidiano (vela, jarra, chaleira, xícara, linha); três tipos de alimentos (ovo, uva, nabo); três de partes do corpo humano (dedo, cabeça, olho); dois brinquedos (bola, boneca); um nome próprio

(Vivi); um de material escolar (mapa); um lugar (ilha); um satélite natural da terra (lua).

Os desenhos utilizados pela professora Gilda Tomatis são objetos de uso cotidiano, brinquedos, pessoas, alimentos, entre outros. Considerando as ilustrações, pode-se dizer que a cartilha parece se destinar mais as crianças do que aos adultos, uma vez que em geral, nas cartilhas, “as personagens e ações retratadas nas ilustrações [...] são relacionadas ao mundo infantil, a começar pela capa na qual os alunos são representados por figuras de crianças” (BERTOLETTI, 2006, p. 28). De acordo com Batista (1999, p. 529), o livro didático é “voltado para o mercado escolar especifico, destinado a um público em geral infantil”, estando praticamente em todos os níveis de escolarização de um indivíduo.

Na página três da cartilha, a autora apresenta a primeira lição referente ao ensino das vogais. Esta página aparece dividida em cinco partes. Em cada uma dessas cinco divisões, visualiza-se inicialmente a imagens em preto e branco da palavra-chave, ao lado encontra-se a escrita da palavra que a imagem representa e as respectivas vogais escritas duas vezes, uma em letra de imprensa e outra em itálica.

asa a *a*

ema e *e*

ilha i *i*

ovo o *o*

uva u *u*

3

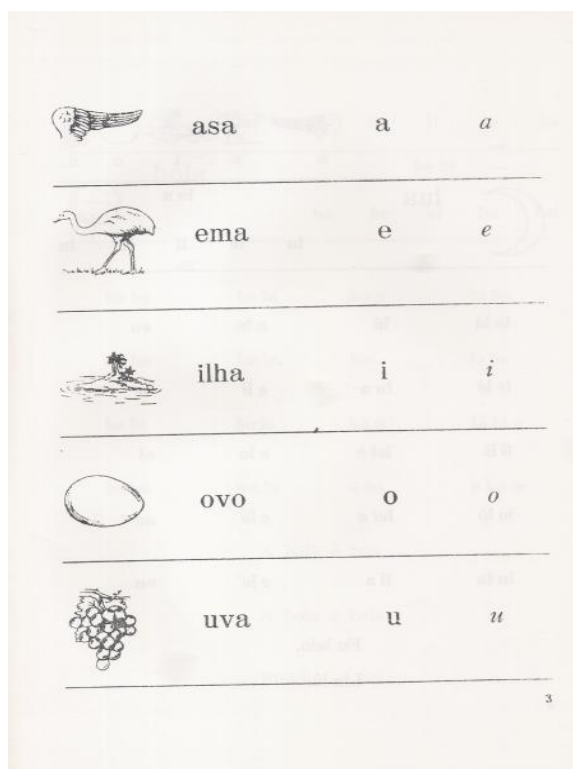



Figura 10 – Reprodução da 1ª Lição da cartilha “Ler a Jato”, 15ª ed., 1986
Fonte: Acervo privado da pesquisadora

Sobre as lições, a Cartilha “Ler a Jato” é composta por vinte e duas lições distribuídas ao longo das vinte e cinco páginas da cartilha. Cada lição ocupa em média uma página, exceto para as lições referentes à 14ª, 15ª, 16ª, 19ª e à 22ª lição, nas quais a autora divide a página em duas partes e trabalha com duas lições que ao mesmo tempo que se assemelham e se complementam. Como é o caso das lições que envolvem a grafia das letras “g e j”; “ç”, “s”, “c” e “q”; “ch e x”, que segundo o parecer do setor técnico do CPOE a:

> “analogia é aceitável do ponto de visto fonético e contra-indicado na apresentação da escrita, porque conduziria a insegurança ortográfica”, principalmente da forma com que essa atividade apresentada na cartilha. (RIO GRANDE DO SUL, SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA DO ESTADO. PARECER CPOE Nº 392/68, p. 9).

Em relação ao número de lições apresentadas na cartilha, o Parecer Nº 392/68 (1968, p. 6) do CPOE destaca que “o número de lições é muito aquém do estipulado na confecção de um pré-livro, tem um conglomerado de palavras sem unidade lógicas entre si que vai desde a página 8 até a página 27” da cartilha “Ler a Jato”, além disso, o trabalho com dois sons básicos na mesma página como a lição do “**g**alo” e da “**j**arra”, “cabe**ç**a” e “**qu**ero-quero”, “**ch**aleira e **x**ícara”. Isso, segundo o parecer, evidência um acúmulo de dificuldades apresentadas de uma só vez, bem como a combinação da consoante “r” com o dígrafo “rr”” (RIO GRANDE DO SUL, SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA DO ESTADO. PARECER CPOE Nº 392/68, p. 7).

A cartilha utiliza sempre o mesmo tipo de letra ao longo de todo o material que é a letra “*script*”. Em termos de sequência, a cartilha apresenta-se dividida em lições. As lições estão distribuídas em aulas, assim denominadas pela autora.

A primeira aula trata do estudo das vogais (**a**sa, **e**ma, **i**lha, **o**vo, **u**va); a segunda aula, a lição da **L**ua (la le li lo lu) e assim por diante. A terceira aula: **B**ola (ba be bi bo bu); a quarta aula: **T**atu (ta te ti to tu); a quinta aula: **V**ela (va ve vi vo vu); a sexta aula: **N**abo (na ne ni no nu); a sétima aula: **P**ato (pa pe pi po pu). Na oitava aula, a autora sugere uma atividade de revisão, de forma a retomar todas as lições e palavras estudadas até o momento. Em relação à atividade de “revisão das lições” proposta pela autora, o parecer do CPOE faz a seguinte observação:

> Revisão [correspondente a p. 12 da cartilha] pura de elementos– leitura de palavras e sílabas isoladas, destituídas de unidade de

> sentido, de interrelação entre si. Medida de dificuldade que não foi até o momento estudada: palavras com sílabas terminadas em “l”. Embora represente uma estrutura mais evoluída no processo de leitura [correspondente a p. 16 da cartilha] frases correlacionadas pela significação – a revisão é deficiente no sentido de medir as dificuldades até então trabalhadas. Outros instrumentos de avaliação, vivos e dinâmicos, que digam do rendimento da aprendizagem, não são absolutamente, empregados (RIO GRANDE DO SUL, SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA DO ESTADO. PARECER CPOE Nº 392/68, p. 6/7)

Na nona aula retoma-se a lição do **D**edo (da de di do du); na décima lição: **M**apa (ma me mi mo mu); na décima primeira aula: **R**ato (ra re ri ro ru); na décima segunda aula: **V**ivi e **L**alá (nessa lição, a autora divide a página em cinco partes por uma linha e explora um conjunto de sete frases relacionadas a menina Vivi e sua boneca Lalá, como por exemplo: Vivi nana Lalá./Vivi vai à vila./Lalá não vai à vila./ Vivi dá leite a Lalá./Lalá é boa e bonita./Vivi vai ver vovó./Ela não leva Lalá.

A décima terceira aula segue com a aula do **S**apo (sa se si so su); a décima quarta aula: **G**alo (ga gue gui go gu) para este caso, a autora trabalha tanto com a letra “g” quanto com o “gu”. Na décima quinta aula: Jarra (já je ji jo ju e ge gi), nesta lição, a autora trabalha com a letra “j”, o dígrafo “rr” e com a letra “g”. Na décima sexta aula: Cabe**ç**a e **Qu**ero-**qu**ero (ça ce ci ço çu / sa se si so su / ca que qui co cu / qua quo), nesta lição a autora trabalha com as letras “ç”, “s”, “c” e “q”.

A décima sétima aula: **F**avo (fa fe fi fo fu); a décima oitavo aula: **Z**ebu (za ze zi zo zu); a décima nona aula: **Ch**aleira e a **X**ícara (cha che chi cho chu / xa xe xi xo xu), na vigésima aula: Li**nh**a (nha nhe nhi nho nhu); a vigésima primeira aula: O**lh**o (lha lhe lhi lho lhu) e a vigésima segunda aula: Revisão (a autora novamente sugere que esta lição englobe o trabalho com palavras referentes aos encontros consonantais (bl/br/cl/cr/dr/fl/fr/gl/gr/pr/pl/tr/vr). Sobre o conteúdo gramatical e os textos, a cartilha inicia com o estudo das vogais, em seguida passa para o estudo das palavras divididas por lições.

As palavras-chave trabalhadas em cada uma das lições aparecem duplicadas. Uma escrita ao lado da imagem em negrito e a outra, ao lado, escrita separada em sílabas Em termos de estrutura, a cartilha mantém sempre a mesma apresentação.

Cada lição retoma inicialmente a imagem, a palavra e a família silábica correspondente à lição trabalhada anteriormente. Depois, dividida por uma linha, apresenta a lição atual com a imagem e as palavras-chave, a família silábica

correspondente à lição estudada e as colunas com as palavras combinatórias. A autora finaliza cada lição com algumas frases que compõem um pequeno texto.

lua la le li lo lu

bola

bo la

ba be bi bo bu

ba ba be la bo a lo bo

ba bo bu le boi lo ba

be bí bo lo ba ú lá bi o

bo bo bu la a ba a ba la

A bola é boa.

A bola é bela.

Bilu leva a bola.

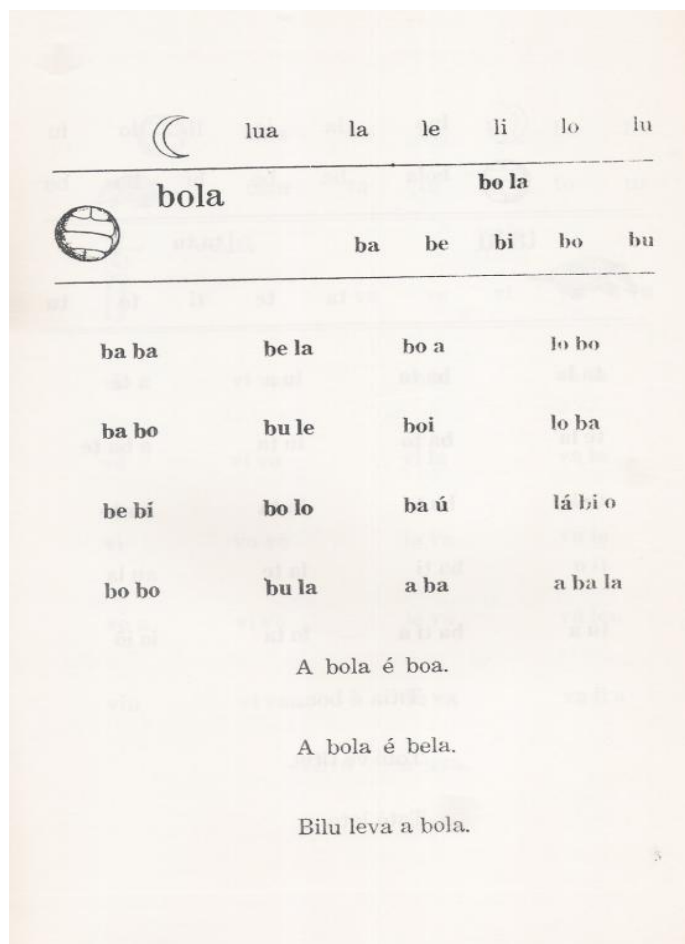



Figura 11 – Reprodução da 3ª Lição da cartilha “Ler a Jato”, 15ª ed., 1986
Fonte: Acervo privado da pesquisadora

As palavras aparecem quase sempre com o espaço entre as sílabas. Os textos em geral são curtos e vinculados às lições, exceto no caso das revisões e das lições do “galo, jarra, cabeça, quero-quero e xícara”, que não apresentam textos em suas lições.

Na décima segunda lição ou aula, a autora não apresenta sílabas ou palavras, apenas a historinha que envolve as personagens da Vivi e da Lalá.

Vivi Lalá

Vivi nana Lalá

Vivi vai à vila.

Lalá não vai à vila.

Vivi dá leite a Lalá.

Lalá é boa e bonita.

Vivi vai ver vovó.

Ela não leva Lalá.

14

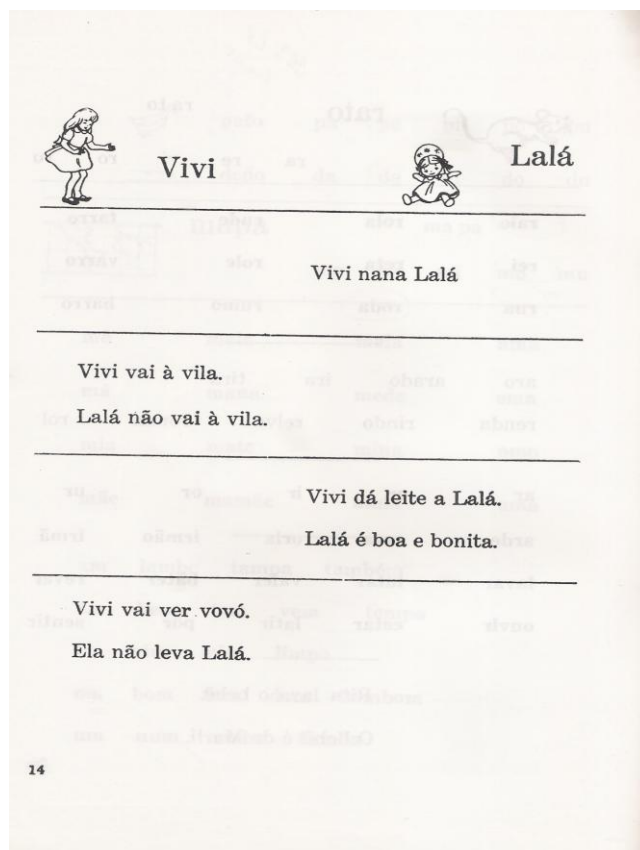



Figura 12 - Reprodução da 12ª Lição da cartilha “Ler a Jato”, 15ª ed, 1986
Fonte: Acervo privado da pesquisadora

Um texto curto que apresenta em média sete frases: Vivi nana Lalá. / Vivi vai à vila. / Lalá não vai à vila. / Vivi dá leite a Lalá./ Lalá é boa e bonita. / Vivi vai ver vovó. / Ela não leva Lalá.

Sobre as características desse tipo de texto trabalhadas nas cartilhas, Amâncio (2002, p. 40) destaca:

> há um excesso de repetições; as construções não são as melhores – pobres, sem nexo, sem coesão, sem unidade temática; o vocabulário é limitado, além de incorrer numa série de impropriedades. O resultado é uma criança escritora de frases parecida com as da cartilha e leitora de letras e sílabas. A criança imita os modelos da cartilha, não escreve o que sabe sobre a linguagem, mas o que ficou marcado pelos treinamentos a que se submeteu nesta fase.

A partir deste contexto percebe-se que “as seleções dos textos”, foram “elaboradas aleatoriamente para preencher as necessidades de ensino dos fonemas/grafemas sequenciados” e para focar a fixação do conteúdo específico voltado para o trabalho com as consoantes “v” e “l (BRAGGIO, 1992, p. 13).

Nas demais lições apresentadas na Cartilha “Ler a Jato” encontram-se outros textos curtos que também trabalham com praticamente a mesma estrutura de frases como: Eu leio. / Lia lê. / A bola é boa. / A bola é bela. / Bilu leva a boa. / Vovó vê a uva. / Vovô viu o ovo. Frases que também chamaram a atenção do setor técnico, a ponto de constar no Parecer (Nº 392/68) que “estudos científicos já haviam comprovado que experiências relativas à percepção e a memória dificultariam na percepção em razão da apresentação deliberamente repetitiva do elemento linguístico bem como da dificuldade de fixação” (RIO GRANDE DO SUL, SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA DO ESTADO. PARECER CPOE Nº 392/68, p. 5).

Rizzo (1986, p. 13) salienta que os métodos fonéticos apresentavam

> pequenas frases, a partir da 2ª ou 3ª folha para que os alunos desenvolvam gradativamente habilidades de leitura mais complexa. Este recurso visa habituar o aluno a extrair o conteúdo significativo da palavra lida, e superar uma deficiência ainda comum no método.

Para Amâncio (2002, p. 39), a estrutura desse tipo de histórias “não permite o desenvolvimento pleno de personagens, tramas e temas”. Sobre as atividades e exercícios propostos pela Cartilha “Ler a Jato”, o parecer minuciosamente destacou:

> Fixar a aprendizagem significa torná-la permanente, duradoura, através de atividades sistemáticas de aplicação ou utilização do que foi aprendido. São necessários, portanto, atividades ou exercícios de fixação em que as crianças reajam integralmente, adquirindo o domínio especifico de uma técnica de trabalho. Enquadram-se nesse conceito os exercícios de leitura incidental sugeridos à página 30 e os de complementação de palavras registradas na pág. 32, alias os únicos aconselhados no livro (RIO GRANDE DO SUL, SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA DO ESTADO. PARECER CPOE Nº 392/68, p. 6).

Segundo Cardoso (2011, p. 184), “tradicionalmente as cartilhas de alfabetização propunham um trabalho com linguagem voltado mais para os seus aspectos de forma do que de conteúdo”. Nesse sentido, a autora destaca ainda que

> e apenas do ponto de vista de processos que se dão ao longo do tempo, a alfabetização se constitui pré-requisito fundamental ao ensino do Português e, portanto, um processo instrumental. O uso desses termos não significa, porém, que do ponto de vista pedagógico a criança necessite primeiro se apropriar do “código” escrito para depois

> escrever textos significativos, pelo contrário, atualmente está claro que o processo de aquisição da tecnologia da escrita (alfabetização) é mais bem sucedido se trabalhado, conjuntamente, com o processo de desenvolvimento das capacidades de uso dessa língua (letramento) (CARDOSO, 2011, p. 184).

No Parecer (Nº 392/68, p. 4) do CPOE, há um destaque para as palavras: "tala, vala, abala, lota, ente, ira, zênite[19], drilo[20], drupa[21], gleba[22], glifo[23], trunca[24]" que são apresentadas na Cartilha "Ler a Jato" e trabalhadas pela professora Gilda Tomatis, mas consideradas pelo parecer do CPOE como "estranhas ao vocabulário e a experiência" dos alunos. Segundo esse documento, ao serem levadas a exercitar todas as combinações de cada uma das vogais, aliada ao uso isolado de formas verbais flexionadas em todas as páginas da cartilha isso "retardaria o desenvolvimento da compreensão do que se lê" (RIO GRANDE DO SUL, SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA DO ESTADO. PARECER CPOE Nº 392/68, p. 4).

Para Cardoso (2011, p. 92), "[...] a presença de um vocabulário conhecido dos alunos pode ser defendida como um elemento favorável à alfabetização, no entanto, isso se configura insuficiente para garantir a aprendizagem da leitura e da escrita: é necessário ampliar os horizontes [...]".

A professora Gilda Tomatis denominou seu método de alfabetização como "método fonético articular que parte de uma palavra básica para introduzir fonemas, apoiada na posição assumida pelos órgãos fonadores ao emitirem o som". Em relação a este tópico, o Parecer (Nº 392/68) do CPOE definiu:

---

[19] Segundo o Dicionário Michaelis (1998) ***zênite*** significa *[fig]* o ponto mais elevado que se pode atingir; auge, fastígio.

[20] Segundo o Dicionário Michaelis (1998) ***drilo*** significa *sm* (*gr drîlos*). *Ornit* Ponta inferior da maxila das aves. *Entom* Gênero (*Drilus*) de besouros que apresentam a notável particularidade de as fêmeas nunca adquirirem a forma adulta, conservando sempre o aspecto de larva; são insetos destruidores de caramujos, que não ocorrem nas Américas.

[21] Segundo o Dicionário Michaelis (1998) ***drupa*** significa *sf* (*lat druppa*) *Bot* Fruto indeiscente, como a cereja, a ameixa, coco, o pêssego etc. Consiste em um epicarpo fino como uma pele, um mesocarpo comumente polposo e suculento e um endocarpo lenhoso, duro, o caroço, o qual, em geral, contém uma só semente.

[22] Segundo o Dicionário Michaelis (1998) ***gleba*** significa terreno de cultura; qualquer porção de terra.

[23] Segundo o Dicionário Michaelis (1998) ***glifo*** significa *elem comp* (*gr glifo*) é uma figura que dá um tipo de característica particular a um símbolo específico que indica a idéia de impressão, marca: *glifografia.*

[24] Segundo o Dicionário Michaelis (1998) ***trunca*** significa lat (truncare) vtd cortar, picar, separar (membros) do tronco.

> Em realidade, o desdobramento do método prevê, em cada lição, o domínio de um vocábulo tema e sua imediata análise estrutural com enfoque fonético. É, portanto, analítico-sintético com processuação eclética. Válida seria a classificação de fonético se fosse usado o som isolado como referência inicial para a aprendizagem da leitura. (RIO GRANDE DO SUL, SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA DO ESTADO. PARECER Nº 392/68, p. 2).

Em relação aos aspectos descritivos da formação dos sons dos fonemas: n – d – s – r – g – p – c – ç – m – nh – lh, o parecer do CPOE é objetivo: “nota-se que, por diversas vezes, a descrição não atenta para a realidade fonética” (RIO GRANDE DO SUL, SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA DO ESTADO. PARECER CPOE Nº 392/68, p. 3). Além disso, o documento ainda segue destacando o seguinte:

> Os recursos são remotos; não encontram correspondência na psicologia infantil. As crianças devem aprender em situação natural, lendo, brincando, vivendo o momento ensino-aprendizagem (PARECER CPOE Nº 392/68, p. 3).

Para os técnicos do setor do CPOE, o material produzido pela autora não apresentava embasamento científico para sustentar tal argumento, de que o método se baseava inteiramente nos aspectos da fonética (RIO GRANDE DO SUL, SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA DO ESTADO. PARECER CPOE Nº 392/68, p. 3). O parecer do CPOE ainda rebatia algumas afirmações da autora, conforme podemos constatar a seguir:

> Alfabetização, não é, portanto, segundo depreende-se das palavras da autora, uma finalidade por si própria, mas “um meio para aquisição daquelas habilidades fundamentais, através das quais a educação pode se desenvolver e crescer como um processo continuo e auto-renovardor” (RIO GRANDE DO SUL, SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA DO ESTADO. PARECER CPOE Nº 392/68, p. 8).

Nesse sentido, observou-se que antes da divulgação do Parecer da SEC/RS, no qual consta a citação acima, a professora Gilda vinha afirmando em algumas reportagens que a proposta de alfabetização criada por ela era um “método de alfabetização de grande simplicidade e genuinamente brasileiro”, “que havia surgido de forma espontânea”, “era um sistema tão simples de alfabetização que nem merecia ser classificação de método” (JORNAL FOLHA DA TARDE, 27/12/1966; JORNAL CORREIO BRASILIENSE, 22/02/1968 e 23/02/1968a). Após

essa declaração feita por escrito registrado pelo setor técnico da SEC/RS no parecer (Nº 392/68), a professora parece ter reavaliado a forma de se expressar em relação à criação do seu método de alfabetização, já que depois da emissão desse parecer da SEC/RS não se identificou mais nas reportagens declarações dessa natureza, ao contrário, a autora da Cartilha “Ler a Jato” passou a mencionar a criação da cartilha e do método fonético havia se baseado em seus largos anos de atuação no exercícios do magistério e como técnica em educação, sendo a publicação desse material reflexo de sua experiência como educadora (TOMATIS, Gilda - CARTA ENVIADA AO MINISTRO CHIARELLI, 27/04/1990, p.2)

Nesse sentido, para o setor técnico do CPOE estaria faltando à Cartilha “Ler a Jato”, “o aspecto de unidade temática, vitalidade, dinamismo e originalidade, o assunto apresentado no material estaria em desacordo com a psicologia infantil, além de ter um vocabulário totalmente isento de força motivadora” (RIO GRANDE DO SUL, SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA DO ESTADO. PARECER CPOE Nº 392/68, p. 8).

Em relação à originalidade da Cartilha “Ler a Jato”, o parecer do CPOE é incisivo:

> Respeitando o valor que a autora, do livro em apreço descobriu no processo adotado, enfatizando “a posição que tomam os órgãos vocálicos ao emitirem o som”, registra-se uma certa analogia na seleção apresentação e distribuição de palavras do “Ler a Jato”, com as do Primeiro Guia de Leitura” - LER -, publicado pelo Ministério de Educação e Cultura, em 1956 e organizado por uma Comissão composta das professoras Dulcie Kanitz Vicente Viana, Helena Mandroni e Orminda Isabel Marques, à vista dos estudos que, sobre o sistema da LAUBACH e sobre o vocabulário de adultos, realizado pelo Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, de 1942 a 1945 (RIO GRANDE DO SUL, SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA DO ESTADO. PARECER CPOE Nº 392/68, p. 7).

A autora, por sua vez, em algumas fontes, como em reportagens de jornais e na carta enviada ao Ministro da Educação, Carlos Chiarelli em 27 de abril de 1990, menciona ter se apoiado na “Cartilha LER do MEC para compor a sua Cartilha “Ler a Jato” (TOMATIS, Gilda - CARTA ENVIADA AO MINISTRO CHIARELLI, 27/04/1990).

No entanto, o Parecer Nº 392/68 emitido pelo setor técnico do CPOE ao final de suas onze páginas de avaliação da “Ler a Jato” conclui que, além dos aspectos que haviam sido descritos, ainda havia outros aspectos que poderiam ter sido comentados a respeito do material. O parecer foi assinado em 5 de setembro de

1968 pelos seguintes técnicos do CPOE: Amália Faermann Soares, a orientadora de Educação Primária, os professores, Maria Josepha P. Motta e Luiz Pedro e a diretora do CPOE Itália Z. Faraco. Ao final, o Parecer concluiu que a cartilha “Ler a Jato” teria possibilidade de ser reformulada, porém “não seria recomendado o seu aproveitamento nas escolas primárias do estado” (RIO GRANDE DO SUL, SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA DO ESTADO. PARECER CPOE Nº 392/68, p. 11).

Contudo, fica evidente que havia divergências em relação a essas posições, visto que a autora acabou rebatendo as críticas presentes no parecer do CPOE. Nesse sentido, estampou na contracapa dos LPs produzidos do “Método Audiofonográfico - Aprenda a ler em 15 Horas” não só as declarações com pareceres favoráveis de alunos, pais e professores, resultados positivos que vinham sendo obtidos com a aplicação de sua proposta de alfabetização como também expôs de forma objetiva a sua opinião em relação ao parecer emitido pelo setor técnico da SEC/RS, no qual destacou: “*Esse parecer é uma falha do trabalho do gabinete, alheio à realidade, à vivencia dos problemas educacionais”* (TOMATIS, Gilda - CONTRACAPA DOS DISCOS APRENDA A LER EM 15 HORAS, s/d).

Assim, a autora pretendia demonstrar que, embora o setor técnico do CPOE tivesse emitido um parecer desfavorável, alguns alunos, pais e professores estavam satisfeitos com o material e que com ele era possível atingir entre 90 a 100% de sucesso na alfabetização, confrontando assim o parecer da SEC/RS.

Segundo Magalhães (2006, p. 10), tanto a história do livro como a do manual escolar são também a “história de arbítrios e conflitualidades culturais de grupos, meios e processos socioculturais”. O caso da avaliação da Cartilha “Ler a Jato” se enquadra naquilo que foi caracterizado por Magalhães como campo dos conflitos entre grupos, nesse caso, entre grupos profissionais.

Maria Lucia Tomatis destacou que mesmo com o parecer desfavorável da SEC/RS, a professora Gilda Tomatis nunca chegou a pensar em desistir de divulgar sua cartilha, procurando até seguir a indicação do parecer e reformular os aspectos que haviam sido apontados como falhos (TOMATIS, Maria Lúcia, Entrevista 15/10/2010). Nesse sentido, ter tido acesso ao Parecer original Nº 392/68 emitido pelo CPOE da SEC/RS em setembro de 1968, contendo a avaliação detalhada sobre a cartilha “Ler a Jato” e que foi tão cuidadosamente guardado tanto pela professora quanto pela sua filha, permitiu hoje perceber com mais exatidão o

contexto cultural e educacional, além dos conflitos que envolviam a publicação de livros didáticos naquela época. Ginzburg (1989, p. 177) destaca:

> Se as fontes silenciam e/ou distorcem sistematicamente a realidade social das classes subalternas, um documento que seja realmente excepcional (e, portanto, não estatisticamente freqüente) pode ser mais revelador do que mil documentos estereotipados.

Neste caso, a localização do Parecer (N° 392/68) emitido pelo CPOE para esta pesquisa foi bastante reveladora, à medida que este documento permitiu compreender alguns embates que vinham ocorrendo entre a autora da Cartilha "Ler a Jato" que defendia o método fonético articular de alfabetização em 15 horas com a Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Rio Grande do Sul no final da década de 1960 que por sua vez, se demonstrava favorável a aplicação do método global de contos.

A professora Gilda era contra o uso do método global de contos, pois considerava que a "implantação de métodos de alfabetização importados, inadequados ao idioma brasileiro, pois segundo ela, quando não aplicados de forma adequada, em vez de auxiliar o aluno em seu processo de alfabetização, o estimulava a repetir o ano várias vezes, abandonar a escola ou ser visto como "incapaz"" (TOMATIS, Gilda - FOLHA DA TARDE, 27/12/1968).

Nesta mesma reportagem, a professora Gilda Tomatis menciona:

> Há 20 anos era muito raro encontrar-se, nas escolas estaduais, turmas de repetentes, cujo número foi crescendo paralelamente à divulgação do processo de contos, conforme demostram as estatísticas. Alfabetizei todos os alunos: deficientes, "excepcionais", egressos de escolas diversas, até nove anos de escolaridade aos quais tive ocasião de lecionar, em períodos que variavam de 10 a 30 horas. usando o método fonético articular. No corrente ano, muitos professores conseguiram feito semelhante [...] (TOMATIS, Gilda - FOLHA DA TARDE, 27/12/1968).

Mais uma vez a autora reafirmou, através desta declaração feita ao Jornal Folha da Tarde, que o problema da reprovação escolar estaria na utilização e na aplicação de métodos inadequados de alfabetização e não nos alunos. De acordo com as reportagens dos jornais guardados por Gilda e posteriormente pela filha e da cópia da carta enviada ao então Ministro da Educação (JORNAL DO BRASIL, 10/05/1968; FOLHA DA TARDE, 27/12/1968 e a CARTA AO MINISTRO CHIARELLI, 27/04/1990), é possível perceber que a professora referia-se ao método global de

contos como "nefasto" e sua implantação nas escolas do Estado e do país representava para ela um "ato de sabotagem a para com o progresso da Nação".

O termo "nefasto" é utilizado por ela em várias de suas declarações à imprensa, o que permite inferir que havia uma luta política e ideológica sendo travada no campo da alfabetização, e que a professora Gilda Tomatis envolveu-se nesse debate e nessa disputa, caracterizada por Chartier, R. (1990) como "luta de representação.

Segundo o autor, essa "luta de representação" é um processo de "dominação simbólica por meio de um aparelho ou aparato" [...] "onde o que está em jogo é a ordenação, logo a hierarquização da própria estrutura social" (CHARTIER, R., 1990, p. 23). Nesse sentido, a produção do material de alfabetização da professora Gilda foi permeada por uma complexa rede de relações formada em torno da própria autora, dos métodos de alfabetização, da Secretaria de Educação e Cultura do RS e das Campanhas de Alfabetização, ou seja, do contexto social, político, cultural e educacional da época.

As representações, de acordo com Chartier, R. (1990, p. 17), "são variáveis e se apresentam de acordo com as disposições dos grupos ou classes sociais; aspiram à universalidade, mas são sempre determinadas pelos interesses dos grupos que as forjam". Ainda segundo o autor, o poder e dominação estão sempre presentes e ligados e as representações não são discursos neutros, pelo contrário, produzem estratégias e práticas que tendem a impor uma autoridade e até legitimar escolhas. (CHARTIER, R., 1990, p. 17). Em relação às concorrências e às competições, o autor afirma:

> As lutas de representação têm tanta importância como às lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõem ou tem a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio (CHARTIER, R., 1990, p. 17).

Assim sendo, pode-se caracterizar a defesa do método fônico pela professora Gilda de Freitas Tomatis, em contraposição ao método global, em voga no Brasil (MACIEL, 2001), inclusive no Rio Grande do Sul (PERES e CEZAR 2003; PERES E PORTO 2004; PERES 2004, 2006a, 2006b, 2006c, 2008b) como uma luta de representação, conforme foi caracterizado por Chartier, R. (1990).

Nas disputas para impor um método como o melhor, o mais eficaz, o mais adequado, a professora Gilda também participou e de forma ativa. "Criou" um

método, produziu um material completo (Cartilha “Ler a Jato”, Caderno Série Jato, livro de exercícios de linguagem de 1º e 2º ano “Escrevendo a Jato”, o livro de Matemática 1º ano e o Kit com os quatro discos intitulado “Método Audiofonográfico – Aprenda a ler em 15 Horas”) e debateu amplamente, seja através da imprensa ou cartas, seja através dos cursos que ministrava, sua posição em relação à alfabetização. Ela considerava efetivamente o método fônico o melhor para o ensino da leitura e da escrita, advogando inclusive pela sua rapidez, capaz de ensinar uma criança ou adulto em 15 horas. Além disso, nunca poupou críticas ao método global que considerava a “importação” de um modelo e, portanto, um “ato de sabotagem” à nação brasileira.

Assim, recorre-se novamente ao conceito de Chartier (1990, p. 17), de “lutas de representações” para tentar compreender os conflitos e embates entre a autora da Cartilha “Ler a Jato” e o setor técnico do Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais da SEC/RS, já que as fontes evidenciam que existiam imposições e lutas pela definição de um método de alfabetização, no caso do CPOE defendendo o método global de contos e da professora Gilda pelo método fônico e pelo uso da cartilha que havia produzido.

Havia, também, o interesse por parte da autora de que seu método fosse adotado tanto em nível estadual quanto nacional, pois por diversas vezes esteve em Brasília a convite de algumas autoridades como secretários de educação do respectivo estado, deputados e da Comissão de Educação para apresentar e divulgar tanto o material quanto o método de alfabetização, conforme os dados encontrados na Carta enviada ao Ministro da Educação Carlos Alberto Chiarelli na década de 90, no Jornal Correio Brasiliense de 23 de fevereiro de 1968 e no Jornal do Brasil datado de 10 de maio de 1968.

O primeiro convite para ir a Brasília foi em 23 de fevereiro de 1968, quando a professora esteve na capital do país a convite do Secretário da Educação, Sr. Ivã Luiz, para divulgação da Cartilha “Ler a Jato”, momento em que fez uma demonstração pública e prática sobre a aplicação do método fonético articular na Escola Parque e à noite na Igreja Metodista da Asa Sul, na Av. L-2 (JORNAL CORREIO BRASILIENSE, 23/02/1968).

As fontes evidenciam também que tanto escolas ligadas às igrejas metodistas e as igrejas católicas interessavam-se pelo método. Nessa época, todos procuravam se envolver numa única campanha, a “Campanha Nacional de

Alfabetização" (JORNAL CORREIO BRASILIENSE, 23/02/1968a e JORNAL CORREIO DO POVO, 06/04/1968). Esses dados foram confirmados pela filha da autora, que declarou que mesmo após o falecimento da mãe integrantes da igreja metodista a procuravam para adquirir a Cartilha "Ler a Jato" e sempre "em grande quantidade para serem utilizadas na alfabetização de pessoas que frequentavam a instituição" (TOMATIS, Maria Lúcia, Entrevista, 15/10/2010).

O jornalista do Jornal do Brasil destacou em sua reportagem do dia 10 de maio de 1968 que, embora a professora Gilda Tomatis não tivesse recebido qualquer tipo de apoio oficial até aquele momento, ela teria ficado sabendo no ano anterior, em 1967, quando havia estado no Rio de Janeiro, que o Superintendente do Ensino Primário do Ministério da Educação havia aprovado a realização de testes com seu método de alfabetização. A forma com que a professora Gilda obteve esta informação sobre a realização de testes com seu método de alfabetização não foi revelada pelo jornal.

A mesma reportagem destaca, ainda, que "no plano estadual, a aceitação governamental foi muito menos estimulante, pois o próprio Secretário de Educação do Rio Grande do Sul não se interessou por ele" (JORNAL DO BRASIL, 10/05/1968). Desse modo, as fontes revelam que a "luta de representações" (CHARTIER, R., 1990) era constante, ora o método era defendido e aceito, ora era refutado ou pouco valorizado.

Outro fato que revela as disputas nas quais a professora esteve envolvida em defesa de seu método e do material por ela produzido apareceu em uma reportagem do Jornal do Brasil, a seguir;

> Durante um seminário para orientadores realizado aqui em Porto Alegre, no ano passado – disse dona Gilda -, pedi audiência ao Secretário e solicitei autorização para ter um encontro com os professores, no seminário, ofertar-lhes uma cartilha e explanar o método. Isso me foi negado, e o Secretário de Educação disse que era professor de Matemática e que não tinha tempo a perder com alfabetização (TOMATIS, Gilda - JORNAL DO BRASIL, 10/05/1968).

Meses depois, em setembro do respectivo ano, a autora recebeu novamente um convite para ir a Brasília, desta vez a pedido do Deputado Brito Velho e da Comissão de Educação da Câmara dos Deputados, para fazer nova explanação aos interessados em seu processo de alfabetização, como consta na carta enviada pela

professora ao Ministro da Educação Chiarelli, datada de 27 de abril de 1990. A reportagem do Jornal do Brasil de 10 de maio de 1968 menciona:

> Os técnicos do Conselho Nacional de Educação, inclusive mostraram-se inclinados a aplicar o método mais rápido introduzido pela cartilha *Ler a Jato,* desdobrando depois as aulas de conhecimentos gerais para os alunos já alfabetizados (JORNAL DO BRASIL, 10/05/1968).

Nesse encontro com os deputados e a Comissão de Educação, a professora Gilda Tomatis teria recebido a sugestão de realizar um levantamento estatístico sobre os resultados obtidos até então na alfabetização de crianças e adultos com a Cartilha “Ler a Jato”.

Os resultados dessa pesquisa deveriam ter sido enviados pela autora ao deputado Brito Velho e à Comissão de Educação, entretanto, a professora Gilda declarou na carta que embora tenha realizado o estudo, tendo para isso contado inclusive com o apoio de alguns prefeitos municipais e seus respectivos órgãos técnicos e professores alfabetizadores, não chegou a encaminhar os resultados a eles porque o deputado Brito Velho já havia se afastado do cargo na época (CARTA ENVIADA AO MINISTRO CHIARELLI, 27/04/1990, ANEXO 2, p. 2).

A filha da autora, inclusive, disponibilizou a cópia da carta e da ficha, elaborada pela professora Gilda e enviada ao prefeito municipal de Porto Alegre em 19 de setembro de 1968, informando-o sobre a situação, justificando o porquê do envio da ficha e solicitando o seu auxílio para que, através do Departamento de Educação, fossem enviadas a todas as escolas e professores da capital este documento para que pudesse realizar o levantamento estatístico solicitado pela Comissão de Educação de Brasília.

Pôrto Alegre, 19 de novembro de 1968

Exmo. Sr. Prefeito Municipal

Saudações

Em setembro p.p. estive em Brasília onde, a convite da Comissão de Educação da Câmara dos Deputados, tive a honra de fazer explanação do processo de alfabetização preconizado na cartilha Ler a Jato.

Nessa ocasião me foi sugerido realizar estudo estatístico sôbre os resultados já obtidos na alfabetização de crianças e adultos, com a Cartilha em referência e encaminhamento dos mesmos àquela Comissão.

Estando empenhada em atender a sugestão dos Ilustres Deputados Federais, venho solicitar a valiosa colaboração de V. Exa. no sentido de que, através do Departamento de Educação desta Comuna, me sejam fornecidos os dados possíveis, constantes da ficha anexa, bem como o seu parecer.

Outrossim, informo que o material referente a esta pesquisa deverá ser dirigido para meu endereço — Rua Jerônimo Coelho, 44, apart. 802, Pôrto Alegre (fone 4-9828).

Apresento, com antecedência, agradecimentos a V. Exa. pela atenção que dispensar a esta solicitação,

Atenciosamente

....

Gilda de Freitas Tomatis

Exmo. Sr. ....

DD. Prefeito Municipal

....

Figura 13 – Reprodução da carta enviada pela professora Gilda aos prefeitos municipais Nov./1968
Fonte: Acervo privado da pesquisadora

FICHA

de dados informativos sôbre o uso da cartilha Ler a Jato, de autoria da professôra Gilda de Freitas Tomatis

Ano letivo 196.........

Município ....

Funcionário responsável pelo Departamento de Educação ....

Parecer (em separado - 1.ª Via)

Escola ....

Município .... Localidade ....

Professor .... Titulado .... (Sim-Não)

Classe de crianças em idade escolar .... (Sim-Não)

Classe de adolescentes e adultos .... (Sim-Não)

Matrícula atual ....

Escolaridade discriminada dos alunos:

1 ano: ....alunos; 2 ano: ....alunos; 3 anos: alunos;

4 ano: ....alunos; 5 ou mais anos: ....alunos.

Data do início do uso da cartilha Ler a Jato: ....

N.º de alunos alfabetizados ....

N.º de alunos não alfabetizados ....

Informações dos pais ou familiares dos alunos

Informações sôbre interêsse e atitude dos alunos:

Informações e parecer do professor:

....

Ass. Prof. responsável pela classe

Figura 14 – Reprodução da Ficha de dados informativos destinada aos professores Nov./1968

Fonte: Acervo privado da pesquisadora

De forma semelhante, os documentos (carta e ficha) também teriam sido enviados por Gilda de Freitas Tomatis aos demais prefeitos, professores e secretarias de educação do estado e de outras regiões para que todos pudessem colaborar com o levantamento estatístico que a Comissão de Educação, junto aos deputados havia lhe incumbido. Na carta inclusive consta o endereço da autora e seus respectivos contatos para que pudessem após serem preenchidas reenviadas para a professora Gilda.

Questionada sobre as fichas, Maria Lúcia Tomatis lembrou que a mãe tinha uma pasta cheia delas, mas que em razão da mudança, a filha acabou se desfazendo de muitas coisas, dentre elas esses documentos (TOMATIS, Maria Lúcia, Entrevista, 15/10/2010). A ficha fazia menção aos seguintes dados:

- identificação do município;

- funcionário responsável pelo Departamento de Educação;

- nome da escola; município; localidade; professor; sua titulação; se tinha classe de crianças em idade escolar; se tinha classe de adolescentes e adultos; qual era a matrícula atual; também se fazia necessário descriminar a escolaridade dos alunos (quantos alunos tinham 1, 2, 3, 4, 5, ou mais); a data de quanto havia iniciado o uso da Cartilha “Ler a Jato”; número de alunos alfabetizados, número de alunos que não haviam se alfabetizado. Além disso, a ficha solicitava informações dos pais ou familiares dos alunos sobre o uso da cartilha, bem como informações sobre interesse e atitude dos alunos e ainda informações e parecer do professor. A ficha deveria ser assinada pelo professor ou responsável pela classe.

Alguns destes pareceres foram selecionados pela autora e expostos na contracapa dos LPs produzidos por ela mais tarde na década de 1970, e outros foram listados na carta enviada por ela ao Ministro da Educação, Carlos Alberto Chiarelli na década de 1990, os quais serão analisados posteriormente na seção que tratará sobre os LPs “Aprenda a Ler em 15 horas”.

O levantamento estatístico, como revela as fontes do Jornal do Brasil de 10 de maio de 1968, foi proposto pelos deputados e pelos membros da Comissão de Educação e pelo Conselho Federal de Cultura, que teria apreciado a cartilha, assim como os técnicos da Campanha de Alfabetização, o que nos leva a pensar que esta comissão e os deputados poderiam ter vislumbrado a possibilidade de adotar a cartilha produzida pela professora Gilda Tomatis na Campanha de Alfabetização Nacional do Mobral – Movimento Brasileiro de Alfabetização que foi criado com a lei

nº 5.379, de 15 de dezembro de 1967, e implantado em 1969, já que no artigo 1º do parágrafo único da lei, anunciava:

> Essas atividades em sua fase inicial atingirão os objetivos em dois períodos sucessivos de 4 (quatro) anos, o primeiro destinado a adolescentes e adultos analfabetos até 30 (trinta) anos, e o segundo, aos analfabetos de mais de 30 (trinta) anos de idade. Após esses dois períodos, a educação continuada de adultos prosseguirá de maneira constante e sem discriminação etária.

A Cartilha "Ler a Jato" destinava-se tanto para crianças quanto a adultos, conforme a autora fazia questão de mencionar e descrever no próprio material. Na década de 1960, momento em que foi produzida a Cartilha "Ler a Jato", Bortoni-Ricardo (2004, p. 17) destaca que havia 15.815.903 pessoas com mais de quinze anos e que não eram alfabetizadas no Brasil, o que representava 39% da população brasileira.

Neste mesmo período, a criação do Movimento Brasileiro de Alfabetização - Mobral pretendia, segundo Freitas & Biccas (2009, p. 249), ser uma resposta do Estado frente aos elevados índices de analfabetismo da população brasileira já que o presidente na época classificava o caso como "vergonha nacional" e exigia que o problema fosse erradicado no prazo de dez anos. Todavia, de acordo com os autores, o censo de 1970 ainda "indicava a presença de 17.936.887 pessoas analfabetas acima de quinze anos de idade, no Brasil, o que correspondia a 33% da população adulta" (FREITAS & BICCAS, 2009, p. 249).

Neste caso, os "indícios" (GINZBRUG, 2007) demostram que talvez a Cartilha "Ler a Jato" e a proposta de alfabetização da professora, que também era denominado pela autora como material autoinstrucional, poderiam servir aos interesses da campanha, visto que era um material único que podia ser utilizado tanto na alfabetização de crianças, jovens e adultos. Além disso, segundo a professora, o material era de baixo custo e alfabetizava de forma rápida, ou seja, entre dez e trinta horas, conforme o interesse e a disposição de cada aluno. Nesse sentido, pode-se dizer que proposta de alfabetização da professora Gilda ia ao encontro das expectativas e dos interesses dos dirigentes da campanha de alfabetização. No entanto, na prática, a adoção dessa proposta em nível nacional de divulgação da campanha acabou não se efetivando. A reportagem do Jornal do Brasil, datada de 10 de maio de 1968, revelou o seguinte:

> O Conselho Federal de Cultura, entretanto, entusiasmou-se com a cartilha, assim como os técnicos da Campanha de Alfabetização. Não houve qualquer iniciativa prática para uma experiência concreta. Também o Conselho Nacional de Educação conhece o processo de alfabetização, e seus membros julgaram-no muito apropriado para a campanha de alfabetização.

No entanto, em relação ao método de alfabetização, Gilda Tomatis declarou, na carta que enviou ao Ministro da Educação Carlos Chiarelli, que o ex- Secretário de Educação do Estado, além de se posicionar contra o método fonético, ainda estaria influenciando os professores a não adotarem o método, após ele ter afirmado num programa televisivo de grande audiência que *"Ivo vê a ave, nunca mais."* (TOMATIS, Gilda - CARTA AO MINISTRO CHIARELLI, 27/04/1990).

Os verdadeiros motivos pelo quais esse fato não chegou a se efetivar na prática não são claros, embora permitam que se façam algumas conjecturas, não há como afirmar que essas realmente tenham sido as razões da não adoção do material pedagógico da professora Gilda Tomatis. Não há como saber se foi em razão do fato da professora Gilda não ter enviado ao deputado Brito Velho e a Comissão de Educação os dados estatísticos que foram solicitados por eles na época, ou se foi em razão da emissão do Parecer Nº 392/68 desfavorável do Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais – RS que não recomendava a utilização da Cartilha "Ler a Jato" nas escolas primárias estaduais, pelo fato deste material não ter se adaptado a todas as normas técnicas preconizadas pela respectiva instituição que o havia avaliado.

Como demonstra Peres (2006a, p. 128), a instituição na ocasião não se mostrava favorável ao método fonético e sim ao método global de contos, visto que o CPOE foi um dos grandes responsáveis pela divulgação desse método no Estado gaúcho. Segundo a autora, o CPOE tinha um papel marcante nos rumos do ensino primário sul-riograndense, uma vez que esta instituição:

> Orientou, decidiu, fiscalizou controlou, pesquisou determinou projetos e práticas pedagógicas para escola primária, entre as décadas de 40 e início de 70. As imposições pedagógicas mais marcantes do CPOE estavam relacionadas ao currículo escolar, aos livros e às leituras, à organização das classes e à elaboração das provas finais. (PERES, 2006a, p. 127).

A autora destaca que os “livros que eram autorizados e adquiridos pela chancela do CPOE obtinham maior legitimidade” (PERES, 2006a, p. 128).

Gilda de Freitas Tomatis não desistiu de seu projeto e de seus ideais de alfabetização e enquanto pôde continuou divulgando suas concepções sobre alfabetização e o material didático, considerado por ela “genuinamente brasileiro”. Na carta enviada ao Ministro da Educação, Carlos Alberto Chiarelli na década de 90, a autora Gilda Tomatis destacou:

> Apesar do aspecto diminuto – um folheto – a cartilha Ler a Jato – permite alfabetizar em 15 horas, em aula individual, e em torno de 2 meses, turmas normais de adultos, tanto novos como repetentes, com escolaridade de dois ou mais anos. Essa cartilha teve influência decisiva em dois aspectos do ensino: - Terminou com o Método de Contos, origem das classes de recuperação; - Diminuiu o número de reprovação nos 1º anos, embora usando diferentes cartilhas (TOMATIS, Gilda - CARTA AO MINISTRO CHIARELLI, 27/04/1990).

O método global de contos teria sido, segundo suas declarações ao Jornal Folha da Tarde, de 27 de dezembro de 1968, responsável pela origem da criação das classes “D”, classes de recuperação, pois levava os alunos a se alfabetizarem na média de dois anos. Isso acarretava frustrações nos alunos e provocava o abandono da escola após atingirem 14 anos de escolaridade. Além de terem sido reprovados inúmeras vezes, esses alunos em questão não haviam sido alfabetizados e, por isso, eram estigmatizados ou mesmo considerados “deficientes, excepcionais e incapazes” (JORNAL FOLHA DA TARDE, 27/12/1968).

Em relação a isso, a professora Gilda Tomatis afirmou, em entrevista ao Jornal do Brasil, em 10 de maio de 1968:

> Muitas crianças têm dificuldade em leitura até grandes, já alunos de ginásio, tudo porque o método de contos não pode dar resultado. A criança parte da frase para a palavra, da palavra para a sílaba. Quando chega aos fonemas, se a professora não é hábil, o aluno perde-se completamente e leva para toda a vida esse problema de aprendizado (TOMATIS, Gilda, 10/05/1968).

Como já foi exposto, a professora deixava claro, em várias reportagens, a sua posição em relação ao método global de contos e às campanhas de alfabetização, promovidas naquele período, que adotavam métodos de alfabetização “importados de outros países”. Segundo a professora, esses métodos não

consideravam as necessidades dos alunos brasileiros, além de serem, segundo ela, inadequados ao idioma.

Os documentos revelam ainda um silêncio entre o período de 1976 e 1990, que pode estar relacionado às viagens e palestras feitas pela professora nas cidades do estado do RS e fora dele ou ainda em razão de sua idade e problemas congênitos de saúde já mencionados, que inclusive a levaram a solicitar a sua segunda aposentadoria do cargo de professora no Colégio Estadual Júlio de Castilhos em POA/RS, em 1976, confirmados através dos registros de licença médica constantes em sua ficha profissional.

No trecho final da carta ao Ministro da Educação, Carlos Alberto Chiarelli, na década de 1990, ela reafirma seu desejo, seu empenho em continuar lutando pela educação e pelas questões da alfabetização na esperança de ver seu país livre do problema do analfabetismo.

> E é por isso que, ainda hoje, continuando a luta [...] em auxiliar os analfabetos e, em sentido mais amplo, acalento a esperança de ainda ver resgatado o analfabetismo no Brasil [...] (TOMATIS, Gilda - CARTA AO MINISTRO CHIARELLI, 27/04/1990).

Ainda na carta ela expõe suas concepções sobre a alfabetização e expõe as causas que, segundo ela, poderiam ter sido os motivos que contribuíram para que todas as tentativas e campanhas do governo federal para acabar como o analfabetismo até então haviam fracassado no país. Dentre elas, Gilda Tomatis destacou:

> (...) Pode-se pensar em várias causas: a extensão territorial do País, a orientação do ensino por técnicos de gabinete, nacionais ou estrangeiros que já assumiram a orientação desse importante aspecto da educação nacional, baseados em conhecimentos teóricos, alheios ao nosso idioma e às nossas necessidades. Ou, em sentido mais amplo, a apresentação de planos fabulosos de elementos nacionais ou estrangeiros que não lograram êxito, por inadequação ou por propósitos frustrantes, talvez pré-estabelecidas – sabotagem ao progresso da Nação. Entre eles, na atualidade, situo a prática de alfabetizar sem adotar livro. Isto pode dar certo com elementos excepcionais para mais que se alfabetizam apesar do professor, apesar do método, apesar da escola, etc. Entretanto, a maioria dos elementos de uma população situa-se na faixa da média e, para esses, tanto alunos como professores, é necessário o uso de um roteiro, de um livro (TOMATIS, Gilda - CARTA AO MINISTRO CHIARELLI, 27/04/1990).

Nota-se que Gilda Tomatis retoma e reforça a importância de se adotar e utilizar o livro escolar, tanto por parte dos alunos quanto pelos professores que necessitariam de um roteiro para alfabetizar. Além disso, ela também apresenta na carta a Cartilha “Ler a Jato” e o método fonético de alfabetização e declara: “*não me anima o espírito comercial, a propaganda da cartilha Ler a Jato, como pode parecer, mas somente o desejo de colaborar, de demonstrar que é fácil, é simples alfabetizar quando se toma o caminho adequado*” (TOMATIS, Gilda - CARTA AO MINISTRO CHIARELLI, 27/04/1990, p. 1).

Nos estudos realizados pelas autoras Bastos, Cunha e Mignot (2002, p.5) sobre o envio, recebimentos e trocas de cartas, elas destacam que:

> Escrevem-se e mandam-se cartas pelos mais variados motivos: conversar, seduzir, desabafar, agradecer, pedir, segregar, informar, registrar, vender, comprar, desculpar e desculpar-se, falar da vida, enfim! As cartas seguem um protocolo, obedecem a um outro ritmo de tempo: levam um tempo para chegar, muitas vezes demoram para ser respondidas e, não raro, demoram para retornar.

Já Dauphin e Pouplan (2002, p.75) demostram a importância historiográfica das cartas. Segundo os autores,

> na historiografia, as cartas ocupam, tradicionalmente, o status de documento. A qualidade do signatário, do destinatário ou das pessoas citadas valoriza o conteúdo. Os dizeres - os mais simples, os detalhes -, os mais incongruentes, tornam-se signos ou indícios a serem interpretados. Como no campo literário, as correspondências legitimadas, pelo destaque que ocupam na sociedade, desvelam a vida privada, o que se esconde atrás da cena pública, o que não é acessível no mistério da obra ou na fulgurância do acontecimento.

Nesse sentido, a carta enviada pela professora Gilda Tomatis ao Ministro da Educação Chiarelli, com certeza, tornou-se um documento com o qual se pôde compreender fatos importantes de sua trajetória enquanto autora de livros didáticos empenhada em defender seus ideais e suas convicções especialmente em relação aos métodos de alfabetização. Junto à carta encontram-se ainda dois anexos. No primeiro anexo composto por sete páginas a professora apresenta de forma detalhada dados e informações relativas às viagens a Brasília para apresentação da Cartilha “Ler a Jato”, bem como os resultados obtidos através do levantamento estatístico realizado por ela, seguido de vários depoimentos coletados sobre a cartilha. Esses depoimentos foram classificados pela professora como informações

favoráveis, desfavoráveis e informações com restrições de pais, alunos e professores.

No segundo anexo, intitulado “Alfabetização na Imprensa”, a professora Gilda Tomatis apresenta uma listagem com vinte e um itens, entre artigos, textos e notas de jornais referentes a projetos, planos e verbas disponibilizados entre o período de 1967 e 1983 pelo governo federal na tentativa de acabar com o analfabetismo, mas que, mesmo após ter se passado tanto anos, essa questão ainda permanecia como um problema sem solução. Esse anexo revela a atenção que a professora dispensou ao longo da vida às questões da alfabetização.

Na próxima seção, apresento uma análise comparativa entre “O Primeiro Guia de Leitura LER” e a Cartilha “Ler a Jato”, uma vez que esse material produzido pelo governo federal teria sido a base da cartilha da professora Gilda.

5.1.1. O Primeiro Guia de Leitura LER

O “Primeiro Guia de Leitura LER” do Ministério da Educação e Saúde – MES – que utilizo neste estudo para estabelecer uma relação com a cartilha “Ler a Jato” é um exemplar da 1ª edição datado de 1947, organizado pelas professoras Dulcie Kanitz Vicene Viana, Helena Mandroni e Orminda Isabel Marques.

Na ilustração da capa do “Primeiro Guia de Leitura LER”, visualiza-se uma mão segurando o Guia de Leitura aberto, logo abaixo a inscrição da palavra LER e mais abaixo algumas linhas para a inscrição e identificação do nome do aluno, da localidade e do professor.

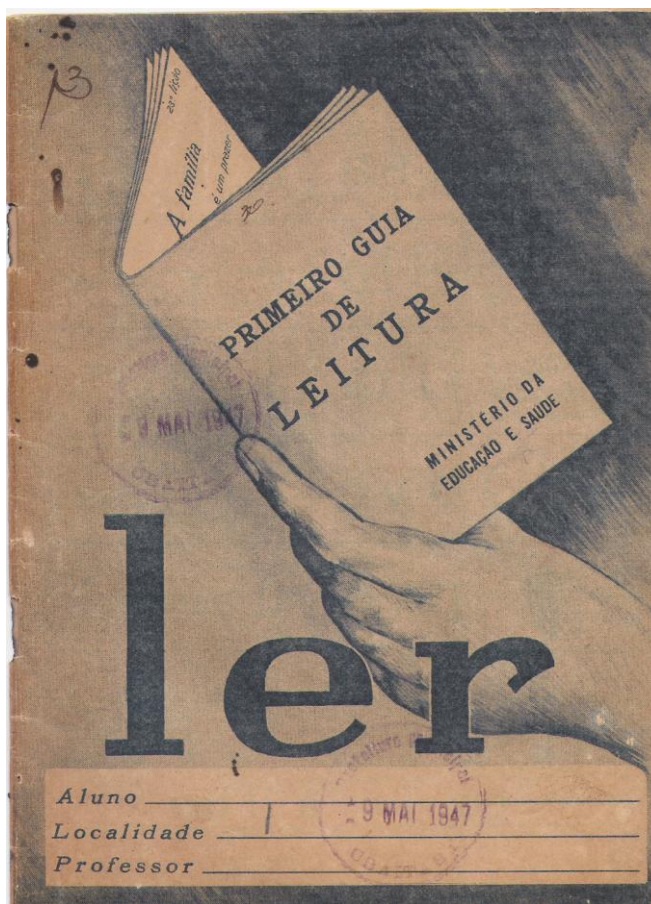



Figura 15 – Reprodução da capa do Primeiro Guia de Leitura LER - 1ª ed., 1947
Fonte: Acervo privado da pesquisadora

Fávero (2003) ressalta que, até o final da década de 1950, todos os materiais didáticos produzidos pelo Ministério da Educação e Saúde eram direcionados ao atendimento das campanhas nacionais de alfabetização, bem como o "Primeiro Guia de Leitura LER" do MES, lançado em 1947, considerado um material instrucional e destinava-se ao ensino da codificação do signo escrito.

Sobre o Primeiro Guia de Leitura LER e o seu respectivo método de ensino, o autor destaca:

> as cartilhas distribuídas pelo Ministério da Educação foram elaboradas com base no chamado Método Laubach – parte do ABC, do *a*, *e*, *i*, *o*, *u* e apresenta algumas "historinhas" para adultos, quase uma transposição de conteúdos e modos de trabalhar típicos da escola primária para crianças. São curiosas as orientações do Ministério da Educação para os professores aplicarem o primeiro livro de leitura, denominado *Ler* (FÁVERO, 2003, p. 3).

O "Primeiro Guia de Leitura LER", de pequeno formato, mede 13 x 18,5cm. O material é impresso em papel sulfite e em apenas duas cores, preto e branco. No

entanto, cada espaço das páginas e do "Primeiro Guia de Leitura LER" são bem aproveitados. Sobre este aspecto cabe salientar:

> O manual está sujeito às limitações técnicas de sua época e participa de um sistema econômico cujas regras e usos, tanto no nível de produção como do consumo, influem necessariamente na sua concepção quanto na sua realização material (CHOPPIN, 2002, p.14).

No "Primeiro Guia de Leitura LER", as autoras exploram imagens em preto e branco, igualmente como feito na Cartilha "Ler a Jato", as quais se relacionam com as palavras-chave do livro.

Entre os desenhos, sete figuras referem-se a animais ou parte deles (asa, sapo, pato, rato, jacaré, gato, zebra). Há ainda: sete objetos de uso cotidiano (vela, lata, chave, leque, faca, mala, xícara,); dois tipos de alimentos (ovo, uva); uma parte do corpo humano (cabeça); dois brinquedos (bola, dado); um lugar (ilha); um meio de transporte (navio). Algumas palavras e imagens são as mesmas utilizadas na Cartilha "Ler a Jato", embora usadas em lições diferentes do "Primeiro Guia de Leitura LER". São elas: asa, ilha, ovo, uva, bola, vela, pato, rato, sapo e cabeça.

Para o caso da cartilha "Ler a Jato" e o "Primeiro Guia de Leitura LER percebe-se que as ilustrações servem para "evocar sonoridades das palavras" e ainda "servem de recurso à memória para fixar a aprendizagem das palavras que deveriam ser aprendidas" (FRADE 2011b, p. 7).

Fávero (2003) descreve algumas orientações que o Ministério da Educação, na época, transmitia aos professores sobre como deveria ser aplicado o "Primeiro Guia de Leitura LER" junto aos alunos.

> Todos os alunos terão o guia de leitura em mãos aberto na página dois. Direis algumas palavras de encorajamento. Insistindo que a aprendizagem da leitura será fácil. Começareis por pedir que olhem para os desenhos da página. Aqui está uma Asa, embaixo está um Elo; depois uma Ilha. E depois? Obtidas as respostas, direis: lendo os desenhos, poderemos agora dizer: 'asa, elo, ilha, ovo, uva'. Pedireis a um aluno que repita essas palavras em voz alta e que os demais o acompanhem atenciosamente. Item B: todos sabem ler desenhos. Agora vamos ler as palavras. O desenho representa a figura de cada cousa. A escrita representa os sons de cada palavra. E assim por diante (FÁVERO, 2003, p. 3).

Segundo o autor, as orientações encontram-se reproduzidas na íntegra na *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos,* n. 20, de junho de 1947 (FÁVERO,

2003, p. 3). As orientações descritas pela professora Gilda de Freitas Tomatis tanto na seção da Cartilha “Ler a Jato”, destinada ao “Guia do Professor”, quanto no item “Orientação para o uso da cartilha”, bem como na introdução do primeiro disco e final do quarto disco intitulado “Aprenda a Ler em 15 horas”, assemelham-se as contidas no “Primeiro Guia de Leitura LER” de 1947.

Comparativamente, sob alguns aspectos, as cartilhas apresentam similitudes, principalmente no que se refere ao trabalho com as vogais. Ou seja, as duas cartilhas, apresentam quase as mesmas imagens e palavras para o caso das vogais, há apenas uma substituição entre as palavras “**elo**” no “Primeiro Guia de Leitura LER” por “**ema**” na “Ler a Jato”. As demais palavras relacionadas à apresentação das vogais são as mesmas em ambas, como asa, ilha, ovo, uva.

1.ª lição

a sa | a | a a a
e lo | e | e e e
i lha | i | i i i
o vo | o | o o o
u va | u | u u u

a e i o u
e a o i u
eu i a à i lha

2

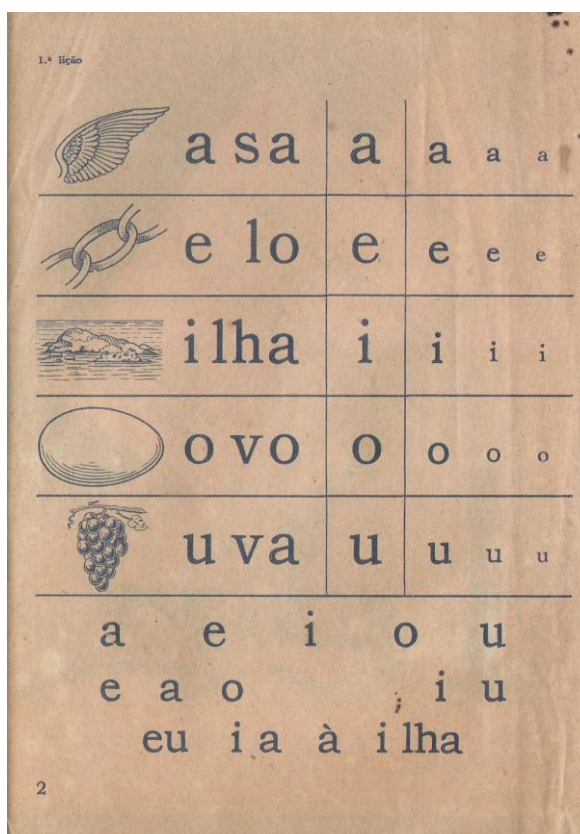



Figura 16 – Reprodução da 1ª Lição do Primeiro Guia de Leitura LER - 1ª ed., 1947
Fonte: Acervo privado da pesquisadora

Além disso, várias palavras apresentadas em ambas as cartilhas são as mesmas. Cito algumas delas para exemplificar: na lição da “vela”, encontrada nos dois livros identifica-se as seguintes palavras: vá vê, vi, voa, viu, viva, vivo, viveu, vela, vila, luva, vota, vala, vale, valeu, uva, ovo. Já as palavras “lava e leva” se diferem no primeiro guia de leitura apenas por ter apenas a última letra da palavras

substituída por “o”, em lavo e levo. Neste caso, a uma grande quantidade de palavras apresentadas na lição da Cartilha “Ler a Jato” que se identifica muito com as palavras utilizadas no “Primeiro Guia de Leitura LER”.

No “Primeiro Guia de Leitura LER”, as letras são maiores, há mais divisões feitas entre as páginas com linhas verticais e horizontais e há uma mescla entre palavras e frases escritas com a letra *script* e cursiva. As palavras apresentadas isoladamente ou em meio às frases aparecem separadas por sílabas.

Ao final da cada página, as autoras apresentam um pequeno texto escrito com letras *script*, após um traço horizontal, enceram a página com uma frase escrita com letra cursiva, aspectos que se diferem da Cartilha “Ler a Jato”.

Em termos de estrutura organizacional, as cartilhas também se assemelham bastante. Entre uma lição e outra, do “Primeiro Guia de Leitura LER” as lições anteriores são retomadas na parte inicial de cada nova página. Na parte superior da página encontram-se inicialmente as imagens em preto e branco ao lado a escrita da palavra relacionada à imagem e ao lado aparece novamente a escrita da palavra separada por sílaba e às vezes abaixo ou ao lado a respectiva família silábica trabalhada nas lições.

8.ª lição

dado — da de di do du
sapo — sa se si so su
as — as es is os us

pato pa pe pi po pu

pá	pa po	po te	po li a
pai	pi pa	pos te	pa li to
pé	pas to	pe lo	pa le tó
pau	pas ta	pe so	pe sa do
pão	pa sso	pa ssei o	pa vão

pa no pe na pi to pi no pa vi o
pa la pa ta pu lo po vo pi ão
ta pa ti po to pa to pa da pó

E vi te o pó. Es pa ne tu do. Pa sse um pa no na sa la. O a ssei o dá sa ú de. E a sa ú de va le tu do.

Passe um pano na sala.

10

vela va ve vi vo vu
nabo na ne ni no nu

pato pa to
pa pe pi po pu

pá	pa to	pa no	en te
pé	pa ta	pe na	pen te
pi a	pe lo	pí no	an ta
pau	pi to	pa ne la	tan ta
pão	pu la	pa li to	pin to

Papai vê o pato.
O pato é bonito.
Paulo não viu o pato.

9

Figura 17 – Reprodução da Lição do Pato do Primeiro Guia de Leitura LER, 1ª ed. 1947, p. 10
Figura 18 – Reprodução da Lição do Pato da Cartilha “Ler a Jato”, 15ª ed.1986, p. 9
Fonte: Acervo privado da pesquisadora

É comum tanto a Cartilha “Ler a Jato” quanto o “Primeiro Guia de Leitura LER” apresentarem uma lição em cada página, exceto para o caso das lições referentes às lições da **ch**ave e da i**lh**a, que no “Primeiro Guia de leitura LER” são trabalhadas na mesma página, assim como as lições do “**j**acaré e do **g**ato; cabe**ç**a e le**qu**e; **z**ebra e **X”**.

A diferença básica identificada entre ambas as cartilhas é a apresentação em maior quantidade de textos trabalhos no “Primeiro Guia de Leitura LER”. O “Primeiro Guia de Leitura LER” apresenta textos que ocupam praticamente a página inteira do livro, enquanto a Cartilha “Ler a Jato” explora textos menores com frases curtas. No entanto, ambos os materiais evidenciam uma concepção de alfabetização cujo enfoque é a escrita, percebida como um conjunto de símbolos, ou seja, as letras que precisariam ser aprendidas por meio da cópia, treino, repetição e memorização.

O “Primeiro Guia de Leitura LER” apresenta ao todo, vinte e sete lições e três testes de leitura dispostos em trinta e uma páginas. Nas páginas sete, quinze e vinte e três do “Primeiro Guia de Leitura LER”, encontra-se o “Teste I, II e III”, referente à leitura. Nesses testes, as autoras listam várias letras, sílabas e palavras e uma história “Dom Urubu” que deveriam ser lidas e estudadas pelos alunos. Mais um aspecto que difere o “Primeiro Guia de Leitura LER” da Cartilha “Ler a Jato” que é a última não apresenta testes de leitura dessa natureza em seu material.

Nas páginas vinte e vinte um, referente às 17ª e 18ª lição do “Primeiro Guia de Leitura LER”, as autoras propõem a leitura e o trabalho palavras que englobam os chamados encontros consonantais (br/dr/fr/gr/pr/tr/vr/bl/fl/gl/pl), seguida de algumas palavras e frases.

Já as sete últimas lições do “Primeiro Guia de Leitura LER” são totalmente direcionadas para a leitura de textos maiores que ocupam toda a página da cartilha e se apresentam sob os seguintes títulos: *Já sei Ler* (p. 24); *A saúde* (p. 25); *O trabalho* (p. 26); *A família* (p. 27); *O cacho de uvas* (p. 28); *Nossa pátria* (p. 29); *O Brasil* (p.30); *Como é bom saber* (p.31). Atividades que novamente se diferem da proposta da Cartilha “Ler a Jato”, a qual não contempla esse tipo de atividade no seu material.

Na contracapa do primeiro Guia de leitura LER encontra-se a bandeira do Brasil com a identificação por escrito de seus respectivos vinte e cinco estados da época. Abaixo de duas linhas verticais na parte inferior há uma referência à Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos Analfabetos, promovida pelo Ministério da Educação e Saúde, com a cooperação com os Estados, Territórios e Distrito Federal. Sobre a tiragem do “Primeiro Guia de Leitura LER” há uma inscrição no final do canto direito da página referente a 500,000 mil exemplares com destaque a inscrição “distribuição gratuita” pelo Departamento Nacional de Educação do Rio de Janeiro.

Informações encontradas na fotocópia da 7ª edição do “Primeiro Guia de Leitura LER” (1956, p. 31), revelam que entre os anos de 1947 a 1957, o Departamento Nacional de Educação editou oito vezes esta cartilha, distribuindo gratuitamente pelo país cerca de 3.950.000 exemplares deste material aos brasileiros num período correspondente a dez anos.

Assim, mesmo contendo algumas diferenças, as semelhanças entre os dois materiais se sobressaem, revelando que possivelmente o material do MEC tenha

sido fonte inspiradora da professora Gilda para a elaboração de sua cartilha "Ler a Jato".

Na próxima seção, apresento uma análise do Guia do Professor, que orienta a utilização da Cartilha "Ler a Jato".

5.1.2. O Guia do Professor da Cartilha Ler a Jato

O "Guia do Professor" é um material de apoio destinado aos professores encontrado nas páginas finais da cartilha "Ler a Jato" e abrange desde a página vinte sete até a página trinta e cinco. Ele apresenta algumas subdivisões sob os seguintes títulos: Apresentação, Considerações Gerais, Orientação para o uso da cartilha, Resumo da referência do som das diferentes letras do alfabeto, Apêndice – Educação Moral e Cívica e a Nova Constituição do Brasil.

Segundo a filha da autora, nos primeiros exemplares da Cartilha "Ler a Jato", sua mãe havia solicitado à gráfica que nas páginas destinadas ao "Guia do Professor" as mesmas fossem pontilhadas para que pudessem ser destacadas pelos professores, antes de entregar a cartilha aos alunos. Porém, essa solicitação acabou encarecendo o material e nas impressões seguintes a autora acabou dispensando a utilização desse recurso (TOMATIS, Maria Lúcia, Entrevista, 15/10/2010).

Em relação a este aspecto, o parecer do setor técnico da SEC/RS no item referente à "Apresentação do Guia do Professor" destaca que "as folhas pontilhadas, destacáveis encontradas nas páginas vinte e nove à trinta e seis da cartilha permitiriam facilidade de manuseio" (RIO GRANDE DO SUL, SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA DO ESTADO. PARECER CPOE Nº 392/68, p. 8).

Nos parágrafos iniciais do "Guia do Professor", mais precisamente na "Apresentação", a autora aborda a questão da alfabetização, de crianças e adultos alegando que este teria sido sempre motivo de interesse, não só de educadores e pais, como também do próprio Governo, que trabalhava em prol da "erradicação do analfabetismo" e cujo índice era muito elevando no país. Ainda, neste item, justifica que o surgimento da Cartilha "Ler a Jato" teria se efetivado em virtude dos seus largos anos experiência e, em seguida, apresenta os resultados que o material havia alcançado em aulas individuais, a saber:

> - adultos e crianças, desde as bem dotadas até as de nível de maturidade 7 – 12 a 15 horas;
> - crianças com dificuldades, excepcionais – 30 horas no máximo;
> - grupos heterogêneos - 20 aulas, com períodos de 2 horas. (TOMATIS, Gilda – CARTILHA LER A JATO, 1986, p. 27).

Ainda, no "Guia do Professor", a autora ressalta que paralelamente à alfabetização desenvolveu parte de um programa de Matemática com numeração até noventa e nove, adição e subtração, com material didático manipulativo, números pares e ímpares. Assim, propôs que os professores interessados em comprovar os resultados obtidos junto à cartilha procurassem experimentá-la em aulas individuais (TOMATIS, Gilda – CARTILHA LER A JATO, 1986, p. 27).

Para a autora, "o domínio integral da técnica de trabalho e a comprovação, pelo próprio professor, da veracidade das informações apresentadas, lhe assegurariam as condições necessárias para o êxito em aulas coletivas" (TOMATIS, Gilda – CARTILHA LER A JATO, 1986, p. 27). Destaca que a "orientação adotada na Cartilha segue o processo fonético, partindo de uma palavra básica, apoiada na posição assumida pelos órgãos fonadores ao emitirem o som, que seria uma referência para indicar a identificação das consoantes, sendo inclusive um recurso didático, usado com ótimos resultados na alfabetização rápida" (TOMATIS, Gilda – CARTILHA LER JATO, 1986, p. 27).

Nas "Considerações Gerais", encontram-se algumas sugestões de livros, leituras e alguns procedimentos didáticos recomendados aos professores que pretendessem trabalhar com a Cartilha "Ler a Jato", tanto com as crianças quanto com os adultos, pois ambos, segundo a autora, necessitariam de incentivos diferentes, sendo motivados de forma diferente conforme seus interesses. Nesse sentido, o "Guia do Professor", que está inserido no interior da cartilha "Ler a Jato", aconselha:

> Ao iniciar a Cartilha, os alunos devem ser incentivados, através do interesse natural que apresentam por histórias: o livro é pequeno, tem poucas páginas, poderão terminá-lo em poucos dias, ficando capacitados a ler as historinhas preferidas. Manter esse interesse durante a alfabetização, comparando a parte vencida com a que falta vencer. Ao se aproximar do fim de cada livro, aguçar a curiosidade, dizendo que o seguinte terá histórias interessantes, etc., permanecendo incógnito seu titulo. Para adultos usa-se como incentivo cartas, jornais, melhor emprego, etc (TOMATIS, Gilda – CARTILHA LER A JATO, 1986, p. 27).

Na reportagem do Jornal do Brasil, de 10 de maio de 1968, a professora Gilda Tomatis afirma que “para o adulto, o estimulo é outro. O professor tem de mostrar como é bom ler jornal, poder escrever cartas, ter menos dificuldade econômica, e todas as vantagens da alfabetização” (JORNAL DO BRASIL, 10/05/1968).

A autora destaca ainda no “Guia do Professor” que “o processo da leitura se desenvolve paralelo ao da escrita” (TOMATIS, Gilda – CARTILHA LER A JATO, 1986, p. 28). Acreditava que pela prática, pela utilização do material e pela aplicação da técnica proposta por ela, o professor poderia constatar que a aprendizagem da escrita seria muito rápida, bem como a da leitura acompanhada de um mínimo de exercícios. (TOMATIS, Gilda – CARTILHA LER A JATO, 1986, p. 28).

Segundo a autora, “o aluno que dominasse a leitura da palavra básica e das sílabas introduzidas pela mesma, estaria capacitado a escrever qualquer palavra com essa consoante, devido a relação estabelecida entre o som e a posição da boca para pronunciá-lo” (TOMATIS, Gilda – CARTILHA LER A JATO, 1986, p. 28). Para o caso das crianças, recomendava o uso do “desenho livre e ilustrativo”, pois considerava que essa atividade proporcionaria “melhores condições para a escrita” (TOMATIS, Gilda – CARTILHA LER A JATO, 1986, p. 28). No entanto, sugeria que até que o aluno pudesse a vencer “o programa de 1º ano”, ou seja, atividade proposta na Cartilha “Ler a Jato”, ele só usasse a letra “*script*” que era inclusive o mesmo tipo de letra usado no Caderno Série Jato[25]

Nos estudos realizados por Peres (2003, p. 86) acerca das orientações do CPOE, há a constatação de que a instituição, especialmente a partir dos anos 50, havia instaurado “um novo e controverso debate sobre as vantagens do uso da letra script em detrimento da letra cursiva”, elencando na época inclusive nove itens que repercutiam as vantagens desse tipo de escrita. (PERES, 2003, p. 87). Na definição do CPOE, segundo a autora,

> o script é a letra de imprensa simplificada, com as letras ‘a’ e ‘g’ modificadas. Nesse sentido, seria vantajoso em relação à letra cursiva,

---

[25] Um caderno no qual o aluno deveria realizar exercícios de cópia para repetir, treinar e memorizar o que aprendeu em cada lição. Material também criado e produzido pela autora para complementar o processo de alfabetização. Este material será abordado mais a frete numa seção destinada ao Caderno Série a Jato.

> pois possibilitaria uma aprendizagem mais fácil, simples e em muito menos tempo (PERES, 2003, p. 87).

Esses aspectos foram observados pela professora Gilda Tomatis ao produzir seu material de alfabetização, uma vez que ela também pretendia especialmente com o uso da Cartilha “Ler a Jato” tornar a aprendizagem dos alunos rápida, fácil e eficiente.

Em termos de escrita, na Cartilha “Ler a Jato”, na parte direcionada ao “Guia do Professor”, a professora Gilda recomendava que “para que o aluno mantivesse uma caligrafia legível, letra bonita, seria aconselhável que, durante a alfabetização, as letras sem haste ocupassem todo o espaço entre duas linhas do caderno de linhas simples e dois espaços quando apresentarem haste” (TOMATIS, Gilda – CARTILHA LER A JATO, 1986, p. 28). Seguindo o seguinte exemplo:

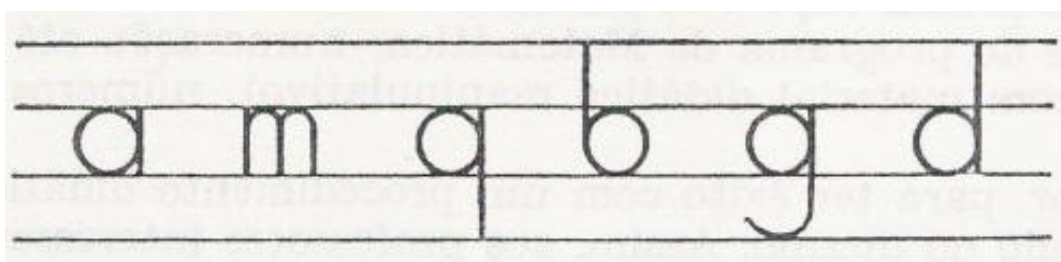



Figura 19 – Reprodução da Grafia das letras da Cartilha “Ler a Jato” - 15ª ed., 1986.
Fonte: Acervo privado da pesquisadora

Para atender o aspecto da caligrafia, o Guia recomendava ainda que sempre que professor fosse apresentar uma palavra básica, este deveria escrever a palavra e as sílabas com a nova consoante no caderno do aluno para que ele as copiasse. Esse exercício do treino de repetir letras, sílabas, palavras e frase, copiando-as poderia permitir aquilo que, conforme Bastos e Stephanou (2008), em seu estudo sobre caligrafia, depois de “adquiridas as competências gráficas, uma apropriação diferencial de seu uso e suas formas, podendo mesmo levar a criação de estilos singulares, inspiradores de novos modos de grafar, apesar e para além das técnicas rígidas do dispositivo escolar” (BASTOS & STEPHANOU, 2008, p. 22).

Contudo, a Gilda Tomatis destaca no Guia o seguinte:

> Embora pareça, não será uma perda de tempo. Pelo contrário, o professor estará evitando que o aluno integre caracteres defeituosos o que exigirá mais tempo para esquecê-los e reaprendê-los corretamente (TOMATIS, Gilda – CARTILHA LER A JATO, 1986, p. 28).

Bastos e Stephanou (2008, p. 2) destacam ainda que a caligrafia "é arte de escrever com letra bela e bem formada. [...] Busca aperfeiçoar e afinar os sentidos da mão e a ortopedia do corpo, condições fundamentais para desenvolver hábitos de ordem, disciplina e estética do texto". Ao que tudo indica, essa também era uma preocupação da professora Gilda, evidenciada em seu material e nas orientações para seu uso.

É importante ressaltar, contudo, que o "Caderno Série Jato" elaborado pela professora Gilda Tomatis para ser utilizado durante o processo de alfabetização junto com a Cartilha "Ler a Jato". O "Caderno Série Jato" não é propriamente caderno de caligrafia e sim um "caderno comum", impresso e organizado pela professora. O caderno contém as letras, sílabas, palavras e frases da cartilha para que os alunos, por meio do treino gráfico diário, pudessem aprimorar a escrita, fixar as aprendizagem e memorizar as lições.

Nesse sentido, a autora reforça, no "Guia do Professor", a importância de fixar a atividade com as consoantes maiúsculas através do jogo e das adivinhações. Para este caso a orientação da professora Gilda Tomatis é a seguinte:

> As consoantes maiúsculas serão todas apresentadas, durante a alfabetização, em nomes próprios ou início de frases. Para sua fixação poderia-se empregar uma coleção de cartões com o nome do aluno e seus familiares, de início. Os cartões iriam aumentando progressivamente com o nome de colegas, professor, diretor, etc. Sendo utilizado inclusive no lar ou na escola, sob a forma de jogo para "adivinhar" o nome que apresenta cada cartão (TOMATIS, Gilda – CARTILHA LER A JATO, 1986, p. 28).

Carvalho (2005, p. 24) destaca que essa é uma atividade comum utilizada por "alguns métodos que adiam o ensino dos nomes das letras até que o aprendiz tenha dominado as relações letras-fonemas (relações grafofônicas)". Para a autora,

> o objetivo desse adiamento é evitar que o aluno focalize o nome da letra quando deveria concentra-se no respectivo som. Alguns lançam mão de elementos lúdicos – jogos, dramatizações, teatro de fantoches, canções, desenhos etc, – para tornar atraente a memorização de sons e letras (CARVALHO, 2005, p. 25).

A acentuação gráfica também era vista pela professora como uma questão que deveria ser explorada de forma relacionada com a acentuação tônica, na medida em que fossem surgindo os respectivos sinais (TOMATIS, Gilda –

CARTILHA LER A JATO, 1986, p. 28). A autora sugere que, de acordo com a capacidade do aluno, as lições podiam ser desenvolvidas e repetidas até quatro vezes em cada aula. Compreende-se, assim, que a finalidade do método era levar a criança, os jovens e os adultos a fixar as suas aprendizagens por meio da repetição, do treino e da memorização. A professora Gilda no “Guia do Professor”, que se encontra no interior da cartilha “Ler a Jato”, ressalta que “ao término da cartilha e recebimento do 2º, 3º ou 4º livro deverão ser comemorados com uma festinha” (TOMATIS, Gilda – CARTILHA LER A JATO, 1986, p. 28).

Outro aspecto enfatizado pela autora em sua proposta de ensino era o apelo à ajuda da família do aluno, na expectativa de que, mesmo sem comparecer à escola, eles procurassem se envolver e acompanhar o processo de aprendizagem dos filhos. Sobre este aspecto, a professora Gilda Tomatis mencionava:

> A família do aluno, embora sem comparecer à escola, deve ser levada a participar deste acontecimento, a fim de tomar conhecimento do progresso dos filhos, incentivá-los e, orgulhosos pelos resultados já alcançados, se predispor a adquirir os livros de leitura intermediária que forem solicitados pelo professor (TOMATIS, Gilda – CARTILHA LER A JATO, 1986, p. 28).

Ao concluir as orientações para as atividades propostas na cartilha, o “Guia do Professor” traz algumas sugestões de livros e leituras que poderiam ser utilizadas pelos alunos para complementar seu processo de alfabetização por meio de leituras, tais como: *Sarita e seus amiguinhos*, de Ceci Cordeiro Thofehrn e Jandira Cardia Szechier (Editora do Brasil S. A.); *As Mais Belas Histórias* de Lúcia Casasanta (Pré-Livro da Editora do Brasil S. A.); e *O Presente* de Magdala Lisboa Facha (Pré-Livro da Livraria Agir Editora). Interessante que mesmo sendo totalmente contrária ao ensino da leitura e da escrita através do método global, Gilda Tomatis sugere justamente livros cuja orientação é o referido método. Sarita e seus amiguinhos, produzida por autoras gaúchas, “As mais belas histórias” e “O Presente”, ambas de autoras mineiras, e maiores entusiastas do método, são “ícones” do método global de contos e suas autoras as mais importantes criadoras e divulgadoras no Brasil desse método (MACIEL, 2001; PERES e CÉZAR 2003; PERES E PORTO 2004; PERES 2006a, 2006b, 2006c, 2008). Esses livros, ou pré-livros como eram chamados, usam pequenas histórias para o ensino da leitura. Contudo, talvez a perspectiva da professora Gilda fosse: *primeiro ensinar a ler* – daí sua defesa do

método fônico e a produção de seu material -, para então *efetivamente ler* – daí a sugestão dos pré-livros do método global. Assim, com o término da Cartilha "Ler a Jato", a professora Gilda Tomatis propunha que os alunos continuassem desenvolvendo suas habilidades linguísticas, incentivando-os a ler e indicando algumas leituras com "textos simples e fáceis" para começar.

De acordo com o "Guia do Professor", cada livro deveria ser lido em três ou cinco aulas, entretanto, era necessário que as histórias fossem relidas mais de uma vez para atingissem os objetivos desejados. Cabia aos pais a responsabilidade de adquirir novos livrinhos de história ou revistas infantis. Aspectos que a autora reafirmou como destaca a reportagem do Jornal do Brasil de 10 de maio de 1968, a seguir:

> [...] o aluno se entusiasma muito, pois já na primeira lição pode ler três páginas da sua cartilha. Esse estímulo, dado pelo próprio método, é a outra chave do êxito da cartilha *Ler a Jato,* pois a criança ou o adulto que está aprendendo a ler pode notar desde o começo o seu progresso, e é estimulado com a promessa de passar para "o segundo livro, para as historinhas, ou para o melhor emprego, a possibilidade de ganhar mais, quando adulto".

No subtítulo do "Guia do Professor", nas "Orientações para o uso da cartilha", a autora, em uma nota de rodapé, esclarece que estas orientações seguem minuciosamente os procedimentos que são apresentados por ela nos "*Discos de Alfabetização",* material que foi produzido por ela provavelmente na década de 1970, para auxiliar no processo de alfabetização e reproduzido na íntegra todas as lições da Cartilha "Ler a Jato". Nas orientações para o uso da Cartilha "Ler a Jato", a autora descreve passo a passo em detalhes os procedimentos que envolvem o trabalho com as vinte e quatro lições. Exponho a seguir alguns destes passos, referentes ao ensino das "vogais" e da lição da "lua". Os demais passos que envolvem as outras lições encontram-se descritas na integra no final deste estudo, no apêndice.

> **1. Vogais** – Identificar as gravuras – asa, ema, ilha ovo, uva.
> Ler as palavras identificadas pelas gravuras, várias vezes, até que possam ser enunciadas sem auxílio das mesmas. Ler essas palavras partidas, separando as sílabas. Comparar a letra da 1ª sílabas com a letra que está mais adiante. Leituras das vogais iniciais, relacionando-as com as vogais de origem: **a** da asa; **e** da ema; **i** da ilha; **o** do ovo; **u** da uva. Repetir.
> Cantarolar as vogais, em escala crescente. Colorir os desenhos desta página. Esta atividade deve ser realizada nas demais lições. Escrita, pelo professor, no caderno do aluno, das 5 vogais para que ele as

> copie, se não adotar o Caderno Série Jato. O professor não deve insistir, nesta lição, quanto às palavras, pois sua finalidade é a aprendizagem das vogais o que será fixado nas aulas posteriores, pela repetição.
>
> **2. lua** – Identificar a gravura – lua.
> Leitura, pelo aluno, da palavra – lua – identificada pela gravura.
> Dizer essa palavra bem devagar, várias vezes, a fim de observar a posição da boca (levanta a ponta da língua e coloca-a no céu da boca). Referência para o som da leitura inicial da lua (1): levantar a ponta a língua e apertá-la no céu da boca. Apertar a ponta da língua no céu da boca e dizer **a** (la). Apertar a ponta da língua no céu da boca e dizer **e** (le). Idem para **li**, **lo**, **lu**. Ler as sílabas na Cartilha. Agora o aluno deverá estar apto a ler todas as palavras com a letra **l**. Leitura desta página da Cartilha, pelo aluno, em colunas verticais. Cópia da palavra **lua** e das sílabas com a letra **l**. A fim de preparar o ditado, o professor pronunciará sílabas com a vogal prolongada para que o aluno perceba a letra que está no fim. Ex.: laaaaa (a); leeeee (e); liiiii (i); looooo (o); luuuuu (u).
> Ditado de sílabas e palavras com a letra **l**. Durante a alfabetização o professor deve habituar o aluno a pronunciar a palavra, antes de escrevê-la, a fim de observar a posição que da à boca e, assim, identificar a consoante. Sempre que o aluno estiver escrevendo deverá acompanhar, com a articulação, o movimento da mão. Durante a leitura, o professor chamará a atenção do aluno para prolongar a vogal da 1ª sílaba até que o olho possa ver a letra seguinte e dar o jeito da boca. Exemplo: laaa...ta. (TOMATIS, Gilda – CARTILHA LER A JATO, 1986, p. 29).

Embora bastante longas, a opção em reproduzir as orientações de todas as lições tem como objetivo principal demonstrar a preocupação da professora em ensinar passo a passo os professores a usarem o "método". Segundo ela, as orientações seguidas rigorosamente eram as razões do sucesso no ensino da leitura e da escrita às crianças e aos adultos.

As minúcias das orientações revelam, também, aquilo que já é conhecido na aplicação do método fonético, ou seja, de que ao aplicar tal método, "o professor dirige a atenção da criança para a dimensão sonora da língua, isto é, para o fato de que palavras, além de terem um ou mais significados, são formadas por sons, denominados fonemas" (CARVALHO, 2005, p. 24). Segundo a autora "fonemas são unidades mínimas de sons da fala, representados na escrita pelas letras do alfabeto" (CARVALHO, 2005, p. 24). O uso do recurso dos LPs, que serão apresentados adiante, possivelmente é explicado pela importância que tal dimensão – a sonora – tem no ensino da leitura pelo método fonético.

A professora Gilda Tomatis, no final das orientações para o uso da cartilha, destaca duas notas importantes:

1. As referências para as consoantes poderão ser modificadas, de acordo com as diferentes regiões, tendo o professor o cuidado de não introduzir novas referências que coincidiram com outras já usadas. Exemplo: para uma aluna da Guanabara, radicada em Porto Alegre, foi introduzida uma única modificação: o som do **r** inicial - tremer a ponta da língua – passou a ser tremer a garganta.
2. A Autora terá interesse em conhecer os resultados sobre emprego deste processo de alfabetização (Rua Jerônimo Coelho, 44 apart. 801, Porto Alegre, RGS). (TOMATIS, Gilda – CARTILHA LER A JATO, 1986, p. 34).

Isso denota que a professora Gilda sabia da importância de se considerar as diferenças da língua, de acordo com as diferenças regionais de cada estado brasileiro onde a Cartilha “Ler a Jato” e o seu método fonético pudessem ser aplicados. E, ainda, se propõem a conhecer os resultados de como esse processo poderia ocorrer na prática, ou seja, além de produzir o material seu desejo era acompanhar, avaliar e divulgar possíveis resultados.

No item que se refere ao “Resumo da referência ao som das diferentes letras do alfabeto”, a autora apresenta os fonemas e demonstra como deveriam ser ensinados aos alunos. Listagem que também se encontra na contracapa dos LPs “Audiofonográfico – Aprenda a ler em 15 horas”.

a – a
b – enche a boca de ar, faz bola com a boca
c – (a, o, u) abre a boca e assopra com a garganta
c – (i, e) igual a s
ç – igual ao s
ch – chia
d – puxa a garganta
e - e
f – assopra nos dentes de cima
g – (a, o, u) abra a boca e fecha a garganta
h – inicial não soa
i - i
j – suspende a língua e empurra o ar
l – ponta da língua no céu da boca
m – pelo nariz, com a boca fechada
n – pelo nariz, com a boca aberta
o – o
p – aperta os lábios
q – igual a c antes de a, o, u
r – treme a ponta da língua
s – assopra na ponta da língua
t – força na língua
u - u
v - ruído de avião
x – igual à ch, chia
z – zune. (TOMATIS, Gilda - CARTILHA LER A JATO, 1986, p. 34)

O inusitado da proposta da professora também reside nesse aspecto: como orientar o uso dos fonemas para o ensino da leitura, escrevendo sobre eles? A professora fez um sobre-esforço nesse sentido e ler as orientações e ouvir os LPs fazem refletir acerca das possibilidades e impossibilidades de professores e professoras e do próprio aluno, no caso da autoinstrução em efetivamente compreender e reproduzir fonemas isolados.

Segundo Carvalho (2005, p. 25), alguns professores se utilizavam de “elementos lúdicos” para tornar atraente a memorização de sons e letras por parte dos alunos. Nesse sobre-esforço que a professora Gilda fez, ela também procurou utilizar “recursos expressivos de voz”, som, música e desenho “para despertar o interesse dos seus alunos” (CARVALHO, 2005).

No final do “Guia do Professor”, Gilda Tomatis apresenta o “Apêndice – Educação Moral de Cívica” no qual ela faz uma menção à Constituição e à Carta Magna, destacando que “é a lei fundamental de uma nação”. Em seguida, descreve o que é uma constituição e apresenta logo abaixo alguns aspectos da nova Constituição do Brasil, datada de 17 de outubro de 1969, referente ao “Titulo II Da Declaração de Diretos”, em que destaca:

> Artigo 176 - A educação, inspirada nos princípios da unidade nacional e nos ideias de liberdade e solidariedade humana, é direito de todos e de ver do Estado, e será dada no lar e na escola. § 3º - A legislação do ensino adotará os seguintes princípios e normas: VII – a liberdade de comunicação de conhecimento no exercício do magistério, ressalvado o disposto no artigo 154.
> Artigo 154 - O abuso do direito individual ou político, com o propósito de subversão do regime democrático ou de corrupção, importará a suspensão daqueles direitos, de dois a dez anos, a qual será declarada pelo Supremo Tribunal Federal, mediante representação do Procurador-geral da Republica, sem prejuízo da ação cível ou penal que couber, assegurado ao paciente ampla defesa. § 30 – É assegurado a qualquer pessoa o direito de representação e de petição aos poderes públicos em defesa de direitos ou contra abusos de autoridade.
> É dever de todo brasileiro conhecer as leis que regem seu País e participar da vida nacional. A Constituição é um documento que deve ser lido e meditado por todos a fim de conscientizarem os direitos e deveres que o Estado lhes assegura. Para evidenciar essas afirmações foram transcritos fragmentos de 3artigos da Constituição, relacionados com a educação, com o magistério. Através dos mesmos poderão os professores tomar conhecimento de direitos e deveres que a Carta Magna lhes assegura: - Liberdade para o exercício do magistério, adotando normas que julgue mais adequadas ao progresso de seus alunos, dentro dos objetivos do curso. - Proibição de usar a

> atividade didática para fins de corrupção e subversão. - Direitos de levar ao conhecimento das autoridades competentes infrações quanto ao cerceamento da liberdade que lhes é assegurada no art. 176 (TOMATIS, Gilda – CARTILHA LER A JATO, 1986, p. 35).

Em relação a esse tipo de texto, Tambara (2003, p. 109) destaca que “visavam primordialmente, a formação do cidadão, ressaltando seus direitos e seus deveres”, [...] procurando estabelecer “uma comunicação caracterizada com uma mensagem de moral e civismo”. Em seu material, Gilda Tomatis também privilegiou esse tipo de abordagem.

Na próxima seção, apresento o Método Audiofonografico de Alfabetização em 15 horas, exposto nos quatro discos de vinil intitulados “Método Audiofonográfico - Aprenda a Ler em 15 horas”.

5.2. Método Audiofonografico: a produção dos 4 LPs

“Método Audiofonográfico - Alfabetização em 15 horas”. Assim se intitula o material fonográfico gravado pela professora Gilda de Freitas Tomatis nos estudos da Artec Som, em Porto Alegre/RS, por volta da década de 1970.

Os quatro discos de vinil[26] vinham acondicionados em uma caixa acartonada de aproximadamente 32,5cm x 32,5cm e de 2,5cm de espessura. Eles reproduzem as lições contidas na Cartilha “Ler a Jato”. Apenas a tampa da caixa apresenta uma ilustração nas cores verde, amarelo, branco e preto. No centro da tampa, há o contorno em preto da imagem do mapa do Brasil e sobre o fundo branco no centro do mapa está escrito em caixa alta e em preto a frase: “ALFABETIZAÇÃO EM 15 HORAS”. Abaixo do mapa, à esquerda, há um pequeno quadro com informações sobre o material adicional da caixa: quatro discos *long play,* a Cartilha “Ler a Jato”, Caderno Série Jato e, como oferta, lápis, bloco e borracha.

---

[26] **LP** é a abreviatura do termo em inglês de *Long Play* (também conhecido por *Twelve inches* ou, "12 polegadas" em português). O disco possue 31 cm de diâmetro que era tocado a 33 1/3 rotação por minuto. Sua capacidade normal era de cerca de 20 minutos por lado. O formato LP era utilizado, usualmente, para a comercialização de álbuns completos, uma mídia desenvolvida no início da década de 1950, específicamente para a reprodução musical. Informações disponíveis em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Disco_de_vinil. Acessado em Nov./2011. De acordo com Napolitano (2010, p. 262), entre o período de 1951 e 1990, o Brasil vivia a “Era do LP” e foi considerado um dos maiores mercados fonográficos do mundo.

Figura 20 – Reprodução da Caixa com os LPs "Alfabetização em 15 Horas"- s/d
Fonte: Acervo privado da pesquisadora

Na parte inferior da caixa, estão as informações referentes à autora, editora, endereço e telefones de contato, bem como da gravadora, além dos registros referentes ao Cadastro Geral de Contribuintes – CGC – das empresas em questão e a identificação de alguns nomes de profissionais da área fonográfica que auxiliaram na gravação do material, como Osni C. Lima, responsável pela técnica e equalização; Artur J. M. Pereira, responsável pela supervisão e montagem e Lorival A. Costa com sua cooperação especial. Informações pertinentes podem ser visualizadas na imagem ampliada abaixo.

Figura 21 - Informações sobre a Editora Tomatis e a Artc Som

Segundo Batista (1999, p. 536), com relação às cartilhas utilizadas no Brasil entre as décadas de 1940 e 1970, elas vinham acompanhadas de folhas, fichas, cartazes, cadernos de exercícios, fitas cassete e de vídeo, e folhetos. Esses objetos

foram denominados por Batista (1999, p. 536) como “satélites”, recursos disponíveis aos professores para serem utilizados em sala de aula durante as práticas pedagógicas. Mais do que uma cartilha, então, com esses “satélites”, a professora Gilda criou um verdadeiro “programa de alfabetização”.

Além da cartilha, a autora disponibilizava um “Kit” de alfabetização composto por quatro discos de vinil intitulados: “*Método Audiofonográfico de Alfabetização - Aprenda a Ler em 15 Horas”*, que reproduzia as lições contidas na Cartilha “Ler a Jato”, além dos livros de Matemática e Cadernos de Alfabetização. Tanto o material gráfico quanto o material audiofonográfico evidenciam um forte apelo nacionalista, exaltando a necessidade do envolvimento de toda a população brasileira para por fim ao analfabetismo. Na caixa dos LPs, organizados por ordem numérica, encontram-se os discos. A capa dos discos tem, em média, 31 x 31cm. A gravação de cada disco tem em média 40 a 50 minutos de gravação.

No centro da capa, visualizam-se os números correspondentes a cada disco e sobre estes números encontra-se a imagem da Cartilha “Ler a Jato”. No lado esquerdo, na parte de cima dos discos, localiza-se o nome da autora. Abaixo de cada número, do lado direito, escrito em verde, está a palavra “Método”. Na parte inferior da capa, na margem vermelha, encontra-se escrito em caixa alta, a palavra “AUDIOFONOGRÁFICO” e abaixo dela, a frase: “APRENDA A LER EM 15 HORAS”, como se pode visualizar a seguir:

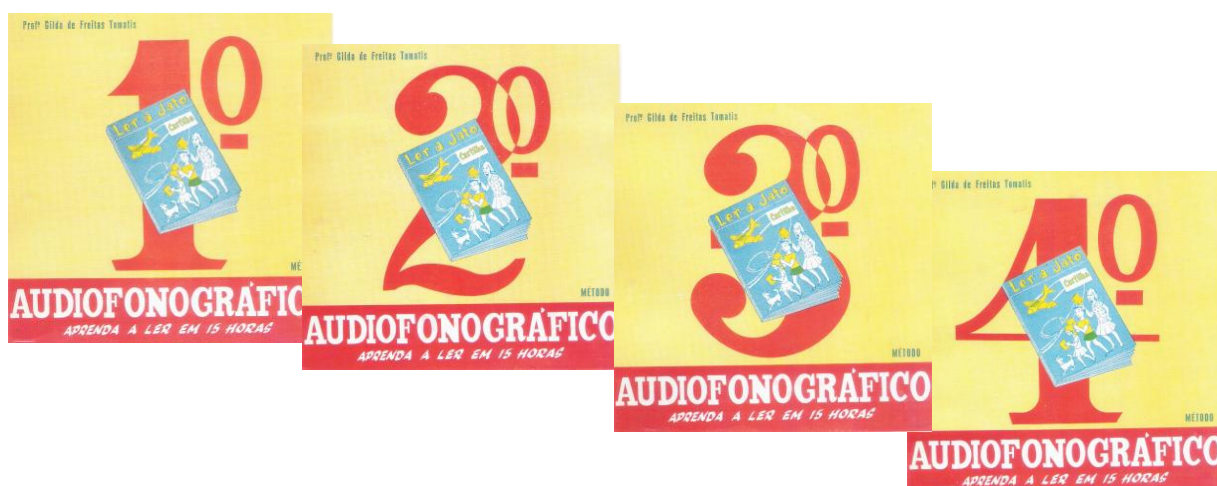



Figura 22 – Reprodução das capas dos discos de vinil -
“Método Audiofonográfico – Aprenda a Ler em 15 horas” – s/d
Fonte: Acervo privado da pesquisadora

Não disponho de dados sobre a tiragem deste material, apenas a declaração da filha da autora que contou que, em razão de ele ter tido um alto custo financeiro na época, foram produzidos apenas uma só vez (TOMATIS, Maria Lúcia, Entrevista, 15/10/2010). Na contracapa, ocupando todo o espaço do verso, encontram-se, descritos em azul e divididos em duas colunas, os dados da pesquisa realizada no Rio Grande do Sul em 1968 nas classes que adotaram a Cartilha “Ler a Jato”. Todos os quatro discos contêm as mesmas informações nas contracapas. A pesquisa apresenta, entre outros, dados relativos à percentagem de promoção de alunos que teriam usado o material, alguns itens relacionados ao interesse dos alunos, pareceres de alguns pais e professores em diversas cidades e instituições públicas (municipais e estaduais) e privadas do Estado do RS.

Dados da pesquisa realizada no RGS em 1968 nas classes que adotaram a cartilha Ler a Jato

I — PERCENTAGEM DE PROMOÇÃO

Escolas particulares:
Capital . . . . 99 %
Interior do Estado . . . . 89 %

Escolas Estaduais:
Capital . . . . 82 %
Interior do Estado . . . . 73 %
Escolas Municipais . . . . 72 %

II — INTERÊSSE DO ALUNO

"Os alunos acharam a cartilha simplesmente maravilhosa". Prof.ª Siria Schoroeder - Escola Barão do Rio Branco - Victor Graeff.

"Inicialmente os alunos mostravam-se mais interessados pela apresentação da lição nova. Após dominarem o processo, antecipavam-se na leitura de outras lições. Mostravam-se entusiasmados com as descobertas na leitura, independentes do professor". Profª Idacy Martins - Grupo Esc. Gastão Leão - Guaíba.

"Os alunos mostram-se sempre interessados pela cartilha e, em casa não a largavam nem para dormir". - Vera Roig - Grupo Esc. 7 de Setembro - Camaquã.

"Houve muito interêsse por parte dos alunos por ser a cartilha acessível e de fácil assimilação da aprendizagem, cujo aproveitamento foi sobejamente confirmado nas provas finais - 100% de aprovação". Prof.ª Catarina Piamoline - Tramandaí.

III — PARECER DOS PAIS

"Os Pais gostaram muito do processo que era uma novidade em que os alunos aprendiam sem decorar, tornando-se capazes de ler qualquer livro". Prof.ª Reni Caron - Grupo Escolar Felipe dos Santos - Veranópolis.

"Os Pais receberam com certa surpêsa a rápida recuperação de seus filhos que estavam com 2 a 4 anos de escolaridade". Prof.ª Maria L. Bend - Grupo Escolar Fátima - Canoas.

"Os Pais admiravam-se de seus filhos lerem jornal, visto não ter acontecido isso com os filhos mais velhos, quando freqüentavam o 1.º ano". Prof.ª Maria H. Ferreira - Grupo Escolar da Cidade - São Luiz Gonzaga

"Os Pais notaram o grande interêsse dos filhos quando receberam a cartilha, observaram o interêsse das crianças em estudar suas lições e surpreenderam-se com a rapidez com que as crianças dominaram a leitura, menos de 2 meses". Prof.ª Sueli O. Quadros - E. M. Prof.ª Luiza - Jaguarão.

"Os Pais manifestaram-se a favor da Cartilha Ler a Jato devido à rápida alfabetização". Prof.ª Neiva Hichembick - Grupo Escolar Dolores Gomes - P. Alegre.

IV — PARECER DOS PROFESSÔRES

"Iniciei meu trabalho no magistério com alfabetização, usando Ler a Jato. Gostei muito e obtive pleno êxito - 100% de aprovação - e devo em parte, à Autora da Cartilha. (25 alunos repetentes)". Prof.ª Lahyr Colombo - Grupo Escolar Padre Reus - S. Antonio da Patrulha.

"Achei a cartilha de grande valor, principalmente para as classes D. Com uma cartilha assim, é possível acabar-se com essas ingratas classes D". Prof.ª Eloiza Prestes - Grupo Escolar de Parque Brasília - Cachoeirinha.

"A Cartilha é muito bom, proporcionando à criança maior interrêsse pela leitura. À medida que ela vai observando que tem progresso, vai se interessando mais. Nove alunos venceram também o programa de 2.º ano". Prof.ª Solange Vargas - Grupo Escolar Luiz de Camões - Gravataí.

"Informo que, para mim, cartilha Ler a Jato foi o nome mais concreto que uma cartilha poderia ter recebido. O desenvolvimento e aproveitamento foi mesmo "a jato". Sra. Profª. Gilda F. Tomatis, venho lutando há 9 anos como professôra de 1.º ano, tendo adotado muitas cartilhas mas, para alfabetizar em tão pouco tempo e homogêneamente, foi a primeira". Prof.ª Terezinha Brognoli - Grupo Escolar Jorge Lacerda - Tôrres.

"Usei a cartilha orientada apenas pelas instruções do Guia contido na mesma. Assim, a minha opinião é que a cartilha é ótima. Esclareço que a maioria dos alunos é de nível econômico e cultural inferior. Promoção 100 %." Prof.ª Adalgisa Neves Xavier - Escola S. Manoel - Porto Alegre.

"Obtive sucesso com êste método, visto ser muito objetivo e rápido. Quanto aos grupos consonantais não foi preciso muito tempo. Parecia que as crianças sempre souberam que se lia assim." - Prof.ª Dulce Fonseca - Grupo Escolar Venezuela - Porto Alegre.

"Gostei muito do processo. Eu o usei na falha do global." - Prof.ª Eunice Scheinert - Grupo Escolar Souza Lobo - Porto Alegre.

"A cartilha Ler a Jato é das melhores, tanto para o manêjo do professor como para os alunos. O seu método é muito interessante, facilitando o bom rendimento dos alunos; o que prova isso é que iniciei a adotá-la em 3-9-68 e a promoção que obtive: 61 %." - Prof.ª Cleomar Zilli - Grupo Escolar Gumercindo dos Reis - Passo Fundo.

"Gostei da Cartilha, pois é uma maneira fácil para a alfabetização das crianças que residem no interior, onde se torna difícil por causa da língua alemã. A maioria das crianças chega à escola sem compreender o seu idioma. Espero um 2.º livro. Promoção 89 %." - Prof.ª Isneida Bohn - E. Santa Inês - Mato Leitão - Venâncio Aires.

"Aplico a Cartilha Ler a Jato há 2 anos e tenho obtido êxito com crianças de difícil aprendizagem, pois é de fácil aplicação e de rápido domínio pelo aluno. Promoção 100 %." - Prof.ª Edy Steimake - G. E. 7 de Setembro - Camaquã.

"Gostei muito da Cartilha. Foi um trabalho agradável alfabetizar as crianças com Ler a Jato, pois os alunos mostravam-se interessados, facilitando, assim, o meu trabalho. Promoção 100 %." - Prof.ª Vera Roig - Grupo Escolar 7 de Setembro - Camaquã.

"Gostei muito da Cartilha por ser rápida na alfabetização, simples, não dando oportunidade de o aluno dispersar sua atenção em coisas desnecessárias; evita, em grande parte, a confusão de uma letra com outra. Quanto à cartilha ser atraente para o 1.º ano, à primeira vista parece desinteressante, mas, na minha opinião, o interêsse do aluno depende mais do modo como as lições são apresentadas pela professôra do que da apresentação gráfica da cartilha. Creio que mais informações são desnecessárias, visto a percentagem de promoção de minha classe - 100 %." - Prof.ª Liége M. da Silva - Grupo Escolar 7 de Setembro - Camaquã.

"De tôdas as cartilhas que usei em 14 anos, "Ler a Jato" foi a que mais aprovou." - Prof.ª Nedda L. Pozzi - Grupo Escolar Jorge Lacerda - Tôrres.

"Em julho as crianças estavam totalmente alfabetizadas (20 alunos de 5 e 6 anos), e entrei na matéria de 2.º ano." - Prof.ª Vera Maggente - E. P. Branca de Neve - Porto Alegre.

Esta é uma pequena amostra da opinião de professôres que usaram a cartilha Ler a Jato, firmada na experiência e, portanto, em um critério científico.

Difere enormemente do parecer do setor técnico da SEC - RS que declarou serem "os recursos de estimulação - motivação - remotos, não encontrando correspondência na psicologia infantil."

Esse parecer é uma falha do trabalho de gabinete, alheio à realidade, à vivência dos problemas educacionais.

A AUTORA

CONTEÚDO

1 - Introdução
2 - 1.ª aula - vogais
3 - 2.ª aula - lua
4 - 3.ª aula - bola
5 - 4.ª aula - tatu
6 - 5.ª aula - vela
7 - 6.ª aula - nabo
8 - 7.ª aula - pato
9 - 8.ª aula - revisão
10 - 9.ª aula - dedo
11 - 10.ª aula - mapa
12 - 11.ª aula - rato
13 - 12.ª aula - Vivi - Lalá
14 - 13.ª aula - sapo
15 - 14.ª aula - galo
16 - 15.ª aula - jarra
17 - 16.ª aula - cabeça e quero-quero
18 - 17.ª aula - favo
19 - 18.ª aula - zebu
20 - 19.ª aula - chaleira e xícara
21 - 20.ª aula - linha
22 - 21.ª aula - ôlho
23 - 22.ª aula - revisão
24 - Encerramento do curso

MATERIAL ANEXO:
1 Cartilha Ler a Jato
1 Caderno Série Jato
1 Lápis e 1 Borracha

ESTA SÉRIE COMPÕE-SE DE TRÊS DISCOS DEVIDAMENTE NUMERADOS

GRAVADO NOS ESTÚDIOS ARTEC SOM de PEREIRA & LIMA LTDA. (Porto Alegre e Curitiba)
GALERIA ROSARIO — CONJUNTO 1008 — PORTO ALEGRE — R. G. S. — C. G. C. 92 935 212 / 001
Técnica e Equalização: OSNI C. LIMA Supervisão e Montagem: ARTUR J. M. PEREIRA Colaboração Técnica e Artística de WASSIL

Impresso por IVAN CLICHÊS LTDA. - Rua Augusto Stellfeld, 730/798 - Fone 22-5797 - Curitiba - C. G. C. 76 593 747/001

Figura 23 - Reprodução da contracapa dos discos de vinil: “Método Audiofonográfico - Aprenda a Ler em 15 horas” – s/d
Fonte: Acervo privado da pesquisadora

Em relação à porcentagem de promoção atingida pela Cartilha “Ler a Jato”, a autora escreve:

> **Escolas particulares:**
> Capital 99%
> Interior do Estado 89%
> **Escolas Estaduais:**
> Capital 82%
> Interior do Estado 73%
> **Escolas Municipais** 72%

Na contracapa dos discos ainda são reproduzidos pareceres, obviamente favoráveis à Cartilha “Ler a Jato”. Assinados por professoras, esses pareceres foram divididos em três grupos: interesse dos alunos, pareceres dos pais, pareceres dos professores. Em relação ao interesse dos alunos, os dados evidenciam o seguinte:

> **INTERESSE DOS ALUNOS:**
>
> “Os alunos acharam a cartilha simplesmente maravilhosa”. Profª Síria Schoerder - Escola Barão do Rio Branco - Victor Graeff.
>
> “Inicialmente os alunos mostraram-se mais interessados pela apresentação da lição nova. Após dominarem o processo, antecipavam-se na leitura de outras lições. Mostravam-se entusiasmados com as descobertas na leitura, independentes do professor”. Profª Idacy Martins - Grupo Esc. Gastão Leão – Guaíba.
>
> “Houve muito interesse por parte dos alunos por ser a cartilha acessível e de fácil assimilação da aprendizagem, cujo aproveitamento foi sobejamente confirmado nas provas finais – 100% de aprovação”. – Profª Catarina Píamoline – Tramandaí. (TOMATIS, Gilda – CONTRACAPA DOS DISCOS DE VINIL: “MÉTODO AUDIOFONOGRÁFICO - APRENDA A LER EM 15 HORAS”, s/d)

Aparentemente, as declarações evidenciam que o material despertava o interesse dos alunos, porém os pareceres não são claros a que aspectos específicos da cartilha os alunos se identificaram. Há apenas breve destaque para a “leitura” no item dois que faz referência ao Grupo Escolar de Guaíba. Na continuidade, os pareceres dos pais demostram:

> **PARECER DOS PAIS:**
>
> “Os pais gostaram muito do processo que era uma novidade em que os alunos aprendiam sem decorar, sendo capazes de ler palavras novas em qualquer livro”. Profª Reni Caron - Grupo Escolar Felipe dos Santos – Veranópolis.

> “Os Pais receberam com certa surpresa a rápida recuperação de seus filhos que estavam com 2 a 4 anos de escolaridade”. Profª Maria L. Bend - Grupo Escolar Fátima – Canoas.
>
> “Os Pais manifestaram-se a favor da Cartilha Ler a Jato devido à rapidez de alfabetização”. Profª. Neiva Hichembick - Grupo Escolar Dolores Gomes – P. Alegre. (TOMATIS, Gilda – CONTRACAPA DOS DISCOS DE VINIL: “MÉTODO AUDIOFONOGRÁFICO - APRENDA A LER EM 15 HORAS”, s/d).

Nas supostas declarações dos pais, há um certo “entusiasmo” em relação à cartilha. Os pais teriam se surpreendido com a rapidez com que se efetivava o processo de alfabetização dos filhos, o interesse que o material despertava para outras leituras (livros e jornais) e pelo aprendizado da leitura e da escrita sem que tivesse sido preciso decorar. Já os pareceres dos professores são reproduzidos nos seguintes termos:

> **PARECER DOS PROFESSORES:**
>
> “Achei a cartilha de grande valor, principalmente para as classes D. Com uma cartilha assim, é possível acabar com essas ingratas classes D”. Profª Eloísa Prestes - Grupo Escolar Parque Brasília – Cachoerinha.
>
> “Usei a cartilha orientada apenas pelas instruções do Guia contida na mesma. Assim, a minha opinião é que a cartilha é ótima. Esclareço que a maioria das crianças é de nível econômico e cultural inferior! Promoção de 100%”. Profª Adalgisa Neves Xavier - Escola S. Manoel - Porto Alegre.
>
> “Gostei muito do processo. Eu usei na falha do global”. Profª Eunice Scheinert - Grupo Escolar Souza Lobo - Porto Alegre.
>
> “Gostei da Cartilha, pois é uma maneira fácil para a alfabetização das crianças que residem no interior, onde se torna mais difícil por causa da língua alemã. A maioria das crianças chega à escola sem compreender seu idioma. Espero um 2º livro. Promoção: 89%”. Profª Isnelda Bohn – E. Santa Inês - Mato Leitão - Venâncio Aires. (TOMATIS, Gilda – CONTRACAPA DOS DISCOS DE VINIL: “MÉTODO AUDIOFONOGRÁFICO - APRENDA A LER EM 15 HORAS”, s/d).

De acordo com o reproduzido como palavras de professoras não poderia haver melhor método e material de alfabetização do que a cartilha “Ler a Jato”. O material era considerado adequado para suprir todas as dificuldades dos alunos de forma rápida, prática e eficiente podendo, em alguns casos, atingir inclusive 100% de aprovação em suas turmas.

Sobre este aspecto, Bittencourt (2008, p.184) ressalta que “o professor era visto pelos autores como responsável pelo sucesso da obra”. É possível considerar também que no caso dos pareceres reproduzidos as supostas declarações favoráveis dos professores poderia ter um efeito positivo acerca do material.

As opiniões favoráveis que a autora afirmou ter recebido também foram divulgadas no intuito de contrapor o parecer desfavorável que recebeu do setor técnico do CPOE em relação à sua cartilha. Sobre os resultados atingidos com a Cartilha “Ler a Jato”, o setor técnico da SEC/RS em seu parecer destacou:

> [...] em relação aos resultados que a professora Gilda declara atingidos na alfabetização e que merecem todo o nosso crédito, devem, sem dúvida, ser atribuídos: a) ao detalhado enfoque da produção oral; b) a uma conseqüente discriminação auditiva mais acurada. Aspectos pouco conscientizados pelo professor primário em seu trabalho (RIO GRANDE DO SUL, SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA DO ESTADO. PARECER CPOE Nº 392/68, p. 7).

Não interessa aqui definir se os pareceres correspondiam ou não às práticas das escolas, mas perceber em que medida foram uma estratégia de divulgação do trabalho da professora Gilda. Além disso, se considerarmos esses pareceres, eles podem ser indicadores da circulação da Cartilha “Ler a Jato”. A partir dos pareceres, organizei o quadro que segue:

Quadro 6 - Listagem das escolas e dos locais de circulação da Cartilha “Ler a Jato” através dos pareceres divulgados nos LPs

Escolas	Professoras	Cidades/RS
Escola Barão do Rio Branco	Síria Schoroeder	Victor Graeff
Escola Municipal Professora Luiza	Sueli Oliveira Quadros	Jaguarão
Escola P. Branca de Neve	Vera Maggente	Porto Alegre
Escola São Manoel	Adalgisa Neves Xavier	Porto Alegre
Escola Santa Inês	Isnelda Bohn	Mato Leitão (Venâncio Aires)
Grupo Escolar da Cidade	Maria H. Ferreira	São Luiz Gonzaga
Grupo Escolar Dolores Gomes	Neiva Hichembick	Porto Alegre
Grupo Escolar Venezuela	Dulce Fonseca	Porto Alegre
Grupo Escolar Fátima	Maria L. Bend	Canoas

Grupo Escolar Felipe dos Santos	Reni Caron	Veranópolis
Grupo Escolar Gastão Leão	Idacy Martins	Guaíba
Grupo Escolar Gomercindo dos Reis	Cleomar Zilli	Passo Fundo
Grupo Escolar Jorge Lacerda	Nedda L. Pozzi	Torres
Grupo Escolar Jorge Lacerda	Terezinha Brognolí	Torres
Grupo Escolar Luiz Camões	Solange Vargas	Gravataí
Grupo Escolar Padre Réus	Lahyr Colombro	Santo Antônio da Patrulha
Grupo Escolar Parque Brasília	Eloísa Prestes	Cachoerinha
Grupo Escolar 7 Setembro	Vera Roig	Camaquã
Grupo Escolar 7 Setembro	Edy Steimake	Camaquã
Grupo Escolar 7 Setembro	Liége M. da Silva	Camaquã
Grupo Escolar Souza Lobo	Eunice Scheinert	Porto Alegre
Grupo Escolar Tupanciretã	Elsa Genro de Sales	Tupanciretã
Sem identificação da escola	Catarina Píamoline	Tramandaí

Nota-se que, nas cidades de Camaquã, Porto Alegre e Torres mais de uma escola ou grupo escolar teria adotado a Cartilha “Ler a Jato”, além de outras escolas nas cidades de Victor Graeff, Jaguarão, Mato Leitão em Venâncio Aires, São Luiz Gonzaga, Canoas, Veranópolis, Guaíba, Passo Fundo, Gravataí, Santo Antônio da Patrulha, Cachoeirinha. Se considerarmos esses dados, pode-se inferir que o material da professora chegou a circular em boa parte do Estado do Rio Grande do Sul.

Também na contracapa dos LPs, a autora ainda expõe sua opinião em relação ao parecer emitido pela SEC/RS, como já foi mencionado anteriormente no item que trata sobre a Cartilha “Ler a Jato”. Ainda, apresenta de forma breve a lista com os vinte e quatro itens abordados nos discos - já descritos neste estudo na seção “Guia do Professor” -, bem como a listagem dos materiais (uma Cartilha “Ler a Jato”, um Caderno Série Jato, um lápis e uma borracha) que acompanhavam este “Kit”.

Passando a apresentar alguns aspectos do conteúdo dos LPs, destaco que na vinheta de abertura do primeiro disco é apresentada uma música de cunho nacionalista e na qual é feita a apresentação da autora e do seu método de alfabetização. A música começa num tom muito alto e forte e em questão de segundos vai diminuindo até sumir. Essa vinheta[27] se apresenta dessa forma em

[27] Para perceber as diferenças entre elas, pode-se ouvir o CD que se encontra em anexo neste estudo com a reprodução de algumas lições que foram selecionadas a partir dos 4 LPs produzidos pela professora Gilda e analisadas neste trabalho, inclusive as vinhetas. Os títulos das faixas organizadas no CD foram elaboradas pela pesquisadora com o propósito de orientar o leitor sobre os trechos que foram selecionados dos quatro LPs e analisadas

diversos momentos da gravação intercalando-se com uma segunda vinheta muito semelhante também executada por uma Banda Marcial[28]. As duas vinhetas são as que se sobressaem na gravação e as que mais aparecem ao longo dos quatro LPs. No entanto, no início da gravação da 22ª aula, referente à lição com os grupos consonantais[29], identifiquei ainda uma terceira vinheta. Pelo que se pode identificar, essa terceira vinheta não é executada por Banda Marcial, além disso, possui ritmo mais lento, diferente das outras duas.

As vinhetas aparecem em torno de vinte e sete vezes ao longo de toda a gravação dos quatro LPs, geralmente no início e no final de cada lição. As vinhetas são muito curtas, por isso é de difícil identificação a autoria; contudo é possível perceber o forte apelo nacionalista, de acordo com esse período da história brasileira.

Essas músicas eram comuns nas décadas de 60 e 70, e de acordo com Caldas (2000), por exemplo, a dupla de músicos Dom e Ravel, na década de 60, costumava participar de programas como a Jovem Guarda, lideravam um discurso de exaltação às grandezas do governo e da revolução cantando músicas, como *Você é responsável* e *Eu te amo, meu Brasil.* Embora não tenham sido compostas com essa finalidade, como declarou Ravel, em uma entrevista ao "*Censura.com"*, essas músicas acabaram sendo utilizadas pelas campanhas do governo na época, pois se adequavam à situação que o país vivenciava (RAVEL, s/d). O músico, nesta mesma entrevista, declarou o seguinte: **"***Nunca fiz música encomendada pra governo nenhum, nem pra representante de governo nenhum"* (RAVEL, CENSURA.COM, s/d).

A música "Você é responsável" foi inclusive utilizada na Campanha do Mobral com o propósito de exaltar a necessidade e as qualidades do movimento, conclamando o povo a participar do "mutirão da alfabetização" (CALDAS, 2000, p. 70).

Assim, imersos na atmosfera de comoção e exaltação nacional, cada brasileiro se sentia influenciado de alguma forma, produzindo algum tipo de material criativo que pudesse ser utilizado nas campanhas, apresentando-se como voluntário ou, até mesmo, como mencionou Caldas (2000, p. 70), colaborando, colocando em

---

neste estudo. Ressalto que as lições apresentadas nos LPs pela professora Gilda não são divididas por faixas.

[28] As vinhetas estão disponíveis nas faixas 14 e 15 do CD no tópico "Extras".

[29] Disponível na faixa 12 do CD que se encontra em anexo neste estudo.

prática o que o governo propagava na ocasião: "*Quem conhece um analfabeto, deveria levá-lo ao Mobral ou assumir a responsabilidade de alfabetizá-lo"*.

O autor revela ainda que a música dos compositores Dom e Ravel "*Eu te amo meu Brasil*" que refletia o autoelogio, aspecto característico dos regimes autoritários, ficou tão conhecida que foi utilizada pelas agências de publicidade responsáveis pela imagem do governo e a partir dela criaram o *slogan*: "Ninguém segura este país". (CALDAS, 2000, p. 70).

A música utilizada pela professora Gilda em seus LPs enquadra-se nesse contexto. No entanto, além das vinhetas, outros recursos musicais foram utilizados pela autora na gravação dos seus LPs. Em algumas atividades, por exemplo, a professora solicita que os alunos cantarolem com ela as vogais, ou as sílabas de algumas famílias silábicas como, por exemplo, da letra "N", dentre outros.

Além disso, são utilizados ritmos e instrumentos diferentes para obter a atenção e despertar o interesse dos alunos, como os ritmos gauchescos, valsas, sons de tambores e violões que entram em cena para acompanhar a professora nas suas explicações e lições.

Dentre essas músicas, selecionei duas. A primeira que apresento a seguir faz referência à lição da Lua, da Bola e do tatu[30].

Vamos ler a jato, a jato.
Lua, levanta a ponta a língua
Língua no ar
Laaaaa.

Bola
Bola com a boca
Atira a bola no ar
Booooo

Tatu
Força na língua
Taaaaa

Essa música tem a duração exata de vinte e oito segundos na qual a professora se utiliza dos recursos sonoros para reforçar a memorização por parte dos alunos. A forma como cada letra deve ser articulada foneticamente para pronunciar as respectivas letras das lições da lua, da bola, e do tatu.

---

[30] Está música está disponível na faixa 8 do CD.

De forma semelhante acontece com a música em que a professora pede para os alunos cantarolem com ela duas vezes as sílabas da letra “N”[31].

> **Voz da Professora Gilda**
> Repitam lendo e cantarolando duas vezes a mesma sílaba:
> nana, nene, nini, nono, nunu

A autora encerra o estudo das lições nos LPs, assim como faz na Cartilha “Ler a Jato”, solicitando que os alunos cantem com ela a música “Parabéns a você”. Embora a música faça referência à comemoração de aniversários, a autora se utiliza desse recuso para comemorar, segundo ela, a conclusão de uma etapa do aprendizado da leitura e da escrita através da Cartilha “Ler a Jato”.

A produção desses LPs está de acordo com o contexto dos anos 60 e 70 no Brasil. Desde os anos 50, contudo, o Sistema de Rádioeducativa Nacional – SIRENA –, por exemplo, tinha o objetivo de aliar-se à Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos realizada pelo MEC para contribuir com experiências eficazes para a educação do país.

Segundo Souza C. (2006, p. 250),

> a iniciativa da criação do sistema educativo de radio “alinhavasse com aos planos elaborados pelo Ministro da Educação, Clóvis Salgado, orientado pelo lema “educação para o desenvolvimento” do governo de Juscelino Kubitscheck [...].

Para o diretor geral do Departamento Nacional de Educação Menegale (1960, p. 3), a Radiocartilha era uma “contribuição importante ao esforço que por meio do rádio se empreende em favor da educação popular”. Ressaltando ainda que,

> com as aulas de alfabetização, foi iniciado o programa de educação fundamental pelo rádio, elaborado e gravado em discos pelo Sistema Radioeducativo Nacional (SIRENA), que o Ministério da Educação e Cultura criou em 1957. As lições desse curso acompanhavam o texto do “Guia de Leitura” da Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos, do mesmo Ministério, encarregada de promover o ensino supletivo em todo o país. Estava inaugurada, no Brasil, a alfabetização pelo rádio, de cujo extraordinário êxito hoje tem noticia todos os interessados pelos problemas brasileiros da educação popular. (MENEGALE, 1960, p. 3).

---

[31] Está música está disponível na faixa 9 do CD.

Souza C. (2006) destaca, também, que os programas de radioeducação eram muito utilizados pelas igrejas católicas do país e nas comunidades rurais do nordeste brasileiro nesse período que abrangia a década de 1960. As técnicas de som descritas por Souza C. (2006) utilizadas pela radiocartilha se assemelham em alguns aspectos com os recursos sonoros utilizados pela professora Gilda Tomatis nos LPs "Audiofonográfico - Aprenda a ler em 15 horas", no qual também são utilizados recursos, sons musicais com variações de ritmo e altura (sons fortes e rápidos).

Todo este contexto pode ter influenciado a professora Gilda de Freitas Tomatis, a ponto de ter tido a ideia de reproduzir as lições contidas na cartilha "Ler a Jato" para os discos de vinil, visto que a proposta deste material era justamente a de levar a alfabetização para todos os lugares, inclusive aos lugares mais longínquos e distantes no território brasileiro. A filha da professora, ao ser questionada sobre o material, destacou que por ser completo e de fácil compreensão dispensaria a presença do professor, podendo ser substituído pelos LPs.

> Esse material foi criado para as pessoas se alfabetizarem e trabalharem sozinhas, sem professor. Porque se na verdade tu ouvires esse material tu vais ver que não precisa de professor. O professor passa a ser o disco. E quem tem professor não precisa de disco. Algumas escolas usavam sim [o disco], mas ficava sobrando alguém ou o disco ou o professor. Não precisa os dois. Esse material é para substituir o professor. Serve para a pessoa aprender sozinha. Foi feito pra isso [pausa longa]. E é bem explicadinho aula por aula, tin tin por tin tin. Tudo, tudo, sabe... Não falta nada! É o curso inteiro, bem explicadinho tudo para a pessoa se virar sozinha mesmo (TOMATIS, Maria Lúcia, Entrevista, 15/10/2010).

Considerado um material autoinstrucional, dispensaria a presença do professor por ser acessível a qualquer cidadão e contendo uma linguagem simples que prometia rapidez e eficiência no processo de alfabetização de crianças, jovens e adultos.

A gravação dos LPs inicia então com uma voz masculina, não identificada, que faz a apresentação do material e da professora Gilda. Essa gravação também está disponível na primeira faixa o CD que se encontra nos Anexos deste estudo.

> Acompanhando o vertiginoso desenvolvimento do Brasil, devemos com a máxima rapidez livrar-nos do analfabetismo. Por intermédio do Método Audiofonográfico, todos poderão aprender a ler e a escrever em apenas quinze horas. Com vocês, a professora Gilda de Freitas

> Tomatis, que passará a expor seu conhecido e eficiente método de alfabetização[32] (TOMATIS, Gilda - DISCO 1 - FACE A – APRENDA A LER EM 15 HORAS, s/d).

Em toda a gravação dos quatro discos aparecem apenas duas vozes: a da professora Gilda e uma outra masculina. A voz masculina representa, nos quatro discos, a figura supostamente “do aluno” ou do “aprendiz” que estaria se utilizando do respectivo material.

Na introdução da gravação, a professora Gilda Tomatis faz algumas considerações a respeito de seu método da alfabetização e do objetivo que a teria motivado a criá-lo, que era o de contribuir para a “erradicação do analfabetismo” no país. Esse parece ter sido seu propósito, uma vez que o “Método Audiofonográfico” era recomendado para os adultos que desejassem se alfabetizar sozinhos, sem a presença de um professor, seguindo apenas as orientações contidas nos discos. Ela mencionava que se tratava de um método fonético articular, no qual o aluno deveria acompanhar com a boca o que escrevia.

A professora destaca, na gravação, que “no início as lições ocorreriam de forma mais lenta, com uma acentuação exagerada no som de cada letra, na medida em que as lições vão evoluindo a exposição das letras, sons, sílabas e palavras, torna-se mais rápida” (TOMATIS, Gilda - DISCO 1 - FACE A – APRENDA A LER EM 15 HORAS, s/d).

A professora Gilda destaca que uma pessoa sem nenhum contato com a leitura ou com a escrita não precisaria se preocupar em aprender previamente o alfabeto e as letras antes de iniciar as lições propriamente ditas. Era, entretanto, imprescindível que primeiro ouvisse a gravação com muita atenção para que pudesse se localizar nas lições e preparar o material. Só depois quando ouvisse novamente os discos seguiria todos os passos e executaria as ordens solicitadas para, então, efetivar a sua aprendizagem. Ressaltava ainda que

> [...] não se preocupem em aprender o ABC, o nome das letras; as letras serão conhecidas pelo jeito que se dá na boca para pronunciá-las; pelo som e pela articulação.[...] Se vocês escreverem sem acompanhar com a boca o que estão escrevendo somente estarão desenhando letras, mas não estarão aprendendo a escrever. [...] sempre que escreverem vão dizendo junto o que estão escrevendo. [...] Releiam muitas vezes a mesma lição. [...] Considerando que as aulas são dirigidas para alunos analfabetos, que pela primeira vez vão

---

[32] Está vinheta de abertura está disponível na faixa 1 do CD.

> entrar em contato com a leitura, sem a presença do professor, a leitura será lenta e com a acentuação exagerada do som de cada letra. Conforme forem progredindo na aprendizagem, aumentará a rapidez na leitura e, conseqüentemente desaparecerá essa acentuação exagerada, dada ao som de cada letra. Em cada aula, ouçam a transmissão, primeiro, somente para tomar conhecimento da mesma e preparar o material, isto é, abrir o livro e o caderno nas páginas indicadas[33] (TOMATIS, Gilda - DISCO 1 - FACE A – APRENDA A LER EM 15 HORAS, s/d).

A professora, ainda na introdução dos LPs, solicita que os alunos afastem os pensamentos negativos, que evitem pensar que “não são capazes de aprender que é muito difícil, ou que está muito velho, foi à escola e não aprendeu”. Ao contrário, a professora pede para que de forma positiva pensem, conforme podemos constatar abaixo:

> **Voz da Professora Gilda** - Ao iniciar o curso, afastem todos os pensamentos negativos. Não sou capaz. É muito difícil. Estou muito velho. Estive na escola e não aprendi nada. Esses pensamentos impedem que a capacidade de aprender se manifeste. Qualquer pessoa, embora pouco inteligente, tem capacidade de aprender a ler, por esse método, foram alfabetizados até excepcionais, testados como incapazes de aprender a ler. Somente os indivíduos que não entendem a linguagem comum e não se fazem entender é que são incapazes de aprender a ler. Assim, o resultado vai depender da pré disposição de cada aluno. Se vocês iniciarem o curso, com atitude positiva. Eu sou capaz. Eu sou uma pessoa normal. Eu já aprendi tantas coisas. Isso não é tão difícil. Qualquer criança aprende a ler. Eu também vou aprender. Com essa pré disposição. Com essa atitude positiva. É certo que terão êxito. Sigam estas instruções e as que receberem em cada aula, na certeza de que sairão vitoriosos na luta contra o analfabetismo. Assim, em pouco tempo poderão, muito felizes exclamar: Como é fácil aprender a ler![34] (TOMATIS, Gilda - DISCO 1 - FACE A – APRENDA A LER EM 15 HORAS, s/d).

Ela declara que todos os indivíduos eram capazes de aprender e, segundo ela, tendo disposição para querer aprender os resultados surgiriam, pois somente os indivíduos que não entendiam a linguagem comum e que não eram capazes de se fazer entender é que não aprenderiam a ler.

Essa forma de incentivo aos alunos era aconselhável e fazia parte inclusive das orientações sobre a Campanha de Educação de Adultos. Instruções dessa natureza aos professores de ensino supletivo encontram-se, por exemplo,

---

[33] A introdução do Método Audiofonográfico está disponível na faixa 2 do CD.

[34] As palavras de apoio utilizadas pela professora Gilda para motivar o aprendizado da leitura e da escrita dos alunos estão disponíveis na faixa 3 do CD.

disponíveis na Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos de 1947, e evidenciavam a preocupação na época em desmistificar o discurso de que os adultos eram incapazes de aprender em razão da idade ou por serem “cabeças duras”, pretendendo assim acabar com o sentimento de inferioridade que adolescentes e adultos tinham por ser analfabetos (REVISTA BRASILEIRA DE ESTUDOS PEDAGÓGICOS, 1947, p. 74-75). Essa era uma forma de incentivo aos alunos adultos para que continuassem aprendendo e conseguissem alcançar êxito na alfabetização.

Nos LPs produzidos pela professora Gilda, após esse processo inicial de apresentação da proposta de alfabetização, do material e de palavras de incentivo aos alunos ela solicita que eles peguem o caderno, olhem a numeração no final da página de um a cem. Além disso, solicita que repitam os números com ela e que depois copiem no bloco para irem se familiarizando com os números. Ela também pede que os alunos olhem para a cartilha, manuseiem-na, olhem para os desenhos da capa, folhem o material e depois o abram na página três para iniciarem a primeira lição.

Assim, passo a passo as aulas vão sendo desenvolvidas e a voz da professora Gilda Tomatis vai se intercalando com a voz masculina que responde aos questionamentos, assumindo a figura do aluno.

Como exemplo, transcrevo a seguir um trecho referente à primeira lição do primeiro LP “Audiofonográfico Aprenda a Ler em 15 Horas”[35]:

> **Voz da Professora Gilda -** Primeira lição. Página três. Abram o livro na página três. Aí estão cinco desenhos. Vamos dizer o nome desses desenhos.
> **Voz Masculina -** asa ema ilha ovo uva
> **V. P. G. -** Novamente.
> **V. M. -** asa ema ilha ovo uva
> **V. P. G. -** Vamos repetir.
> **V. M. –** asa ema ilha ovo uva
> **V. P. G. -** Agora olhem ai nessa página, na frente de cada desenho, há uma palavra escrita. Essa palavra é o nome do desenho que está ao lado. Então, vocês já podem começar a Ler a Jato. Olhem para o desenho e leiam o seu nome ai na frente. Comecem pelo que está ai em cima.
> **V. M. -** asa
> **V. P. G. -** Abaixo.
> **V. M. -** ema
> **V. P. G. -** Depois.

---

[35] A 1ª lição na integra está disponível na faixa 4 do CD que está nos anexos deste estudo.

> **V. M. -** ilha
> **V. P. G. -** Abaixo de ilha.
> **V. M. -** ovo
> **V. P. G. -** Por último.
> **V. M. -** uva
> **V. P. G. -** Repitam a leitura olhando primeiro para o desenho.
> **V. M. –** asa ema ilha ovo uva
> **V. P. G. -** Vocês vão dizer essas palavras partidas, isto é, dizer a primeira parte, fechar a boca e depois dizer a outra parte. Comecem.
> **V. M. -** a sa / e ma / i lha / o vo / u va
> **V. P. G. -** Agora olhem para o primeiro desenho, o da asa. Na frente está à palavra asa e mais na frente há uma letra. Olhem para a primeira letra da palavra asa e comparem com a letra que está mais na frente. Elas são iguais. Então, vocês podem descobrir o nome desta letra. Digam o primeiro pedaço da palavra asa e já estarão dizendo o nome dessa letra. Então, vamos dizer o nome da letra que está na frente da palavra asa. Comecem. (TOMATIS, Gilda - DISCO 1 - FACE A – APRENDA A LER EM 15 HORAS, s/d).

As lições são longas, têm início com a introdução das vogais, consoantes, sílabas, palavras, sons, orientando a grafia de cada letra com recursos de linguagem.

Na reportagem do Jornal do Brasil, de 10 de maio de 1968, o jornalista escreve que os alunos se entusiasmam com a cartilha, segundo as palavras da própria professora Gilda, pois aprendiam a ler rapidamente já na primeira lição.

> Dona Gilda afirma que o aluno se entusiasma muito, pois já na primeira lição pode ler três páginas da sua cartilha. Esse estimulo, dado pelo próprio método, é a outra chave do êxito da cartilha *Ler a Jato,* pois a criança ou o adulto que está aprendendo a ler pode notar desde o começo o seu progresso, e é estimulado com a promessa de passar para "o segundo livro, para as historinhas, ou para o melhor emprego, a possibilidade de ganhar mais, quando adulto". (TOMATIS, Gilda - JORNAL DO BRASIL, 10/05/1968).

As lições nos LPs seguem a mesma ordem descrita na cartilha. Elas têm início com as das vogais que estão relacionadas aos respectivos desenhos, os quais deveriam ser observados e repetidos três vezes pelos alunos. Os aprendizes também eram estimulados pela professora a dizerem as palavras silabando-as, ou seja, dizendo a primeira parte da palavra, fechando a boca e depois dizendo a segunda parte da palavra, da seguinte forma: *"a-sa; e-ma; i-lha; o-vo; u-va".*

A professora solicita sempre que os alunos olhem primeiro para o desenho e depois tentem dizer a palavra representada por ele. Em seguida, devem repetir em voz alta a letra do desenho que acabou de ser dita. A professora solicita ainda que

comparem as letras relacionando-as aos desenhos. Na sequência, os aprendizes são orientados a abrir o "Caderno Série Jato" nas páginas correspondentes às lições para que possam realizar os exercícios, copiando as palavras que foram aprendidas em cada lição.

Como forma de exemplificar como o trabalho com o método era proposto e desenvolvido pela professora Gilda Tomatis, segue abaixo um trecho referente à lição as vogais[36] para ilustrar uma das atividades realizada pelos aprendizes no caderno Série Jato.

> **V. P. G. -** Agora, vocês vão copiar essas letras. Só escrevam nos espaços marcados com um pontinho. Vamos começar pelo a da asa. Peguem o lápis. Ponham a ponta do lápis na linha acima do pontinho. Façam o lápis caminhar um pouquinho por cima dessa linha para trás. Desçam para a linha do pontinho, façam uma pequena volta e subam fechando a rodinha. Sem levantar o lápis, desçam pela linha que subiram e ao encostar na linha de baixo, puxem uma perninha para frente. Como está no modelo. Vamos copiar o e da ema. Entre as linhas do pontinho e a de cima, no meio, façam um ponto. Pouco a frente deste ponto façam um ponto igual. Agora liguem os pontinhos com o traço do primeiro ponto ao do segundo. Depois sigam para cima até encostar na linha de cima e desçam pelo lado de traz encostando no primeiro ponto. Quando chegarem a linha de baixo façam uma pequena volta em direção ao segundo ponto, mas não encostem, cheguem bem perto. Está escrito o e da ema, estes pontos servem para indicar por onde se começa a escrever o e da ema. Depois que vocês aprenderem isso não vão precisar mais colocar estes pontos, pois eles servem apenas de auxilio inicial. Agora façam o i da ilha. Ele é escrito de cima para baixo. Façam um risquinho de cima para baixo. Puxem a perninha para a direita. O u da uva. Começa também em cima. Escrevam essa letra. Vocês já estão orientados sobre o modo de escrever essas letras. Sigam essa orientação para facilitar a aprendizagem. Agora copiem essas letras. Não esqueçam de acompanhar o movimento da mão com o movimento dos lábios. Assim, enquanto vocês escrevem o a da asa, vão dizendo: a da asa [e forma lenta e pausada]. Enquanto escrevem o e da ema, vão dizendo: e da ema [de forma lenta e pausada]. E assim, todas as letras e tudo que escreverem. Isso é importante para também para aprenderem a Escrever a Jato. Escrevam tantas linhas, quantas forem necessárias, para se tornarem capazes de escrever todas essas letras sem olhar para o modelo (TOMATIS, Gilda - DISCO 1 - FACE A – APRENDA A LER EM 15 HORAS, s/d).

As orientações ocorrem de acordo com o que já está proposto em cada lição, tendo sempre como referência o conteúdo que está na Cartilha "Ler a Jato". No entanto, durante a gravação, é possível identificar que a professora, em

[36] As orientações sobre a cópia das letras no caderno Série a Jato estão disponível na faixa 5 do CD.

determinadas lições, solicita que os aprendizes cantarolem com ela para fixarem algumas sílabas. Propõe, ainda, jogos de linguagem para retomar sílabas e palavras já ensinadas, reforçando a memorização das mesmas, além disso, trabalha com ditado, leitura e cópia das palavras aprendidas durante cada lição. Fazendo sempre uma solicitação aos aprendizes durante a gravação[37]:

> **Voz da Professora Gilda** - Não esqueçam de acompanhar com a boca o que a mão vai escrevendo. Escrevam o que escutarem a da asa.
> **Voz Masculina –** a da asa
> **V. P. G. –** e da ema [...].
> **V. P. G**. - Abram o caderno e verifiquem se escreveram certo. São as mesmas letras que estão na página três do caderno. Se alguém não acertar alguma dessas letras deve fazer mais algumas linhas de cópia no caderno ou no bloco (TOMATIS, Gilda - DISCO 1 - FACE A – APRENDA A LER EM 15 HORAS, s/d).

Como afirmei, todas as lições seguem a mesma estrutura, a professora Gilda Tomatis dá as instruções e a “voz masculina” responde conforme as atividades vão sendo propostas. Na terceira lição, a professora retoma a lição da lua e em seguida apresenta a lição referente à bola[38], ou seja, introduz a consoante “b”.

> **Voz da Professora Gilda -** Terceira lição. Página cinco.
> Abram o livro Ler a Jato na página cinco e o caderno na página sete. Daqui para adiante vocês vão notar que tudo é mais fácil, porque já conhecem o método, a ordem a seguir em cada lição. Na página cinco, o que está em cima já é conhecido de vocês. Leiam.
> **Voz Masculina –** lua la le li lo lu
> **V. P. G. -** Abaixo da lua há um desenho, digam o seu nome.
> **V. M. -** bola
> **V. P. G. -** Leiam o nome desse desenho que está ai ao lado.
> **V. M. -** bola
> **V. P. G. -** Observem a primeira letra da palavra bola. Em primeiro lugar há um pauzinho, uma haste que representa a perna de um jogador de futebol e, que pode ser a perna do Rei Pelé. Na frente da perna, em cima do pé está a bola pronta para o chute. Assim a letra da bola representa a perna com a bola na frente. Não esqueçam: a bola na frente. Vamos conversar para descobrir o jeito da boca para ler a letra da bola. Vocês vão dizer a palavra bola, bem alto, com as mãos encostadas nas faces. [...]
> **V. P. G. -** Agora, vocês vão copiar o que está nessa linha. Começa com a letra da bola. Ponham o lápis duas linhas acima da linha marcada com o pontinho, vão descendo até encostar na linha do pontinho. Sem levantar o lápis, façam à bola na frente. Não esqueçam de acompanhar com a boca o que a mão está escrevendo. Enquanto

---

[37] As dicas de escrita e emissão dos sons das letras estão disponíveis na faixa 6 do CD.
[38] A 3ª lição na integra está disponível na faixa 7 do CD.

> não terminarem de escrever a letra da bola não desfaçam a bola que fizeram com a boca. Podem começar.
> **V. M. -** baaa beee biii booo buuu [...]
> **V. P. G. -** Peguem o lápis e o bloco para fazer ditado. Vocês vão escrever sílabas que iniciam com a letra da bola minúscula, a perna e a bola na frente. Como vocês já estão sabendo que a primeira letra será a letra da bola, devem se preocupar em escutar a letra do fim. Vamos começar: ba
> **V. M. -** baaa [...]
> **V. P. G. -** Vamos escrever uma frase. “A bola é boa.” Comecem com a letra maiúscula a da asa.
> **V. M. -** Aa boolaa éé booa.
> **V. P. G. -** Depois, vocês vão verificar se vocês acertaram. As sílabas estão na página sete do caderno. As palavras estão na terceira fila da lição da bola. A frase é a primeira frase da lição da bola.
> Tema:
> Reler as lições da bola e da lua. Fazer cópia do que se encontra nas páginas sete e oito do caderno (TOMATIS, Gilda - DISCO 1 - FACE B – APRENDA A LER EM 15 HORAS, s/d).

Nesta lição, a autora faz uma homenagem ao “Rei Pelé”, também um artifício para auxiliar os alunos na memorização da consoante. As atividades da Cartilha “Ler a Jato” eram trabalhadas de forma paralela com o “Caderno Série Jato”. Nesse sentido, a professora ainda destacava que era “fundamental que os alunos realizassem todos os exercícios e temas para não prejudicar a escrita” (TOMATIS, Gilda, DISCO 1 - FACE B – APRENDA A LER EM 15 HORAS, s/d).

O tema[39], a cópia, a leitura e o ditado, neste caso são atividades exploradas em praticamente todas as lições da cartilha com o intuito de fixar as aprendizagens por meio do treino, da repetição e da memorização, atividades que denotam, segundo Chartier, A.M. (2007), o quanto uma determinada concepção da cultura escolar se constitui ao logo do tempo. Nesse caso, essas atividades historicamente têm constituído a cultura escolar, especialmente a cultura da alfabetização. Ditados, cópias, reprodução de letras, sílabas e palavras são tipicamente atividades relacionadas ao ensino da leitura e da escrita.

Para Hébrard (2001, p. 125), a cópia, por exemplo, “está no centro da alfabetização quando esta se propõe a ensinar não somente a ler, mas também a escrever”. Nas atividades presentes nos LPs foi possível identificar as seguintes propostas:

- ler o nome do desenho;
- ler as sílabas de cada letra;

---

[39] Tema é uma expressão típica do RS, utilizada para denominar as “Tarefas de casa”.

- ler uma linha de cada lição;
- formar frases;
- ditado;
- separar as sílabas;
- completar as palavras;
- fazer cópia das palavras aprendidas em determinadas lições;
- ler as lições;
- reler a lição aprendida;
- formar frases com pontos de interrogativas, exclamativas e afirmativas;

Peres (2003, p. 92), ao realizar uma pesquisa sobre Linguagem, na Revista do Ensino do Rio Grande Sul (abr./1958, p.6), localizou a discussão acerca da cópia e do ditado:

> A cópia poderia ser feita na escola desde que com estimulo útil e agradável; também o ditado, "combatido por muitos como processo de aprendizagem, mas aceito como meio de comprovação, e exercícios sistemáticos de vocabulário" (PERES, 2003, p. 92).

Peres (2003, p. 92) ressalta, ainda, que "a tradição dessas atividades no processo de ensino-aprendizagem da Linguagem instituiu práticas e rotinas cotidianas na escola primária que atravessam décadas, muitas delas chegando até os dias atuais".

Para Faria Filho (1999, p.16),

> ao longo da história social da escrita, a cópia sempre foi utilizada como mecanismo de aperfeiçoamento da técnica de escrever. Mas ao se transformar em exercício escolar, a cópia passa a se vincular as outras expectativas como a da aprendizagem por meio de memorização.

O mesmo acontece com o ditado, uma prática de exercício que tem sobrevivido a todas as reformas pedagógicas até o século XXI como destaca Anne-Marie Chartier (2007, p. 34). Para a autora, a história do ditado evidencia que

> não é somente o desempenho dos alunos que está em questão. Se esse exercício, apesar de tão modesto, se tornou um ritual tão consagrado, é porque ele manifesta certa concepção de cultura escrita, inicialmente típica do ensino primário popular [...] (CHARTIER A. M., 2007, p. 35).

Na lição correspondente à décima segunda aula[40], a professora Gilda trabalha apenas com as frases de uma história cujos personagens são Vivi e a boneca Lalá, estimulando os alunos a tentarem escrever frases também.

> **Voz da Professora Gilda -** Décima segunda lição. Página quatorze. Abram o livro na página quatorze. Leiam o nome da menina.
> **Voz Masculina -** Vivi
> **V. P. G. -** Da boneca.
> **V. M. -** Lalá
> **V. P. G. -** Pela primeira vez vocês vão ler uma historinha. A história de uma menina chamada Vivi que tem uma boneca chamada Lalá. Isto é uma prova do progresso que vocês estão fazendo. E já podem ter a certeza de que muito breve poderão ler qualquer livro. Iniciem a leitura dessa historinha.
> **V. M. -** Vivi Lalá. Vivi nana Lalá. Vivi vai à vila. Lalá não vai à vila. Vivi dá leite a Lalá. Lalá é boa e bonita. Vivi vai ver vovó. Ela não leva Lalá.
> **V. P. G. -** Agora vocês vão receber orientação sobre o modo de fazer frases. Isto é dizer algo, expressar o pensamento. Formem uma frase com a palavra casa. Vocês devem dizer qualquer coisa em que apareça a palavra casa. Essa palavra pode estar no início, no meio ou no fim da frase. Digam a frase.
> **V. M. -** A casa é bonita.
> **V. P. G. -** Outra.
> **V. M. -** A casa é nova.
> **V. P. G. -** Outra frase.
> **V. M. -** Eu lavo a casa.
> **V. P. G. -** Formem frases com a palavra lápis.
> **V. M. -** O lápis é meu. Este lápis tem ponta. O lápis está na pasta.
> **V. P. G. -** Com a palavra caderno.
> **V. M. -** O caderno é novo. O caderno tem capa. O caderno está na pasta.
> **V. P. G. -** Vocês vão tentar escrever frases usando palavras com letras já conhecidas. [...]
> Tema:
> Formar frases e reler a historinha de Vivi e Lalá (TOMATIS, Gilda - DISCO 3 - FACE A – APRENDA A LER EM 15 HORAS, s/d).

Essa lição envolve o estudo de um pequeno texto, uma história através da qual a autora aproveita para estimular os alunos a criarem, a partir do que foi explorado na lição, sua própria história por meio da elaboração de frases.

Na décima sexta lição[41], a professora Gilda trabalha com as lições da cabeça e do quero-quero, explorando as dificuldades ortográficas que envolvem **"ç"** e o "**qu**". Porém, como se pode observar na descrição da lição abaixo, aliado a estas

---

[40] A 12ª lição na integra está disponível na faixa 10 do CD que esta nos anexos deste estudo.

[41] A 16ª lição na integra está disponível na faixa 11 do CD que esta nos anexos deste estudo.

dificuldades, a professora ainda insere o trabalho com as letras "**c**" e "**s**". Isso, ao invés de facilitar, pode ser visto como mais um fator complicador para a aprendizagem do aluno:

> **Voz da Professora Gilda -** Décima sexta lição. Página dezessete. Abram o livro na página dezessete e o caderno na página trinta e um. Três e um. Qual o desenho que está no início da página dezessete do livro?
> **Voz Masculina -** cabeça
> **V. P. G. -** Leiam o nome ao lado.
> **V. M. -** cabeça
> **V. P. G. -** Partida.
> **V. M. -** ca be ça
> **V. P. G. -** Olhem para a primeira letra da palavra cabeça. Ela começa com uma bolinha preta, é a cabecinha. Assim a letra da cabeça tem uma cabecinha, não esqueçam. Digam a palavra cabeça, bem alto e devagar.
> **V. M. -** [....]
> **V. P. G. -** Observem que nas sílabas com a letra da cabeça só tem "a" ou "u". Não tem "e" nem "i". Não existe com a letra da cabeça o som de assoprar com a garganta para "e" e "i". Para completar esse som com todas as vogais é preciso outra letra, a letra do quero-quero que está ai mais abaixo. A letra do quero-quero para ler é igual a da cabeça. Assoprar na garganta. Leiam o nome do quero-quero formado por duas palavras iguais, unidas, ligadas por um traço de união.
> **V. M. -** quero-quero
> **V. P. G. -** Agora continuem a leitura com as sílabas. Assoprando com a garganta.
> **V. M. -** ca que qui co cu
> **V. P. G. -** [....]
> **V. P. G. -** Agora façam o som da letra do sapo.
> **V. M. -** sa se si so su / sa se si so su
> **V. P. G. -** [....]
> **V. P. G. -** Vamos continuar a leitura com a lição do quero-quero**.** Leiam o nome do desenho ao lado.
> **V. M. -** quero-quero
> **V. P. G. -** As sílabas**.**
> **V. M. -** ca que qui co cu qua quo
> **V. P. G. -** A primeira linha. Ai o "u" é mudo.
> **V. M. -** que quem quer quero queda
> **V. P. G. -** Na segunda linha o "u" soa, porque é seguido de "a". Leiam.
> **V. M. -** qual quando quanto quadro quatro
> **V. P. G. -** Na última linha o "u" não soa, porque é seguido de "i" e "e". Podem ler.
> **V. M. -** quilo quina aqui querida leque
> **V. P. G. -** [...]
> **V. M. -** ca co cu cuca caco
> **V. P. G. -** [...]
> **V. M. -** sa ça se ce si ci
> **V. P. G. -** [...]
> **V. M. -** so ço su çu aço
> **V. P. G. -** [...]
> **V. M. -** cabeça caça saco seca

> **V. P. G. -** [...]
> **V. P. G. -** Temas:
> Ler as lições da cabeça e do quero-quero.
> Cópia do que está nas páginas trinta e um, trinta e dois, trinta e três e trinta e quatro. Esta aula apresenta várias dificuldades, portanto vocês devem reler várias vezes a lição da cabeça e a do quero-quero (TOMATIS, Gilda - DISCO 3 - FACE B – APRENDA A LER EM 15 HORAS, s/d).

Da mesma forma, a autora ainda integrou as lições correspondentes à lição do gato e da jarra à mesma forma de apresentar e explorar estes sons, tais como as letras do "**g**" e **"j",** chaleira e xícara "**ch**" e **"x**", linha e olho "**nh"** e "**lh**". Essa atividade foi motivo de observação no Parecer Nº 392/68, emitido pelo setor técnico do CPOE, que se posicionou contrário à natureza da atividade, considerando que o excesso e o acúmulo de dificuldades apresentadas pudessem dificultar e prejudicar o processo de aprendizagem dos alunos.

As atividades mencionadas nos LPs deveriam ser acompanhadas no "Caderno Série Jato" e caberia ao aluno, quando solicitado, recorrer ao caderno e realizar as atividades de cópia e preenchimento das letras, sílabas, palavras ou frases nas linhas correspondentes previamente preparadas no material.

Além disso, a professora também apresentou na cartilha questões relacionadas à pontuação e a sinais gráficos de acentuação (til, acento agudo e circunflexo). Reservou ainda dois momentos na gravação dos LPs para retomar as lições por meio de revisões. Estas revisões correspondem à oitava e à vigésima segunda aula nos discos. Na vigésima segunda aula[42], a professora trabalha com os grupos consonantais da seguinte forma:

> **Voz da Professora Gilda -** Vigésima segunda lição. Página vinte e três. Abram à cartilha na página vinte e três. Isto aqui é uma revisão. Vocês já aprenderam que *a e i o u* são vogais. Todas as outras letras são chamadas consoantes. Nesta lição vocês vão ler palavras novas em que aparecem duas consoantes juntas. Não haverá dificuldade, porque já sabem o jeito da boca para ler todas as letras. Leiam à primeira linha da página vinte e três.
> **Voz Masculina -** ba be bi bo bu
> **V. P. G. -** A segunda linha. Bola com a boca e língua levantada.
> **V. M. -** bla ble bli blo blu
> **V. P. G. -** As palavras.
> **V. M. -** blaque blefa blindo bloco blusa
> **V. P. G. -** Quarta linha. Letra da bola.
> **V. M. -** ba be bi bo bu

---

[42] A 22ª lição na integra está disponível na faixa 12 do CD.

> **V. P. G. -** Quinta linha. Bola com a boca e tremer a língua.
> **V. M. -** bra bre bri bro bru
> **V. P. G. -** A seguinte.
> **V. M. -** bravo brejo briga brota bruxa
> **V. P. G. -** Na linha seguinte estão duas palavras com a letra da cabeça. Leiam.
> **V. M. -** ca co cu ca
> **V. P. G. -** Seguem palavras com a letra da cabeça e a da língua. Assopra com a garganta e com a língua levantada.
> **V. M. -** cla cle cli clo clu
> **V. P. G. -** [...]
> **V. P. G. -** Seguem três frases. Leiam:
> **V. M. -** Estou muito contente. Já sei ler. Hoje é dia de festa (TOMATIS, Gilda - DISCO 4 - FACE B – APRENDA A LER EM 15 HORAS, s/d).

Sobre essa atividade de estudo dos grupos consonantais, o Parecer (Nº 392/68) emitido pelo CPOE sobre a Cartilha "Ler a Jato" considerava:

> Não correspondem à consecução da finalidade visada:
> - o processo não conduz à indução dos referidos grupos
> - não se trata de revisão
> - são duas aprendizagens distintas, a de um grupo consonantal e de uma consoante simples.
> - são duas ou mais consoantes que, num vocábulo, se pronunciam em seguimento imediato e são inseparáveis (RIO GRANDE DO SUL, SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA DO ESTADO. PARECER Nº 392/68, p. 9)

Algumas palavras apresentadas na lição não parecem ser usuais, comuns ao vocabulário dos alunos, tais como gleba, glutão[43], glifo, drupa, drilo. Nota-se que o número de lições apresentadas na Cartilha "Ler a Jato" corresponde a vinte e quatro aulas, enquanto que, nos LPs em razão de a professora integrar duas lições para trabalhar com letras que se assemelham em termos fônicos, a apresentação da numeração das lições foi alterada diminuindo o número de lições.

No final do quarto LP, ainda, há algumas recomendações aos aprendizes com relação à leitura, indicando o que deveriam começar a ler a partir daquele momento fazendo comentários sobre as indicações e títulos propostos e finaliza a gravação com a seguinte mensagem[44]:

> Não abandonem a sua grande amiga, a cartilha Ler a Jato, talvez vocês ainda necessitem recorrer a ela. Pela leitura, um mundo novo se abrirá para vocês. Continuem os estudos. Auxiliem outras pessoas a

---

[43] Segundo o Dicionário Michaelis (1998) ***glutão*** significa *adj+sm* (*lat gluttone*) que, ou o que come muito e com voracidade.

[44] O encerramento do Método Audiofonográfico está disponível na integra faixa 13 do CD.

> se alfabetizarem, estarão assim contribuindo para o desenvolvimento cada vez maior de nossa pátria, o Brasil. Confiem em vocês e em sua inteligência, não fiquem a pensar que as coisas boas da vida estão reservadas aos outros. Cada um progride de acordo com os esforços que fizer na direção de um objetivo, de um ideal. Se desejarem verdadeiramente atingir o que sonharem para sua comunidade, para sua família ou para vocês mesmos, terão sucesso, porque todos vocês possuem grande valor conforme demonstram ao concluir este curso. Desejo-lhes felicidade. Ao finalizar apresento-lhes uma máxima que espero não seja esquecida, a fim de que se transforme na varinha mágica do sucesso, das vitórias, das conquistas. Querer é poder! Querer é poder! Querer é poder! (TOMATIS, Gilda - DISCO 4 - FACE B – APRENDA A LER EM 15 HORAS, s/d).

Esse discurso ufanista e “motivador” revela a crença da professora pelo seu material e método. Além disso, suas palavras finais evidenciam que a autora realmente se envolveu e se engajou na campanha pelo fim do analfabetismo no Brasil. Acreditava na alfabetização, no método, nos materiais e nos professores.

Associada a essa visão redencionista e patriótica da profissão docente, a alfabetização, a percepção da professora Gilda, também seguia essa mesma perspectiva: através dela e do trabalho de todos e de cada um seria possível o sucesso pessoal e social. Mais do que apenas ensinar a ler e a escrever, com sua proposta a professora imaginava efetivamente contribuir para o “desenvolvimento da nação brasileira”.

Por fim, na próxima seção, apresento os materiais de alfabetização complementares criados e produzidos pela professora Gilda e que compunham o “*Kit*” de alfabetização, quais sejam: o Caderno Série Jato 1º ano, o Livro de Exercícios de Linguagem, denominado “Escrevendo a Jato”, 1º e 2º ano, e finalmente o Livro de Matemática, 1º ano.

5.3. Materiais Complementares de Alfabetização

5.3.1. Caderno Série Jato – 1º Ano

O “Caderno Série Jato 1º ano” possui as mesmas dimensões da Cartilha “Ler a Jato”, porém mais simples A capa, por exemplo, é feita em papel cartona de fundo azul, reproduz a mesma ilustração da Cartilha “Ler a Jato”, porém com apenas as cores azul branco e preto. Esse material se assemelha em termos de aspectos

gráficos aos demais livros também publicados pela Editora Tomatis - Livros Didáticos. Contudo, na semelhança entre a Cartilha “Ler a Jato” e o Caderno Série Jato, pode-se considerar, seguindo Hébrard (2001, p. 127), que “o caderno se esmera em imitar o livro”.

Figura 24 – Reprodução da capa do Caderno Série Jato 1º Ano – 1ª ed., s/d
Fonte: Acervo privado da pesquisadora

Entre os exemplares de que disponho, referentes à primeira edição do “Caderno Série Jato”, não constam o ano em que foram publicados; identifiquei apenas algumas diferenças visíveis quanto ao material impresso. Um dos “Cadernos Série Jato” apresenta folhas internas em papel sulfite branco com melhor acabamento, enquanto que o outro “Caderno” foi impresso em papel jornal. De acordo com a filha, devido aos custos, a professora Gilda Tomatis optou pela substituição do papel sulfite pelo papel jornal na impressão das tiragens posteriores do “Caderno” (TOMATIS, Maria Lúcia, Entrevista, 15/10/2010).

O “Caderno Série Jato” era utilizado em paralelo às atividades propostas pela Cartilha “Ler a Jato” e pelos discos “Aprenda a Ler em 15 horas”, como já foi mencionado. Na primeira folha interna do “Caderno Série Jato”, denominada de página de rosto, encontra-se escrito em caixa alta e negrito a palavra **CADERNO**,

logo abaixo do nome há um traço preto e a seguinte frase: **PARA USO PARALELO A CARTILHA LER A JATO**

Centralizado na página aparece o nome completo da professora, dados sua formação e profissão e número da edição, sem data. E ao pé da página o nome da editora em caixa alta e negrito, local, ano e endereço da editora. Os desenhos, assim descritos na última folha do livro, relativos à ilustração, são de Cecília Tavares Teixeira. E o material foi impresso na Gráfica Editora a Nação S. A.

Todas as páginas do "Caderno Série Jato" são numeradas no canto superior e se estendem até a paginação cinquenta e cinco. As últimas cinco páginas do "Caderno" destinam-se à "Apresentação" do material. Nele, deveriam ser realizados os exercícios de treino gráfico, cópia e leitura instruídos pela professora, de acordo com cada lição. Nas páginas do "Caderno Série Jato" correspondentes aos números 49, 52, 53, 54, 55, constam famílias silábicas, palavras diversas e nomes próprios que não foram exploradas pela autora nos LPs, sendo considerados exercícios adicionais. Hébrard (2007, s/p), ao definir lição e exercício, destaca:

> a lição, é a ordem do saber que só se exprime quando perfeita. O exercício, ao contrário, é esta autorização que a instituição dá ao aluno, de mostrar suas tentativas, seus esforços, seus fracassos, suas dificuldades. Expor o momento da aprendizagem muito mais do que seu resultado: é isso o exercício.

Para o autor, assim se constitui o gesto didático mais fundamental: o da correção escrita (e não somente oral) do exercício. O caderno é então o instrumento através do qual o exercício, a partir do século XIX, conquista definitivamente a escola (HÉBRARD, 2007, s/p). Embora o material em destaque aqui seja um caderno impresso, a função do exercício, destacada pelo autor, se mantém nesse suporte. Ao realizar o exercício, sob o 'comando' de uma professora ou sob o 'comando' da voz da professora Gilda, através dos LPs, os aprendizes podiam "mostrar suas tentativas, seus esforços, seus fracassos, suas dificuldades", ou seja, "expor suas aprendizagens (HEBRARD, 2007).

Em cada página do "Caderno Série Jato", estão impressas em preto, as letras, sílabas, palavras e frases correspondentes a cada lição trabalhada na Cartilha "Ler a Jato" e nos discos.

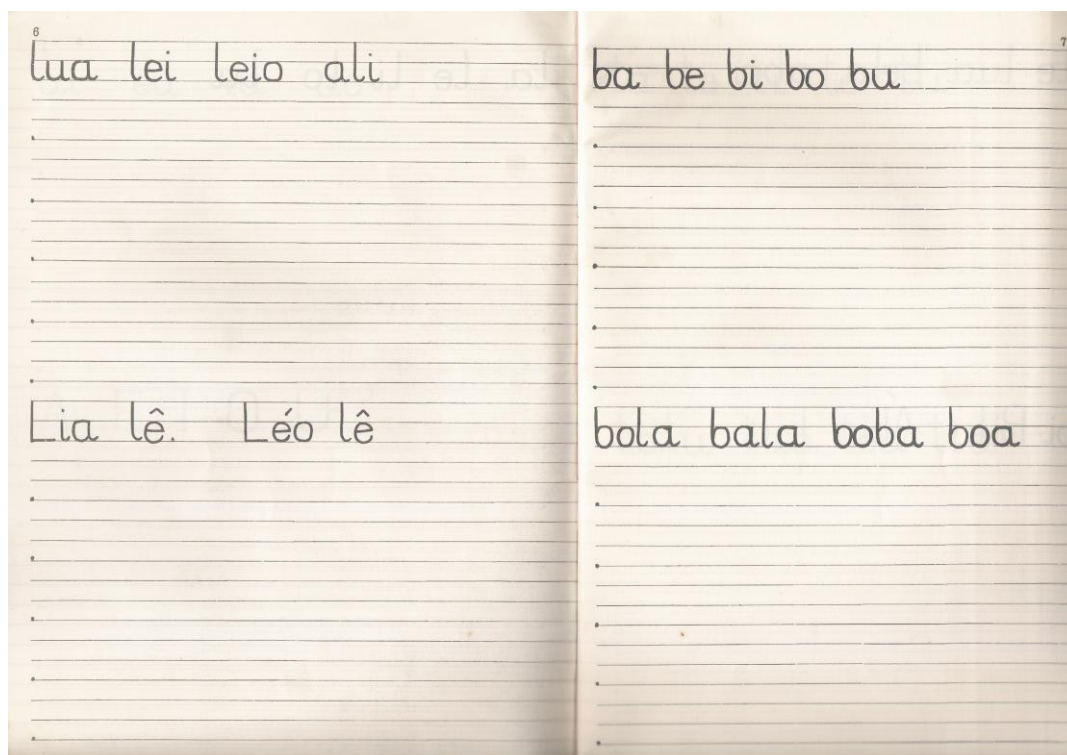



Figura 25 – Reprodução da página 6 e 7 do Caderno Série Jato, 1ª ed., s/d
Fonte: Acervo privado da pesquisadora

Segundo Bastos e Stephanou (2008, p. 2), "o domínio da escrita implica um conjunto de saberes e habilidades complexas: não só identificar as letras do alfabeto, mas desenhá-las com clareza, destreza, domínio da mão e dos instrumentos necessários". As atividades propostas no Caderno Série Jato indicam para esse esforço em fazer da escrita uma atividade "quase artística".

Também para o caso do "Kit" de Alfabetização elaborado pela professora Gilda Tomatis havia o principal instrumento da escrita: o lápis preto. Assim, a Cartilha, o caderno e o lápis, formam o conjunto "completo" para o ensino-aprendizagem da leitura e da escrita. Uma das principais idéias, então, que sustentava esse conjunto de material era a de que em qualquer tempo ou espaço o aprendiz poderia efetivamente desenvolver sua aprendizagem e executar os exercícios.

Ao se referir à escrita, Hébrard (2001, p. 137) afirma que "por meio do exercício, passa a acontecer não somente uma técnica do corpo, mas também uma técnica intelectual especifica feita do saber de fazer gráficos". O autor considera que

> fazer exercícios é aprender a apresentar. É preciso aprender a tomar essa expressão em todos os sentidos. Apresentar, isto é, guiado por uma preocupação constante de limpeza, de boa manutenção, de

> elegância ingênua ou afetada, fazer do caderno o pequeno teatro do saber escolar (HÉBRARD, 2001, p.137).

Em relação ao aspecto da composição do "Caderno Série Jato", a autora destacou neste tópico que

> na composição do Caderno constam letras desenhos que, dadas as circunstâncias, não apresentam a homogeneidade dos tipos gráficos, mas serão guias permanentes para o aluno, em melhores condições do que as transcrições do quadro-negro para o seu caderno (TOMATIS, Gilda – CADERNO SÉRIE JATO, s/d, p. 57).

Nesse sentido, a professora Gilda acreditava que era mais vantajoso para o aluno ter um caderno[45] que já viesse com "o desenho e a grafia" de letras, sílabas, palavras e frases que vinham sendo trabalhadas na Cartilha "Ler a Jato" para que assim pudessem fazer a cópia das mesmas no respectivo caderno sem precisar fazer as transcrições diretamente do "quadro-negro", como ela menciona na citação acima.

Além disso, no início das linhas do "Caderno Série Jato", existem pontinhos nos quais os alunos deveriam se guiar para começar o traçado e a escrita das letras, sílabas, palavras e frases e que já se encontravam no respectivo caderno e que fazem referências às atividades trabalhadas nas lições da Cartilha "Ler a Jato" e do "Método Audiofonográfico" de alfabetização.

Sobre o número de páginas do livro, a autora mencionou ainda ter levado em consideração a realidade econômica dos pais na produção, tornando assim o material mais barato para facilitar a aquisição dos mesmos. Escreveu ela:

> Considerando a realidade econômica e a valorização dos pais ao material escolar, foi necessário limitar o número de páginas a fim de que o preço do Caderno se tornasse acessível a maior número de alunos, embora omitindo ricas sugestões de atividades (TOMATIS, Gilda – CADERNO SÉRIE JATO, s/d, p. 57).

---

[45] No grupo de pesquisa HISALES, diferentes estudos tem sido feitos (PERES, 2008c; PERES & BARUM, 2008, 2009; PORTO & PERES, 2009; PERES, 2010a, 2010b; PERES & DIETRICH & BARUM 2011) sobre cadernos, tem contribuído para abrir novas perspectivas de pesquisa e análise no campo da história da alfabetização, e ainda a partir de sua materialidade, suporte e aspectos gráficos entender melhor o cotidiano escolar e o ensino da leitura e da escrita.

Em virtude da questão econômica, a professora justifica que o material continha apenas exercícios básicos referentes às lições trabalhadas na cartilha e complementa afirmando que cabe ao professor ampliar os exercícios em seu trabalho diário com os alunos. Assim afirmou:

> Por esse motivo ele contém apenas os exercícios básicos, correspondentes à dos fonemas introduzidos em cada lição. Cabe ao professor dar-lhes amplitude e variedade, continuando, posteriormente, com Escrevendo a Jato (TOMATIS, Gilda – CADERNO SÉRIE JATO, s/d, p. 57).

Em relação às letras *script* utilizadas no “Caderno Série Jato”, a autora justifica:

> No “Script” foram introduzidas modificações porque a experiência demonstrou que, com essas alterações, o período exigido para a passagem à escrita cursiva fica bastante reduzido, no máximo a uma semana, além de melhorar a legibilidade. Esta conclusão é fruto de experiências alicerçadas no método cientifico, elemento básico que deve nortear todas as atividades dos indivíduos e, principalmente, as que se referem ao setor educacional, a fim de evitar fracassos tantas vezes constatados na área da orientação, com prejuízos incalculáveis para o educando (TOMATIS, Gilda – CADERNO SÉRIE JATO, s/d, p. 57).

Além de justificar a adoção da letra *script* em seu material, alega que fez essa opção para evitar prejuízos para o educando, tomando como base experiências desenvolvidas setor educacional e as “bases científicas”, referindo-se talvez aos debates existentes no Rio Grande do Sul sobre as vantagens do uso das letras *script.* (PERES, 2003).

No “Caderno Série Jato”, a professora Gilda Tomatis expõe novamente alguns dos resultados obtidos com a pesquisa realizada junto aos professores no estado do RS em 1968.

No entanto, a porcentagem que ela apresenta neste “Caderno Série Jato” sobre a Cartilha “Ler a Jato” diferem das que constam na contracapa dos discos de vinil, alegando que o levantamento realizado naquele momento ainda não havia atingido a sua fase final. Os dados que se encontram no “Caderno Série Jato” são descritos a seguir:

<u>PORCENTAGEM DE PROMOÇÃO</u>:

Nas Escolas Estaduais – 73%
Nas Escolas Municipais – 73%
Nas Escolas Particulares – 95%
Nas Escolas de Porto Alegre – 85%
Pareceres Favoráveis:
Pais de alunos – 99,9%
Professores – 96%
Interesse e atitude dos alunos – 97%

A professora Gilda Tomatis também destaca:

> Esta Cartilha Ler a Jato, apesar do elevado índice de promoção que vem obtendo, não mereceu ser incluída, pelos órgãos técnicos, entre os livros que estão sendo distribuídos, gratuitamente, aos escolares, através do Ministério de Educação e Cultura (TOMATIS, Gilda – CADERNO SÉRIE JATO, s/d, p. 58).

Neste trecho, selecionado do “Caderno Série Jato”, a professora Gilda Tomatis talvez referia-se ao fato de ter recebido o parecer desfavorável do setor técnico do SEC/RS. Possivelmente entendia que, se a mesma tivesse sido aprovada pelo CPOE, a cartilha poderia ter sido incluída na compra e distribuição às escolas pelo governo federal através do MEC. Esse fato revela mais uma vez que o campo da alfabetização é, também, permeado por conflitos e disputas e que nele estão em constante ação “lutas de representações” (CHARTIER, 1990), especialmente no sentido da imposição de um grupo profissional (técnicas educacionais, autoras, editoras, etc) a outro (especialmente pais e professores) de um método ou de um material sempre considerado, no caso dessas lutas, como melhor que outro.

No tópico de “Apresentação” exposto no “Caderno Série Jato” 1º ano, a professora Gilda Tomatis finaliza apresentando um roteiro orientando o professor na forma com que deveria proceder no momento da transição da letra *script* à cursiva quando percebesse que seus alunos estivessem alfabetizados, visto que a professora se preocupava com a caligrafia dos alunos. Acreditava que se o aprendiz tivesse uma caligrafia ilegível, como a ‘mistura’ de sinais gráficos, esta poderia ser uma “deficiência” que acarretaria dificuldades quando chegasse ao curso secundário (TOMATIS, Gilda – CADERNO SÉRIE JATO, s/d, p. 58).

Nesse sentido, pode-se refletir acerca daquilo que Bastos e Stephanou (2008, p. 4) afirmaram em seu trabalho sobre caligrafia. Segundo as autoras, “o erro

ou rasura denotam incúria, inaplicação e expressam inaptidão para o futuro de ser um bom aluno". Assim, a professora Gilda procura prezar uma boa letra, correta, legível, "limpa", sem rasuras ou "misturas de caracteres.

Nessa perspectiva, a professora Gilda Tomatis dirigia esse roteiro aos educadores, nomeado como "Normativas".

> **NORMATIVAS**
> Os exercícios apresentados devem ser ampliados e variados, a critério do professor, conforme as condições da classe.
> Ao realizar os exercícios escritos, ao mesmo tempo que escreve, o aluno irá acompanhar o movimento da mão com a articulação correspondente. Exemplo para a sílaba **lá**: ao iniciar a escrita, o aluno aperta a ponta da língua no céu da boca e, enquanto vai escrevendo o **a**, até terminá-lo. Realizar exercícios preparatórios no quadro-negro, com esse objetivo. Se não for atendido este importante aspecto, exercícios de cópia ficarão reduzidos a simples desenhos de letras tendo como conseqüência o fato comum, principalmente, nas classes de recuperação em que, pelo acúmulo de repetição, os alunos apresentam boa caligrafia, mas não sabem ler, nem fazer ditado. O traçado inicial das letras deve merecer atenção cuidadosa do professor, a fim de não exigir modificações ou provocar deformações por ocasião da passagem para a escrita cursiva. Ex.: o **i** deve ser iniciado com um traço vertical, de cima para baixo; **o** e **a** iniciam-se com uma linha curva, de cima para baixo, e da esquerda para a direita;
> Um cuidado especial deve ser dispensado à curvatura final das letras, para não exagerá-la ou alongá-la muito para a direita, ocasionando maior gasto de papel e menor rapidez na escrita.
> A introdução de novos fonemas deve ser paralela à revisão daqueles já introduzidos. Assim, nas primeiras lições, aprendizagem será mais lenta, aumentando a rapidez, progressivamente, à medida que o aluno vai se tornando menos dependente do mestre. Assim para adultos que tenham a condição básica, desejo de se alfabetizarem, após a aprendizagem do método, mais ou menos pela quinta lição, pode-se unicamente orientar quando à palavra básica e eles seguirão sozinhos.
> Na fase inicial do curso é ainda mais importante o atendimento individual dos alunos. O professor precisa usar de todos os recursos a fim de que se torne acessível às diferenças individuais dos mesmos.
> Até agosto e mesmo em inicio de setembro, pode ser tentada a alfabetização dos alunos que não vêm acompanhando a turma, com probabilidade de êxito (TOMATIS, Gilda – CADERNO SÉRIE JATO, s/d, p.58).

Neste roteiro, a professora Gilda faz várias recomendações aos professores no intuito de que garantissem o sucesso da alfabetização. Ela orienta os educadores a não se limitarem apenas ao uso das atividades restritas na Cartilha "Ler a Jato", pelo contrário, sugere que os professores ampliem os exercícios propostos aos alunos, voltem à atenção para o traçado das letras e da escrita, que concedam atendimentos individuais aos alunos na fase inicial do processo de alfabetização e

que se utilizem de todos os recursos necessários para este processo se torne acessível e atraente a cada aluno.

A contracapa do “Caderno Série Jato” é idêntica a da Cartilha “Ler a Jato”, mesmo sendo de edições diferentes. As orientações da professora Gilda Tomatis seguem todas praticamente em direção ao trabalho com as letras e com a aprendizagem das sílabas. Esse material denota, entre outras coisas, a atenção que a autora dava ao ensino simultâneo da leitura e da escrita, mas acima de tudo revela a perspectiva de escrita: a mesma deveria ser ensinada com “elegância”, legibilidade, clareza e destreza. Trata-se de uma visão mais formal da escrita, cuja base principal é a cópia.

Na subseção a seguir apresento, do conjunto de materiais para alfabetização produzidos por Gilda Tomatis de Freitas, o Livro de Exercícios de Linguagem 1º e 2º ano “Escrevendo a Jato”.

5.3.2. Escrevendo a Jato: 1º e 2º Ano

O livro de exercícios de linguagem 1º e 2º ano “Escrevendo a Jato” teve sua primeira edição em 1968 e também possui as mesmas dimensões da Cartilha “Ler a Jato” e do “Caderno Série Jato”.

Em relação à capa apresenta algumas modificações, embora as dimensões, a ilustração e as cores sejam a mesma da Cartilha “Ler a Jato”. A palavra “Escrevendo” aparece no topo do livro, sob um traço branco, ao lado do avião no quadrado branco encontra-se escrito o restante do nome do livro “a Jato – 1º e 2º ano”.

Assim como no “Caderno Série Jato”, no qual evidenciei diferenças em relação ao aspecto material, ao comparar a primeira edição com a segunda edição, percebi que o mesmo aconteceu neste caso. O livro de exercícios de linguagem “Escrevendo a Jato” da primeira edição datada de 1968 possui uma qualidade e um acabamento melhor do que da segunda edição; as folhas internas são de papel sulfite branco, enquanto que a segunda edição do mesmo livro, datado de 1975, embora contenha o mesmo conteúdo, apresenta folhas internas de papel jornal.

Na primeira página interna do livro, denominada de folha de rosto, encontra-se escrito em letras grandes e pretas o nome do livro em *script*, “Escrevendo a Jato”. Logo abaixo do nome, há traço preto e as seguintes frases: “**EXERCÍCIOS DE LINGUAGEM -** 1º ano – período de leitura intermediária e 2º ano – fase inicial de recapitulação. Centralizado na página, aparece o nome completo da professora, dados de sua formação e profissão e o ano da edição. Ao pé da página, há o nome da editora em caixa alta e negrito, local, ano e endereço da editora. Os desenhos da última folha do livro são de Cecília Tavares Teixeira. O material foi impresso na Gráfica Editora a Nação S. A.

Figura 26 – Reprodução da capa do livro Escrevendo a Jato 1º e 2º Ano – 1º ed., 1968
Fonte: Acervo privado da pesquisadora

O livro de exercícios de linguagem possui trinta e uma páginas, sendo que as atividades são apresentadas a partir da página quatro e seguem até a página vinte e sete.

O livro “Escrevendo a Jato 1º e 2º ano” se difere no “Caderno Série a Jato” no que se referem às atividades que ambas propõem. No “Caderno Série Jato”, o aluno deve realizar exercícios de cópia, ou seja, encher linhas das letras, sílabas, palavras e frases que já constam no caderno, enquanto que, no livro “Escrevendo a

Jato", o aluno resolve os exercícios de linguagem propostos pela professora, como separar as sílabas, completar, formar frases, entre outros.

A primeira página do livro "Escrevendo a Jato" é destinada aos professores, sob o título: "Aos professores primários", a autora os homenageia e agradece em seu nome e em nome dos pais de alunos por terem se disposto a testar a Cartilha "Ler a Jato". Em um dos trechos, ela menciona:

> Comprovando, então, sua eficiência, reformulando conceitos, permitiram que milhares de crianças e adultos abandonassem as classes de primeiro ano, ou de recuperação, que há vários anos vinham freqüentando sem lograrem alfabetizar-se e, por isso, inadequadamente, considerados excepcionais. Ficou, assim, demonstrado que a deficiência não se encontrava no educando, mas na orientação dada ao ensino. [....] o exemplo destes professores de elite atinja setores mais amplos e de maior responsabilidade, permitindo que as legiões de "excepcionais" das classes de recuperação, das escolas brasileiras, manifestem sua capacidade, sigam sua trajetória no campo da cultura e cedam seus lugares àqueles que aguardam, ansiosamente, oportunidade para desvendar o mundo das letras (TOMATIS, Gilda – ESCREVENDO A JATO, 1968, p. 3).

Assim, a professora Gilda destaca que a deficiência na aprendizagem da leitura e da escrita, não estaria no aluno e sim na orientação dada a ele pelo professor, ou seja, na maneira pela qual os educadores vinham ensinando seus alunos. A professora Gilda denominou os professores que se dispuseram a testar a cartilha "Ler a Jato", na ocasião, como "professores de elite". Evidenciando que os educadores que testaram e aplicaram as lições da cartilha "Ler a Jato" em sala de aula, além de terem revistos seus conceitos com relação ao ensino-aprendizagem da leitura e da escrita podem ter contribuído de forma significativa para que os alunos que haviam sido considerados "excepcionais", tivessem tido novas oportunidades de alfabetizarem-se, alcançando assim o tão desejado sucesso na escola.

Em relação aos exercícios do livro de linguagem, todos eram numerados. No total, o livro apresenta cento e quatorze exercícios, todos diversificados que envolvem ações como, por exemplo, completar frases, separar sílabas, formar palavras, escrever; copiar, desenhar, ler e desenhar, assinalar a palavra que o desenho representa, sublinhar, responder, assinalar, colocar a pontuação, colocar palavras em ordem. Os exercícios são curtos entre quatro e seis tipos de exercícios são apresentados por página.

11. Completa:

o sapo — os .... o nabo — os ....

o pato — os .... a mala — as ....

a vela — as .... a bola — as ....

o dedo — os .... o tatu — os ....

12. Completa as palavras abaixo com as letras ss.

Depois, copia essas palavras.

mi....a — .... ma....a — ....

pa..ear — .... no....o — ....

ama...a — ....pa....ado— ....

13. Escreve o nome de 4 brinquedos.

1. .... 2. ....

3. .... 4. ....

14. Completa estas frases com nomes de coisa.

A .... é gostosa.

Êste .... é barato.

Onde está o .... ?

Minha .... é azul.

15. Escreve palavras que digam o contrário.

bonito — .... limpo — ....

doce — .... baixo — ....

16. Escreve seis nomes de animal.

1. .... 4. ....

2. .... 5. ....

3. .... 6. ....

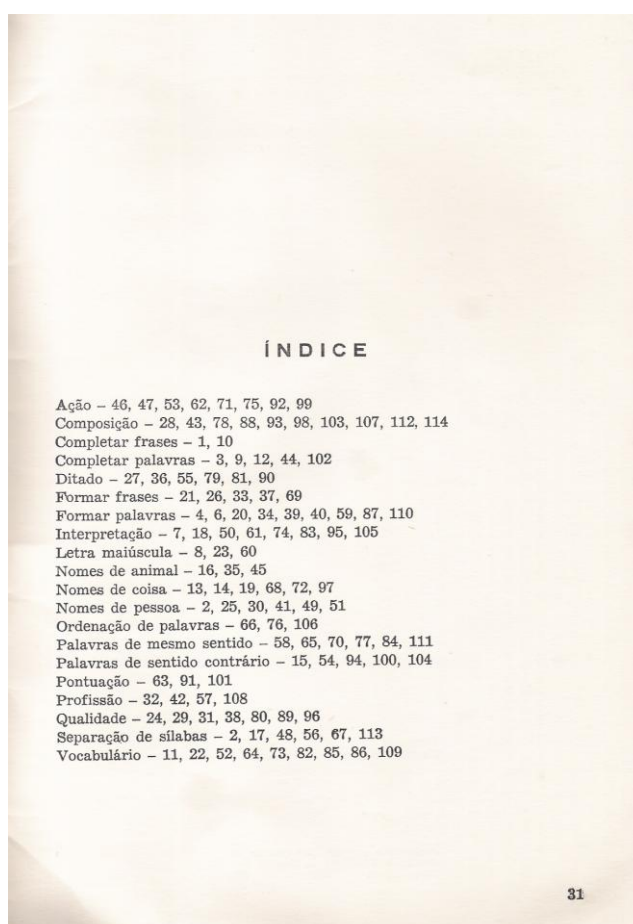
6

Figura 27 – Reprodução da página 6 do livro Escrevendo a Jato 1º e 2º ano - 1º ed., 1968
Fonte: Acervo privado da pesquisadora

Segundo Amâncio (2002, p. 39), a relação a exercícios do tipo “copie, cubra, ligue, marque as palavras certas com ‘x’, forme palavras, separe sílabas, ponha os nomes nos desenhos, complete”, etc, evidencia que estes atividades “são controlados, repetitivos, artificiais” (AMÂNCIO, 2002, p. 39). Contudo, é preciso entender que historicamente essas são as atividades consideradas adequadas e específicas ao campo da alfabetização. Desde a época em que a professora Gilda produziu esse material até os dias atuais (PORTO & PERES, 2009; PERES, 2009), especialmente o trabalho com a composição e decomposição de palavras e sílabas é recorrente no ensino da leitura e da escrita.

Sobre os desenhos, todos são em preto e branco, podendo ser eles coloridos pelos próprios aprendizes. Nas páginas vinte e nove e trinta, que correspondem à “Justificativa”, a professora descreve as razões que a motivaram a produzir o referido livro. Sob o principal argumento de que desejava suprir, em parte, a deficiência de tempo nos horários escolares, o livro de exercícios de Linguagem

"Escrevendo a Jato" foi publicado para complementar a Cartilha "Ler a Jato". Além desses, a autora apresentou outros argumentos que a teriam motivado a publicar o livro de exercícios:

> É um fato real que o ensino da linguagem apresenta deficiências em composição, ortografia, etc., não só no término do curso primário, como em outros níveis de ensino.
> Para exemplificar, pode ser citado um caso comum que aparece em trabalhos escolares: ao separar uma palavra, por necessidade de mudança de linha, a separação de sílabas não é efetuada convenientemente.
> Isto demonstra que as fases da aprendizagem, relativas a este item programático, não atenderam convenientemente a todas as suas áreas.
> Entre outras causas, pode ser citada como a de maior relevância – o fator tempo:
> - o horário escolar é reduzido.
> - algumas escolas funcionam em 3 ou 4 turnos.
> - em escolas de mestre único, são atendidos simultaneamente os vários níveis do curso primário.
> Nestas circunstâncias, não é possível discordar de que trabalhos escolares, realizados fora do horário escolar, venham a se tornar necessários. Entretanto, considere-se que o período de atendimento direto ao educando será restringido se dele subtrair o tempo empregado, quer na escrita de temas no quadro pelo professor, quer na cópia dos mesmos pelos alunos.
> Está cópia apresentada, freqüentemente, ocasiona erros de ortografia e supressão de palavras, o que facilmente pode ser comprovado, manuseando-se cadernos escolares.
> Se, com a preocupação de "ganhar tempo", os temas forem escritos sob ditado, as deficiências acima citadas apresentar-se-ão mais acentuadas.
> Outro aspecto a considerar é que a fixação ou integração de novos conhecimentos, permanência da aprendizagem ou mudança no comportamento exige um treinamento mais ou menos longo, em situações diversas, subordinando-se, ao fator tempo (TOMATIS, Gilda – ESCREVENDO A JATO, 1968, p. 29).

Esses argumentos envolvem situações escolares diversas; contudo, o aspecto relacionado ao tempo se destaca e chama a atenção, visto que a professora preocupou-se em elaborar um material de apoio para atividades escolares, mas também extaescolares, além de prever a possibilidade da alfabetização em 15 horas.

A professora deixou evidente que pretendia ampliar e reeditar esse livro incorporando novas sugestões e atividades apresentadas pelos professores, após um período de experiências. Assim como a Cartilha "Ler a Jato", os livros complementares de alfabetização também eram vendidos para as livrarias e a todos

que se interessavam individualmente. Essa forma de comercialização da obra, além de ter sido confirmado pela filha da autora, também foi possível identificar em um dos exemplares localizados na pesquisa, datado de 1968, referente à primeira edição, mais especificamente na folha de rosto, no canto superior direito, um carimbo da Livraria Mundial[46] de Pelotas/RS. Esse aspecto revela formas e lugares de comercialização da obra. Um aspecto que merece destaque é a imagem referente ao "Índice" do livro "Escrevendo a Jato". É organizada por assunto e se justifica em função da preocupação evidente da professora com a aprendizagem dos alunos nesses quesitos, conforme mostra a reprodução abaixo:

ÍNDICE

Ação – 46, 47, 53, 62, 71, 75, 92, 99
Composição – 28, 43, 78, 88, 93, 98, 103, 107, 112, 114
Completar frases – 1, 10
Completar palavras – 3, 9, 12, 44, 102
Ditado – 27, 36, 55, 79, 81, 90
Formar frases – 21, 26, 33, 37, 69
Formar palavras – 4, 6, 20, 34, 39, 40, 59, 87, 110
Interpretação – 7, 18, 50, 61, 74, 83, 95, 105
Letra maiúscula – 8, 23, 60
Nomes de animal – 16, 35, 45
Nomes de coisa – 13, 14, 19, 68, 72, 97
Nomes de pessoa – 2, 25, 30, 41, 49, 51
Ordenação de palavras – 66, 76, 106
Palavras de mesmo sentido – 58, 65, 70, 77, 84, 111
Palavras de sentido contrário – 15, 54, 94, 100, 104
Pontuação – 63, 91, 101
Profissão – 32, 42, 57, 108
Qualidade – 24, 29, 31, 38, 80, 89, 96
Separação de sílabas – 2, 17, 48, 56, 67, 113
Vocabulário – 11, 22, 52, 64, 73, 82, 85, 86, 109

31

Figura 28 – Reprodução do índice do livro Escrevendo a Jato 1º e 2º ano - 1ª ed.,1968, p.31
Fonte: Acervo privado da pesquisadora

[46] Entretanto, mesmo tendo entrado em contato com os responsáveis pela livraria na tentativa de obter mais informações sobre esse processo que envolvia a compra e venda destes livros, não obtive sucesso, pois os responsáveis pela livraria alegaram não ter registros sobre este material em seus arquivos, dado o período de tempo em questão.

No item final de encerramento do livro, há algumas considerações em relação à maneira com que as atividades deveriam ser trabalhadas pelos professores junto aos seus alunos.

> **CONSIDERAÇÕES:**
>
> - A ordem em que são apresentados os exercícios pode ser alterada, a critério do professor, sendo fácil sua localização, em face da numeração continuada.
> - O índice apresenta os assuntos reunidos, mas não é conveniente que todos os exercícios, de um mesmo item do conteúdo programático, sejam dados em seqüência. Experiências têm demonstrado que o exercício intermitente é mais eficaz, na permanência de determinado comportamento, do que o exercício continuado.
> - Os exercícios realizados com falhas ou deficiências não devem, simplesmente, ser assinalados nos cadernos dos alunos. Estes devem receber orientação para se capacitarem a refazê-los corretamente.
> - Quando se verificar que um número apreciável de aluno não realiza de modo conveniente algum exercício, este deve ser considerado como uma deficiência do ensino e servirá, indiretamente, para avaliação do trabalho docente. Cumpre investigar se há necessidade de repetir todas as fases da aprendizagem dessas informações, ou talvez dar maior objetividade, ou usar linguagem mais acessível. (TOMATIS, Gilda – ESCREVENDO A JATO, 1968, p. 30).

Estas orientações também evidenciam que os exercícios propostos não eram restritos e que deveriam ser ampliados pelos professores, de acordo com o andamento das aprendizagens de suas turmas. A autora destaca o cuidado que o educador deveria ter com as “deficiencias” ou “falhas “ dos alunos com a escrita, ou seja, com os erros cometidos. Ela alerta que essas “falhas” não deveriam ser apenas mostrados aos alunos mas que eles deveriam ser orientados para que fossem corrigidos e refeitos. A contracapa do livro de exercícios Linguagem “Escrevendo a Jato” também é a mesma da Cartilha “Ler a Jato” e do “Caderno Série Jato”. Completando o material de alfabetização, havia ainda o livro de Matemática, cujos aspectos destaco na subseção seguinte.

5.3.3. Matemática 1º ano

O livro de “Matemática - 1º ano” igualmente apresenta as mesmas dimensões dos demais materiais produzidos pela professora Gilda, porém com uma

ilustração diferenciada. A ilustração da capa é em tons de verde, amarelo, azul, branco, laranja, rosa e preto.

Na parte superior da capa, encontra-se escrito o nome do livro em negrito “**Matemática 1º ano”** e logo a abaixo aparece uma menina loira de olhos azuis, de vestido e sandálias cor de rosa segurando com o braço estendido quatro balões coloridos com cálculos matemáticos encostada numa árvore sobre a grama verde repleta de flores com uma borboleta amarela. Embora a ilustração seja diferente dos demais materiais, o livro e as cores continuam nos remetendo ao período nacionalista vivenciado pelo país. Essa primeira edição do livro é datada de 1970, a capa e a ilustração são de Synthia Kun. E o livro também é editado pela Editora Tomatis.

Figura 29 – Reprodução da capa do livro de Matemática 1º ano 1ª ed.,1970
Fonte: Acervo privado da pesquisadora

As páginas internas do livro são de papel jornal. Na primeira página do livro, encontra-se escrito um pouco acima do centro do nome do livro em letra *script*, e em preto “**Matemática 1º ano**”, logo acima no topo do desenho de uma escada, a palavra “Reformulada” abaixo na outra extremidade à esquerda a palavra “Tradicional”. Dessa forma, a professora Gilda Tomatis poderia estar querendo

demonstrar o “avanço” da matemática nesse período. Em seguida, aparece o nome completo da professora, dados de sua formação e profissão, o nome da ilustradora, o ano da edição. Ao pé da página, há o nome da editora em caixa alta e negrito, local, ano e endereço da editora, porém sem apresentar os dados da impressão. As atividades têm início na página quatro e são apresentadas até a página oitenta e oito.

As atividades propostas no livro exploram noções de posição, tamanho, lateralidade, quantidade, conjuntos, sinais (igual e diferente), noção de maior, menor leitura de sentenças, par e impar, compor e decompor, horas noção de valores adição e subtração, dezena e unidade, cálculos com duas parcelas, números ordinais, dentre outros. Os exercícios, como completa, copia, pinta, assinala, vamos contar, marca, liga, indica, lê, escreve, efetua, coloca, descobre, resolve, continua, inventa, observa, decompõem, representa, arma e efetua, entre outros exercícios, evidenciam a variedades de atividades que são trabalhadas no livro. O livro é composto de cem páginas e apresenta um total de duzentos e cinquenta e sete exercícios.

Completa:

Lêda tinha Um rebentou.

Ficaram ____ balões.

Mamãe comprou Gastou dois.

Ficaram ____ ovos.

Copia:

0 - 1 - 2 - 3 - 4 - 5 - 6 - 7

Coloca em ordem êstes números, começando pelo menor que é o 1.

7 - 3 - 2 - 5 - 1 - 4

Completa a série, tirando um.

7 - 6 - ___ - ___ - ___ - ___ - ___ - ___

— 23 —

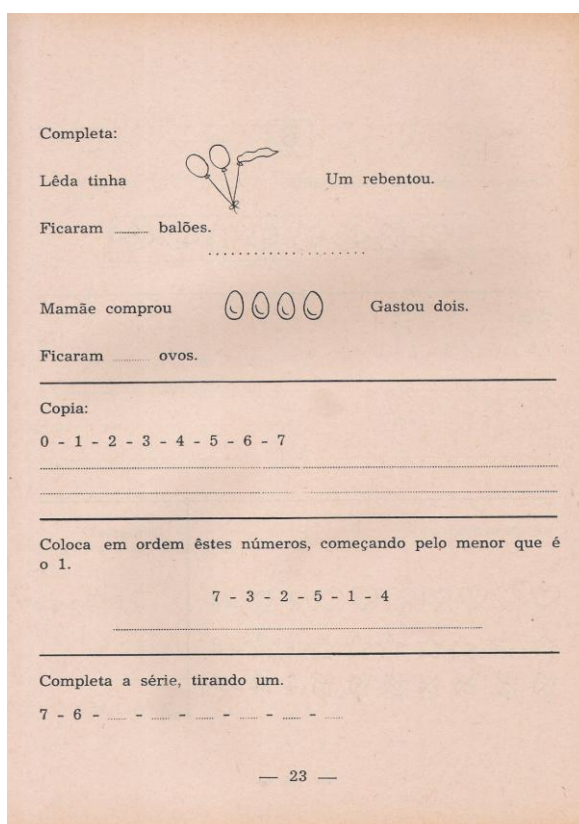



Figura 30 – Reprodução da página 23 do livro de Matemática 1º ano 1ª ed. – 1970
Fonte: Acervo privado da pesquisadora

A partir da página oitenta e oito, a autora passa a apresentar o livro, expondo os objetivos pretendidos com a referida publicação. Ela fez algumas considerações sobre a “Matemática Moderna” na página oitenta e nove, alegando inclusive que o livro já atendia essa nova reformulação do ensino da Matemática. O livro termina com duas páginas reservadas ao índice e no verso da contracapa interna, há o Apêndice, novamente informações referentes à Educação Moral e Cívica, Constituição, Carta Magna semelhante à Cartilha “Ler a Jato”. A contracapa é igual às demais obras.

No tópico “Apresentação”, está destacado:

> A quase totalidade dos livros textos de Matemática, para o curso primário atualmente publicados, apresentam orientação moderna ou reformulada, enquanto a maioria do magistério não se encontra preparada para usar tais livros, dificultando a indicação da bibliografia para os alunos. Não parece provável que, a curto prazo, todos os professores tenham oportunidade de freqüentar cursos para se atualizarem nesse setor (TOMATIS, Gilda, MATEMÁTICA, 1970, p. 88).

Em relação à questão dos cursos e das publicações referentes à Matemática Moderna, Miorim (2005) afirma que a difusão das idéias a respeito essa temática aconteciam especialmente através

> dos cursos organizados pelo Grupo de Estudos do Ensino da Matemática – GEEM[47], com apoio do MEC e da Secretaria de Estado e da publicação dos primeiros livros didáticos de acordo com essa nova orientação, a partir da primeira metade da década de 60 (MIORIN, 2005, p. 7).

A professora Gilda ressaltou ainda que a Editora Tomatis havia recebido muitas solicitações por parte de diretores e professores, no sentido de que materiais pedagógicos fossem produzidos para suprir essa lacuna bibliográfica. Segundo Gilda Tomatis, “não parecia razoável que, numa época de tantas transformações, tanto progresso, em que todos visavam evoluir, se apresentasse um Manual com orientação estritamente tradicional” (TOMATIS, Gilda – MATEMÁTICA, 1970, p. 88).

Aspecto importante que nos remete ao circuito das comunicações de Darnton (1995), na medida em que os documentos evidenciam que a professora

---

[47] GEEM[47], fundado em outubro de 1961 por professores do Estado de São Paulo.

Gilda incorporou a sua produção didática algumas das influencias intelectuais vivenciadas no momento pelos educadores, no final da década de 1960, com relação ao "Movimento da Matemática Moderna".

A partir dessa perspectiva, a autora alegou que seu livro de "Matemática 1º ano", poderia colaborar com a obra educacional e que, para alguns, este livro poderia ser de grande utilidade e dispensáveis para outros, já que, segundo ela, havia pouca bibliografia atualizada em relação à Matemática Moderna. Afirmou, portanto, que a partir destes fatores resolveu dar a este livro uma "orientação de transição entre o tradicional e o moderno, apresentando, de maneira suave, os primeiros degraus da reformulação no ensino da Matemática" (TOMATIS, Gilda – MATEMÁTICA, 1970, p. 88).

Para autores como Miorim (2005) e Alves (2009; 2010a; 2010b; 2011), a modernização do mercado editorial nessa época contribuiu para a inclusão dos conteúdos propostos pelo Movimento da Matemática Moderna, principalmente através dos livros didáticos.

Nesse sentido, a Miorin (2005, p. 7/8) destaca:

> Livros didáticos de Matemática contemplando aspectos da Matemática Moderna começaram a surgir no cenário brasileiro a partir de meados da década de 1960, em um momento de modernização do setor editorial brasileiro. Essas mudanças dizem respeito às dimensões dos livros, às características de sua encadernação, à qualidade de impressão, à incorporação gradativa de uso de cores, ao uso de recursos visuais e a uma melhor distribuição do espaço. A editoração utiliza cores e outros recursos para destacar o início dos capítulos, as curiosidades, as notas, os lembretes amigos, os resultados importantes, inclui figuras em espaços que não apresentam textos, etc. Esses novos recursos editoriais forneceriam elementos reforçadores para a introdução dos conteúdos modernos e de novas abordagens (MIORIM, 2005, p. 7/8).

Para a professora Gilda Tomatis, o ideal seria que

> todos tentassem se atualizar, tendo em vista as dificuldades que os estudantes vêm encontrando, após o curso primário, por desconhecerem totalmente a orientação reformulada do ensino da Matemática, seu vocabulário e sua significação. As ordens que acompanham cada exercício não significam que desde o início do curso devam os alunos estar capacitados a decifrá-las. Poderão, entretanto, ser úteis a professores leigos, bem com há outras pessoas que colaboram na obra educacional, dispensando o Manual do Professor, despesa que para muitos seria inacessível. (TOMATIS, Gilda - MATEMÁTICA, 1970, p. 88).

Nota-se que mais uma vez a professora expõe sua preocupação com a dificuldade e a falta de recursos financeiros por parte dos professores para a aquisição de materiais didáticos e pedagógicos que pudessem auxiliá-los na sua prática pedagógica.

Esse importante aspecto no “circuito das comunicações” proposto por Darnton (1995), o da conjuntura econômica e social, parece ter sido levada em conta pela professora Gilda a ponto de tê-la influenciado a replanejar as suas publicações, tendo em vista uma forma de ofertar um material didático de menor custo aos educadores para que assim tivessem acesso aos novos conceitos e tendências pedagógicas, como, por exemplo, no caso em questão, os da Matemática Moderna divulgados na época em que ela produziu o material. Diz ela:

> Levando em consideração o aspecto econômico de professores e alunos, o planejamento inicial deste livro sofreu modificações quanto ao número de páginas, bem como à apresentação, tipo de papel, colorido, etc. Sem perder de vista o objetivo específico de seu conteúdo, na elaboração de – Matemática, 1º ano – esteve presente a relação poder aquisitivo do aluno x preço do exemplar realidade que a Autora levou em consideração, a fim de suprir a deficiência bibliográfica, em campo mais amplo (TOMATIS, Gilda – MATEMÁTICA, 1970, p. 88).

De acordo com Bittencourt (2008, p.190), “o livro didático independentemente da condição do professor, no decorrer do século XIX transformou-se em uma ferramenta de trabalho indispensável na sala de aula”. O que, segundo a autora, determinou que,

> nos anos seguintes, o aperfeiçoamento técnico na fabricação do livro e a possibilidade de ser consumido por um número cada vez maior de alunos aliada à continuidade de uma precária formação do corpo docente fizeram do livro didático um dos símbolos da cultura escolar, um depositário privilegiado do saber e a ser ensinado (BITTENCOURT, 2008, p.190).

No sumário do livro de Matemática, estão elencados ainda alguns objetivos a serem alcançados com a publicação da obra, como, por exemplo:

> - Suprir a deficiência de bibliografia atualizada, dentro de módico valor aquisitivo.
> - Dar oportunidade aos professores de conhecer a atual nomenclatura da Matemática, familiarizar-se com novos termos, integrá-los em seu

> vocabulário, para, posteriormente, usá-los com segurança em suas aulas.
> - Demonstrar aos professores que a Matemática Moderna não é um estudo complicado, inacessível como muitos a conceituam e outros a apresentam em ambíguas explanações.
> - Levar uma mensagem de solidariedade aos abnegados professores que mais afastados se encontram dos centros urbanos e, além de privações diversas, têm maiores dificuldades em acompanhar o progresso cultural (TOMATIS, Gilda – MATEMÁTICA, 1970, p. 89).

Aqui se percebe o empenho e uma preocupação da professora em produzir um material que viesse ao encontro das necessidades e expectativas dos educadores, segundo ela, carentes de recursos financeiros e de referências e bibliografias sobre o tema. Nesse sentido, ela dedicou um espaço para falar sobre a Matemática Moderna no livro e na qual salientou que

> o professor que deseja integrar-se na Matemática Moderna necessita, em primeiro lugar, precisar o que esse termo significa.
> Para muitos, Matemática Moderna é uma Matemática que surgiu na atualidade. Isto é falso. Ela não sofreu alteração em sua essência.
> Verdadeiro será considerar Matemática Reformulada o que significa reformulação na orientação do ensino, na interpretação dos fatos matemáticos. O ensino tradicional buscava a memorização; o ensino moderno baseia-se na interpretação, na significação dos fatos matemáticos, das operações. Leva o aluno a compreender o porquê daquilo que faz. Isto não quer dizer que as crianças não precisem mais dar resposta automática aos fatos fundamentais das operações. Entretanto, se elas compreenderem esses fatos, através de exercícios variados, na fase de treinamento, atingirão a automatização com mais facilidade. Inicialmente, a criança deve ter oportunidade de usar material concreto para compreender as situações matemáticas, numa grande diversidade de exercícios. Progressivamente, deve o professor ir proporcionando a transição do concreto para o abstrato, a fim de liberar o aluno do material manipulativo, substituindo-o por símbolos e sinais. (TOMATIS, Gilda - MATEMÁTICA, 1970, p. 89).

Das páginas oitenta e nove a página cem, a autora apresenta de forma resumida alguns conteúdos matemáticos, descrevendo o que são e de que forma deveriam ser abordados e trabalhos pelos professores em sala de aula. Esses conteúdos são apresentados sob os seguintes títulos: Símbolo, Número – Numeral, Sistema de Numeração, Numerais Ordinais, Numerais Romanos, Conjunto, Símbolo do Conjunto, Conjunto Unitário, Conjunto Vazio, Conjuntos Iguais, Conjuntos Equivalentes ou Equipolentes, Conjunto Universo, Subconjunto, Correspondência Biunívoca, Operações Aritméticas, Propriedades da Adição, Subtração, Multiplicação, Divisão, Sentença Matemática, Forma Operacional, Problema, termos

que foram incluídos no vocabulário matemático pelo Movimento da Matemática Moderna.

Para finalizar, saliento que foi possível apresentar, comentar e analisar aspectos do conjunto dos materiais não só produzidos como editados por Gilda de Freitas Tomatis, que, no intuito de contribuir com a “grande campanha de erradicação do analfabetismo” e assim colaborar na “grande obra de desenvolvimento da nação brasileira”, disponibilizou uma cartilha cuja base era o método fonético e todos os “satélites” possíveis e considerados importantes na sua perspectiva: caderno de atividades “Série Jato”, livro de exercícios de linguagem “Escrevendo a Jato”, livro de “Matemática”, e o mais inusitado de seu “programa de alfabetização”, ou seja, os quatro LPs nos quais gravou – pacientemente – todas as lições da cartilha em um esforço de transpor oralmente todos os fonemas da língua portuguesa de forma que o professor os “reproduzisse” em sala de aula ou que o aluno, de forma individual, especialmente os adultos, aprendessem sozinhos e vencessem o árduo trabalho de aprender a ler e a escrever.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo procurou contribuir com a História da Alfabetização e dos Livros Escolares, campo em franca expansão no Brasil, conforme exposto no Capítulo 1. No decorrer do trabalho, procurei fazer uma análise dos materiais de ensino da leitura e da escrita produzidos pela professora Gilda de Freitas Tomatis e divulgados entre as décadas de 1967 e 1986 no Rio Grande do Sul.

Como afirmei, o interesse por esse objeto de estudo surgiu ainda na graduação quando tive o primeiro contato com esses materiais e com a proposta 'inusitada' de alfabetização em quinze horas, desenvolvidos pela referida professora. Após o ingresso no Curso de Mestrado, vislumbrei a possibilidade de retomar essa pesquisa, especialmente a partir da localização da filha da autora, Maria Lúcia de Freitas Tomatis, e com isso o acesso a novas fontes.

A discussão principal, que permeou a coleta dos dados para a constituição do *corpus* da pesquisa, foi a questão da guarda de documentos e a possibilidade de acesso e uso de "arquivos privados" para a investigação histórica, em especial de "pessoas comuns", com a possibilidade de dar "uma certa visibilidade a protagonistas anônimos do acontecer coletivo" (CASTILLO GÓMEZ, 2000, p. 11).

A localização dessas fontes orais e escritas, a entrevista semiestruturada realizada com a filha da autora, a localização de fotos, livros, cartilhas, discos de vinil, certificados, medalhas, o parecer técnico da Cartilha "Ler a Jato", foi uma parte árdua e importante da pesquisa.

O aporte teórico-metodológico fundamentou-se no modelo epistemológico do paradigma indiciário proposto por Ginzburg (2007), utilizado como dispositivo de pesquisa para perceber e analisar os "elementos relevantes" contidos nos documentos, além de aspectos do modelo referente ao "circuito das comunicações" de Darnton (1995), que auxiliou principalmente na compreensão dos mecanismos utilizados pela professora Gilda para produzir, divulgar e difundir sua proposta singular de alfabetização por boa parte do estado gaúcho e fora dele. Utilizando a ideia do circuito da comunicação, foi possível perceber o uso de cartas, de

entrevistas a diferentes jornais e de pequenas pesquisas feitas pela professora junto a pais e professores para divulgar seu material de alfabetização. Outra estratégia percebida nesse processo foi a venda direta a pais e professores, especialmente da Cartilha “Ler a Jato”. Vender diretamente a escolas confessionais e escolas públicas e particulares também fez parte das estratégias da professora para a divulgação dos livros e dos LPs.

A autora utilizou-se, assim, de diferentes recursos e mídias para promover seu material, participou de programas de televisão, programas de rádio, concedeu entrevistas e foi notícia em alguns dos mais importantes jornais impressos no estado do RS e do país, viajou pelas cidades do estado gaúcho e fora dele, realizando inúmeras palestras em escolas, igrejas e instituições de ensino, explanando e desenvolvendo cursos de alfabetização, ensinando a todos como trabalhar com seu método de alfabetização.

Além disso, outra estratégia importante da professora foi criar sua própria editora. Em 1967, ela criou e registrou, em seu endereço pessoal, a sua própria editora, que levou seu sobrenome: a Editora Tomatis - Livros Didáticos. O objetivo principal da criação da editora era poder publicar a Cartilha “Ler a Jato” e o conjunto de discos que faziam parte do “kit”, intitulado “Método Audiofonografico – Aprenda a ler em 15 horas” e os três livros apresentados neste trabalho: Caderno Série Jato 1º ano, o livro de exercícios de linguagem “Escrevendo a Jato 1º e 2º ano” e o livro de “Matemática 1º ano”.

A professora ainda atendeu a pedidos por telefone e cartas, encaminhou cartilhas e livros pelo Correio aos interessados e ainda tinha revendedores em outros estados para vender seu material e assim disseminar sua proposta de ensino. Teve seu trabalho com a alfabetização reconhecido em 1968 pelo prefeito municipal de Caxias do Sul, ao ser agraciada com a “Medalha do Monumento Nacional da Imigrante”.

Como última e talvez a mais importante de todas as estratégias utilizada pela autora para obter legitimidade e aceitação do seu método de alfabetização, a professora Gilda escreveu e enviou uma carta endereçada em 27 de abril de 1990, ao então Ministro da Educação, Carlos Alberto Chiarelli, no intuito de apresentar e mais uma vez divulgar a Cartilha “Ler a Jato” e o método fonético articular de alfabetização em quinze horas, na expectativa de ter seu material e sua obra reconhecidos para a alfabetização de crianças, jovens e adultos e na luta contra o

analfabetismo.

Segundo foi possível apreender, a professora também trabalhava em prol da alfabetização dos “excepcionais” e ensinava-os em casa em aulas particulares, tendo sido possivelmente essa experiência no contexto doméstico, das aulas particulares, a principal razão de produção de seu material.

Tudo teria tido origem em 1964 quando a professora Gilda se viu frente a um desafio: alfabetizar sua filha de seis anos, Maria Lúcia Tomatis, e o filho de uma amiga de Uruguaiana que estava apresentando dificuldades no seu processo de alfabetização. Assim, depois dessas experiências e apoiada principalmente no “Primeiro Guia de Leitura LER, do MEC, de 1947, ela escreveu sua própria cartilha, com base no método fonético de alfabetização.

Ao analisar e comparar as duas cartilhas, “Ler a Jato” e o “Primeiro Guia de Leitura LER”, é possível perceber semelhanças entre ambas, especialmente no que se refere aos aspectos gráficos, como, por exemplo, disposição e a semelhança entre algumas imagens, organização das páginas, das lições e o uso de algumas palavras-chave. O modelo, portanto, usado na produção de sua cartilha foi o material do MEC, em circulação no Brasil desde o final da década de 40.

No período em que a Cartilha “Ler a Jato” foi publicada, o país estava sob o regime da ditadura militar que predominou entre os anos de 1964 e 1986 e nos remete a um contexto social e político em que o país todo estava engajado na luta para “erradicar o analfabetismo”, visto à época como uma “vergonha nacional” e como um dos fatores de atraso e pouco desenvolvimento do Brasil. Em virtude disso, o campo educacional estava envolto em um discurso ufanista que via na alfabetização uma forma de melhoria das condições individuais e sociais dos brasileiros. A professora Gilda se associou a essas ideias de desenvolvimento do país pelo desenvolvimento da educação e não mediu esforços para contribuir com esse feito de melhorar o país, melhorando os índices de alfabetização.

Esse momento social e político vivenciado pelo país foi propício à criação de campanhas e propostas de alfabetização que viessem ao encontro do interesse nacionalista do governo e que, de alguma forma, pudessem contribuir para resolver aquilo que era considerado uma “chaga nacional”: o analfabetismo. Isso deveria ser feito, se possível, de forma rápida, barata e eficiente, e ainda ser de grande auxílio para o desenvolvimento e o progresso da nação.

Nesse sentido, a possibilidade da alfabetização em quinze horas era muito bem vista por alguns setores da sociedade. Não foi em vão que a professora Gilda viajou algumas vezes à Brasília a fim de divulgar sua proposta de alfabetização. Contudo, essa proposta enfrentou fortes resistências no Rio Grande do Sul, como procurei mostrar, em razão de ser um momento em que havia uma hegemonia do método global de contos, em especial a esfera oficial através do trabalho do CPOE (PERES, 2000).

As fontes indicaram que a tiragem da Cartilha "Ler a Jato" pode ter superado a marca de quarenta mil exemplares vendidos. Essa tiragem pode ter contribuído para chamar a atenção dos deputados, dos técnicos das campanhas de alfabetização, da Comissão de Educação do Ministério da Educação e do Conselho Federal de Cultura de Brasília, que acabaram convidado-a algumas vezes para ir até Brasília para apresentar e explanar sobre o seu material de alfabetização.

No entanto, após ter submetido a Cartilha "Ler a Jato" à avaliação do setor técnico do Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais da SEC/RS, em 1968, a autora recebeu um parecer desfavorável da instituição. Nesse parecer, Nº 392/68, o setor técnico da SEC/RS explicitou que vários aspectos do livro deveriam ser reformulados, assim, o mesmo não estava recomendado para ser usado nas escolas primárias do estado do RS.

Embora este parecer tenha sido desfavorável à Cartilha, mesmo assim a professora decidiu publicá-la, divulgando e comercializando seu material. Ela rebateu as críticas do setor educacional da SEC/RS, afirmando que o parecer emitido pelo CPOE era "uma falha do trabalho de gabinete, alheio à realidade, à vivencia dos professores educacionais" (TOMATIS, Gilda - CONTRACAPA DOS DISCOS DE VINIL, S/D), apresentando, ainda, dados e depoimentos favoráveis a sua proposta de alfabetização de pais, alunos e professores de diversas instituições e localidades do estado gaúcho, cujas avaliações da cartilha eram muito positivas.

Além disso, a professora demonstrava uma forte e declarada oposição ao método global de contos adotado e difundido pelo CPOE na década de 1968. Ela acreditava que a adoção de "métodos importados" de outros países teria contribuído para a criação das classes de recuperação e dos altos índices de reprovação, repetência e evasão escolar, quando eram aplicados de forma inadequada pelo professor que não dominava e compreendia claramente o método.

O parecer contrário à Cartilha “Ler a Jato” revelou o quanto havia, neste campo e neste contexto, uma “luta de representação” (CHARTIER, 1990) em torno da definição do “melhor método de alfabetização” e dos “melhores materiais”. A professora Gilda esteve no centro desse debate e dessas disputas sem esmorecer na defesa das suas ideias.

Tais conflitos geraram verdadeiras lutas políticas e ideológicas entre a professora Gilda, o Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais da SEC/RS e os demais sujeitos envolvidos no campo da alfabetização, como, por exemplo, os membros da Comissão de Educação em Brasília que possivelmente teriam recomendado o uso da Cartilha “Ler a Jato” e sua compra e distribuição gratuita por todo o território brasileiro, através do Ministério da Educação junto ao MOBRAL.

Na perspectiva da professora, isso poderia ter acontecido se o livro não tivesse recebido parecer desfavorável da SEC/RS em 1968, ou se ela tivesse enviado a tempo à Comissão de Educação daquele respectivo ano os dados estatísticos solicitados pela mesma sobre os resultados obtidos com os alunos na aplicação do método fonético de alfabetização, proposto através da Cartilha “Ler a Jato”.

Todos estes fatores acabaram contribuindo para que Gilda Tomatis assumisse todos os custos financeiros da produção e da divulgação da Cartilha “Ler a Jato” e dos materiais complementares, já que não contou com o apoio ou auxílio financeiro de nenhuma instituição ou do próprio governo federal para fazê-lo.

Essa questão – do financiamento do material - também se refletiu nos materiais que foram utilizados na produção dos livros e cadernos complementares à Cartilha. As folhas internas, da Cartilha “Ler a Jato” e dos Cadernos Série Jato, por exemplo, da primeira para a segunda edição, deixaram de ser impressos em folhas de sulfite branca e passaram a ser impressas em papel jornal, de modo a diminuir os custos da produção.

O livro de exercícios de linguagem de 1º e 2º ano, “Escrevendo a Jato”, apresentou um número reduzido de páginas com atividades; e isso seria em razão de fatores financeiros, assim como o livro de Matemática de 1º ano que também passou por modificações quanto ao número de páginas, tipo de papel e impressão, visto que a professora ainda queria considerar, segundo ela mesma afirmava, o poder aquisitivo e as condições financeiras dos professores e dos pais dos alunos.

Esse aspecto, segundo a autora, foi necessário considerar no momento da publicação e comercialização do material.

A inovação da sua proposta ficou por conta da gravação de quatro discos de vinil intitulado “Método Audiofonográfico – Aprenda a Ler em 15 horas”, nos quais foram reproduzidas as lições contidas na Cartilha “Ler a Jato”, pois, conforme a professora, com este material de autoinstrução, qualquer pessoa poderia se alfabetizar sem a presença do professor e em qualquer lugar.

Assim, pode-se dizer que, entre os anos de 1967 e 1976, houve um intenso investimento e movimento por parte da professora Gilda na produção e divulgação de materiais de alfabetização criados, principalmente, para colaborar com a campanha de “erradicação do analfabetismo” no país. Entre o período de 1976 e 1990 a autora reduziu seu ritmo de trabalho em virtude da idade e de problemas de saúde, como pode ser percebido através das fontes de pesquisa e do depoimento da filha da professora.

A criação e a produção da Cartilha “Ler a Jato” e do Método Audiofonográfico de alfabetização em 15 horas representam o esforço e a tentativa de legitimação de uma concepção de alfabetização arduamente defendida pela professora Gilda, que sempre acreditou nas suas convicções e se engajou na luta contra o analfabetismo. A professora defendeu seus ideais de alfabetização, embora tendo sido “oficialmente” e por formação uma professora de Ciências Naturais.

Para finalizar este trabalho, destaco ainda dois aspectos: primeiro, considero que o propósito principal deste estudo foi cumprido, qual seja, registrar no campo da história da alfabetização a trajetória e a produção didática de uma professora gaúcha, apresentando e analisando os materiais produzidos por ela para o ensino da leitura e da escrita; segundo, a finalização da pesquisa, neste momento, indica a possibilidade de continuidade futura, como, desenvolver novas pesquisas com vistas, por exemplo, aos seguintes aspectos:

1) análise de outras obras audiofonográficas vinculadas à alfabetização, produzidas pela gravadora Artec Som de Porto Alegre/RS;

2) estudo sobre as gráficas e editoras “A Nação” e “Santa Cecília” de Porto Alegre, as quais realizavam serviços terceirizados de impressão de livros para as demais editoras na década de 1960 no RS;

3) estudo sobre as ilustradoras de livros de alfabetização vinculadas ao CPOE entre as décadas de 1940 e 1970.

Esses são apenas alguns exemplos de continuidade dos estudos que estariam ainda inseridos no campo que pesquisei durante o curso de mestrado: a história da alfabetização e dos livros escolares.

REFERÊNCIAS

ALCÀZAR I GARRIDO. Joan Del. As fontes orais na pesquisa histórica: uma contribuição ao debate. **Revista Brasileira de História.** São Paulo: ANPUH/ED. Marco Zero. Vol. 13, n. 25/26, set.1992/ago.,1993, p. 33-54.

ALVES, Antônio Maurício Medeiros. A Matemática Escolar (1943-1995): uma interpretação a partir dos livros didáticos. In: **X EGEM - Encontro Gaúcho de Educação Matemática**, Ijui. Caderno de Resumos. 2009, p. 1-12.

ALVES, Antônio Maurício Medeiros. A presença do Movimento da Matemática Moderna (MMM) na produção de autoras gaúchas para o ensino primário (1960-1980). In: **V Congresso Internacional de Ensino da Matemática.** Canoas/RS: Editora da Ulbra, 2010a, p. 1-10.

ALVES, Antônio Maurício Medeiros. A influência do Movimento da Matemática Moderna na coleção "Gaúcha" para o ensino primário: Nossa Terra Nossa Gente. In: **IX Seminário Temático o Movimento da Matemática Moderna nas escolas do Brasil e de Portugal:** Estudos Históricos Comparativos. Juiz de Fora/MG. Anais, 2010b, p. 1-9.

ALVES, Antônio Maurício Medeiros. A produção didática de Cecy Cordeiro Thofehrn e Nelly Cunha ao tempo do Movimento da Matemática Moderna (1960-1978). In: **34ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação**. Natal/RN, 2011, p. 1-11.

AMÂNCIO, Lázara Nanci de Barros. **Cartilhas, para quê?.** Cuiabá/MT: EdUFMT, 2002. 202p.

AMÂNCIO, Lázara Nanci de Barros. **Ensino de Leitura e Grupos Escolares**: Mato grosso 1910-1930. Cuiabá/MT: EdUFMT, 2008. 256p.

ARTIÈRS, Philippe. Arquivar a própria vida. **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: (CPDOC/FVG), 1998, v. 11, n. 21, p. 9-34.

ARAGÃO, Márcia Cristina da Cruz. SANTOS, Glézia Kelly Costa. As práticas educacionais no Brasil dos Oitocentos. In: **Anais do II Seminário Educação, Comunicação, Inclusão e Interculturalidade.** Universidade Federal de Sergipe – UFS, 2009, p. 372-380.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO - ANPEd. In: http://www.anped.org.br/ . Acessado em Agosto/2011.

ASSOCIAÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE PESQUISADORES EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO - ASPHE. In: http:/fae.ufpel.edu.br/asphe/. Acessado em maio/2011.

BARCELOS, Valdo, SANGOI, Helenise Antunes (org,). **Alfabetização, letramento e leitura**: territórios formativos. 1ª Ed. Santa Cruz do Sul/RS: EDUNISC, 2010. 219p.

BARUM, Sylvia. PERES, Eliane. Espelho do ensino: processos de alfabetização refletidos em cadernos escolares 1970-2008. In: **Anais do XIX Congresso de Iniciação Científica UFPel.** Pelotas/RS, 2010, p. 1-4.

BASTOS, Maria Helena Camara. CUNHA, Maria Teresa Santos. MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio. Laços de Papel. In: BASTOS, Maria Helena Camara, CUNHA, Maria Teresa Santos e MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio. (orgs.). **Destinos das Letras**: história, educação e escrita epistolar**.** Passo Fundo/RS: UPF, 2002, p. 5-9.

BASTOS, Maria Helena Camara. Divertir, educar e formar: Cacique – a revista da garotada gaúcha (1954-1963). In: **IV Congresso Brasileiro de História da Educação**: a educação e seus sujeitos na História. Universidade Católica de Goiás, em Goiânia, 2006, p. 1-11. Disponível em: http://www.sbhe.org.br/novo/index.php?arq=arq_cbhe4&titulo=IV%20CBHE&ext=php Acessado em Novembro/2010.

BASTOS, Maria Helena Camara. STEPHANOU, Maria. Traçar letras, palavras e números: caligrafar gestos da escrita e da vida. In: MIGNOT, Maria Chrystina Venâncio. Catálogo da Exposição **"Não me esqueça num canto qualquer",** 2008, p. 1-28.

BATISTA, Antônio Augusto Gomes. Um objeto variável e instável: textos, impressos e livros didáticos. In: ABREU, Márcia (org.). **Leitura, História e História da Leitura**. São Paulo: Mercado das Letras, 1999, p. 529-575.

BATISTA, Antônio Augusto Gomes. O conceito de "Livros Didáticos". In: **Livros escolares de leitura no Brasil**: elementos para uma história. Campinas: Mercado das Letras, 2009, p. 41-73.

BELO, André. **História & Livro e Leitura**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.120p.

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. **Arquivos Permanentes**: tratamento documental. São Paulo: Queiroz, 1991. 198p.

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. **Arquivos Permanentes**: tratamento documental. Rio de Janeiro: FGV, 2007. 318p.

BELLENGER, Lionel. Os métodos de alfabetização. In: BELLENGER, Lionel. **Os métodos de leitura**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979, p. 53-82.

BELMIRO, Célia Abicalil. Um estudo das relações entre imagens e textos verbais em cartilhas de alfabetização. In: **31ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação.** MG, 2008, p. 1-16. Disponível em

http://www.anped.org.br/reunioes/31ra/1trabalho/GT10-4348--Int.pdf Acessado em Agosto/2011.

BERTOLETTI, Estela Natalina Mantovani. **Lourenço Filho e a alfabetização**: um estudo de Cartilha do povo e da cartilha Upa, cavalinho!. São Paulo: Editora UNESP, 2006. 131p.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Livro didático e saber escolar (1810-1910).** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008. 239p. (História da Educação).

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna**: a sociolingüística na sala de aula. São Paulo: Párabola Editorial, 2004. 111p.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. 488p.

BRAGGIO, Silvia, Lucia Bigonjal. **Leitura e alfabetização**: da concepção mecanicista à sociopsicolinguistica. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992. 102p.

BRASLAVISKY, Berta P. de. **Problemas e métodos no ensino da leitura**. São Paulo: Melhoramentos e Editora da USP, 1971. 248p.

CADERNOS CEDES. In: http://www.cedes.unicamp.br/cad_exemplares.htm. Acessado em Agosto/2011.

CAGLIARI, Luiz Carlos. História da Alfabetização. In: **Alfabetizando sem o Ba–Bé–Bi–Bó-Bu**. São Paulo: Scipione, 1999, p. 11-34.

CALDAS, Waldenyr. **Iniciação à música popular brasileira**. 3ª ed. São Paulo: Editora Àtica, 2000, p. 69-73.

CAMPOS, Dulcinéa. As práticas de alfabetização no Espírito Santo na década de 1950. In: **32ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação.** MG, 2009, p. 1-18. Disponível em http://www.anped.org.br/reunioes/32ra/arquivos/trabalhos/GT10-5664--Int.pdf. Acessado em Agosto/2011.

CARDOSO, Cancionila Janzkovski. AMÂNCIO, Lázara Nanci de Barros. Memórias da trajetória docente de uma alfabetizadora: entrecruzando vozes e tecendo fios. In: In: FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva & MACIEL, Francisca Isabel Pereira (orgs). **História da Alfabetização**: produção, difusão e circulação de livros (MG/ RS/ MT – Séc. XIX e XX). Belo Horizonte: CEALE/FAPEMIG, CNPq/ UFMG/FaE, 2006, p 223-253.

CARDODO, Cancionila. Janzkovski. **Cartilha Ada e Edu**: produção, difusão (1977-1985). Cuiabá: EdUFMT, 2011. 218p.

CARDODO, Cancionila. Janzkovski. Cartilha Ada e Edu: de produção regional à circulação nacional (1977-1985). **33ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação.** Caxambu/MG, 2010, p. 1-18.

Disponível em: http://www.anped.org.br/33encontro/internas/ver/trabalhos-gt10. Acessado em Novembro/2010.

CARVALHO, Marlene. **Alfabetizar e letrar**: um diálogo entre a teoria e a prática. Petrópolis/RJ: Vozes, 2005. 142p.

CASTILLO GÓMEZ, Antônio. Um archipiélago desconocido. Archivos y escrituras de la gente común. ARCHIVAMOS. **Revista Trimestral de la Asociación de Archiveros de Castilla y Leon**, n. 38, (4º trimestre), 2000, p. 6-11.

CATANI. Denice Barbara. VICENTINI, Paula Perin. Lugares sociais e inserção profissional: o magistério como modo de vida nas autobiografias de professores. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (org.). **A aventura (auto)biográfica: teoria e empiria.** Porto Alegre/RS: EDIPUCRS, 2004, p. 267-291.

CENSURAMUSICAL.COM. Dom & Ravel: traidores ou injustiçados. S/d p. 1-8. In: http://www.censuramusical.com/includes/entrevistas/RAVEL.pdf. Acessado em Setembro/2011.

CENTRO DE ALFABETIZAÇÃO, LEITURA E ESCRITA. In: http://www.ceale.fae.ufmg.br/pesquisa.php. Acessado em Março/2011.

CHARTIER, Anne-Marie; HÉBRARD, Jean. Método Silábico e Método Global: alguns esclarecimentos históricos. **História da Educação**. Pelotas/RS: ASPHE/UFPeL, v. 5, n.10, outubro, 2001, p.142-154.

CHARTIER, Anne Marie. Exercícios escritos e cadernos de alunos: reflexões sobre práticas de longa duração. In: CHARTIER, Anne Marie. **Práticas de leitura e escrita. História e Atualidade**. Belo Horizonte: Autêntica. CEALE. Coleção Linguagem e Educação, 2007, p. 21-65.

CHARTIER, Roger. **A História cultural*: entre práticas e representações**. Lisboa. Difel/Bertrand Brasil, 1990. 244p.

CHARTIER, Roger. O Mundo como Representação. **Revista das Revistas**. Estudos Avançados, 1991, p. 173-191.

CHARTIER, Roger. In: BURGUIERE, A. (org.). **Dicionários de Ciências Históricas**. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

CHARTIER, Roger. Do livro à leitura. In: CHARTIER, Roger (Org.). **Práticas de leitura. Iniciativa** de Alain Paire, trad. Cristiane Nascimento, introd. Alcir Pécora. 2ª ed. São Paulo: Estação Liberdade, 1996, p. 77-106.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro do leitor ao navegador**. São Paulo: Unesp, 1998. 160p.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999. 111p.

CHARTIER, Roger. **Cultura Escrita, Literatura e História**. Conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre, Jesús Anaya Rosique, Daniel Godin e Antonio Saborit. – Porto Alegre: ARTMED Editora, 2001. 189p.

CHARTIER, Roger. **À beira da falésia**: a história entre incertezas e quietudes. Porto Alegre/RS: Editora da UFRGS, 2002. 277p.

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. 77p.

CHOPPIN, Alain. O historiador e o livro escolar. In: **História da Educação.** ASPHE/ FaE/UFPel, Pelotas/RS, n. 11, Abril 2002, p. 05-24.

CHOPPIN, Alain. História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte. **Educação e Pesquisa.** São Paulo, v.30, n.3, set./dez. 2004, p. 549-566.

CHOPPIN, Alain. Prefácio. In: BITTENCOURT, Circe. **Livro Didático e saber escolar (1810-1910).** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008a, p. 9-12 (Coleção História da Educação).

CHOPPIN, Alain. BUSNELLO, Fernanda B. (tradução). BASTOS, Maria Helena Camara (revisão). **Políticas dos Livros Escolares no Mundo**: perspectiva comparativa e histórica. História da Educação, ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, v. 12, n. 24, Jan/Abr 2008b, p. 9-28, Disponível em http//fae.ufpel.edu.br/asphe. Acessado em Outubro/2010.

CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL – COLE. In: http://alb.com.br/homeAcessado em Agosto/2011

CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, I. 2000. Rio de Janeiro. Anais do Congresso Brasileiro de História da Educação: Educação no Brasil: história e historiografia. Rio de Janeiro/RJ: UFRJ/SBHE, 2000. Disponível em http://sbhe.org.br/novo/index.php?arq=arq_cbhe1&titulo=ICBHE&ext=php. Acessado em Setembro/2011.

CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, II. 2002. Natal/RN. Anais do Congresso Brasileiro de História da Educação: História e Memória da Educação Brasileira. Natal/RN: UFRN/SBHE, 2002. Disponível em http://sbhe.org.br/novo/index.php?arq=arq_cbhe2&titulo=IICBHE&ext=php. Acessado em Setembro/2011.

CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, III. 2004. Curitiba/Paraná. Anais do Congresso Brasileiro de História da Educação: A educação escolar em perspectiva histórica. Curitiba: PUC/SBHE, 2004. Disponível em http://sbhe.org.br/novo/index.php?arq=arq_cbhe3&titulo=IIICBHE&ext=php. Acessado em Setembro/2011.

CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, IV. 2006. Goiás/Goiânia. Anais do Congresso Brasileiro de História da Educação: A educação

e seus sujeitos na história. Goiás/Goiânia: PUC/SBHE, 2006. Disponível em http://sbhe.org.br/novo/index.php?arq=arq_cbhe4&titulo=IVCBHE&ext=php. Acessado em Setembro/2011.

CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, V. 2008. Aracaju/ Sergipe. Anais do Congresso Brasileiro de História da Educação: O Ensino e a Pesquisa em História da Educação. Aracaju/Sergipe: UFS/SBHE, 2008. Disponível em http://www.sbhe.org.br/novo/index.php?arq=arq_cbhe5&titulo=V%20CBHE&ext= Acessado em Setembro/2011.

CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, VI. 2011. Vitória/ES. Anais do Congresso Brasileiro de História da Educação: Invenção, Tradição e Escritas da História da Educação no Brasil. Vitória/ES: UFES/SBHE, 2011. (CD-Rom)

DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette.** Mídia, cultura e revolução. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. 330p.

DAUPHIN, Cécile e POUBLAN Danièle. Maneiras de escrever, maneiras de viver: Cartas familiares no século XIX. In: BASTOS, Maria Helena Camara. CUNHA, Maria Teresa Santos. MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio (orgs.). **Destinos das letras**: história, educação e escrita epistolar**.** Passo Fundo/RS: UPF, 2002. p.75-87.

DE CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. In: DE CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002, p. 65-122.

DENZIM, N. K. Interpretando as vidas das pessoas comuns: Sartre, Heidegger e Faulkner. Dados - **Revista de Ciências Sociais**. Rio de Janeiro, v.27, n.1, 1984, p.29-43.

DICIONÁRIO MICHAELIS – **Moderno Dicionário de Língua Portuguesa**. 1ª ed. São Paulo: Editora Melhoramentos, 1998. 2260p.

ESCOLANO, Augustín Benito. Sobre lá construcción histórica de la manualística en Espanã. En: **Revista Educacíon y Pedagogía Medellin**: Facultad de Educacíon. V. XIII. N. 29-30 (Enero-Septiembre), 2001, p. 13-24.

FACIN, Helenara P. **Histórias e memórias da professora e autora de livros didáticos Nelly Cunha (1920-1999).** 2008. 150f. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de pós-graduação em Educação, Universidade Federal Pelotas, Pelotas/RS.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. et al. Perspectiva Histórica do Ensino da Escrita. In: **Cadernos da TV Escola –** Português. Vol. 1. Brasília/DF: MEC, Secretaria de Educação a Distância, 1999, p. 13 – 16.

FARIA FILHO, Luciano Mendes. Instrução elementar no século XIX. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greive. (Org.). **500 anos de Educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 35-53.

FAVERO, Osmar. **Memória das campanhas e movimentos de educação de jovens e adultos (1947-1966).** 2003, 1-18. Disponível em: http://forumeja.org.br/df/files/leiamais.apresenta.pdf. Acessado em Março/2011.

FEDERAÇÃO NACIONAL DAS APAES. In: http://www.apaebrasil.org.br/artigo.phtml?a=2. Acessado em Novembro/2010.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. Alfabetização Hoje: onde estão os métodos? Educação. Revista Presença Pedagógica, v. 9, n. 50, mar./abr. 2003, p.18-29. Disponível em: http://www.presencapedagogica.com.br/capa6/artigos/50.pdf Acessado em Janeiro/2011.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. MACIEL, Francisca Isabel Pereira (orgs). **História da Alfabetização**: produção, difusão e circulação de livros (MG/ RS/ MT – Séc. XIX e XX). Belo Horizonte: CEALE/FAPEMIG, CNPq/ UFMG/FaE, 2006. 312p.

FRADE Isabel Cristina Alves da Silva. MACIEL, Francisca Izabel Pereira. História da Alfabetização; contribuições para o estudo das fontes. In: **29ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação.** Caxambu/MG, 2006a, p. 1-16. Disponível em: http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/29portal.htm. Acessado em Agosto/2011.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. MACIEL, Francisca Isabel Pereira. Fontes para a história da alfabetização e dos livros em Minas Gerais: os impressos e o arquivo. In: In: FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva & MACIEL, Francisca Isabel Pereira (orgs). **História da Alfabetização**: produção, difusão e circulação de livros (MG/ RS/ MT – Séc. XIX e XX). Belo Horizonte: CEALE/FAPEMIG, CNPq/ UFMG/FaE, 2006b, p. 35-62.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. Métodos de alfabetização, métodos de ensino e conteúdos da alfabetização: perspectivas históricas e desafios atuais Educação. **Revista do Centro de Educação**: Santa Maria/RS, 2007, v. 32 - n. 01, p. 21-40. Disponível em: http://www.ufsm.br/ce/revista. Acessado em Agosto/2011.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. Cultura escrita no final do século XIX e início do século XX em Minas Gerais: suportes, instrumentos e textos de alunos e professores. In: **31ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação.** Caxambu/MG, 2008, p. 1-15. Disponível em http://www.anped.org.br/reunioes/31ra/1trabalho/GT10-4237--Int.pdf Acessado em Agosto/2011.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. Livros de leitura de Abílio César Borges: ideários pedagógicos, produção e circulação. In: SCHWARTZ, Cleonara, PERES, Eliane, FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva (org.). **Estudos de História da Alfabetização e da Leitura na Escola**. Textos de CARDOSO, Cancionila Janzkovski [et al.] Vitória/ES: EDUFES, 2010a, p. 171-208.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. Arthur Joviano: um estudo sobre as relações entre autor, Estado, editoras, usuários e sobre o método de palavras em Minas Gerais, no início do século XX. In: SCHWARTZ, Cleonara, PERES, Eliane, FRADE,

Isabel Cristina Alves da Silva (org.); **Estudos de História da Alfabetização e da Leitura na Escola**. Textos de CARDOSO, Cancionila Janzkovski [et al.] Vitória/ES: EDUFES, 2010b, p. 209-252.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. Livros para ensinar a ler e escrever: uma pequena análise da visibilidade de livros produzidos no Brasil, em Portugal e na França, entre os séculos XIX e XX. In: BRAGANÇA, Aníbal. ABREU, Márcia (org.). **Impressos no Brasil: dois séculos de livros brasileiros**. São Paulo: editora Unesp, 2010c, p. 171-190.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. História da Alfabetização e da Cultura Escrita: discutindo uma trajetória de pesquisa. In: MORTATTI, Maria do Rosário Longo Mortatti (org.). **Alfabetização no Brasil: uma história de sua história**. São Paulo: Cultura Acadêmica; Marília: Oficina Universitária, 2011a, p. 177-199.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. Arnaldo de Oliveira Barreto: um autor entre livros para alfabetizar e para desenvolvimento da leitura**.** In: **VI Congresso Brasileiro de História da Educação** – Invenção, Tradição e Escritas da História da Educação no Brasil. Vitória/ES, Maio 2011b, p. 1-20.

FREITAS, Gilda Carvalho de. **Fotografia aos 15 Anos.** Uruguaiana/RS, s/d. (13,5cmx8cm), em papel preto e branco.

FELGUEIRAS, Margarida, **Materialidade da cultura escolar**. A importância da museologia na conservação/comunicação da herança educativa. Pró-Posições, v. 16, n. 1 (46) – jan./abr.2005, p. 87-102.

FERRARO, Alceu Ravanello. História qualitativa da alfabetização no Brasil. In: RIBEIRO, Vera Masagão (org.). **Letramento no Brasil: reflexões a partir do INAF 2001**. 2ª ed. São Paulo: Global, 2004, p. 195-207.

FERRAROTTI, Franco. Sobre o método biográfico. In: NÒVOA, António; FINGER, Mathias (orgs.). **O Método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: Ministério da Saúde: Departamento de Recursos Humanos da Saúde: Centro de Formação e Aperfeiçoamento Profissional, 1988, p. 17-34.

FERREIRA, Andréa Tereza Brito. CABRAL, Ana Catarina dos Santos Pereira. TAVARES, Ana Cláudia Ribeiro. ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de. Livros de alfabetização: como as mudanças aparecem. In: **30ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação.** Caxambu/MG, 2007, p. 1-18. Disponível em: http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/trabalhos/GT10-3822--Int.pdf Acessado em Agosto/2011.

FREITAS, Marcos Cezar de. BICCAS, Maurilane de Souza. **História social da educação no Brasil (1926-1996)**. São Paulo: Cortez, 2009. 372p.

GINZBURG, Carlo. O nome e o como. Troca desigual e mercado historiográfico. In: GINZBURG, Carlo et al **A Micro-história e outros ensaios**. Lisboa/RJ: Difel-Bertrand Brasil, 1989, p. 169-178.

GINZBURG, Carlo. SINAIS: raízes de um paradigma indiciário. In: GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 143-179.

GOMES, Ângela de Castro. Nas malhas do feitiço: o historiador e os encantos dos arquivos privados. In: **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro (CPDOC/FGV), v.11, n. 21, 1998, p. 121-127.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil** (sua história). Trad. de Maria da Penha Villalobos e Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: T. A. Queiroz EDUSP, 1985. 693p.

HÉBRARD, Jean. Por uma bibliografia material das escritas ordinárias: o espaço gráfico do caderno escolar (França – século XIX e XX). Tradução de Laura Hansen: **Revista Brasileira de História da Educação**, n. 1, jan./jun.2001, p. 115-141.

HÉBRARD, Jean. A lição e o exercício: algumas reflexões sobre a história das práticas escolares de leitura e escrita. In: **Revista do Centro de Educação**. Edição: 2007, s/p. v. 32, n. 1. Disponível em: http://coralx.ufsm.br/revce/revce/2007/01/a1.htm. Acessado em Agosto/2011

HEYMANN, Luciana Quillet. Indivíduo, memória e resíduo histórico: uma reflexão sobre arquivos pessoais e o caso Filinto Müller. In: **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro (CPDOC/FGV), 1997, v.10, n. 19, p. 44-66.

JORNAL CORREIO BRASILIENSE. **Alfabetização será feita em poucas horas**. Brasilia/DF, de 22 de fevereiro de 1968.

JORNAL CORREIO BRASILIENSE. **Jato**. Brasilia/DF, de 23 de fevereiro de 1968a.

JORNAL CORREIO BRASILIENSE. **10 Horas para aprender a ler**. Brasilia/DF, de 23 de fevereiro de 1968b.

JORNAL BRASILIENSE. In: http://www.correioweb.com.br/. Acessado em Novembro/2011.

JORNAL CORREIO DO POVO. **Alfabetização de Adultos**. Porto Alegre/RS, de 06 de abril de 1968.

JORNAL CORREIO DO POVO. **Prédios Escolares e Alfabetização**. Porto Alegre/RS, de 12 de janeiro de 1969.

JORNAL CORREIO DO POVO. In: http://www.correiodopovo.com.br/. Acessado em Novembro/2011.

JORNAL DO BRASIL. **Alfabetização em 15 horas não é segredo de D. Gilda**. Rio de Janeiro, de 10 de maio de 1968.

JORNAL DO BRASIL. In: http://www.jb.com.br/. Acessado em Novembro/2011.

JORNAL FOLHA DA TARDE**. Professores criam Método - Alfabetização de crianças e adultos em apenas doze horas.** Porto Alegre/RS, 27 de dezembro de 1966.

JORNAL FOLHA DA TARDE**. Caxias vai alfabetizar em 15 horas**. Porto Alegre/RS, 02 de abril de 1968.

JORNAL FOLHA DA TARDE. **Com a palavra o Leitor – Alfabetização**. Porto Alegre/RS, 27 de dezembro de 1968.

JORNAL FOLHA DA TARDE. In: http://www.folhadatardeonline.kit.net/. Acessado Novembro/2011.

JORNAL O AVARÉ. **Escola de Alfabetização em novo método**. Avaré/SP, de 24 de abril de 1976.

JORNAL O AVARÉ. In: http://www.avare.com.br/jornais.aspx. Acessado em Novembro/2011.

LAJOLO, M. e ZILBERMAN, R. **A formação da leitura no Brasil**. 3ª Ed. São Paulo: Ática, 1999. 372p.

LAPUENTE, Janaína Soares M. “**Método da Abelhinha” em Pelotas: contribuições à História da Alfabetização (1965-2007).** 2008. 205f. Dissertação (Mestrado em Educação), Programa de pós-graduação em Educação, Universidade Federal Pelotas, Pelotas/RS.

LE GOFF, Jacques. **Documento e Monumento**. In: LE GOFF, Jacques. História e memória. Campinas. Ed.Unicamp. 1990, p. 535-549.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas/SP: Ed. Unicamp, 1996. 554p.

LEI FEDERAL Nº 5.379, de 15 de dezembro de 1967. Movimento Brasileiro de Alfabetização – Mobral.

MACIEL, Francisca Izabel Pereira. **Lúcia Casasanta e o método global de contos. Uma contribuição à história da alfabetização em Minas Gerais**. 2001, 157f. Tese (Doutorado em Educação), Programa de pós-graduação em Educação, Universidade Federal Minas Gerais/BH.

MACIEL, Francisca Isabel Pereira. 2002. As cartilhas e a história da alfabetização no Brasil: alguns apontamentos**. História da Educação**, 2002, p. 147-168.

MACIEL, Francisca Izabel Pereira. História da alfabetização: perspectivas de análise. In: FONSECA, Thais Nívia de Lima e FONSECA, Cynthia Greice Veiga.

História e Historiografia da Educação no Brasil. Belo Horizonte: Autêntica, 2003, p. 227-252.

MACIEL, Francisca Isabel Pereira. Alfabetização e métodos de ou métodos de alfabetização?. In: **Guia da Alfabetização**. Escrita e Leitura: como tornar o ensino significativo. Nº 2, CEALE. São Paulo: Editora Segmento, 2010, p. 46- 60.

MAGALHÃES, Justino. O Manual Escolar no Quadro da História Cultural: para uma historiografia do manual escolar em Portugal. Sísifo. **Revista de Ciências da Educação**, n. 1, set./dez. 2006, p. 5-14.

MARTINS, Ari. **Escritores do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre/RS. Ed. da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto estadual do livro, 1978. 640p.

MARROU, Henri-Irénée. A história faz-se com documentos. In: MARROU, Henri-Irénée. **Do conhecimento histórico**. 4ª ed. Lisboa: Editorial Áster/São Paulo: Martins Fontes, 1975, p. 61-129.

MENEGALE, Heli. Apresentação. In: COSTA, Ribas. BRAZ, Maria. CAMARINHA, José. **RADIOCARTILHA**: Sistema Radioeducativo Nacional - SIRENA. Ministério da Educação e Cultura. Rio de Janeiro, 1960, p. 3.

MERCADO LIVRE. In: http://www.mercadolivre.com.br. Acessado Setembro/2010.

MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio. Uma vida entre papéis. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio; BASTOS, Maria Helena Câmara; CUNHA, Maria Teresa Santos (Orgs.). **Refúgios do Eu: educação, história, escritura autobiográfica.** Florianópolis/SC: Mulheres, 2000. 240p.

MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio. **Baú de memórias, bastidores de histórias: o legado pioneiro de Armanda Álvaro Alberto.** Bragança Paulista/SP: EDUSF, 2002. 356p.

MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio. CUNHA, Maria Teresa Santos. Razões para guardar: a escrita ordinária em arquivos de professores/as. In: **Revista Educação em Questão**, Natal/RN, v. 25, n.11, p. 40-61, jan./abr.2006. Disponível em www.revistaeduquestao.educ.ufrn.br/revista25.htm Acessado em Agosto/2011.

MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio (org.). **Cadernos à vista: escola, memória e cultura escrita**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008. 270p.

MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio. **Armanda Alberto** / Ana Chrystina Venâncio Mignot. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. 164 p.: il. – (Coleção Educadores).

MIORIM, Maria Ângela. Livros didáticos de Matemática do período de implantação do Movimento da Matemática Moderna no Brasil. In: **V Congresso Ibero-Americano de Educação Matemática.** Porto. Portugal, 2005, p.1-10.

MOREIRA, Kênia Hilda. Livros didáticos como fonte para a história da educação: um mapeamento da produção acadêmica. In: **VI Congresso Brasileiro de História da Educação** – Invenção, Tradição e Escritas da História da Educação no Brasil. Vitória/ES, Maio 2011, p. 1- 14.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **Os sentidos da alfabetização**: São Paulo – 1876/1994. São Paulo: Ed. da UNESP, 2000. 372p.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **História dos métodos de alfabetização no Brasil**. 2006, p. 1-16. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivo/pdf/Enfund/alf-mortattihisttextalfbbr.pdf. Acessado em Outubro/2010.

MUNAKATA, Kazumi. Livro didático: produção e leituras. In: ABREU, Márcia (org.). **Leitura, história e história da leitura**. Campinas/SP: Mercado de Letras/ALB/FAPESP, 1999.p. 577-595

NAPOLITANO, Marcos. Fontes Audiovisuais: a história depois do papel. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. 2ª Ed.. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2010, p. 235-289.

NEVES, Fátima Maria. O Método Lancasteriano e o ensino da ordem e da disciplina para os soldados do império brasileiro. In: **30ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação.** Caxambu/MG, 2007, p. 1-17. Disponível em: http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/trabalhos/GT02-3119--Int.pdf. Acessado em Agosto/2011.

NORA, Pierre. **Entre memória e história**: a problemática dos lugares. Projeto História/10. Departamento de História. PUC: São Paulo. Editora da PUC, 1993, p.7-28.

PERES, Eliane. Produção e uso de livros de leitura no Rio Grande do Sul: Queres Ler? e Quero Ler. **História da Educação** (UFPel), Pelotas/RS, v. 3, n. 6, 1999, p. 89-103.

PERES, Eliane. **Aprendendo formas de pensar, de sentir e de agir. A escola como oficina da vida: discursos pedagógicos e práticas da escola pública primária gaúcha (1909 – 1959).** 2000, 485f. Tese (Doutorado em Educação), Programa de pós-graduação em Educação, Universidade Federal Minas Gerais, Belo Horizonte.

PERES, Eliane. **Templo de Luz:** os cursos noturnos masculinos de Instrução primária da Biblioteca Pública Pelotense (1875-1925). Pelotas/RS: Seiva Publicações, 2002.178p.

PERES, Eliane. O ensino da linguagem na escola pública primária gaúcha no período da renovação pedagógica (1930-1950). In: PERES, Eliane. TAMBARA, Elomar (orgs.). **Livros Escolares e ensino da leitura e da escrita no Brasil (séculos XIX-XX).** Pelotas/RS: Seiva Publicações/FAPERGS, 2003, p. 75-93.

PERES, Eliane. TAMBARA, Elomar (orgs.). **Livros Escolares e ensino da leitura e da escrita no Brasil (séculos XIX-XX).** Pelotas/RS: Seiva Publicações/FAPERGS, 2003.138p.

PERES, Eliane. CÉZAR, Thais Moreira. A divulgação e a adoção do método global de ensino da leitura no Rio Grande do Sul (1940-1970). In: **Anais do IX Encontro Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação** “História da Educação. Literatura e Memória”. Porto Alegre/RS: ASPHE, jun./2003, p. 173-185.

PERES, Eliane; PORTO, Gilceane Caetano. A produção e a circulação de cartilhas do Método Global de Contos de ensino da leitura no Rio Grande do Sul (décadas de 40-70). In: LEAHY-DIOS, Cyana (Org.). **Espaços e tempos de educação**. Rio de Janeiro: Brasa/C.L. Edições, 2004, p. 26-40.

PERES, Eliane. A institucionalização da modernidade pedagógica no Rio Grande do Sul: a criação do Centro de Pesquisa e Orientação Educacionais (CPOE)1943. In: XAVIER, Maria do Carmo (org.). **Manifesto dos pioneiros da educação: um legado educacional em debate.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p. 301-313.

PERES, Eliane. Desenvolvimento do Projeto de Pesquisa Cartilhas Escolares em Pelotas (RS): organização do trabalho, fontes e questões de investigação. In: FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. MACIEL, Francisca Izabel Pereira (orgs). **História da alfabetização**: produção, difusão e circulação de livros (MG/RS/MT - Séc. XIX e XX). Belo Horizonte: CNPq/Fapemig/CEALE, 2006a, p.117-143.

PERES, Eliane. A produção e a circulação de cartilhas escolares no Rio Grande do Sul: alguns dados de pesquisa. In: FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. MACIEL, Francisca Izabel Pereira (orgs). **História da alfabetização**: produção, difusão e circulação de livros (MG/RS/MT - Séc. XIX e XX). Belo Horizonte: CNPq/Fapemig/CEALE, 2006b, p.145-170.

PERES, Eliane. Aspectos da produção didática da professora Cecy Cordeiro Thofehrn. In: FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. MACIEL, Francisca Izabel Pereira (orgs). **História da alfabetização**: produção, difusão e circulação de livros (MG/RS/MT - Séc. XIX e XX). Belo Horizonte: CNPq/Fapemig/CEALE, 2006c, p.171-190.

PERES, Eliane. Autoras de obras didáticas e livros para o ensino da leitura produzidos no Rio Grande do Sul: contribuições à história da alfabetização (1950-1970). **Revista Educação Unisinos**, v. 12, n. 2, maio/agosto, 2008a, p 111-121.

PERES, Eliane. Produção de cartilhas escolares no Rio Grande do Sul entre as décadas de 1950 e 1970: contribuições à história da alfabetização e das práticas escolares. In: **XIV ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino. Anais do XIV ENDIPE**. Porto Alegre/RS: EDIPUCRS, 2008b, v. 1. p. 1-12.

PERES, Eliane. Marcas da infância em cadernos escolares de crianças em processo de alfabetização. In: Mignot, Ana Chrystina Venancio. (Org.). **Não me esqueça num canto qualquer**. 1 ed. Rio de Janeiro: Laboratório Educação e Imagem, 2008c, v. 1, p. 1-12.

PERES, Eliane. BARUM, Sylvia. O Ditado Escolar sob o enfoque histórico: um estudo a partir de cadernos de crianças em processo de alfabetização (1943-2007). In: **14º Encontro da Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação**, 2008, Pelotas/RS. Anais da 14ª ASPHE, 2008, p. 1-8.

PERES, Eliane. Ensino Fundamental de nove anos e a questão da alfabetização. Um estudo em oito municípios da região sul do Rio Grande do Sul. In: **17º COLE - Congresso de Leitura do Brasil,** 2009, Campinas/SP: UNICAMP. v. 1. p. 1-10.

PERES, Eliane. BARUM, Sylvia. O ditado escolar sob o enfoque histórico: um estudo a partir de cadernos de crianças em processo de alfbetização. In: IX Congresso Iberoamericano de História da Educação Latino-Americana, 2009, Rio de Janeiro. **Anais do IX Congresso Iberoamericano de História da Educação Latino-Americana**, 2009. v. 1. p. 1-8.

PERES, Eliane. FACIN, Helenara Plaszewski. A produção didática da professora Nelly Cunha e suas contribuições para o ensino da leitura no Rio Grande do Sul (Décadas de 1960-1980). In: SCHWARTZ, Cleonara, PERES, Eliane, FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva (org.). **Estudos de História da Alfabetização e da Leitura na Escola**. Textos de CARDOSO, Cancionila Janzkoviski [et al.] Vitória/ES: EDUFES, 2010, p. 137-170.

PERES, Eliane. A alfabetização vista através de cadernos escolares (1958-2009). (Painel: História da alfabetização e da cultura escrita: perspectivas conceituais e discussão das fontes). In: **Anais do XV ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino**. Belo Horizonte: UFMG, 2010a. v. 1. p. 1-12.

PERES, Eliane. “Registros marginais”: escritas de crianças em cadernos de alfabetização. **Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação**. São Luis/ Maranhão, 2010b.

PERES, Eliane. DIETRICH, Mara Denise Neitzke. A cartilha Ler a Jato e o Método Audiofonográfico: uma proposta de alfabetização de uma professora gaúcha para o fim do analfabetismo no país (Décadas de 1960-70). In: BARCELOS, Valdo, SANGOI, Helenise Antunes (org,). **Alfabetização, letramento e leitura**: territórios formativos. 1ª Ed. Santa Cruz do Sul/RS: EDUNISC, 2010, p. 50-68.

PERES, Eliane. DIETRICH, Mara Denise Neitzke. BARUM, Sylvia Tavares. Lindo! Expressões e frases de incentivo feitas por professoras-alfabetizadoras em cadernos escolares (anos de 1940-2000). In: **VI Congresso Brasileiro de História da Educação.** Vitória/ES: UFES, 2011, p. 1-10.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992. p. 200-212.

PORTO, Gilceane Caetano. **Divulgação e utilização do Método Global de Contos no Instituto de Educação Assis Brasil (1940 – 1970).** 2005. 143f. Dissertação (Mestrado em Educação), Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal Pelotas, Pelotas/RS.

PORTO, Gilceane Caetano. PERES, Eliane. Concepções e práticas de alfabetização: o que revelam cadernos escolares de crianças? In: 32ª Reunião **Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação.** Caxambu/MG, 2009, p. 1-18. Disponível em http://www.anped.org.br/reunioes/32ra/arquivos/trabalhos/GT10-5894--Int.pdf. Acessado em Agosto/2011.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Relatos Orais: do "Indizível" ao "Dizível". In: VON SIMSON, Olga R. de Moraes (org.). **Experimentos com História de vida (Itália – Brasil)**. São Paulo: Vértice, 1988, p. 14-43.

REVISTA BRASILEIRA DE ESTUDOS PEDAGÓGICOS. **Instruções aos professores de ensino supletivo**. V. 11, n. 29, jul./ago. 1947, p. 71-88.

REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO. In: http://www.anped.org.br/rbe/rbe/rbe.htm.
Acessado em Agosto/2011.

REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO. In: http://sbhe.org.br/novo/rbhe/RBHE.pdf. Acessado em Setembro/2011.

REVISTA EDUCAÇÃO & SOCIEDADE. In: http://www.cedes.unicamp.br/rev_exemplares.htm. Acessado em Agosto/2011.

REVISTA EM ABERTO. In: http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/issue/archive.
Acessado em Agosto/2011.

REVISTA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO. In: http://fae.ufpel.edu.br/asphe/revista/. Acessado em Agosto/2011.

RIBEIRO, Renato Janine Ribeiro. Memórias de si, ou... In: **Revista Estudos Históricos.** Rio de Janeiro (CPDOC/FGV), 1998, v. 11, n. 21, p. 35-42.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria de Educação e Cultura do Estado. **Parecer Nº 392/68 do Centro de Pesquisas e Orientação Educacional.** Porto Alegre/RS, 05 de setembro de 1968.

RIZZO, Gilda Menezes. **Estudo comparativo dos métodos de ensino da leitura e da escrita.** Rio de Janeiro: Papelaria América, 1986. 50p.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da Educação no Brasil: 1930 - 1973.** 14. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 1991. 267p.

SANTOS, Ademir Valdir dos. NICARETA, Samara Elisana. O livro didático na escola primária (1915-1969): uma perspectiva histórica quanto ao gênero. In: **34ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação.** Natal/RN, 2011, p. 1-17. Disponível em http://34reuniao.anped.org.br/images/trabalhos/GT02-168%20int.pdf. Acessado em Dezembro/2011.

SILVA, Vivian Batista da. Saberes em viagem nos manuais pedagógicos: construções da escola em Portugal e no Brasil (1870-1970). In: **29ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação.** Caxambu/MG, 2006, p. 1-16. Disponível em: http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/29portal.htm. Acessado em Agosto/2011.

SOARES, Magda. **Alfabetização no Brasil: o estado do conhecimento.** Brasília/DF. REDUC/INEP, 1989. 151p.

SOARES, Magda. MACIEL, Francisca, Isabel Pereira. **Alfabetização no Brasil: o estado do conhecimento**. Brasília. Inep/Comped, 2001.

SOARES, Magda. Alfabetização: em busca de um método? In: SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento**. São Paulo: Contexto, 2003, p. 85-97.

SOARES, Magda. Apresentação. In: FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. MACIEL, Francisca Isabel Pereira (orgs). **História da Alfabetização: produção, difusão e circulação de livros (MG/ RS/ MT – Séc. XIX e XX).** Belo Horizonte: CEALE/FAPEMIG, CNPq/ UFMG/FaE, 2006, p. 7-8.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO. In: http://www.sbhe.org.br/. Acessado Outubro/2010.

SOUZA, Elizeu Clementino de. A arte de contar e trocar experiências: Reflexões teórico-metodológicas sobre história de vida em formação. In: **Revista Educação em Questão.** Natal/RN: EDUFRN, vol. 25, n. 11, jan/abr., 2006, p. 22-39.

SOUZA, Claúdia Moraes de. **Pelas Ondas do Rádio: cultura popular, camponeses e o movimento de educação de base**. São Paulo: USP, 2006, 367f. Tese (Doutorado em História Social). Universidade de São Paulo, 2006.

SCHWARTZ, Cleonara, PERES, Eliane, FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva (org.). **Estudos de História da Alfabetização e da Leitura na Escola**. Textos de CARDOSO, Cancionila Janzkovski [et al.] Vitória, ES: EDUFES, 2010. 386p.

STEPHANOU, Maria e BASTOS Maria Helena Câmara (Orgs.). **Histórias e Memórias da Educação no Brasil** – Século XX, Vol. III, 1ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005. 435p.

TAMBARA, Elomar. Textos de leitura nas escolas de ensino elementar no século XIX no Brasil. In: PERES, Eliane. TAMBARA, Elomar (org.). **Livros escolares e ensino da leitura e da escrita no Brasil (séculos XIX – XX).** Pelotas/RS: Seiva, 2003, p. 95-116.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. 379p.

TOMATIS, Gilda de Freitas. **Carta** datilografada enviada pela professora Gilda Tomatis ao prefeito municipal de Porto Alegre/RS, 19 de setembro de 1968.

TOMATIS, Gilda de Freitas. **Carta** datilografada e enviada pela professora Gilda Tomatis ao Ministro da Educação, Carlos Alberto Chiarelli, 27 de abril de 1990.
TOMATIS, Gilda de Freitas. **Cartilha Ler a Jato**. 13ª ed. Porto Alegre/RS: Editora Tomatis, 1975. 35p.

TOMATIS, Gilda de Freitas. **Cartilha Ler a Jato**. 15ª ed. Porto Alegre/RS: Editora Tomatis, 1968. 35p.

TOMATIS, Gilda de Freitas. **Caderno Série Jato 1º ano**. 1ª ed. Porto Alegre/RS: Editora Tomatis, s/d. 60p.

TOMATIS, Gilda de Freitas. **Certificado: VI Congresso da Federação Nacional das APAEs.** Porto Alegre/RS, 22 a 27 de julho de 1973.

TOMATIS, Gilda de Freitas. **Certificado: Medalha Monumento Nacional ao Imigrante**. Caxias do Sul/RS, 29 de março de 1968.

TOMATIS, Gilda de Freitas. **Escrevendo a Jato 1º e 2º ano**. 1ª ed. Porto Alegre/RS: Editora Tomatis, 1968. 32p.

TOMATIS, Gilda de Freitas. **Escrevendo a Jato 1º e 2º ano**. 2ª ed. Porto Alegre/RS: Editora Tomatis, 1975. 32p.

TOMATIS, Maria Lúcia de Freitas. **Entrevista a Mara Denise Dietrich.** Porto Alegre/RS, 15 de outubro de 2010. 27p.

TOMATIS, Gilda de Freitas. **Ficha Profissional**. Colégio Estadual Júlio de Castilhos. Porto Alegre/RS, 27/04/1965 a 14/04/1976.

TOMATIS, Gilda de Freitas. **Ficha Informativa** elaborada pela professora Gilda Tomatis para coletar de dados sobre a Cartilha "Ler a Jato" e do "Método de Alfabetização em 15 horas", s/d.

TOMATIS, Gilda de Freitas. Folha fotocopiada com os dados de uma pesquisa realizada pela professora Gilda Tomatis em 1968 no Rio Grande do Sul.

TOMATIS, Gilda de Freitas. **Fotografia aos 70 Anos.** Porto Alegre/RS, s/d. (7cmx5cm), colorida, em papel.

TOMATIS, Gilda de Freitas. **Fotografia Aos 70 Anos.** Porto Alegre/RS, s/d. (6cmx5cm), colorida, em papel.

TOMATIS, Gilda de Freitas. **Matemática 1º ano**. 1ª ed. Porto Alegre/RS: Editora Tomatis, 1970. 100p.

TOMATIS, Gilda de Freitas. **Medalha Monumento Nacional ao Imigrante**. Prefeitura Municipal de Caxias do Sul. Caxias do Sul/RS, 29 de março de 1968.

TOMATIS, Gilda de Freitas. 1º Método Audiofonográfico – **Aprenda a Ler em 15 horas.** Porto Alegre/RS: Artec Som, s/d. Disco de vinil (48 min. e 10 seg.)

TOMATIS, Gilda de Freitas. 2º Método Audiofonográfico – **Aprenda a Ler em 15 horas**. Porto Alegre/RS: Artec Som, s/d. Disco de vinil (47 min. e 28 seg.)

TOMATIS, Gilda de Freitas. 3º Método Audiofonográfico – **Aprenda a Ler em 15 horas.** Porto Alegre/RS: Artec Som, s/d. Disco de vinil (49 min. e 01 seg.)

TOMATIS, Gilda de Freitas. 4º Método Audiofonográfico – **Aprenda a Ler em 15 horas**. Porto Alegre/RS: Artec Som, s/d. Disco de vinil (39 min. e 57 seg.).

TOMATIS. Gilda de Freitas. Uma visita à baleia gigante. In: **Revista Cacique**. Secretaria de Educação e Cultura. Porto Alegre/RS. Ano III, n. 56 de 30 de novembro de 1957, p. 21-23.

TOMATIS. Gilda de Freitas Ciências Naturais: Programa de Ciências Naturais, para o curso primário, em caráter experimental. In: **Revista do Ensino.** Secretaria de Educação e Cultura. Porto Alegre/RS. Ano VIII, n. 60 de maio de 1959, p.17-24.

TOMATIS. Gilda de Freitas Estudos Naturais – Estudos Naturais: Classificação Geral dos Vegetais. In: **Revista do Ensino**. Secretaria de Educação e Cultura. Porto Alegre/RS. Ano VIII, n. 62 de agosto de 1959, p. 58.

TOMATIS. Gilda de Freitas Programa Experimental de Ciências Naturais para o curso primário Ciências Naturais: Ciências Naturais. In: **Revista do Ensino**. Secretaria de Educação e Cultura. Porto Alegre/RS. Ano IX, n. 69, v. 9 de junho de 1960, p. 23-32.

TOMATIS. Gilda de Freitas. Ciências Naturais - Boletim Informativo Nº. 1. In: **Revista do Ensino**. Porto Alegre/RS. Ano X, n. 74 de março de 1961, p. 3-5.

TOMATIS. Gilda de Freitas. CARVALHO, Carolina. Programa de Ciências Naturais. In: **Revista do Ensino**. Secretaria de Educação e Cultura. Porto Alegre/RS. Ano XI, n. 86, v.11 de agosto de 1962, p. 84-87.

VIANA, Dulcie Kanitz Vicente. MANDRONI, Helena. MARQUES, Orminda Isabel. **Primeiro Guia de Leitura LER**. 1ª ed. Departamento Nacional de Educação: Rio de Janeiro, 1947. 31p.

VIANA, Dulcie Kanitz Vicente. MANDRONI, Helena. MARQUES, Orminda Isabel. **Primeiro Guia de Leitura LER**. 7ª ed. Departamento Nacional de Educação: Rio de Janeiro, 1956. 31p.

APÊNDICE

APÊNDICE A - ARTIGOS PUBLICADOS EM REVISTAS E PERIÓDICOS

Artigos catalogados por Peres (2008a) na ***Revista História da Educação:***

CHARTIER, Marie. HÉBRARD, Jean. "Método silábico e método global: alguns esclarecimentos históricos". (n.10/2001);
FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. "Escolha de livros didáticos de alfabetização: dialogando com permanências históricas e com modelos atuais de inovação". (n.14/2003);
MACIEL, Francisca Izabel Pereira. "As cartilhas e a história da alfabetização no Brasil: alguns apontamentos". (n.11/2002);
MORTATTI, Maria do Rosário Longo. "Método analítico, cartilhas e escritores didáticos: ensino da leitura em São Paulo (1890-1920)". (n. 5/1999);
OLIVEIRA, Cátia Regina G. A. de. "João de Deus, a cartilha maternal e o ensino da leitura em Portugal". (n.4/1998);
PERES, Eliane. "A produção e o uso de livros de leitura no Rio Grande do Sul: Queres ler? e Quero ler". (n.6/1999);
SEGURA, Enrique Vera. "La escritura y la lectura en la morigeración de los corrigendos de la Ciudad de México en el siglo 19". (n.16/2004);
TRAVERSINI, Clarice Salete. "Reflexões sobre o sucesso da alfabetização: a escola e o contexto cultural de Poço das Antas/RS". (n.09/2001);
TRINDADE, Iole Maria Faviero. "A adoção da cartilha Maternal na instrução pública gaúcha". (n.12/2002);
TRINDADE, Iole Maria Faviero. "O circuito cultural das cartilhas no primeiro governo republicano sul-riograndense". (n.16/2004).

Os artigos catalogados por Dietrich (2012) na ***Revista História da Educação****:*

ANDRÉS, María del Mar del Pozo. BLAS, Verónica Sierra. "Desde el "paraiso" sovietico. cultura escrita, educacion y propaganda en las redacciones escolares de los niños españoles evacuados a rusia durante la guerra civil Española". (n. 28/2009);
AVANZINI, Alessandra. "El sentido y el papel que desempeña el "alafabeto" en comenio". (n. 28/2009);
BASTOS, Maria Helena Câmara. "A Educação Elementar e o Método Lancaster no Correio Braziliense (1816)". (n.17/2005);
BICA, Alessandro Carvalho. CORSETTI, Berenice. "O prelúdio das campanhas de alfabetização na era Vargas: a Cruzada Nacional de Educação". (n. 33/2011);
CAVALCANTE, Maria Juraci Maia. "Estado absoluto e ensino das primeiras letras: as escolas régias (1772-1794), na tese de Áurea Adão (1997)". (n.25/2008);
FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. "Suportes, instrumentos e textos de alunos e professores em Minas Gerais: indicações sobre usos da cultura escrita nas escolas no final do século XIX e início do século XX". (n.29/2009);
LEMOS, Daniel Cavalcanti de Albuquerque. "Manifesto dos professores públicos de instrucção primária da corte (1871)". (n. 34/2011);
MARTÍNEZ, Rosalía Menéndez. "La escritura de los examenes escolares e ideas de modernidad, 1884 – 1912". (n. 23/2007);
PEREIRA, Bárbara Cortella. "Um estudo sobre a leitura analytica (1909), de Theodoro de Moraes (1877 - 1956)", de Pereira (n.27/2009);
SCHUELER, Alessandra Frota Martinez de. "O Método Bacadafá: leitura, escrita e língua nacional em escolas públicas primárias da Corte imperial (1870-1880)". (n.18/2005);

SILVA, Nilce da. “A História da Educação no Timor-Leste e os seus distintos Processos de Alfabetização”. (n.18/2005);
TAMBARA, Elomar. “A leitura escolar como construção ideológica: o caso na lenda do Negrinho do Pastoreio (1857-1906)”. (n.17/2005);
WARDE, Mirian Jorge. PANIZZOLO, CLAUDIA. “As fontes do método analítico de leitura de João Köpke (1896-1917)”. (n. 30/2010);
WERLE, Flávia Obino Corrêa. “Formação de professores para o ensino de primeiras letras na zona rural. Brasil, final do século XIX”. (n.24/2008).

Revista Educação & Sociedade

<u>Em relação a Alfabetização:</u>

ALVES, Nilda. “O conteúdo e o método nos livros didáticos de 1ª a 4ª série do 1º grau”. (n. 27, s/d);
FERRARO, Alceu Ravanello. “Analfabetismo e níveis de letramento no Brasil: o que dizem os censos?”. (n. 81, 2002);
FREIRE, Paulo. “Alfabetização de Adultos: ela um Que fazer Neutro?”. (n. 1 set./1978);
FUCHS, Elisa. “Alfabetização: desenvolvimento de potencialidades ou reforço da marginalidade?”. (n.49, 1994);
GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. “Oralidade, memória e a mediação do outro: práticas de letramento entre sujeitos com baixos níveis de escolarização - o caso do cordel (1930-1950)”. (n. 81, 2002);
GONTIJO, Cláudia Maria Mendes. LEITE, Sérgio Antônio da Silva. “A escrita como recurso mnemônico na fase inicial de alfabetização escolar: uma análise histórico-cultural”. (n.78, 2002);
GONTIJO, Cláudia Maria Mendes. “O método de ensino da leitura e da escrita concretizado no método Lição de Coisas”. (n. 114, 2011);
INFANTE, Maria Isabel. “El analfabetismo funcional en América latina: Alguns de sus rasgos a partir de una investigación regional”. (n.46, 1993);
INFANTE, Maria Isabel. “Acerca del dominio del código de la escritura en américa latina y su rlación con los desafios actuales: conclusiones de una investigación en siete países de América latina”. (n. 81, 2002);
KATO, Mary A.. MALUF, Maria Regina. “No mundo da escrita - uma perspectiva psicolingüística”. (n. 26, s/d);
LACERDA, *Gilberto* “Alfabetização científica e formação profissional”. (n.60, 1997);
MALUF, Maria Regina. “Alfabetização na pré-escola: conceitos e preconceitos”. (n. 26, s/d);
MOYSÉS, Sarita Affonso. “Alfabetização - Estratégia do código ou confronto da história”. (n. 22, s/d);
MOYSÉS, Sarita M. Affonso. “Leitura e apropriação de textos por escravos e libertos no Brasil do século XIX”. (n.48, 1994);
ORLANDI, Eni. “Leitura - Questão linguística, pedagógica ou social?”. (n. 22, s/d);
PAIVA, Vanilda. “Investigaciones em analfabetismo funcional de adultos”. (n.46, 1993);
PARK, Margareth Brandini. “Leituras de almanaques: o cordãozinho e o Jeca”. (n. 54, 1996);
RIBEIRO, Vera Masagão. “Alfabetismo funcional: referências conceituais e metodológicas para pesquisa”. (n.60, 1997);
RIBEIRO, Vera Masagão. VÓVIO, Claudia Lemos. MOURA, Mayra Patrícia. “Letramento no Brasil: alguns resultados do indicador nacional de analfabetismo funcional”. (n.81, 2002);
SOARES, Magda. FAVARÃO, Maria José. “Linguagem e escola - uma perspectiva social”. (n. 26, s/d);
SOARES, Magda. “Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura”. (n. 81, 2002).

<u>Em relação a Livros Didáticos:</u>

BELMIRO, Celia Abicalil. "A imagem e suas formas de visualidade nos livros didáticos de português". (n.72, 2000);
FRACALANZA, Hilário. "Ciência e livros didáticos de biologia". (n. 22, s/d); GLEYSE, *Jacques*.
SOARES, *Carmem Lúcia.* "Os manuais escolares franceses de educação física, de higiene e de moral seriam sexistas? (1880 - 2004)"*.* (n. 102, 2008);
GOULART, Ilsa do Carmo Vieira. "O livro nas memórias de leitura". (n.115, 2011);
WARDE, Mirian Jorge. "A industrialização das editoras e dos livros didáticos nos Estados Unidos (do século XIX ao começo do século XX)". (n. 114, 2011).

Caderno CEDES

ALVES, Neila Guimarães. "A saúde na sala de aula: uma análise nos livros didáticos";
CORRÉA, Rosa Lydia Teixeira. *"*O livro escolar como fonte de pesquisa em História da Educação". (2000, n.52);
GÓI, Vera Lúcia*.* "Fichas de consulta em substituição ao livro didático" (1983, n.10);
KARNAL*,* Leandro*. "*A festa, o índio e o livro: reflexões para o quinto centenário". (1993, n. 30);
OLIVEIRA, Cátia Regina Guidio Alves de. SOUZA, Rosa Fátima de. "As faces do livro de leitura". (2000, n.52);
<u>OBSERVAÇÃO:</u> nas demais edições foram encontradas mais três publicações isoladas como:
MOYSÉS, Lúcia Maria M. & AQUINO, Léa Maria G. T. de AQUINO. "As características do livro didático e os alunos";
ROCHA, Heloisa Beatriz S.. "Livros didáticos de português: análise de uma coleção";
RODRIGUES, Lídice Fróes. GARCIA, Regina Leite. "Ao livro didático nos cursos de formação de professores - resultados, questões e perspectivas de uma pesquisa".

Revista *Em Aberto*

<u>Em relação a Alfabetização</u>**:**

ARENA, Dagoberto Buim. "Do instrutor ao alfabetizador-leitor: o caminho histórico e o horizonte possível". (n. 52, 1991);
ÁVILA, Ivany Souza. PINTO, Jaqueline Moll. "A produção escrita no início da escolaridade: em busca da compreensão do processo de tornar-se escritor-produtor de significados". (n. 52, 1991);
BATISTA, Antônio A. G. "Sobre a leitura: notas para a construção de uma concepção de leitura de interesse pedagógico". (n. 52, 1991);
RAUBER, Adriana. ZEM, Maria Isabel Habckost Dalla. "Ler e escrever: histórias, significados e maneiras de dizer...". (n. 52, 1991);
ROCCO, Maria Thereza Fraga. "Leitura e escrita na escola: algumas propostas". (n. 69, 1996);
SILVEIRA. Rosa Maria Hessel. "Leitura e produção textual: novas idéias numa velha escola". (n. 52, 1991);
ZILBERMAN, Regina. "No começo, a leitura". (n. 69, 1996).

Em relação a Livros Didáticos:

CAMARGO, Luís. "Projeto gráfico, ilustração e leitura da imagem no livro didático". (n. 69, 1996);
CAMPOS, Raymundo B.. "Memória de manuais de historia", de (n. 69, 1996);
DANTE, Luiz Roberto. "Livro didático de matemática: uso ou abuso?". (n. 69, 1996);
DIETZSCH, Mary Julia Martins. "Além das páginas do livro didático". (n. 69, 1996);
FURTADO, Roberto Cossich. FREITAG, Barbara et alii. O estado da arte do livro didático no Brasil. Brasília, INEP/REDUC, 1987. 129p. (n. 35, 1987);
GUIMARÃES, Raul Borges. "Tecendo redes e lançando-as ao mar: o livro didático de Geografia e o processo de leitura e escrita". (n. 69, 1996);
HÕFLING, Eloisa de Mattos. "O livro didático de estudos sociais e a concepção de cidadania". (n. 35, 1987);
LAJOLO, Marisa. "O livro didático: velho tema, revisitado". (n. 35, 1987);
LAJOLO, Marisa. "Livro didático: um (quase) manual de usuário". (n. 69, 1996);
MACHADO, Nilson José. "Sobre livros didáticos: quatro pontos". (n. 69, 1996);
MARCUSCHI, Luiz Antônio. "Exercícios de compreensão ou copiação nos manuais de ensino de língua?". (n. 69, 1996);
MOGILNIK, Maurício. "Como tornar pedagógico o livro didático de ciências?" (n. 69, 1996);
MOYSÉS, Lúcia Maria Moraes. O cotidiano do livro didático na escola: as características do livro didático. Brasília, INEP, 1985, 93p, de Samuel Aureliano da Silva e os alunos (n. 35, 1987);
RANGEL, Mary. "Representação e leitura crítica do mundo nos livros didáticos". (n. 61, 1994);
SERPA, Luiz Felippe Perret. "A questão do livro didático". (n. 35, 1987);
SILVA, Ezequiel Theodoro da. "Livro didático: do ritual de passagem à ultrapassagem". (n. 69, 1996).

Revista Brasileira de Educação

Em relação a Alfabetização:

ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de. MORAIS, Artur Gomes de. FERREIRA, Andréa Tereza Brito. "As práticas cotidianas de alfabetização: o que fazem as professoras?". (n. 38, 2008);
ANDREIS, Witkoski, Sílvia. "Surdez e preconceito: a norma da fala e o mito da leitura da palavra falada". (n. 42, 2009);
BOTO, Carlota. "A dimensão iluminista da reforma pombalina dos estudos: das primeiras letras à universidade". (n. 44, 2010);
CHARTIER, Anne-Marie. "Leitura escolar: entre pedagogia e sociologia". (n.0, 1995);
CHARTIER, Anne-Marie. "Alfabetização e formação dos professores da escola primária". (n.8, 1998);
CHASSOT, Attico. "Alfabetização científica: uma possibilidade para a inclusão social", de (n.22, 2003);
DAHER, Andréa. "Escrita e conversão: a gramática tupi e os catecismos bilíngües no Brasil do século XV". (n.8, 1998);
FASHEH, Munir. "Como erradicar o analfabetismo sem erradicar os analfabetos?". (n.26, 2004);
FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. "Uma genealogia dos impressos para o ensino da escrita no Brasil no século XIX". (n. 44, 2010);

FRANCO, Creso. “Ciclos e letramento na fase inicial do ensino fundamental”. (n.25, 2004);
GALVÃO, Ana Maria. “Processos de inserção de analfabetos e semi-alfabetizados no mundo da cultura escrita”. (n. 16, 2001);
GOULART, Cecília. “Letramento e polifonia: um estudo de aspectos discursivos do processo de alfabetização”. (n.18, 2001);
GOULART, Cecília. KRAMER, Sonia. “Alfabetização, leitura, escrita: 25 anos da ANPEd e 100 anos de Drummond”. (n. 21, 2002);
GOULART, Cecília. “Letramento e modos de ser letrado: discutindo a base teórico-metodológica de um estudo”. (n. 33, 2006);
KALMAN, Judith. “El estudio de la comunidad como un espacio para leer y escribir”. (n.26, 2004);
KRAMER, Sonia. “Leitura e escrita de professores: da prática de pesquisa à prática de formação”. (n.7, 1998);
MAGALHÃES, Justino Pereira. “Linhas de investigação em História da Alfabetização em Portugal: um domínio do conhecimento em renovação”. (n.2, 1996);
MORAIS, Christianni Cardoso. “Ler e escrever: habilidades de escravos e forros? Comarca do Rio das Mortes, Minas Gerais, 1731-1850”. (n.36, 2007);
MOYSÉS, Sarita Maria Affonso. “Literatura e história: imagens de leitura e de leitores no Brasil no século XIX”. (n.0, 1995);
MORTATTI, Maria do Rosário Longo. “Alfabetização no Brasil: conjecturas sobre as relações entre políticas públicas e seus sujeitos privados”. (n. 44, 2010);
RIBEIRO, Vera Maria Masagão. “Alfabetismo e atitudes: pesquisa junto a jovens e adultos paulistanos”. (n. 9, 1998);
SOARES, Magda Becker. “Língua escrita, sociedade e cultura: relações dimensões e perspectivas”. (n.0, 1995);
SOUZA, Solange Jobim. GAMBA JR., Nilton. “Novos suportes, antigos temores: tecnologia e confronto de gerações nas práticas de leitura e escrita”. (n. 21, 2002);
SOARES, Magda. “Letramento e alfabetização: as muitas facetas”. (n.25, 2004);
SANTOS, Wildson Luiz Pereira dos. “Educação científica na perspectiva de letramento como prática social: funções, princípios e desafios”. (n.36, 2007);
TEIXEIRA, Roberta Araújo. “Espaços, recursos escolares e habilidades de leitura de estudantes da rede pública municipal do Rio de Janeiro: estudo exploratório”. (n. 41, 2009);
THIES, Vânia Grim. PERES, Eliane. “Quando a escrita ressignifica a vida: diários de um agricultor – uma prática de escrita “masculina””. (n. 41, 2009);
VIDAL, Dianna Gonçalves. GVIRTZ, Silvina. “O ensino da escrita e a conformação da modernidade escolar: Brasil e Argentina, 1880-1940”. (n.8, 1998).

<u>Em relação a Livros Didáticos:</u>

BATISTA, Antônio Gomes. GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. KLINKE, Karina. “Livros escolares de leitura: uma morfologia (1886 – 1956)”. (n. 20, 2002);
BRANDÃO, Zaia. Waleska, Ana. HENRIQUES, Vera Maria. XAVIER, Libânia. MOREIRA. Carlos Otávio. SANTOS, Maria Paulo dos. “O esquecimento de um livro: tentativa de reconstituição de uma tradição intelectual no campo educacional”. (n.3, 1996);
DIAS, Rosane Evangelista. ABREU, Rozana Gomes. “Discursos do mundo do trabalho nos livros didáticos do ensino médio”. (n. 32, 2006);
HOFF, Sandino. “Fundamentos filosóficos dos livros didáticos elaborados por Ratke, no século XVII”. (n. 25, 2004);
MACEDO, Maria do Socorro Alencar Nunes. MORTIMES, Eduardo Fleury. GREEN, Judith. “A constituição das interações em sala de aula e o uso do livro didático: análise de uma prática de letramento no 1° ciclo”. (n. 25, 2004);
OLIVEIRA, Teresinha Silva de. “Olhares que fazem a “diferença”: o índio em livros didáticos e outros artefatos culturais”. (n. 22, 2003);

SILVA, Vivian Batista da. “Saberes em viagem nos manuais pedagógicos: construções da escola em Portugal e no Brasil (1870 – 1970)”. (n. 35, 2007).

Revista Brasileira de História da Educação

Em relação a Alfabetização:

ABREU, Sandra Elaine Aires de. “O ensino da escrita, da leitura, do cálculo e da doutrina religiosa nas escolas de primeiras letras da província de Goiás no século XIX”;
CASTILLO GÓMEZ, Antonio. “Historia de la cultura escrita: ideas para el debate”;
LOPES, Eliane Marta Teixeira. “Destino das letras: história, educação e escrita epistolar”;
MENEZES, Roni Cleber Dias de. “O problema do ensino da leitura no último quartel do século XIX: Portugal, Brasil e o debate sobre o par decadência/atraso”;
MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio. “O carteiro e o educador: práticas políticas na escrita epistolar”;
TREVISAN, Thabatha Aline. “O ensino da leitura e escrita segundo Antônio d’Ávila: práticas escolares (1940)”;
VIDAL, Diana Gonçalves. “Mapas de freqüência a escolas de primeiras letras: fontes para uma história da escolarização e do trabalho docente em São Paulo na primeira metade do século XIX”.

Em relação a Livros Didáticos:

CARPENTIER, Claude - Tradução: Dislane Zerbinatti Moraes. “Manuais e programas escolares franceses de história e de geografia: identidades, globalização e construção européia (1995-2002)”;
EDREIRA, Marco Antonio Branco. “Monteiro Lobato e seus leitores: livros para ensinar, ler para aprender”;
GENOVESE, Giovane. “A idéia de Europa no período fascista: análise de um livro de história da pedagogia”;
GOMES, Maria Laura M.“História da matemática e positivismo nos livros didáticos de Aarão Reis”;
GOUVÊA, Maria Cristina Soares de. “O exercício disciplinado do olhar: livros, leituras e práticas de formação docente no Instituto de Educação do Distrito Federal (1932-1937)”;
HÉBRARD, Jean - Tradução de Laura Hansen e Maria Rita Toledo. “Os livros escolares da “Bibliotéque Bleue”: arcaísmo ou modernidade?”;
MORAIS, Christianni Cardoso. “Os caminhos dos livros”;
SCHARAGRODSKY, Pablo. MANOLAKIS, Laura. BARROSO. Rosana. “La educación física Argentina en los manuales y textos escolares (1880-1930) Sobre los ejercicios físicos o acerca de como configurar cuerpos útiles, productivos, obedientes, dóciles, sanos e racionales”;
SILVA, Vivian Batista da. “Uma história das leituras para professores: análise da produção e circulação de saberes especializados nos manuais pedagógicos (1930 – 1971)”;
TEIXEIRA, Giselle Baptista. SCHUELER, Alessandra Frota de. “Livros para a escola primária carioca no século XIX: produção, circulação e adoção de textos escolares de professores”;
TRINDADE, Iole Maria Faviero. “A cartilha maternal e algumas marcas de sua aculturação”;
VALDEMARIN, Vera. “O manual didático práticas escolares: um estudo sobre mudanças e permanências nas prescrições para a prática pedagógica”.

APÊNDICE B - ARTIGOS PUBLICADOS EM CONGRESSOS E EVENTOS CIENTÍFICOS

I Congresso Brasileiro de História da Educação

Em relação a Alfabetização:

ESTEVES, Isabel de Lourdes. “A trajetória dos conceitos caligrafia e escrita”;
KLINKE, Karina. “A leitura nos grupos escolares de Minas Gerais – 1906 a 1927”;
MACIEL, Francisca. “A história da alfabetização em Minas Gerais: adesão e resistência ao método global”;
VIDAL, Diana Gonçalves. SILVA, José Cláudio Sooma. “O carro-biblioteca e a leitura silenciosa: ritmo e velocidade nos anos 1920”.

Em relação a Livros Didáticos:

CORRÊA, Rosa Lydia Teixeira. “Escolas de imigrantes italianos: Livro didáctico e patriotismo”;
GERBARA, Ademir. “Mensagens presidenciais e livros didáticos no Brasil”;
KLEIN, Lígia Regina. “O manual didático: contexto histórico de emergência e implicações na organização da escola moderna”;
MATTOS, Selma Rinaldi de. “O programa nacional do livro didático e a formação de professores para o ensino fundamental e médio”;
REMÉDIOS, Maria José Lago dos. Ana de Castro Osório e a construção da grande aliança entre os povos: dois manuais da escritora portugueza adaptados no Brasil”;
SILVA, Vivian Batista da. “Manuais que ensinam professores a ensinar: a construção de saberes pedagógicos em livros didáticos usados por normalistas (1930 – 1970)”;
TONINI, Ivaine Maria. “Cenas étnicas nos livros didáticos de Geografia”;
TRINDADE, Iole Faviero. “A adoção da Cartilha Maternal na instrução publica Gaúcha”.

II Congresso Brasileiro de História da Educação

Em relação a Alfabetização:

BARBOSA, Raquel Lazzari Leite. “Práticas de leitura/construção do sentido”;
INÁCIO, Marcilaine Soares. “O ensino escolar da leitura e da escrita em Minas Gerais-1800/1850”;
MACHADO, Débora de Leão. OLIVEIRA, Valeska Fortes de. “Memória e saberes de professoras alfabetizadoras do ensino Fundamental”;
MELLO, Márcia Cristina de Oliveira. “A contribuição do pensamento de Emilia Ferreiro para a história da alfabetização no Brasil”.

Em relação a Livros Didáticos:

ANDRADE, Leila Angélica Oliveira Moraes de. “Para formação do bom Sergipano: Um estudo do livro didático ‘Meu Sergipe’ de Elias Montalvão (1916)”;
BATISTA, Antonio Augusto Gomes. “Um gênero de manual escolar: os paleógrafos ou livros de leitura manuscrita”;
COELHO, Maricilde Oliveira. “O livro didático no Pará da 1ª Republica”;
CORREIA, António Carlos Luz. SILVA, Vivian Batista da. “Uma história de leituras para professores em Portugal e no Brasil (1930 – 1971)”;
FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. MACIEL, Francisca Izabel Pereira. “O Estado Novo nas cartilhas de alfabetização”;
GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. CASTANHO, Marta Regina da Costa. “O ensino da leitura, escrita e gramática na instrução primária em Pernambuco (1827 – 1889)”;
GASPARELLO, Arlete Medeiros. “A pedagogia da nação nos livros didáticos de História do Brasil do Colégio Pedro II (1838 – 1920)”;
GIRÃO, Laura Maria Batista da Mota. “O significado do “tacto pedagógico” nos manuais de Pedagogia e de Didáctica (Antologia de textos do magistério primário)”;
MATTOS, Selma Rinaldi de. “Estado, Nação e Etnia na construção do Estado Imperial através do Compêndio de História do Brasil de José Inácio de Abreu e Lima”;
OLIVEIRA, Cátia Regina Alves de. SOUZA, Rosa Fátima de. “As faces dos livros de leitura”;
PICANÇO, Deise Cristina de Lima. “Lecturas Selectas: língua e civilização nos livros didáticos de Espanhol publicados nas décadas de 40 e 50 no Brasil”;
RAZZINI, Márcia de Paula Gregório. “Práticas de leitura e memória escolar”;
SOUZA, Maria Lindaci Gomes de. PAIVA, Marlúcia. “Linguagens alternativas na construção do saber: charges e imagens nos livros didáticos”.

III Congresso Brasileiro de História da Educação

Em relação a Alfabetização:

LABEGALINI, Andréia Cristina Fregate Baraldi. “Uma instituição modelar para a formação de professores alfabetizadores: os Institutos de Educação do Estado de São Paulo (1933-1975)”;
MELLO, Márcia Cristina de Oliveira. MONARCHA, Carlos. “Temas pertinentes à alfabetização na Revista de Educação (1933-1943)”;
SILVA, Sandra Batista de Araújo. GALVÂO, Ana Maria de Oliveira. “Pentecostais e suas relações com a escrita (1950-1970)”;
VALDEMARIN, Vera Teresa. “Os sentidos e as experiência: professores, alunos e métodos de ensino”.

Em relação a Livros Didáticos:

AURAS, Gladys Mary Teive. “Manual de lições de cousas de Norman Calkins: produzindo professores (as) para tecer a República em Santa Catarina”;
BORNATTO, Suzete de Paula. “Idéas sem lugar nos livros de Português (1940 – 1980) – a crítica ao normativismo feita por escritores exemplares”;
FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. LANA, Priscila Maria de. “Imagens e livros escolares denominados Cartilhas”;
MARTINS, Cláudia Regina Kauka. “Livros didáticos e ensino de história nos anos setenta: memórias de professores”;

OLIVEIRA, Maria de Lourdes Barreto de. “A instrução pública entre aplausos e críticas na primeira metade do novecentos na Paraíba. Discursos e compêndios didáticos”;
PINA, Maria Cristina Dantas. “A escravidão no livro didático de história; problematizando momentos da história da educação brasileira no século XIX”;
RODRIGUES, André Coura “O ensino de história na primeira República. Manuais didáticos e a Reforma João Pinheiro (1906)”;
SCHMIDT, Maria Auxiliadora. “A construção do código disciplinar da história: professores produzindo manuais de didática e metodologia do ensino no Brasil (1960 – 1970)”;
SILVA, Viviam Batista da. CORREIA, Antônio Carlos Luz. “Os manuais pedagógicos e o discurso da formação de professores: saberes em viagem permanente”;
SIQUEIRA, Cleila de Fátima. “Uma abordagem de saudade (1919) de Thales Castanho de Andrade e sua relação com a leitura escolar”;
SOUZA, Cristiane Vitório de. “Educação e Nação: um estudo preliminar das leituras pedagógicas na Biblioteca de Sílvio Romero (1851 – 1914)”;
TEIXEIRA, Giselle Baptista. “Livros escolares no século XIX: a presença de Pestalozzi”;
TOLEDO, Maria Rita de Almeida. “A indústria de livros, a materialidade do impresso e o campo educacional: Reflexões sobre a organização do acervo histórico da companhia Editora Nacional”;
TREVISAN, Thabatha Aline. “A Pedagogia por meio da Pedagogia: teoria e prática (1954), de Antônio D’ Ávila”;
VEIGA, Maria Aparecida Junqueira de. “Práticas de representação: as visões de infância em manuais para o ensino das primeiras letras”;
ZUIN, Elenice de Souza Lodron. “As quatro operações fundamentais na ‘Arithmetica racionada’ de Pedro D’ Alcântara Lisboa, publicada em 1863”.

IV Congresso Brasileiro de História da Educação

<u>Em relação a Alfabetização:</u>

MELLO, Márcia Cristina de Oliveira. “Discursos sobre alfabetização no boletim Escola Portuguesa – Lisboa (1934-1943)”;
MORAES, Andréia Demétrio Jorge. SANTOS, Sônia Maria dos. “História, profissão docente e alfabetização”;
SOUZA, Terezinha Fernandes Martins de. AMÂNCIO, Lázara Nanci de Barros. “Escolas rurais e alfabetização em Mato Grosso: aspectos de uma trajetória nas décadas de 1930-1940”;
XAVIER, Ana Paula da Silva. “Mapas escolares: possibilidades de análise do ensino da leitura e da escrita no século XIX em Mato Grosso”;
XAVIER, Ana Paula da Silva. SÁ, Nicanor Palhares. “Um olhar sobre a leitura e a escrita na cultura escolar de Mato Grosso (1837-1889)”.

<u>Em relação a Livros Didáticos:</u>

ADORNO, Soraya Mendes. “Leituras escolanovistas para a formação de normalistas”;
AMÂNCIO, Lázara Nanci de Barros. CARDOSO, Cancionila Janzkovski. “Livros de leitura e cartilhas na escola primária em Mato Grosso: uma análise a partir do papel do Conselho Superior da instrução publica (1915 – 1927)”;
BUFREM, Leilah Santiago. MAGNERE, Mikie Alexandra Okumura. “Manuais destinados à formação de professores no Brasil: Base Manbras”;
CARVALHO, Marta Chagas de. “A caixa de utensílios e o tratado: modelos pedagógicos, manuais de pedagogia e práticas de leitura de professores”;

CUNHA, Maria Teresa Santos. “Assim nas páginas como nas margens, marcas do ler em livros escolares do acervo do museu da escola catarinense (décadas de 20 a 70 do século XX)”;
FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. “As madres da historiografia educacional: o manual de Peeters e Cooman”;
GUSMÃO, Emery. “João Ribeiro, autor de livros didáticos de história e de língua portuguesa”;
LOPIS, Rosana. “As leituras de José Veríssimo Dias de Mattos”;
LUCIANO, Fábia Liliã. “Os modelos pedagógicos nos impressos adotados na escola pública catarinense do século XIX”;
MÁSCULO, José Cássio. “Professores, alunos e livros didáticos nas correspondências da Editora Companhia Nacional”;
MORAIS, Maria Arisnete Câmara de. “Reflexões às minhas alunas, um manual de conduta”;
NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do. “A pedagogia dos catecismos protestantes no Brasil católico”;
NETA, Olívia Morais de Medeiros. “Ensinamentos de Clio: o livro didático de história e a historiografia brasileira”;
PANIZZOLO, Claudia. “O ensino da leitura pelo método analítico: ideário, práticas pedagógicas e disputas”;
RAZZINI, Márcia de Paula Gregório. “Produção de livros didáticos e expansão escolar em São Paulo (1880 – 1930)”;
RODRIGUES, André Coura. “Livros escolares e reforma do ensino: considerações acerca da produção didática em Minas Gerais na Reforma João Pinheiro (1906 – 1915)”;
SILVA, José Carlos de Araújo. “A nova escola para aprender a ler, escrever e contar. Os apontamentos sobre a educação de um menino nobre: livros para uso no ensino das primeiras letras nas escolas setecentistas”;
TEIXEIRA, Giselle Baptista. “Entre livros de ‘doutrina christã’ e ‘história’: as contribuições do Cônego Pinheiro na educação do século XIX”;
TOLEDO, Maria Rita de Almeida. “Modelo católico de leitura e formação de professores na coleção atualidades pedagógicas (1940 – 1970)”;
VALDEMARIN, Vera Teresa. “Manuais didáticos para uso de professores: mudanças e permanências nas prescrições para a prática pedagógica”;
Os autores que tratam do século XIX, são os seguintes: Nascimento, Neta, Teixeira, Magnere, Panizzolo, Razzini, Morais, Lopis, Gusmão, Carvalho e Luciano.

V Congresso Brasileiro de História da Educação

<u>Em relação a Alfabetização:</u>

ABREU, Sandra Elaine Aires de. “A criação e expansão das escolas de primeiras letras na província de Goiás no século XIX”;
BONATO, Roberta Guimarães Teixeiranailda Marinho da Costa. “O "Ser" Professor(a) Primário(a) no século XIX”;
CHAMON, Carla Simone. “Produção da escrita e produção de um lugar: a trajetória de uma professora em fins do século XIX e início do XX”;
DANTAS, Elza Alves. FURTADO FILHO, João Ernani. “Os professores de primeiras letras na província do Ceará”;
DINIZ, Maria Fernandes. “Espaços e contextos da docência de primeiras letras no Ceará imperialdianaídes”;
FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. “Exercícios no caderno de caligrafia: desenvolvendo a escrita perfeita e as virtudes morais”;

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. SILVA, Andra Batista Araújo. "Processos de participação na cultura escrita: estudo de um percurso individual ao longo do século XX";
GONTIJO, Cláudia Maria Mendes. "O método de ensino da leitura e da escrita no Espírito Santo (1871)";
JINSENJI, Mônica Yumi. "Leitura e escrita por mulheres nos jornais do Século XIX";
LUZ, Itacir Marques da. "Ofícios declarados, detras sutis: processos de apropriação da leitura e da escrita entre escravos urbanos (1830-1850)";
MACIEL, Francisca Izabel Pereira. "O aprendizado da leitura no Brasil do século XIX";
MORAIS, Christianni Cardoso. "As mulheres e os usos da cultura escrita em testamentos e inventários (São João Del-Rei, 1750-1850)";
MORAIS, Jacqueline de Fátima dos Santos. SILVA, Natasha Hermida Pereira Castro da. PEREIRA, Milena Gomes Coutinho. "História da alfabetização: pistas para uma cartografia escolar";
MOREIRA, Aleana Jota. "Primeiras letras, conforme a lei determina ou a vontade dos pais - 1720/1830";
SCHUELER, Alessandra Frota Martinez de. "Práticas de escrita e sociabilidades intelectuais: professores-autores na corte imperial (1860-1890)";
SILVA, Sandra Batista de Araújo. GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. "Materiais de leitura e escrita e formas de ler e escrever de pentecostais em seus processos de inserção e participação na cultura escrita (Pernambuco, 1950-1970)";
SOUZA, Maria José Francisco de. "Modos de inserção e participação na cultura escrita: igreja católica e formação de leitores no meio rural";
TEIXEIRA, Mariana Marques. CURY, Cláudia Engler. "Os professores de primeiras letras na província da Parahyba do Norte (1822-1864) - que história é essa?";
TRINCHÃO, Gláucia Maria Costa. "Além de ler, escrever e contar, desenhar".

Em relação a Livros Didáticos:

ALBUQUERQUE, Maria Adailza Martins de. "Autores e livros didáticos de geografia publicados no nordeste brasileiro - século XIX";
ARANTES, Adlene Silva. "Uma análise das imagens e representações dos negros em livros escolares de leitura da segunda metade do século XIX em Pernambuco";
BASTOS, Maria Helena Câmara. "Um manual e suas diferentes apropriações.\"Noções de História da Educação\" de Theibaldo Miranda Santos (1945)";
BENCOSTTA, Marcus Levy Albino. "D. João Nery e os índios botocudos: fragmentos de uma cartilha no início do século XX";
BORGES, Aline Danielle Batista. SANTOS, Ilzani Valeira dos. "A Livraria Pedro Quaresma e o mercado de livros infantis: a constituição de um novo público leitor";
CASSIANO, Célia Cristina de Figueiredo. "As políticas públicas para o livro didático no Brasil e a entrada dos grupos editoriais na formação dos professores da rede pública de ensino brasileira, no início do século XXI";
CAVALCANTE, Maria Juraci Maia. "O ensino de história da educação: da tradição dos manuais aos recortes temáticos, temporais e espaciais sob novos protagonismos";
CORSETTI, Berenice. "Discursos do poder, política educacional e os livros didáticos de leitura no Rio Grande do Sul (1930/1945)";
CORRÊA, Carlos Humberto Alves. SILVA, Lilian Lopes Martin da. "Cartas de ABC e cartilhas escolares: alfabetização nas escolas amazonenses (1850-1900)";
COSTA, Verônica Albano Viana. "Cartilhas escolares: iconografia e discurso nacionalista do estado novo";
FARIAS, Maricilda do Nascimento. GONÇALVES, Marcos Roberto. "Representações dos negros nos materiais didáticos em Mato Grosso (1889 A 1930)";
FIN, Patrícia Pereira da Silvamaria Teresinha. "Trilhando um percurso histórico – 1978/1990: a cartilha na escola primária de Vila Rica – MT";

GOMES, Edna Maria Rangel de Sá. MORAIS, Maria Arisnete Câmara de. “Adelle de Oliveira: da carta do ABC aos livros de leitura de Felisberto de Carvalho”;
HAMDAN, Juliana Cesário. “Os livros de Firmino Costa: ler, escrever e transformar a educação”;
KULESZA, Wojciech Andrzej. FERREIRA, Joseane Abilio de Sousa. BEZERRA, Vanderlucia Mamedo. “Livro do aluno e do professor: manuais técnicos no ensino profissional”;
LEITE, Juçara Luzia. “Humor, intelectuais e educação: relações entre o método confuso e os livros didáticos no Brasil do início do século XX”;
MARTINS, Maria do Carmo. “Cotidiano e conflito na escola: analisando o livro de comunicações da E.E. Orosimbo Maia - Campinas (1961-1967)”;
MIMESSE, Eliane. “Livros didáticos de história: o discurso pedagógico renovado em contraponto às práticas dos professores”;
MONARCHA, Carlos. “Práticas de escrita da história da educação: o tema da escola nova nos manuais de ensino produzidos por brasileiros (1914-1969)”;
NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do. “O manual da professora das escolas primárias protestantes do hinterland brasileiro”;
NETA, Olivia Morais de Medeiros. “Cartografias espaciais em livros didáticos de história”;
OLIVEIRA, Stella Sanches de. “O manual de didática de francês da cades: uma análise para o estudo de disciplina escolar (1959)”;
ORLANDO, Evelyn de Almeida. “Os manuais de catecismo e a circulação de idéias: tradição e modernidade na pedagogia católica brasileira”;
PIROLA, André Luiz Bis. “Livros didáticos no século XIX: fontes para a história da educação no Espírito Santo”;
ROCHA; Célia A. “O livro didático como fonte fundamental de pesquisa para a investigação do discurso eugênicona educação (1946-1970)”;
SANTOS, Vera Maria dos. “Os livros ausentes de geografia de Sergipe”;
SILVA, José Carlos de Araújo. ADORNO, Soraya Mendes Rodrigues. “Os livros provocam revoluções? A socialização das “obras sediciosas” realizadas pelo professor Régio Francisco Moniz Barreto de Aragão durante a conjuração dos alfaiates, Bahia, 1798”;
SILVA, Vivian Batista da. “Os manuais pedagógicos e seus prefácios como fontes para a história da profissão docente e do campo educacional (Brasil e Portugal, 1870-1970)”;
TAMBARA, Elomar. “Livros de leitura nas aulas de primeiras letras no Rio Grande do Sul no século XIX”;
TEIXEIRA, Giselle Baptista. “Os livros escolares na corte imperial e a atuação docente”.

VI Congresso Brasileiro de História da Educação

Em relação a Alfabetização:

ASSUNÇÃO, Maria da Penha dos Santos de. “Alfabetização na História da Educação no Espírito Santo”;
BARROSO, Cristina Almeida. “A difusão do método intuitivo no campo educacional sergipano 1909-1923”;
CAMPOS, Dulcinéa. GONTIJO, Claudia Maria Mendes. “A alfabetização de crianças no Espírito Santo na década de 1950”;
CARNEIRO, Giane Araújo Pimentel. “A participação das crianças nas praticas de leitura e escrita (Caetité-BA 1908-1930)”;
COSTA, Deane Monteiro Vieira. MONTEIRO, e Dania. “A Campanha de Educação de Adolescentes e adultos (CEAA) e o seu guia de leitura (ler): concepções de homem, educação e alfabetização nos anos 40”;

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. PEREIRA, Ana Paula Pedersoli. “História da alfabetização: o Circo Carequinha no impresso e nas memórias da autora Maria Serafina Freitas”;
FRANÇA, Franciele Ferreira. “Os métodos de ensino na história da educação pública paranaense no século XX”;
IWASAWA, Sueli. “Bibliografia brasileira sobre a alfabetização de jovens e adultos no Brasil”;
JACQUES, Alice Rigoni. “As escritas obrigatórias nos Cadernos Escolares”;
MANKE, Lisiane Sias. “Modos de socialização: os atores rurais e a disposição para a leitura”;
MORTATTI, Maria do Rosário Longo. OLIVEIRA, Fernando Rodrigues de. “Magda Soares na história da alfabetização no Brasil”;
MORTATTI, Maria do Rosário Longo. “Um balanço da produção acadêmico - cientifica sobre história da alfabetização no Brasil (1979-2009)”;
PEREIRA, Ana Cristina. “Educação Globalizada: o método de ensino proposto pelas filhas de caridade de São Vicente de Paulo, 1866”;
PEREIRA, Heloísa Helena Daldin. “Leituras para moças: periódicos escolares para a juventude católica”;
PERES, Eliane. DIETRICH, Mara Denise Neitzke. BARUM, Sylvia Tavares. “Lindo! Expressões e frases de “incentivo” ás crianças feitas por professoras-alfabetizadoras em cadernos escolares (anos de 1940-2000)”;
PINHEIRO, Gilciane Ottoni. BECALLI, Fernanda Zanetti. “Uma análise de concepções de alfabetização, no Espírito Santo, no período de 1940 a 2000, por meio de cadernos escolares”;
QUEIROZ, Zuleide Fernandes de. “Liga de combate ao analfabetismo no Brasil: a contribuição de Barbalha para a educação brasileira”;
REIS, Joseni Pereira Meira. GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. “As práticas de leitura de um sujeito proveniente dos meios populares em Caetité-Bahia (Séculos XIX e XX)”;
RIBEIRO, Viviane. COSTA, Cristiane Silva. “Métodos de Alfabetização das Escolas Paroquiais Presbiterianas, Minas Gerias (1954-1976)”;
ROZANTE, Ellen Lucas. “A educação dos sentidos no ensino primária nos anos iniciais da república brasileira no conteúdo da revista Eschola Pública (1893-1897)”;
SALIM, Maria Alayde Alcantara. “Leitura e Escola: uma relação de possibilidades e interdições”;
SANTANA, Maria P. S. Castelo Branco. “A lição do ABC: as práticas das professoras rurais no Piauí nas décadas de 1940 a 1970”;
SANTOS, Vera Maria dos. “Escrita ou leitura? Maria Cardozo de Oliveira – 1765”;
SOUZA, Neusa Balbina de. “Práticas de Alfabetização no município de Linhares nos anos de 1960”;
TEIVE, Gladys Mary Ghizoni. VALDEMARIN, Vera Teresa. “Ideias em movimento: apropriações do método de ensino intuitivo nas reformas da instrução pública de Minas gerais, Santa Catarina e São Paulo (1906-1920)”.

<u>Em relação a Livros Didáticos:</u>

ABREU, Raquel de. “Traços linhas e cores na obra didática de Lourenço Filho: expressão e conteúdos nas imagens da série de leitura graduada Pedrinho (1953-1970)”;
ABREU, Raquel de. DAROS, Maria das Dores. “Intelectuais e mercado editorial de livros didáticos: Lourenço Filho e a companhia melhoramentos”;
ARRIADA, Eduardo. TAMBARA, Elomar. “Editoras e tipografias no Rio Grande do Sul: publicação e circulação de livros didáticos”;
AZEVEDO, Crislane Barbosa. “Manuais didáticos dos grupos escolares de Sergipe no inicio do século XX”;

BACALLI, Fernanda Zanetti. SCHWARTZ, Cleonara Maria. “Analise comparativa de modelos de ensino da leitura para a alfabetização: o PROFA (2001 a 2002) e o livro de Lili (1950)”;
BERGER, Miguel Andre. ““Curso de Pedagogia” – um manual para o curso de formação de professor”;
BREGLIA, Vera Lucia Alves. “Um olhar do passado, uma visão do presente: Joaquim Maria Machado de Assis, seus livros e as dedicatórias como vestígios da memória”;
CAROLA, Carlos Renato. “Concepções de natureza e sensibilidade ambiental nos livros didáticos de ensino de ciências naturais difundidos no Brasil no período de 1930 a 1961”;
CARVALHO, Marta Maria Chagas de. “Estratégias editoriais e territorialização do campo da pedagogia: um livro de Sampaio Dória sob a pena do editor da biblioteca de educação”;
CASTELLANOS, Samuel Luiz Velázquez. “A representatividade do livro, da leitura e do leitor na imprensa maranhense do século XIX”;
COELHO, Maricilde Oliveira. “Um livro proveitoso para a mocidade estudiosa do Belém do Pará no começo do século XX: Alma e coração”;
DURÃES, Sarah Jane Alves. “Impressos destinados à formação docente: textos e manuais de pedagogia utilizados nas escolas normais brasileiras (1886-1914)”;
FILGUEIRAS, Juliana Miranda. “O processo de avaliação de livros didáticos de geografia da Caldeme: a análise do professor James Braga Vieira da Fonseca”;
FILHO, Francisco de Oliveira. “Livros didáticos e a trajetória histórica da matemática do colégio”;
FONTINELES, Claudia Cristina da Silva. “Trapolinagens (in)contidas nos livros didáticos”;
FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. “Arnaldo de Oliveira Barreto: um autor entre livros para alfabetizar e para desenvolvimento da leitura”;
GARCIA, Ronaldo Aurélio Gimenes. “A saúde do espírito: um manual de orientação médica para pais e professores (Rio de Janeiro 1930-1940)”;
GASPARELLO, Arlette Medeiros. “Professores/autores, produção didática e ensino de história”;
HAI, Alessandra Arce. “Caminhos para aprender a construção das idéias pedagógicas no Brasil na formação de professores: uma apresentação do livro de ouro da antiga Escola Normal da cidade de São Carlos (1911-1945)”;
JUNIOR, Arnaldo Pinto. “Livros didáticos de história e a educação moderna dos sentidos: uma análise das obras do professor Joaquim Silva”;
KINOSHITA, Carolina Toshie. “Manuais escolares de higiene como fonte para história da educação”;
LANCILLOTTI, Samira Saad Pulchério. “Manuais de Psicologia – instrumentos de trabalho utilizados na formação dos professores paulistas (1920-1945)”;
LIMA, Geraldo Gonçalves de. “O manual “Pequena História da Educação” (1936) das Madres Peeters e Cooman no ensino da história da educação brasileiro”;
LORENZ, Karl Michael. “Os livros de história da educação norte-americanos adotados no Brasil nos séculos XIX e XX: origem e abordagens”;
LUCIANO, Fabia Liliã. “Implicações da produção didática de Abílio César Borges para a escola primária brasileira do século XIX”;
MACIEL, Francisca Izabel Pereira. ROCHA, Kátia Gardênia Henrique Campelo da. “Hilário Ribeiro e sua produção didática de livros de leitura”;
MORAES, José Damiro. ““Leituras que recomendamos – o que todos devem ler”: livros didáticos utilizados nas escolas anarquistas”;
MOREIRA, Kênia Hilda. “Livros didáticos como fontes para a história da educação: um mapeamento da produção acadêmica”;
NOBREGA. Alessandra Fernandes. ALBUQUERQUE, Maria Adailza Martins. “Temáticas e narrativas sobre o nordeste contidas nos livros didáticos de história”;
OLIVEIRA, Alexandre Souza de. “Os livros didáticos de matemática como fonte de pesquisa: similaridades e diferenças dentro de uma contexto histórico-cultural”;

OLIVEIRA, Alexandre Souza de. “Linguagens e Imagens: o uso das histórias em quadrinhos nos livros didáticos publicados pelo Gruema na década de 1970 – uma contribuição para o ensino de matemática”;
OLIVEIRA, Fernando Rodrigues de. “Considerações sobre autores de manuais de ensino de literatura infantil no Brasil (1923-1991)”;
PASQUIM, Franciele Ruiz. “O ensino da leitura em cartilha infantil pelo methodo analytico [1909?], de C. A. G. Cardim (1875-1938)”;
PORTELA, Mariliza Simonete. “A produção dos livros de matemática moderna do NEDEM para o ensino primário na década de 1970”;
RAZZINI, Márcia de Paulo Gregório. “Antonio Firmino de Proença e a produção de cartilhas e livros de leitura em São Paulo no inicio do século XX”;
RAZZINI, Márcia de Paula Gregório. “Leitura na biblioteca escolar e produção editorial em São Paulo nas primeiras décadas do século XX”;
ROBALHO, Roberlayne de Oliveira Borges. “Livros de História da Educação da coleção atualidades pedagógicas (1933-1977): um espaço de memória da formação docente”;
ROCHA, Heloisa Helena Pimenta. ““Não devemos adotar indiferentemente qualquer livros de leitura”: um estudo sobre os processos de seleção para a escola primária paulista”;
ROCHA, Kátia Gardênia Henrique Campelo da. MACIEL, Francisca Izabel Pereira. “As identidades nacionais veiculadas no livro através do Brasil: análise de aspectos textuais e iconográficos”;
ROCHA, Rita Cássia. “Escola normal de Campinas e os manuais de boas maneiras”;
SÁ, Mariana Calluzzi de. “Manuais pedagógicos e biblioteca escolar: analise inicial do acervo “Joaquim Nabuco”, em Santo André – SP”;
SANTOS. Maria Cristina Ferreira dos. SELLES, Sandra Escovedo. “A disciplina escolar história natural, os livros didáticos e professores autores na década de 1930: Waldemiro Potsch e o compêndio de história natural”;
SILVA, Ana Lucia Calbaiser da. ROTHEN, José Carlos. “A ANPAE e a construção de políticas educacionais: uma leitura dos editoriais da RBPAE”;
SILVA, Bruno Adriano Rodrigues da. “O manifesto dos pioneiros (1932) e O livro dos CIEPS (1986): reformadores e inscientes”;
SILVA, Circe Mary Silva da. “Livros didáticos de matemática na academia real militar do Brasil oitocentista”;
SILVA, Maria Ediney Ferreira da. “Os conteúdos escolares na História da Educação Brasileira: o caso da região nordeste enquanto contéudo escolar nos livros didáticos do inicio do século XX”;
STANISLAVSKI, Cleila de Fátima Siqueira. “Os livros Saudade (1919), Vida na roça (1933), Espelho (1928) e Campo e Cidade (1964): uma apologia ao meio rural”;
TREVISAN, Thabatha Aline. PEREIRA, Bárbara Cortella. “Manuais de ensino franceses e brasileiros para o ensino da leitura e escrita no Brasil (1851-1966)”;
VIEIRA, Carlos Eduardo. ROBALLO, Roberlayne de Oliveira Borges. “Manuais de História da Educação: da materialidade às estratégias narrativas”;
VILLELA, Heloisa de Oliveira Santos. “A pedagogia moderna pelo manual de Everaldo Backheuser”;
ZUIN, Elenice de Souza Lodron. “Pesos e medidas no livro “elementos de aritmética” (1945) do irmão Isidoro Dumont”.

Apêndice C - Orientações para o uso da cartilha “Ler a Jato”

Continuação da descrição:

3. bola – Revisão das aulas anteriores.

Identificar a gravura – bola. Pronunciar essa palavra bem devagar e alto, observando a posição que dá à boca (enche a boca de ar, faz uma bola com a boca). Deve-se revenir o aluno para não apertar os lábios, a fim de evitar confusão, posteriormente, com a letra **p**. Referência para o som da letra **b**: encher a boca de ar ou fazer bola com a boca. Encher a boca de ar e dizer **a** (ba); encher a boca de ar e dizer **e** (be), idem para **bi**, **bo**, **bu**. Ler essas sílabas na Cartilha.

Leitura pelo aluno, do conteúdo da página, em sentido vertical. Quando, na leitura, surgir dificuldade, por parte do aluno, o professor deve orientá-lo para que olhe a gravura e recorde a posição que deve dar à boca e resolva essa dificuldade. Escrita da palavra bola e das sílabas com a letra **b**.

Ditado de sílabas e palavras com **b** e **l**.Exercícios diversos. Exemplos:

- Completar palavras (b......., l......., la......., bu.......); - Escrever palavras que se iniciem por **b** e **l**; - Formar frases.

A fim de prevenir confusões com letras semelhantes (d, p, q) é interessante fazer a seguinte associação: a haste da letra **b** representa a perna de um menino, com a bola na **frente**, em cima do pé, pronta para o chute.

4. tatu – Identificar a gravura e ler seu nome – **tatu**.

Pronunciar a palavra **– tatu** – bem devagar e alto, observando a posição que dá à boca (empurra a língua contra os dentes, faz força com a língua). Referência para o som da letra inicial de tatu: força na língua. Força na língua e dizer **a** (ta); força na língua e dizer **e** (te); idem para **ti**, **to**, **tu**. Ler as sílabas no livro.

Leitura pelo aluno das palavras desta página, em colunas verticais e, posteriormente, das frases. Ditado, incluindo palavras com **t**, **b** e **l**. Exercícios variados.

5. vela - A partir desta lição será dada a orientação para o desenvolvimento da aula, cada vez, mais resumidamente. Entretanto, o professor deve seguir a mesma técnica apresentada apara as aulas anteriores.

a. Revisão.

b. Leitura da palavra básica identificada através da gravura – vela.

c. Dizer a palavra básica bem devagar para perceber a posição da boca, ao pronunciar a letra inicial da mesma (v), (os dentes superiores ficam próximos do lábio inferior e se produz um som semelhante ao ruído do avião). Referência para o som da letra inicial da palavra vela (v): barulho do avião, ou unicamente, avião.

d. Leitura pelo aluno da palavra básica (vela), das sílabas formadas com a letra **v** e demais conteúdo da página.

e. Cópia da palavra básica e das sílabas com **v**.

f. Ditado e exercícios.

6. nabo

a.Revisão.

b. Leitura da palavra básica (nabo), identificada através da gravura.

c. Dizer bem devagar a palavra básica (nabo), observando, ao mesmo tempo, a posição que dá à boca ao pronunciar o som da letra inicial da mesma (n): o som é emitido pelo nariz, com a boca aberta. Referência para o som da letra inicial da palavra nabo: nariz com boca aberta.

d. Leitura do conteúdo da página.

e. Cópia da palavra básica (nabo) e sílabas formadas com **a** letra **n**.
f. Ditado e exercícios.

7. pato
a. Revisão.
b. Leitura da palavra básica – pato.
c. Referência para a letra inicial de pato (p): apertar os lábios.
Apertar os lábios e dizer **a** (pa); apertar os lábios **e** dizer e (pe); idem para **pi**, **po**, **pu**.
d. Leitura da página.
e. Cópia da palavra básica (pato) e das sílabas formadas com **a** letra inicial (p).
f. Ditado e exercícios.

8. Revisão parcial – Esta parte envolve uma revisão das dificuldades já vencidas, com o objetivo de avaliar a aprendizagem da escrita e da leitura.

9. dedo
a.Leitura da palavra básica.
b.Posição da boca para o som da letra inicial da letra da palavra – dedo- (puxa a garganta, semelhante ao que se faz por ocasião do soluço).
c. Referência para o som da letra **d**: puxar a garganta. Puxar a garganta e dizer **a** (da); puxar a garganta e dizer **e** (de); idem para **di**, **do**, **du**.
Nota: Para evitar confusões entre a grafia da letra **d** e de outras semelhantes (b, q, p), fazer o aluno notar que a letra – puxar a garganta – é um **a** com haste que representa uma cordinha para lembrar que se deve puxar a garganta.

10. mapa – Referência para o som da letra inicial de mapa (m): nariz com a boca fechada, muge.

11. rato – Referência para o som da letra inicial da palavra **rato** (r): treme a ponta da língua. Entre vogais a língua treme suavemente.

12. Vivi – Revisão e sugestão de novos exercícios, incluindo as dificuldades já vencidas.

13. sapo – Referência para o som da letra inicial da palavra **sapo** (s): assopra na ponta da língua. Quanto ao valor do **s** no meio de vogais não insistir, nesta lição. Após a lição que inclui a letra **z** (zebu), relacionar o som desta letra com o de **s** no meio de vogais.

14. galo – Referência para a letra inicial (g): abre a boca e fecha a garganta. Relacionar com o galo: abre o bico e canta. Notar a diferença. Não incluir aqui as sílabas **ge** e **gi**.

15. jarra – Referência para o som da letra inicial (j) suspende a língua e empurra ar; ou: **i** com asa da jarra. Relacionar a identidade de som desta letra, com a de **galo** (g) antes de **e** e **i** (**ge, gi, je, ji**).

16. cabeça – Referência para o som da letra inicial da palavra – cabeça – (c): abre a boca e assopra com a garganta. À letra inicial da última sílaba da palavra cabeça (ç) não se dá referência especial porque soa como a de sapo (s), bem como em **ce** e **ci.** Neste último caso (ce, ci) considerar o nome **Ceci** como palavra básica. Para fixar a identidade de som das letras **s** e **ç**, levar o aluno a notar que a cedilha pode representar a parte inferior do s, a parte que vira para trás. Esta semelhante de grafia fará lembrar a identidade do som.

17. quero-quero – O som da letra inicial de quero-quero (q) não apresenta dificuldade por ser igual ao de cabeça (c). Notar o fato de ser esta letra de quero-quero (q) amiga inseparável de **u**, sendo que este fica mudo, não fala, não soa quando em sua frente aparecem **e** e **i**; mas fala, soa se é seguido de **a** ou **o**. O caso de **u** com trema deixar para desenvolver nas leituras intermediárias.

18. favo – Posição da boca para pronunciar a letra inicial da palavra favo (f): os dentes incisivos superiores ficam bem próximos do lábio inferior e se assopra nos dentes incisivos superiores. Referência para o som da letra inicial de favo (f): assoprar nos dentes de cima.

19. zebu – Posição da boca para pronunciar o som da letra inicial de zebu (z): com os dentes juntos produz um som semelhante ao zunido do vento, zune. Referência para o som da letra inicial de zebu (z): junta os dentes e zune ou, simplesmente, zune.

20. chaleira – As duas letras iniciais da palavra chaleira (ch) representam uma só. Posição da boca para pronunciar o som das duas letras iniciais de chaleira (ch): espicha os lábios para a frente e emite um som semelhante ao chiado da chaleira, chia

Referência para o som das duas letras da palavra chaleira (ch): chia

21. xícara – Som da letra inicial da xícara (x) – igual ao de chaleira (ch); portanto tem a mesma referência – chia.

22. **linha** – Recordar ao som inicial da palavra nabo (n) – nariz com boca aberta. Mostrar que o grupo nh, tapando a haste da segunda letra (h), ficam duas letras iguais (nn) – Nariz com a boca aberta. Como são duas letras iguais, nariz (n) e nariz com haste (h), esse grupo tem o mesmo som da letra de nabo, com uma diferença: aqui ele é prolongado. in ... – a – nha/in ... – e – nhe/in ... – i – nhi/in ... – o – nho/in ... – o - nhu

Referência para o som do grupo **nh,** nariz (n) e nariz com haste (h): nariz comprido.

23. olho – Após a letra da palavra olho, relacionada com a gravura,chamar a atenção para o fato de se escutar um **i** que não existe entre as letras da palavra olho.

Acontece isso porque a letra nariz com haste (h), depois da letra que levanta a ponta da língua (l), vale de **i**, mas fraco. Leitura: lha – (liá)/lhe – (lié)/lhi – (lií)/lho – (liô)/lhu – (liú)

24. Grupo Consonantais – por este processo de alfabetização, os grupos consonantais não representam novas dificuldades. Constam da Cartilha para uma revisão. O aluno está capacitado a ler sozinho, esta parte, pois ele já aprendeu a posição da boca para emitir o som de todas as consoantes. É aconselhável que a leitura seja feita as seguintes ordens:

a. Consoante com a vogal, em sentido horizontal ba be bi bo bu

b. Consoante com a vogal, em sentido horizontal bla ble bli blo blu

c. Em sentido vertical, ler novamente a consoante com a vogal (ba), as duas consoantes com a vogal (bla), a palavra formada com essas duas consoantes e essa vogal (blague). ba/bla/blague

Depois, de seguir a mesma ordem: be, ble, blefa; bi, bli, blindo; bo, blo, bloco; bu, blu, blusa. Para as três linhas seguintes a mesma ordem e, assim, sucessivamente.

Apêndice D - Carta de Apresentação

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

GRUPO DE PESQUISA
HISTÓRIA DA ALFABETIZAÇÃO, LEITURA, ESCRITA E DOS LIVROS ESCOLARES

PROJETO DE PESQUISA: **Cartilhas Escolares: ideários, práticas pedagógicas e editoriais: construção de repertórios analíticos e de conhecimento sobre a História da Alfabetização e das Cartilhas (UFMG/UFMT/UFPel)**

Coordenadora: **Profª. Drª. Eliane Teresinha Peres**

Pelotas, 11 de outubro de 2010.

Apresento a aluna ***MARA DENISE NEITZKE DIETRICH***, mestranda em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Pelotas (PPGE/FaE/UFPel). A referida aluna é pesquisadora e integrante do grupo de pesquisa HISALES (HISTÓRIA DA ALFABETIZAÇÃO, LEITURA, ESCRITA E DOS LIVROS ESCOLARES), por mim coordenado. Mara Denise também faz parte do projeto de pesquisa nacional que mapeia produção de cartilhas em diferentes estados do país (MG/MT/RS).

Assim, veio por meio desta, solicitar que seja permitido o acesso da aluna aos documentos e aos materiais relacionados à trajetória profissional da professora Gilda de Freitas Tomatis nesta instituição. Em nossos estudos sobre alfabetização e cartilhas escolares o trabalho da referida professora tem aparecido de forma recorrente. Em razão disso, nosso objetivo principal é o de conhecer o importante trabalho que foi realizado e desenvolvido pela professora no que tange ao ensino da leitura e da escrita no estado do Rio Grande do Sul.

Certa da sua atenção, agradeço e coloco-me a disposição para eventuais esclarecimentos,

Profª Drª Eliane T. Peres
Coordenadora do Projeto de Pesquisa

REMETENTE: FACULDADE DE EDUCAÇÃO - UFPEL
R. Coronel Alberto Rosa, 154
Fone/Fax: (53)2[illegible]-6653 / (53)278-6908
CEP 96010-770 - PELOTAS-RS - BRASIL

APÊNDICE E – Autorização da Entrevista

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

GRUPO DE PEQUISA HISALES

HISTÓRIA DA ALFABETIZAÇÃO, LEITURA, ESCRITA E DOS LIVROS ESCOLARES

AUTORIZAÇÃO

PROJETO DE PESQUISA: **Cartilhas Escolares: ideários, práticas pedagógicas e editoriais: construção de repertórios analíticos e de conhecimento sobre a História da Alfabetização e das Cartilhas (UFMG/UFMT/UFPel/RS)**

Coordenadora do Grupo Hisales: **Profª. Drª. Eliane Peres**

Eu ____ autorizo o uso de minha entrevista e a divulgação de meu nome para fins de pesquisa, podendo divulgá-lo em eventos científicos, artigos, trabalhos e outras publicações acadêmicas sem fins lucrativos.

Local e data: ____

Entrevistadora: ____

Assinatura: ____

APÊNDICE F - Autorização de Uso da Imagem

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Nome ....

Nacionalidade ....

Data de Nascimento ....

Estado civil ....

Portador da Cédula de Identidade RG nº ....

Residente à Rua .... nº ....

Bairro... CEP..

Cidade... Estado......................

AUTORIZO o uso da imagem da Professora Gilda de Freitas Tomatis na pesquisa sobre ***Cartilhas Escolares: ideários, práticas pedagógicas e editoriais: construção de repertórios analíticos e de conhecimento sobre a História da Alfabetização e das Cartilhas (UFMG/UFMT/UFPel)***. Coordenado pela Professora Dra. Eliane Peres, da Universidade Federal de Pelotas, com sede na Rua Alberto Rosa, nº 154, Pelota/RS, sejam essas imagens destinadas à divulgação ao público em geral e/ou para alunos da universidade. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em atividades acadêmicas e sem fins lucrativos. Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, assim assino a presente autorização.

Data: ________________________________

____

Nome / Responsável Legal

ANEXOS

ANEXO A – CD “Método Audiofonográfico – Aprenda a ler em 15 horas” – Professora Gilda de Freitas Tomatis

Coletânea especial de trechos selecionados e analisados na dissertação a partir dos 4 LPs produzidos pela professora Gilda de Freitas Tomatis.

ANEXO B – Jornal Correio Brasiliense 22/02/1968

CORREIO BRAZILIENSE

Brasília, quinta-feira, 22 de fevereiro de 1968

Alfabetização será feita em poucas horas

Nôvo processo de alfabetização faz com que crianças e adultos normais aprendam a ler num espaço de 10 a 15 horas, enquanto excepcionais, até os considerados incapazes de aprender a ler, podem fazê-lo em cêrca de 30 horas, segundo declarou ao CORREIO BRAZILIENSE a professôra Gilda de Freitas Tomatis, autora do método, e que se acha em Brasília para uma demonstração. O processo é fonético articular, relacionando-se com uma palavra básica que introduz os fonemas e foi lançado em março de 1967, em Pôrto Alegre, com aceitação pela maioria das escolas primárias, originando a edição de uma cartilha - "Ler a Jato", de sua autoria.

DEMONSTRAÇÃO

A professôra Gilda iniciará às 20 horas de hoje, na Escola Parque, demonstração de seu processo, que considera de grande simplicidade, através de palestras para professôres da rêde escolar do DF, em vista do êxito alcançado em quase todos os Estados da Federação, principalmente no Rio Grande do Sul, Gaanabara e Ceará.

A porcentagem de promoção, segundo disse à reportagem, tem sido de 90 por cento, sendo que professôres já alfabetizaram três turmas em um ano letivo e outros promoveram alunos do 1o. ao 3o. ano.

ADULTOS

O processo de alfabetização rápida de acôrdo com informações da autora, tem tido grande repercussão também na aprendizagem de adultos, que apresentam os mesmos resultados obtidos com as crianças e às vêzes até melhores.

AUTORA

A senhora Gilda de Freitas Tomatis é professôra primária, técnica em educação e professôra de Ciências Físicas e Biológicas, no Colégio Estadual Júlia de Castilhos, de Pôrto Alegre.

ANEXO C – Jornal Correio Brasiliense 23/02/1968b

CORREIO BRAZILIENSE

Brasília, sexta-feira, 23 de fevereiro de 1968

A autora do método

Nôvo processo de alfabetização faz com que crianças e adultos normais aprendam a ler num espaço de 10 a 15 horas, enquanto excepcionais, até os considerados incapazes de aprender a ler, podem fazê-lo em cêrca de 30 horas, segundo declarou ao CORREIO BRAZILIENSE, a professôra Gilda de Freitas Tomatis, autora do método, e que se acha em Brasília para uma demonstração.

O processo é fonetíco-articular, relacionando-se com a palavra básica que introduz os fonemas e foi lançado em março de 1967, em Pôrto Alegre, com aceitação pela maioria das escolas primárias, originando a edição de uma cartilha - "Ler a jato", da sua autora.

DEMONSTRAÇÃO

A professôra Gilda fará demonstração de seu processo, que considera genuinamente brasileiro e de grande simplicidade, através de palestras para professôres da rêde escolar do DF, em vista do êxito alcançado em quase todos os Estados da Federação, Principalmente no Rio Grande do Sul, Guanabara e Ceará.

A porcentagem de promoção, segundo disse á reportagem, tem sido sempre de 90 por cento, sendo que professôres já alfabetizaram três turmas em um ano letivo e outros promoveram alunos do 1.o ao 3.o ano.

ADULTOS

O processo de alfabetização rápida de acôrdo com informações da autora tem tido grande repercussão também na aprendizagem de adultos, que apresentam os mesmos resultados obtidos com as crianças e às vezes até melhores.

AUTORA

A senhora Gilda de Freitas Tomatis é professôra primária, técnica em educação e professôra de Ciências Físicas e Biológicas no Colégio Estadual Júlio de Castilhos, de Pôrto Alegre

ANEXO D – Jornal Folha da Tarde 27/12/1966

— 10 — FÔLHA DA TARDE 27 DE DEZEMBRO DE 1966

PROFESSÔRES CRIAM MÉTODO

ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS E ADULTOS EM APENAS DOZE HORAS

A professôra Gilda Freitas Tomatis criou um método de alfabetização para adultos e crianças bem dotadas e até pouco abaixo da faixa de normalidade em apenas doze horas.

Em entrevista à Fôlha da Tarde a professôra Gilda Tomatis contou que iniciou sua carreira em Uruguaiana e posteriormente, após licenciada em História Natural, passou a exercer cargo de técnico em educação do Centro de Pesquisa e Orientação Educacionais, lecionando, cumulativamente na D. Diogo de Souza e após no Júlio. Além destas atividades freqüentemente alfabetizava filhos de amigos, vizinhos e empregadas. Desta forma foi criando e elaborando seu método, reduzindo, progressivamente, o número de aulas.

COMO FUNCIONA

De acôrdo com informações prestadas à Fôlha por D. Gilda, seu sistema é tão simples que até parece não merecer a classificação de método. Diz que está entre os fonéticos. Inicia pelas vogais, seguindo-se, posteriormente, as consoantes, que são denominadas pela ação que exigem para serem pronunciadas, junto com as vogais. Por exemplo: R — treme a ponta da língua. Com o sistema conseguiu vencer tôdas as deficiências de linguagem que lhe foram apresentadas, em relação à pronúncia correta das consoantes, especialmente L e R.

A professôra Gilda Tomatis afirmou à reportagem que para crianças bem dotadas ou até pouco abaixo da faixa da normalidade, são necessárias de doze a quinze horas de trabalho.

TAMBÉM PARA ADULTOS E EXCEPCIONAIS

O método serve para crianças excepcionais(no máximo em trinta horas) e para adultos até sessenta anos de idade. Disse que neste caso difícil é conseguir os óculos! E o número de aulas necessário para alfabetizar um adulto é o mesmo do que para crianças.

D. Gilda Tomatis utiliza uma cartilha do Ministério de Educação e Cultura, com algumas modificações. Já elaborou, entretanto, uma cartilha, intitulada, "Ler a Jato", que pretende editar. Há dois problemas, porém: um é o financeiro e outro de ordem técnica, pois, por sua natureza, a cartilha não se adapta a tôdas as normas preconizadas pelos setores educacionais do Estado.